



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CARMEM SUSANA MAKHOUL

**ANÁLISE DA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA EM
PERIÓDICOS BRASILEIROS SOBRE O CORPO NA ÁREA
DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Londrina
2017

CARMEM SUSANA MAKHOUL

**ANÁLISE DA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA EM
PERIÓDICOS BRASILEIROS SOBRE O CORPO NA ÁREA
DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial à obtenção do título de Doutora.

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Lorencini Junior.

Londrina
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

M235a Makhoul, Carmem Susana.

Análise da produção bibliográfica em periódicos brasileiros sobre o corpo na área de educação física / Carmem Susana Makhoul. – Londrina, 2017.
233 f.: il.

Orientador: Álvaro Lorencini Júnior.

Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, 2017.

Inclui bibliografia.

1. Ciência - Estudo e ensino. - Teses. 2. Artigos científicos - Teses. 3. Educação física - Teses. 4. Corpo humano - Artigos de periódicos - Teses. I. Lorencini Júnior, Álvaro. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Exatas. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática. III. Título.

CDU 50:37.02

CARMEM SUSANA MAKHOUL

**ANÁLISE DA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA EM PERIÓDICOS
BRASILEIROS SOBRE O CORPO NA ÁREA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial à obtenção do título de Doutora.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Lorencini Junior
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. Edílson Serpeloni Cyrino
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Profa. Dra. Fernanda Grazielle da S. A. Nora
Universidade Federal de Goiás – UFG

Profa. Dra. Marinez Meneghello Passos
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. Sergio de Mello Arruda
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 01 de dezembro de 2017.

Dedicatória

Aos meus pais, Vandelzita e Hanna (*in memoriam*), de quem recebi valiosos ensinamentos.
E à minha filha Carolina, amor incondicional da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A quem, se não a vocês!

Ao Professor Dr. Álvaro Lorencini Junior, especialmente, pelas contribuições, apoio, orientação cuidadosa e disponível em todos os momentos desta travessia.

Aos Professores componentes da banca de qualificação e de defesa, que se disponibilizaram a ler a tese e a oferecer contribuições valiosas para a sua reestruturação.

À minha querida amiga Suelayne Lima da Paz, sempre prestativa e atenciosa, com quem pude partilhar as angústias e as discussões que amadureceram as ideias para a realização desta pesquisa.

À minha mãe Vandelzita e à minha filha Carolina, pelo apoio incondicional nas horas difíceis e pela alegria que sempre demonstraram com as minhas vitórias.

Aos irmãos, sobrinhos, familiares e amigos que se mantiveram incansáveis em suas manifestações de apoio e carinho.

“Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo”.

(Maurice Merleau-Ponty)

MAKHOUL, Carmem Susana. **Análise da produção bibliográfica em periódicos brasileiros sobre o corpo na área de Educação Física.** 2017. 233 f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo desenvolver um estudo acerca das publicações em periódicos da área de Educação Física a respeito da temática do corpo, identificando o que os autores vêm discutindo nos artigos. Para tanto, realizamos um estudo bibliográfico em cinco periódicos nacionais e classificados pela Capes como Qualis A e B1, no período de 1979 a 2015, e ainda, procedemos à análise de documentos de orientação curricular, tais como, Parâmetros Curriculares Nacionais, Cadernos de Reorientação Curricular da Secretaria Estadual de Goiás e Projeto do Curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Educação Física/Universidade Federal de Goiás. Como resultado da análise das publicações identificamos que as discussões dos autores vêm privilegiando cinco áreas temáticas: corpo subjetivo, corpo cultuado, corpo dominado, corpo disciplinado e corpo biológico. Verificamos, também, que a problematização a respeito do corpo apresenta certa atualidade, uma vez que há poucos artigos editados nas primeiras décadas de veiculação dos periódicos e um aumento do número de publicações a partir do ano de 2001. E os significados de corpo identificados evidenciam o entendimento dos aspectos da corporeidade como ponto de partida para a compreensão do corpo humano, reiterando a necessidade de construção da mesma para viver melhor, de acordo com as próprias opções e decisões. Por meio do inventário realizado, concluímos que a experiência do corpo é fundamental para que o estudante perceba, seja percebido e se reconheça mediante a sociedade na qual convive, pois, o corpo ao mesmo tempo em que se movimenta, também pensa, cria, sente e imagina, produzindo ideias e emoções.

Palavras-chave: Corpo. Corporeidade. Desempenho físico. Educação Física. Subjetividade.

MAKHOUL, Carmen Susana. **Analysis of the bibliographical production in brazilian periodicals about the body in the Physical Education area.** 2017. 233 f. Thesis (Doctoral degree in Science Teaching and Maths Education) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

ABSTRACT

This research aimed to develop a study about the publications in periodicals in the physical education area about the thematic of the body, identifying what the authors have been saying in the articles. Therefore, we conducted a bibliographical study in five national periodicals classified by Capes as Qualis A and B1, from the period of 1979 to 2015, and still, we proceeded to the analysis of curricular orientation documents, such as National Curricular Parameters, Curricular Reorientation Notebooks of the State Secretary of Goiás and Physical Education Graduation Course Project of the Physical Education College/ Federal University of Goiás (known as UFG). As result, the analysis of the publications, we identify that the authors discussions privilege five thematic areas: subjective body, worshiped body, dominated body, disciplined body and biological body. We also verify that the problematization about the body presents certain actuality, once there are only a few edited articles in the first decades of periodicals publication and an increase of the number of publications from the time of 2000's. The senses of body identified, evidence the understanding of the corporeity aspects as a starting point to the comprehension of the human body, reiterating the need of building a corporeity to live in a better way, according to the very options and decisions. Throughout the inventory carried out, we conclude that the body experience is fundamental for that the student realizes, be perceived and may recognize himself/herself through the society in wich he/she lives in, because, the body, at the same time it moves, it also thinks, creates, feels and imagines, producing ideas and emotions.

Keywords: Body. Corporeity. Physical Education. Physical performance. Subjectivity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa da primeira edição da RBCE, da RBEFE, da EFM e da RM	34
Figura 2 – Publicações versando sobre o corpo nos periódicos pesquisados	97
Figura 3 – Publicações versando sobre o corpo na RBCE e revista RM no período compreendido entre o ano de 1994 a 2015	99
Figura 4 – Variação das temáticas ao longo do período de publicações.....	144

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição dos exemplares publicados nos periódicos investigados no período de 1979 a 2015.....	35
Quadro 2 – Categorias de análise	41
Quadro 3 – Quantidade de artigos das revistas referentes à temática do corpo no Período de 1979 a 2015	98
Quadro 4 – Frequência de estudos relacionados aos níveis de ensino da educação Infantil, educação fundamental, ensino médio e ensino superior.....	100
Quadro 5 – Sobre os sujeitos investigados	104
Quadro 6 – Categorias e subcategorias.....	109

LISTA DE SIGLAS

EFM	Revista de Educação Física/Universidade Estadual de Maringá
MREF	Motriz: Revista de Educação Física
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
RBCE	Revista Brasileira de Ciências do Esporte
RBEFE	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte
RM	Revista Movimento
RPEF	Revista Paulista de Educação Física
UFG	Universidade Federal de Goiás

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
Aproximação com a temática	16
Problemática da pesquisa	19
INTRODUÇÃO	23
Objetivos da pesquisa	29
Estrutura da tese	29
CAPÍTULO I – CAMINHO METODOLÓGICO	31
1.1 Análise textual	32
1.2 Primeiras análises	33
1.3 Artigos que compõem o corpus	39
CAPÍTULO II – CATEGORIAS DE ANÁLISE	42
2.1 Crise da Educação Física a partir do ano de 1980	43
2.2 Corpo e Educação Física a partir do ano de 1980	44
2.3 As Categorias de análise	49
2.3.1 Corpo subjetivo	55
2.3.2 Corpo cultuado	60
2.3.3 Corpo dominado	68
2.3.4 Corpo disciplinado	77
2.3.5 Corpo biológico	81
CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS	86
3.1 Publicação dos artigos ao longo das décadas	97
3.2 Níveis de ensino pesquisados/atingidos pelos artigos	100
3.3 Sujeitos investigados/atingidos pelos artigos	103
3.4 Principais temas presentes nos artigos	110
3.4.1 Corpo subjetivo	110
3.4.2 Corpo cultuado	120
3.4.3 Corpo dominado	125
3.4.4 Corpo disciplinado	132

3.4.5	Corpo biológico	137
3.5	Varição das temáticas ao longo do período de publicações	142
3.6	Para além dos dados da pesquisa	145
3.7	Artigos sem categoria definida	154
CONCLUSÕES.....		156
REFERÊNCIAS		165
APÊNDICES		171
APÊNDICE A – Títulos dos artigos por ano de publicação.....		172
APÊNDICE B – Referências bibliográficas dos artigos que compõem o <i>corpus</i> da pesquisa		179
APÊNDICE C – Relatório da RBCE.....		193
APÊNDICE D – Relatório da RBEFE		207
APÊNDICE E – Relatório da revista EFM		211
APÊNDICE F – Relatório da RM		216
APÊNDICE G – Relatório da MREF		228

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa tem como principal objetivo desenvolver um estudo acerca das publicações em periódicos da área de Educação Física a respeito da temática do corpo, identificando o que os autores discutem nesses artigos.

A compreensão sobre os significados que se pode atribuir ao corpo e aos cuidados a ele dispensados sempre estiveram presentes, mesmo que de forma indireta, no decorrer da nossa trajetória acadêmica e profissional. Na monografia apresentada em 1998 como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Educação Física/Universidade Federal de Goiás – Campus Avançado de Catalão – investigamos as causas da exclusão de uma parcela de estudantes no âmbito das aulas da disciplina Educação Física. Concluímos, naquela ocasião, que a exclusão de uma parcela dos estudantes durante as aulas de Educação Física ocorria devido às suas características físicas ou destes não apresentarem um desenvolvimento de habilidades motoras satisfatórias para a prática das atividades propostas pelos professores, os quais, em sua maioria, restringiam-se à busca de rendimento nas práticas esportivas.

Depreendemos, pois, que a compreensão do significado de corpo e do conceito de Educação Física daqueles professores participantes da pesquisa, pautada no desenvolvimento das capacidades físicas e tendo como conteúdo principal das aulas o esporte de rendimento, foi preponderante para participação ou para o afastamento dos estudantes das atividades propostas. Assim, a concepção de corpo biológico dos professores das escolas investigadas limitava a participação dos estudantes considerados “menos aptos” fisicamente para o desenvolvimento das atividades desportivas.

Na dissertação de mestrado, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação na Faculdade de Educação/Universidade Federal de Goiás, investigamos a inclusão dos estudantes com deficiência nas aulas de Educação Física em escolas do estado de Goiás. Mais uma vez a compreensão do significado de corpo e do conceito de Educação Física dos professores participantes da pesquisa foi preponderante. Nas aulas em que a ênfase dos docentes não estava voltada ao desenvolvimento da aptidão física os estudantes com deficiência participavam. Mesmo que sejam vários os fatores interferência na participação dos estudantes durante as aulas da disciplina, o conceito de corpo e de Educação Física que o professor possuía contribuía para uma efetiva participação do estudante ou o seu distanciamento das aulas. Constatamos que isso era válido para qualquer tipo de estudante, com ou sem deficiência.

Desse modo, as inquietações acerca da temática do corpo sempre estiveram presentes em nossas pesquisas, especialmente no que se refere à concepção sobre o corpo apresentada pelos professores de Educação Física a qual poderia viabilizar ou não uma efetiva participação dos estudantes durante as aulas.

É importante ressaltar que a concepção de corpo e de Educação Física pautada no desenvolvimento da aptidão física, descrita nas pesquisas anteriores, não é recente. Tradicionalmente, a Educação Física no Brasil foi pensada e posta em ação sempre em defesa de interesses políticos e militares, desempenhando diversos tipos de papéis de acordo com as necessidades de cada momento. Ela teve sua origem marcada pela influência das instituições militares que a entendiam como atividade importante para o desenvolvimento do país que, saindo da condição de colônia, necessitava de indivíduos fortes e saudáveis, detentores de um corpo eleito representante de uma classe e de uma raça. À Educação Física foi dada a tarefa de educar esse corpo. Tarefa que os médicos, baseados nos princípios da medicina higiênica, se dispuseram a realizar. Gradativamente, a Educação Física se distanciou das questões relativas à eugenia e atendendo a interesses políticos, agregou dois novos papéis: a defesa da nação frente aos perigos internos e externos e a preparação da força de trabalho para assegurar o processo de industrialização.

Além dessas atribuições, a partir da década de 1970, a Educação Física passou a desempenhar outras funções. Uma delas relacionada à promoção do desporto de alto nível, capaz de trazer medalhas olímpicas para o país e “canalizar as energias” dos operários, amenizando críticas internas, refreando possíveis movimentos sociais e deixando transparecer um clima de desenvolvimento e calma. A outra função está relacionada ao âmbito escolar. O Estado buscou esvaziar as tentativas de articulação política dos estudantes por meio do Decreto-Lei n. 705/69 estendendo a obrigatoriedade da Educação Física a todos os níveis de escolarização. Esses estudantes formavam a União Nacional dos Estudantes, a qual representava forte resistência às intenções antidemocráticas do Estado.

Mediante esses acontecimentos a Educação Física preparou os corpos para o trabalho das fábricas, promoveu a saúde e disciplina dos jovens, canalizou energias dos operários, e ainda, promoveu o desporto de alto nível. E com base nas duas pesquisas mencionadas e na nossa experiência como professora da área, podemos inferir que a

Educação Física escolar ainda vem desempenhando o papel de melhorar a eficiência motora e física do estudante com ênfase nas técnicas esportivas. Papel caracterizado pelo modelo tecnicista que busca o desenvolvimento da técnica esportiva, a eficiência e o rendimento, mas que desde a década de 1980 vem sendo criticado.

A partir da percepção desse objetivo desempenhado pela Educação Física surgiu a necessidade desta pesquisa, pois, se desde a década de 1980 os efeitos do modelo tecnicista começaram a ser sentidos e contestados e, ainda assim, é possível nos depararmos atualmente, no âmbito escolar, com a busca da eficiência motora do estudante, faz-se necessário investigar o que os periódicos nacionais da área da Educação Física têm apresentado acerca da temática do corpo.

Aproximação com a temática

Nos últimos 30 anos a Educação Física tem vivenciado questionamentos que geraram conflitos e mudanças no que se refere à maneira de entendê-la como disciplina. Da mesma forma, ocorreram mudanças acerca da compreensão do tema corporeidade com o surgimento de novos conceitos que superaram a visão biológica e mecanicista do corpo.

O corpo e as questões relacionadas a ele são pesquisados em diversas áreas, tais como: medicina, biologia, física e artes. No entanto, somente há poucas décadas o corpo passou a ser discutido mediante sua condição humana e sua diversidade de interações. Na área da Educação Física os primeiros trabalhos voltados à essa esfera ocorreram nos anos de 1980.

Em relação ao trabalho dos profissionais, vislumbramos uma atuação que leve em conta a corporeidade, pois o entendimento desta pode contribuir para a educação corporal enriquecedora. Compreendê-la significa ter um olhar sensível às expressões e desejos do corpo. Desse modo, o corpo do sujeito aparece como o seu próprio modo de ser no mundo. Isso leva à necessidade de pensar a corporeidade a partir da ideia de que não se tem um corpo, o corpo não é morada do sujeito e nem é algo de que se possa desvencilhar, o sujeito é seu corpo (MEDINA, 1883).

A compreensão de corpo que permeia nossa análise é a proposta de Merleau Ponty (1999), na qual o corpo não pode ser visto como uma soma de partes comandadas

pela alma. O corpo é percebido e conhecido por meio das suas vivências e experiências, devendo, pois, ser entendido em sua totalidade. Concebemos a corporeidade como a capacidade de o sujeito sentir e apropriar-se do seu corpo como meio de expressão e interação com o mundo partindo das experiências vivenciadas e na relação com o outro. Sujeito compreendido como um todo e apreendido a partir do seu próprio modo de ser.

Sendo assim, é necessário um olhar sensível para o corpo em busca da sua consciência corporal, sentindo suas necessidades, seus desejos, seus limites e sensações. Só é possível compreender o corpo a partir das experiências e vivências que o sujeito estabelece nas relações consigo e com os outros. A racionalidade técnica, com a visão dicotômica da existência que divide a realidade matéria (corpo) e substância pensante (alma) que considera o corpo como suporte do sujeito, cede lugar a outro modo de conceber o corpo. De acordo com Merleau-Ponty (1999), o corpo antes de ser um objeto é o próprio jeito de ser no mundo, “o corpo é nosso meio geral de ter um mundo” (p. 303). Ainda conforme o autor, não temos um corpo, somos um corpo.

Ser e estar no mundo são uma condição mediante a vida, e de acordo com Santin (2003), o ser humano é corporeidade, é gesto, é expressividade, é presença. A corporeidade representa uma atitude diante da existência corporal. Desde a antiguidade, existe uma forma de dominação e controle sobre o corpo decorrente dos interesses e necessidades de cada sociedade. Isso fica evidenciado em Mauss (2003), ao esclarecer que a sociedade sempre desenvolveu modos eficazes e particulares de lidar com o corpo em decorrência das necessidades sociais. Esta situação concorreu para a existência e prevalência de uma corporeidade submissa, disciplinada e, muitas vezes, desprezada.

Em qualquer época, o corpo é resultado de diversos mecanismos imperiosos e urgentes que o conformam. Por ser marcado culturalmente adquire sentidos diferentes no interior de poderes que lhe impõem limitações, proibições e obrigações. Conforme Foucault (2011), cada momento histórico estrutura sua própria “retórica corporal”, demarcando fronteiras no corpo em todos os sentidos.

Além disso, com o surgimento do conceito de razão, a partir do desenvolvimento científico, a exigência da eficiência e do progresso tecnológico valorizou o conhecimento intelectual, objetivo e útil, justificando uma ordem social em que o saber construído pelo corpo era entendido como um conhecimento desvalorizado. Em meio a verdade científica,

o saber construído pelo corpo, ou seja, a experiência existencial, não tem crédito de cientificidade (SANTIN, 2003).

Em conformidade com essa maneira de entender o corpo, ainda de acordo com Santin (2003), a Educação Física perdeu de vista o sentido de humano e a corporeidade foi reduzida ao funcionamento mecânico, respondendo somente às necessidades práticas e utilitárias. Podemos observar, hoje, uma força do discurso científico, em algumas instituições, atuando a favor da dominação da cultura conforme os padrões do modelo de ciência que tem como base a objetivação do corpo e a retirada da sua dimensão subjetiva. Em meio a essas instituições prevalece a lógica das ciências biomédicas as quais considera o movimento em termos de exercício ou atividade física e desconsidera as demais dimensões do corpo: a cultural, a social, a afetiva e a política. Nesse sentido, percebemos a limitação da conduta com o corpo e o movimento às dimensões biológicas ou naturais, reduzindo-o ao que pode ser observado, medido e quantificado.

Apresentando nossa concepção de Educação Física, ressaltamos que enquanto componente da educação básica, ela deve introduzir e integrar o estudante à cultura corporal de movimento, oferecendo condições para que ele possa usufruir do esporte, do jogo, das lutas, da dança e da ginástica em benefício da sua qualidade de vida. Afirmamos, amparados em Betti (2002), que não basta ao estudante aprender habilidades motoras e desenvolver habilidades físicas. É necessário na aprendizagem dos fundamentos de um determinado esporte, por exemplo, que o estudante também aprenda a organizar-se socialmente para praticá-lo, compreendendo as regras como um elemento que torna o jogo possível de ser jogado e, sabendo interpretá-las e aplica-las por si mesmo, ainda, veja a importância de respeitar o adversário percebendo-o como um companheiro e não como um inimigo.

Entendemos, pois, como finalidade da Educação Física a preparação do estudante para que ele seja um praticante lúcido e ativo, inserindo o esporte, os jogos, a dança, as lutas e a ginástica em sua vida, tirando-lhes o melhor proveito e levando-o a descobrir motivos e sentidos nas práticas corporais. Isso implica ainda, a compreensão da organização institucional da cultura corporal, a fim de que o estudante possa analisar os interesses políticos e econômicos, a violência e o doping que permeiam o esporte de rendimento. A Educação Física, como os demais componentes curriculares, tem um conhecimento a ser propiciado aos estudantes e este se fará por meio de uma ação

pedagógica impregnada de corporeidade. O conhecimento não pode ser dissociado da vivência corporal, ou seja, a dimensão cognitiva e o aparato corporal do estudante estão intimamente unidos.

Problemática da pesquisa

Os debates no campo da educação que ocorreram após o declínio da ditadura militar, em meio ao processo de transição para o governo considerado democrático, levaram os pesquisadores da área da Educação Física a buscarem uma forma de intervir na realidade do contexto educacional. Naquele momento, que coincidiu com o início da década de 1980, os efeitos do modelo de Educação Física com ênfase na aptidão física, tendo o esporte como o principal conteúdo das aulas, começou a ser contestado. O Brasil, contrariando as expectativas do período militar, não se transformou na nação olímpica almejada e a competição esportiva não aumentou significativamente o número de praticantes de exercícios físicos.

Iniciou-se uma crise de identidade da Educação Física e seus conteúdos de modelo técnico esportivo e militarista passaram por um processo de crítica. Esse movimento refletiu um contexto econômico e histórico em que a produção capitalista foi questionada concretizando-se na produção teórica e na luta política de um significativo segmento de profissionais da Educação Física. A crise mencionada afetou o sistema social e político, afetou a educação e, por consequência, a Educação Física. As críticas e discussões acerca da escola como instrumento da sociedade capitalista permitiram uma corrente revolucionária na Educação Física com o propósito de um projeto que apontasse para a superação do seu paradigma direcionado à aptidão física, à saúde e ao esporte.

Essa corrente revolucionária, também denominada crítica e progressista, que conforme Bracht (1999), no primeiro momento, considerado momento da denúncia, apresentava-se bastante homogênea, posteriormente, apresentou diferenças importantes. Com o passar dos anos foi possível identificar um conjunto de propostas bastante diversificado que apresentaremos, a seguir, de forma resumida.

Iniciamos com a abordagem desenvolvimentista, defendida por Go Tani, da Universidade São Paulo, que apresenta uma base teórica na psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem. Para estudar o comportamento motor, Tani (1988)

aborda o desenvolvimento humano e os aspectos da aprendizagem motora com o intuito de propiciar uma fundamentação científica para a Educação Física. Com isso, ele visa atender as necessidades das crianças ao compreender as questões relacionadas ao crescimento, desenvolvimento e aprendizagem motora. A proposta oferece fundamentos para a Educação Física na primeira fase do ensino fundamental e, para Tani (1988), a Educação Física escolar tem como objetivo possibilitar a aquisição de habilidades motoras básicas que facilitem o aprendizado de habilidades motoras mais complexas. Contudo, ressalta-se a necessidade de respeitar os processos biológicos de crescimento e desenvolvimento motor, uma vez que todas as crianças percorrem as mesmas fases de desenvolvimento dos movimentos, quais sejam, movimentos de reflexos, rudimentares, fundamentais e determinados (GALLAHUE e OZMUN, 2005).

A psicomotricidade ou educação psicomotora, postulada pelo francês Jean Le Bouch, obteve uma articulação significativa no contexto escolar, sendo aprovada pelos profissionais das escolas ao proporcionar a integração da Educação Física com a proposta pedagógica da escola no decorrer dos anos iniciais da educação básica. A proposta de Le Bouch exerceu influência na Educação Física brasileira e teve seu valor reconhecido ao indicar práticas pedagógicas desvinculadas dos gestos meramente técnicos, e ainda, destacar as contribuições da Educação Física para a aprendizagem de outras áreas do conhecimento, compreendendo, dessa forma, o movimento como um instrumento para a aprendizagem dos demais componentes curriculares (MELLO, 1993). A proposta foi criticada por não apresentar uma especificidade para a área e sim representar um papel de subordinação às demais disciplinas escolares, relevando o movimento a mero instrumento, desconsiderando as formas culturais do movimentar-se humano como um saber a ser trabalhado na escola.

A abordagem construtivista, próxima às duas anteriores, proposta pelo professor João Batista Freire, da Universidade de Campinas, fundamenta-se basicamente na psicologia do desenvolvimento. Nela, a ênfase da construção do conhecimento ocorre a partir da interação do sujeito com o mundo, levando em consideração os conhecimentos prévios dos estudantes. Conforme Freire (2009), por meio das práticas corporais o estudante transforma conceitos motores em conceitos teóricos. Assim, a abordagem construtivista possibilita que os conhecimentos passem da ação motora à consciência e da consciência ao conhecimento lógico. Embora o autor destaque que não seja papel da

Educação Física colocar-se a serviço dos demais componentes curriculares, ele ressalta que a mesma pode contribuir no aprendizado de outras disciplinas.

A proposta consolidada pelo coletivo de autores no livro *Metodologia do Ensino da Educação Física* (SOARES et al., 2009), denominada crítico-superadora, utiliza o discurso da justiça social como ponto de partida e é embasada na pedagogia histórico-crítica desenvolvida por Saviani (2011) e seus colaboradores. Desse modo, considera-se que a pedagogia deve abordar a questão relacionada a como ensinar, e ainda, como adquirimos os conhecimentos, valorizando a contextualização dos fatos e o resgate histórico. Com relação ao objeto da área da Educação Física, tem-se o conhecimento denominado cultura corporal, efetivada nos diversos temas, tais como, esporte, dança, ginástica, jogo, lutas e mímica.

A pedagogia crítico emancipatória, formulada por Elenor Kunz, da Universidade Federal de Santa Catarina, foi influenciada inicialmente pela pedagogia de Paulo Freire e pelas análises fenomenológicas do movimento humano, em Merleau Ponty (1999). Kunz (2000) parte de uma concepção de movimento, por ele denominada de dialógica, na qual o movimento humano é entendido como uma forma de comunicação com o mundo. A tematização dos elementos da cultura de movimento é compreendida como uma forma de desenvolver a capacidade que os estudantes apresentam de analisar e agir criticamente.

Mauro Betti, da Universidade Estadual Paulista, elaborou a abordagem sistêmica a qual sofreu influência das áreas da sociologia, filosofia e psicologia. Para Betti (1991), a Educação Física se constitui como um sistema hierárquico aberto, em que os níveis superiores, como as Secretarias de Educação, por exemplo, exercem controle nos níveis inferiores, tais como a gestão da escola, professores ou outros. É considerado um sistema hierárquico aberto devido ao fato de ao mesmo tempo em que sofre influências da sociedade também a influencia. Vale ressaltar que em meio a essa abordagem encontra-se presente a preocupação de garantir a especificidade ao considerar corpo/movimento como meio e fim da Educação Física. Assim, para alcançar a especificidade, a Educação Física deve integrar e introduzir os estudantes no mundo da cultura física, formando o sujeito que vai usufruir e transformar as formas culturais dos exercícios físicos.

Após essa sucinta descrição de algumas propostas que se colocaram como alternativas naquele momento de inquietação, ressaltamos que houve discussões acerca dos diversos temas da Educação Física fundamentados em várias correntes teóricas.

Discussões essas em que o corpo ocupou um considerável espaço, aumentando as publicações científicas do período, quer seja na publicação de livros, quer seja na publicação de periódicos nacionais. Porém, podemos perguntar como o corpo tem sido compreendido no decorrer das últimas décadas, se a partir da década de 1980 ocorreu uma efervescência das discussões da área culminando com o surgimento dos primeiros periódicos e de vários estudos acerca da temática do corpo que passou a ocupar um espaço significativo nas discussões acadêmicas?

Para responder a essa problemática, esta pesquisa delineou um panorama acerca das publicações em periódicos da área de Educação Física no que se refere à temática do corpo, identificando o que os autores vêm discutindo nos artigos publicados na área. Para delinear este panorama, apresentamos as seguintes questões: O que os artigos da área da Educação Física que versam sobre a temática do corpo vêm discutindo no Brasil? As temáticas acerca do corpo discutidas nos artigos têm se modificado ao longo desse período de publicações? Quais são os significados acerca do corpo evidenciados nesses trabalhos publicados?

O resultado desses questionamentos e dos levantamentos realizados mediante a busca por respondê-los e compreendê-los, possibilitou o desenvolvimento da pesquisa que culminou com a produção deste estudo. As considerações a que chegamos com a análise dos artigos e a caminhada percorrida durante o processo de composição desta tese serão apresentadas no decorrer deste trabalho, conforme a estrutura apresentada na próxima seção.

INTRODUÇÃO

O corpo e os assuntos relacionados a ele vêm despertando interesse desde a antiguidade, sendo objeto de destaque e sempre relacionado aos interesses e necessidades de cada momento histórico, mas o corpo contemporâneo difere substancialmente do corpo de qualquer outro período histórico já vivenciado. Nas últimas décadas assistimos a uma crescente valorização do corpo, seja ele como objeto de consumo, excessivamente exaltado, ou na busca do resgate do mundo vivido e da subjetividade como experiência corporal mediada pelo movimento. Isso motivou reflexões acerca de seus diversos aspectos.

Ao iniciarmos o estudo dessa diversidade de reflexões encontradas na pesquisa bibliográfica, optamos por compreender o corpo contemporâneo a partir dos significados construídos por estudiosos que se dedicaram à temática. Vale dizer que nesta pesquisa, no que se refere à compreensão do corpo humano, partimos do entendimento deste como um local complexo de reciprocidade e interações entre sentimentos, emoções, pensamentos e desejos humanos em detrimento de visualizá-lo como um conjunto de órgãos e tecidos ou um território privilegiado de disputas, seja de novas identidades pessoais ou na manutenção de identidades já consagradas. Dito de outra forma, trata-se de compreendê-lo como um corpo que age no mundo e, conseqüentemente, torna-se marcado pelas suas vivências na sociedade na qual interage.

A esse respeito destacamos o legado de Marcel Mauss, para quem “o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem” (MAUSS, 2003, p. 407). Disso depreende que sendo o corpo a primeira forma de identificação dos indivíduos, nele se inscrevem os elementos culturais que permeiam as experiências que os indivíduos vivem no decorrer de suas vidas.

Mauss (2003) apresenta uma preocupação em demonstrar a interdependência entre os domínios físico, psicossocial e social. Em seu ensaio sobre as técnicas do corpo, entendidas como “as maneiras pelas quais os homens, de sociedade em sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo” (p. 401), considera que o mesmo deve ser pensado como ferramenta, agente e objeto, pois, ao mesmo tempo em que o corpo é a ferramenta com que o homem molda o mundo, o corpo é, também, o elemento a partir do

qual o homem é moldado. Assim, toda expressão corporal é apreendida e o corpo humano não pode ser encontrado em um suposto estado natural.

Outra construção do significado de corpo relevante para esta pesquisa é a de Pierre Bourdieu, que a partir do conceito de *habitus* de Marcell Mauss, como repetição de práticas corporais inconscientes, tenta anular a dualidade entre corpo e mente, advinda da dificuldade das pessoas entenderem que têm e são o próprio corpo. Por meio do conceito de *habitus*, Pierre Bourdieu visa acabar com a dualidade corpo e mente, signo e significado. Embora Mauss (2003), tenha apresentado o corpo simultaneamente como objeto de técnica e como meio técnico, e ainda, tenha identificado a natureza subjetiva da técnica, Bourdieu (1983) avança definindo o *habitus* como um princípio inconsciente e imposto coletivamente para a constituição de práticas e representações. Desse modo, o autor busca apreender as relações entre o comportamento dos agentes e os condicionantes sociais.

Nessa linha de pensamento, Bourdieu (1983) evidencia a centralidade do corpo como um local singularizado de análise do agente em seu conceito de *habitus*. A relação entre o agente e o mundo significa a relação entre o *habitus* e o mundo que o define, sendo o corpo social entendido como o corpo do agente permeado pelo *habitus*. Para Bourdieu (2001), “o que está inscrito no mundo é um corpo para que possa existir um mundo, incluído no mundo, mas segundo um modo de inclusão irredutível à simples inclusão material e espacial” (p. 165).

O corpo dos indivíduos de um determinado grupo social revela, além da sua singularidade pessoal, as características que definem o grupo de indivíduos de uma determinada sociedade. Cada corpo manifesta a história da sociedade em que vive, seus valores, sentimentos e crenças a partir de suas percepções, movimentos, vivências e expressões.

Nesse sentido das percepções, outra contribuição importante acerca da centralidade do corpo é a de Merleau-Ponty que aponta a um entendimento de corpo para além da visão mecanicista do filósofo René Descartes (1596-1650). Para Merleau-Ponty (1999), o corpo está em primeiro plano e se revela como o modo pelo qual o homem percebe a si e o mundo. No entanto, tradicionalmente, a percepção era considerada, em alguns momentos, como oriunda da consciência do sujeito e em outros como advinda do objeto. Mas de acordo com a reflexão fenomenológica do autor, o sentido emerge na

relação entre o sujeito e o objeto e esta relação é mediada pelo corpo, ou seja, o sujeito tem consciência do mundo por meio de seu corpo. A consciência surge da reflexão a partir da percepção do corpo. É o corpo que realiza a abertura do eu ao mundo, “O corpo é nosso meio geral de ter um mundo” (p. 203).

O deslocamento da consciência da interioridade para a relação do corpo com o mundo traz implicações para a corporeidade, entendida por Merleau-Ponty (1999) como corpo-vivido, ou seja, a experiência do corpo ou o corpo em realidade. O corpo não como objeto do mundo, mas como meio de comunicação com ele; um mundo não como soma de objetos, mas como horizonte de experiências do homem. Desse modo, o corpo como espaço expressivo, exprime a cada momento a sua existência.

Já na perspectiva de Michel Foucault, o corpo é entendido sob outro aspecto. No que se refere às suas contribuições, destacamos o entendimento da realidade do corpo e seus desejos como historicamente determinados. Foucault (2011) busca analisar os discursos sobre os corpos dos indivíduos como mecanismos de dominação e controle. Em suas palavras, “o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm um alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos” (p. 28). E esse investimento político do corpo está diretamente ligado à sua utilização econômica, pois é como força de produção que as relações de poder e dominação investem no corpo. Mas sua constituição como força de trabalho só é possível se ele estiver preso a um sistema de sujeição, viabilizado por um instrumento político meticulosamente organizado. O corpo só se torna força útil se for ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso.

Essa sujeição do corpo, não é alcançada somente pelos instrumentos de violência ou de ideologia, ou seja, ela pode ser direta, física, agir sobre elementos materiais sem ser violenta, ou pode ser calculada, tecnicamente pensada, não fazer uso de armas e nem do terror, e ainda assim, continuar a ser de ordem física. Foucault (2011) esclarece que “[...] pode haver um ‘saber’ do corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, e um controle de suas forças que é mais que a capacidade de vencê-las: esse saber e esse controle constituem o que se poderia chamar a tecnologia política do corpo” (p. 29). Segundo o autor, trata-se de uma microfísica do poder colocada em jogo por aparelhos e instituições, cujo campo de validade se coloca entre esses funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e forças.

Tal microfísica considera que o poder nela exercido seja concebido como uma estratégia e não como uma propriedade, pois seus efeitos de dominação são atribuídos a disposições, manobras, táticas e técnicas em detrimento de uma “apropriação”. Esse poder se exerce mais que se possui, ele não é um privilégio adquirido ou conservado da classe dominante e, sim, o efeito do conjunto de suas posições estratégicas. O investimento político do corpo e a microfísica do poder, supõem que se renuncie à oposição violência-ideologia, à metáfora da propriedade, ao modelo do contrato ou ao da conquista (FOUCAULT, 2011).

Em que pese estas reflexões acerca da temática do corpo, percebemos que além de marcado pela história, o corpo vem sendo objeto de estudos e investigações com o objetivo de desvendá-lo e compreendê-lo em suas dimensões simbólica, biológica, social, entre outras. E, nesta pesquisa, compreendemos o corpo de maneira indissociável, em sua totalidade. Partimos do entendimento do corpo como um local complexo de reciprocidade e interações entre sentimentos, emoções, pensamentos e desejos humanos, em detrimento de visualizá-lo como um conjunto de órgãos e tecidos ou um território privilegiado de disputas, quer seja de novas identidades pessoais, quer seja de manutenção de identidades já consagradas. Trata-se, pois, de compreendê-lo como um corpo que age no mundo e, conseqüentemente, torna-se marcado pelas suas vivências na sociedade na qual interage.

Amparados em Medina (1983), partimos da ideia de que não se tem um corpo, o corpo não é morada do sujeito e nem é algo de que se possa desvencilhar, o sujeito é seu corpo, pois,

[...] nós *não temos* um corpo; antes, nós *somos* o nosso corpo, e é dentro de todas as suas dimensões energéticas, portanto de forma global, que devemos buscar razões para justificar uma expressão legítima do homem, através das manifestações do seu *pensamento*, do seu *sentimento* e do seu *movimento* (p. 12, grifo do autor).

O corpo sempre despertou interesse e as discussões relacionadas a ele sempre estiveram presentes no decorrer da história da humanidade, no entanto, ainda prevalece uma visão dominante que privilegia a ênfase no pensamento. Essa ênfase foi fundada nas bases para a ciência moderna, lançadas por Descartes. Tais bases, tendo como pressuposto a máxima “penso, logo existo”, impregnada da visão dicotômica da existência divide a realidade matéria (corpo) e substância pensante (alma), considerando o corpo como um simples suporte do sujeito, destituindo-o de sua totalidade. Até mesmo nos dicionários de

língua portuguesa o vocábulo “corpo” apresenta significado fragmentado, sendo definido como “a substância física, ou a estrutura, de cada homem ou animal” (FERREIRA, 1999, p. 561).

Ocorre que nas últimas três décadas as questões relacionadas ao corpo e à Educação Física vêm sendo permeadas por questionamentos. Mas apesar desses questionamentos, Soares (1999) alerta que "O corpo como primeiro plano de visibilidade humana, [...], tem sido pouco considerado no campo da educação e, mais especificamente, no campo da educação física" (p. 5). Isso se deve ao fato, dentre outros fatores, de que o corpo, no âmbito escolar, historicamente tem sido menosprezado como a forma de ser e estar no mundo, e ainda, tem tido seus movimentos controlados, em nome da disciplina. Mas desde então, pesquisas acerca do corpo e educação têm sido produzidas. Alguns estudos foram publicados em forma de coletâneas de artigos, tais como: *Corpo e Educação* (Soares, 1999), *O corpo e o lúdico* (Bruhns e Gutierrez, 2000), *Corpo e História* (Soares, 2001) e o *Dossiê Visibilidade do Corpo* (Vigarello et al., 2003). Bezerra e Moreira (2013) comprovam essa situação ao afirmarem que entre os anos de 1946 e 2005, a produção de artigos que consta no banco de dados do Scientific Electronic Library Online (SciELO) foi de 34 artigos. A partir do ano de 2006, a produção no mesmo banco de dados totalizou 147 artigos. O que constitui um aumento significativo das pesquisas científicas acerca da temática do corpo.

Entretanto, apesar do aumento dos trabalhos e dos conhecimentos científicos produzidos, temos a impressão de que na área da Educação Física existem dificuldades consideráveis em alcançar uma compreensão de corpo que possibilite ultrapassar a dimensão biológica e privilegiar uma compreensão que entenda o corpo em suas dimensões cultural e social, tendo em vista o seu sentido humano e a corporeidade. É possível observar que ainda prevalece nas instituições atuais, especialmente nas educacionais, a lógica das ciências biomédicas considerando o corpo em termos de desenvolvimento dos exercícios físicos e desconsiderando suas dimensões de humano.

Desse modo, embora as pesquisas na área da Educação Física, principalmente a partir da década de 1980, tenham dado saltos qualitativos, especialmente no que se refere à variedade das temáticas abordadas, percebemos que as pesquisas que abordam o corpo, nas palavras de Soares (1999), como “primeiro plano de visibilidade humana”, ainda necessitam ser mais contundentes.

Por isso, é importante desenvolver um estudo acerca das publicações em periódicos da área de Educação Física a respeito da temática do corpo, procurando identificar o que os autores vêm discutindo nos artigos publicados na área. Compreender a situação complexa que concorre para a existência e prevalência de uma corporeidade submissa, disciplinada e, às vezes, até desprezada, e ampliar um olhar sensível para o corpo em busca da sua consciência corporal, de suas necessidades, desejos, limites e sensações.

É necessário romper com essa visão dicotômica a fim de compreender o humano dotado de subjetividade e intencionalidade. Desse modo, faz-se necessário entender as abstrações humanas e as várias dimensões que tornam esse homem uma totalidade indivisível, transpondo essa visão de corpo fragmentado e biológico.

Acreditamos que esta pesquisa possa contribuir com a educação, de maneira geral, ao possibilitar reflexões acerca da temática do corpo. Percebemos que a escola vem controlando e disciplinando o corpo dos estudantes em função das estruturas resultantes do processo histórico de civilização. Processo em que a realidade escolar perpetua e supervaloriza as operações cognitivas e o distanciamento do corpo. Independente da área de atuação prevalece entre os professores a busca pelos comportamentos mecânicos e homogêneos em que a disciplina e a imobilidade dos corpos são condições primordiais para o aprendizado, impedindo os estudantes de expressarem seus sentimentos, desejos e ideias. Isso nos leva a inferir que a escola parte do pressuposto de que a aprendizagem dos conteúdos das diversas áreas de estudo é uma aprendizagem sem corpo.

Com relação à Educação Física, que tem como objeto o movimento humano (KUNZ, 1991), esta pesquisa pode contribuir no sentido de possibilitar aos professores uma reflexão acerca da visão de corpo baseada na totalidade humana, com a busca de um movimento que conceba o homem integralmente, apontando para a importância da compreensão do movimento como experiência corpórea. Não no gesto mecânico e vazio de significado, mas no movimento que se repete, se refaz, se inventa, se cria e expressa sentimento, sendo sempre movimento novo, diferente e original. Isso significa dar centralidade ao corpo no processo educativo buscando estratégias para recuperar a corporeidade, ou seja, educar o corpo ao invés de adestrá-lo e controlá-lo.

Oportunizar possibilidades para se pensar na ruptura com esse modelo de corpo mecânico e controlado é intenção desta pesquisa, mas temos o entendimento dos limites

desta tese para uma proposta de tal envergadura, ainda assim, acreditamos que este trabalho somado a outros que apresentam o mesmo intuito, possa contribuir efetivamente.

A partir desta justificativa, a presente pesquisa suscita os objetivos apresentados na sequência.

Objetivos da pesquisa

Objetivo geral

Desenvolver um estudo acerca das publicações em periódicos da área de Educação Física a respeito da temática do corpo, identificando o que os autores discutem nesses artigos.

Objetivos específicos

- Compreender o que os artigos da área da Educação Física que versam sobre a temática do corpo vêm discutindo no Brasil.
- Investigar se as temáticas acerca do corpo discutidas nos artigos têm se modificado ao longo desse período de publicações.
- Identificar quais são os significados acerca do corpo evidenciados nos trabalhos publicados.

Estrutura da tese

Na Apresentação descrevemos uma visão geral acerca da nossa trajetória como investigadora, bem como da temática da pesquisa, esclarecendo a problemática e as questões a serem investigadas.

Na Introdução apresentamos o entendimento de corpo a partir de teóricos que desenvolvem discussões relevantes acerca do tema. E ainda, a justificativa e os objetivos alcançados com a pesquisa. Descrevemos, também, a estrutura de constituição da tese.

No Capítulo 1 – Caminho metodológico – evidenciamos as escolhas que determinaram os caminhos metodológicos percorridos na investigação. Trazemos as

primeiras análises no sentido de definir e selecionar o acervo utilizado, bem como, a constituição do *corpus* da pesquisa, composto de 170 artigos. E ainda, as primeiras evidências das unidades de análise que se constituíram em categorias de análise.

No Capítulo 2 – Categorias de análise – discorremos sobre o desenvolvimento de uma reflexão a respeito das categorias de análise, ou seja, das temáticas acerca do corpo apresentadas pelos autores dos artigos.

No Capítulo 3 – Análise dos dados – composto a partir da busca dos sentidos acerca da temática do corpo, relacionamos os 170 artigos que constituíram o *corpus* da pesquisa, seguido da listagem dos principais tópicos interpretados e analisados nos mesmos. A partir dessa, expomos as principais características dos artigos, bem como os sentidos que os pesquisadores da área apontam acerca do corpo no campo da Educação Física. Na sequência, a partir dos significados de corpo discutidos pelos autores e das temáticas emergentes categorizamos os dados em cinco categorias, a saber: corpo subjetivo, corpo cultuado, corpo dominado, corpo disciplinado e corpo biológico. E na continuidade, apresentamos as considerações e conclusões que emergiram da análise das informações coletadas nesse processo de análise.

Na continuidade apresentamos a metodologia que possibilitou o desenvolvimento desta investigação. Para a composição desta tese utilizamos a análise textual, cuja teoria e conceitos foram adotados como conjunto de procedimentos para a constituição do *corpus*, bem como nos desdobramentos de interpretação e conclusão.

CAPÍTULO I

CAMINHO METODOLÓGICO

Apresentamos aqui uma análise dos aspectos metodológicos referentes ao tipo de pesquisa utilizada nesta investigação. Em seguida, detalhamos o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica realizada para este estudo.

O objetivo principal desta investigação foi desenvolver um estudo acerca das publicações em periódicos da área de Educação Física a respeito da temática do corpo, procurando compreender o que os autores vêm discutindo nos artigos publicados na área. Para tanto, realizamos nesta pesquisa um estudo bibliográfico, priorizando como eixo de análise os significados atribuídos ao corpo pelos autores das publicações nos periódicos investigados. Partimos do pressuposto de que a pesquisa bibliográfica seria uma das possíveis formas de investigar e compreender o que vem sendo discutido acerca do corpo no contexto da área da Educação Física.

Assim, no desenvolvimento da pesquisa buscamos uma forma de identificar o que foi considerado ou apresentado pelas revistas investigadas com o intuito de dar sentido à sistematização de informações relacionada à coleta, de forma a contribuir com as reflexões e possíveis encaminhamentos sobre a compreensão de corpo que os autores dos artigos possuem e que vêm sendo veiculadas pelos periódicos.

Para alcançar este intento, vislumbramos como possibilidade metodológica a análise de textos, definida como uma abordagem qualitativa que apresenta como foco de estudo as mensagens, a linguagem e os discursos, mesmo que eles não sejam necessariamente verbais. Conforme Moraes (2003), as pesquisas qualitativas têm cada vez mais utilizado as análises textuais, tanto a partir de textos já existentes, quanto a partir de material de análise produzido pela própria pesquisa. Para o autor, a pesquisa qualitativa tende a

[...] aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação, isto é, não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão (p. 191).

Além da análise dos periódicos investigados, foi realizado o estudo de documentos instituídos/propostos na área da Educação Física. Trata-se dos Parâmetros

Curriculares Nacionais (PCN) da área e de três documentos de Reorientação Curricular do Ensino Fundamental e médio da Rede Estadual de Educação de Goiás, denominados Cadernos, de uma série intitulada: Currículo em Debate, a saber, Caderno 3 – Currículo e Práticas Culturais, Caderno 5 – Matrizes Curriculares, e Caderno 6.4 – Sequências Didáticas/Educação Física. Examinamos ainda, a proposta curricular do curso de licenciatura da Faculdade de Educação Física/UFG, Campus Goiânia. Desse modo, buscamos analisar se há descompasso, no que se refere às novas demandas da Educação Física, entre a proposta curricular do curso de formação de professores, os PCN, as diretrizes curriculares e o que é materializado no dia a dia do professor de Educação Física. Para essa compreensão optamos pela análise dos documentos de organização do ensino no estado Goiás, pois, nossa graduação, pesquisas anteriores e atuação profissional sempre se desenvolveram nesse Estado.

Na continuidade apresentamos considerações acerca da análise textual, admitida como abordagem de análise no desenvolvimento desta pesquisa.

1.1 – Análise textual

Atualmente duas formas de análise textual vêm sendo utilizadas com frequência pelos pesquisadores. Trata-se da análise de conteúdo e da análise de discurso. De acordo com Moraes (2003), a análise de conteúdo é uma metodologia usada para descrever e interpretar o conteúdo de documentos e textos e essa análise, tanto em descrições qualitativas, quanto quantitativas, pode levar o pesquisador a uma compreensão dos significados das mensagens muito acima de uma leitura comum.

Para o desenvolvimento desta investigação optamos pela análise textual e, por conseguinte, a análise de conteúdo, como método de investigação em meio a esse campo de pesquisa em que nos deparamos com “discursos extremamente diversificados”, nos quais suas características de adaptação possibilitaram a acomodação de forma satisfatória na interpretação qualitativa das mensagens e informações. De acordo com Bardin (1977), a análise de conteúdo refere-se a

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos em objectivos de descrição do conteúdo das mensagens. [...] A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente,

de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não) (p. 38).

Ao optarmos pela análise de conteúdo como método de coleta e análise de dados, assumimos como norte metodológico o referencial teórico de Bardin (1977).

1.2 – Primeiras análises

A análise textual foi utilizada no desenvolvimento desta tese como forma de apreender os aspectos concernentes à pesquisa. Nesta seção descrevemos a constituição do *corpus* da pesquisa, bem como, o desenvolvimento da interpretação e conclusão da investigação.

A partir da definição da proposta metodológica para a pesquisa, o passo seguinte foi estabelecer os critérios para selecionar os periódicos que constituíram o acervo. A intenção inicial era utilizar como critério de seleção os periódicos da área da Educação Física que fossem classificados com conceito Qualis A pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Mas, ao iniciarmos a consulta ao portal da Capes, percebemos a existência de apenas um periódico brasileiro com conceito Qualis A. Naquele momento, estabelecemos como critério de seleção os periódicos com conceito Qualis A e Qualis B1. Dessa forma, a investigação privilegiou cinco periódicos brasileiros, disponíveis em formato eletrônico e classificados com conceito Qualis A e Qualis B1 pela Capes: a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), a Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (RBEFE) em continuidade à Revista Paulista de Educação Física (RPEF), a Revista de Educação Física/Universidade Estadual de Maringá (EFM), a Revista Movimento (RM) e a Motriz: Revista de Educação Física (MREF)¹, desde as suas primeiras publicações até o ano de 2015. Vale ressaltar que a primeira publicação ocorreu no ano de 1979, e, a opção de analisar os periódicos desde

¹ Os periódicos encontram-se disponíveis nos links abaixo:

RBCE: <http://www.rbceonline.org.br/>

RBEFE: <http://www.revistas.usp.br/rbefe>

EFM: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis>

RM: <http://www.seer.ufrgs.br/Movimento>

MREF: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz>

as primeiras publicações, deve-se ao fato de as mesmas coincidiram com o período de efervescência das discussões e críticas em relação ao papel desempenhado pela Educação Física no Brasil. Assim, o recorte temporal contempla as publicações desde o ano de 1979 até o ano de 2015.

Na sequência, Figura 1, seguem as imagens das capas dos primeiros exemplares publicados de cada periódico.

Figura 1 – Capa da primeira edição dos periódicos RBCE, RBEFE, EFM, RM e MREF (Imagens acessadas nos endereços eletrônicos das revistas em 24/novembro/2016)



Fonte: Imagens acessadas nos endereços eletrônicos das revistas em 24/novembro/2016 (Adaptada pela autora)

A partir da definição dos periódicos, o próximo passo foi a constituição do acervo que se encontra disponível no formato eletrônico. Mesmo os periódicos de publicação mais antiga foram digitalizados e se encontram disponíveis. Para a constituição do acervo optamos pelos artigos que apresentam as palavras corpo e/ou corporeidade em seu título. Dessa forma, foram analisadas para a pesquisa 382 exemplares de revistas entre publicação normal, edições especiais e suplementos. Sendo 110 exemplares da RBCE, 81 exemplares da RBEFE, 58 exemplares da EFM, 66 exemplares da RM e 67 exemplares da MREF, conforme apresentação sistematizada no Quadro 1, incluído na sequência.

Quadro 1 – Distribuição dos exemplares publicados nos periódicos investigados no período de 1979 a 2015

PERIÓDICOS	NÚMERO DE EXEMPLARES
Revista Brasileira de Ciências do Esporte	110
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	81
Revista de Educação Física/Universidade Estadual de Maringá	58
Revista Movimento	66
Motriz: Revista de Educação Física	67
TOTAL	382

Fonte: Autora, 2016

A seguir, relacionamos os periódicos que constituíram o acervo da pesquisa, bem como seus números, anos de edição e informações sobre a publicação. Optamos em apresentá-los em ordem cronológica – da publicação mais antiga para a mais recente. E essa ordem será considerada no desenvolvimento de toda a pesquisa.

Revista Brasileira de Ciências do Esporte

Trata-se de publicação sob a responsabilidade do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Teve sua publicação inicial no ano de 1979 e,

Há mais de três décadas [...] vem contribuindo com a tarefa de divulgar, mas também de intervir na produção de conhecimento em Educação

Física/Ciências do Esporte. Ao longo da trajetória de sua publicação, a RBCE, editada de forma quadrimestral, vem registrando a história da Educação Física brasileira a partir de diferentes olhares e concepções, de distintas abordagens, temas, objetos e problematizações e publicando artigos originais em português, espanhol ou inglês, oriundos de pesquisa, teóricas ou empíricas, assim como artigos de revisão, resenhas e trabalhos que envolvam reflexão teórica aprofundada e ou investigação empírica rigorosa sobre os diferentes temas que compõem a área de Educação Física/Ciências do Esporte (Texto acessado no endereço eletrônico da revista em 24/novembro/2016).

Foram acervados para a pesquisa os seguintes exemplares: Vol. 8, nº 1, ano 1986; Vol. 9, nº 3, ano 1988; Vol. 10, nº 3, ano 1989; Vol. 11, nº 2, ano 1990; Vol. 12, nº 1, 2, 3, ano 1992; Vol. 15, nº 2, ano 1994; Vol. 15, nº 3, ano 1994; Vol. 17, nº 2, ano 1996; Vol. 17, nº 3, ano 1996; Vol. 21, nº 2, 3, ano 2000; Vol. 22, nº 2, ano 2000; Vol. 23, nº 1, ano 2001; Vol. 23, nº 2, ano 2002; Vol. 24, nº 1, ano 2002; Vol. 24, nº 2, ano 2003; Vol. 25, nº 1, ano 2003; Vol. 25, nº 3, ano 2004; Vol. 26, nº 1, ano 2004; Vol. 26, nº 2, ano 2005; Vol. 26, nº 3, ano 2005; Vol. 27, nº 1, ano 2005; Vol. 27, nº 2, ano 2006; Vol. 27, nº 3, ano 2006; . Vol. 30, nº 2, ano 2009; Vol. 30, nº 3, ano 2009; Vol. 31, nº 1, ano 2009; Vol. 32, nº 2-4, ano 2010; Vol. 33, nº 1, ano 2011; Vol. 33, nº 3, ano 2011; Vol. 33, nº 4, ano 2011; Vol. 34, nº 2, ano 2012; Vol. 34, nº 3, ano 2012; Vol. 34, nº 4, ano 2012; Vol. 35, nº 1, ano 2013; Vol. 35, nº 2, ano 2013; Vol. 35, nº 4, ano 2013; Vol. 37, nº 2, ano 2015; Vol. 37, nº 4, ano 2015.

Revista Brasileira de Educação Física e Esporte

A RBEFE é uma publicação da escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, teve sua publicação iniciada no ano de 2004 em continuidade à Revista Paulista de Educação Física, iniciada em 1986. “A Revista é uma publicação trimestral [...] e tem por objetivo publicar pesquisas que contribuam para o avanço do conhecimento nas áreas de Educação Física, Esporte e afins” (Texto acessado no endereço eletrônico da revista em 24/novembro/2016).

Faz parte do acervo da pesquisa os seguintes exemplares: Supl.2, ano 1996; Vol.18, nº 3, ano 2004; Vol. 21, nº 2, ano 2007; Vol. 23, nº 2, ano 2009; Vol. 24, nº 3, ano 2010; Vol. 25, nº 1, ano 2011; Vol. 25, nº 2, ano 2011; Vol. 25, nº 4, ano 2011; Vol.

26, nº 2, ano 2012; Vol.26, nº .4, ano 2012; Vol. 28, nº 3, ano 2014; vol. 29, nº 3, ano 2015.

Revista da Educação Física/UEM

A revista EFM é uma publicação vinculada à Universidade Estadual de Maringá, disponibilizada gratuitamente em formato on-line.

A revista foi criada em 1989. Até 2002 era publicado apenas *um* fascículo anual (publicando uma média de 10 artigos anuais). A partir desta data até o ano de 2007 devido à crescente demanda, a revista passou a publicar *dois* fascículos anuais. Entre os anos de 1989 e 2007 foram publicados mais de 240 artigos. Em 2008 visando melhorar sua qualificação e visibilidade Revista de Educação Física/UEM passou a editar quatro volumes publicando 60 artigos oriundos da produção gerada nos cursos de pós-graduação de universidade de todo o país (USP, UNICAMP, UNESP, UFSC, UFMG, UFPR, UFRJ, UERJ, UEM. UEL) entre outras.

[...] tendo periodicidade e regularidade na área desde 1989. Distingue-se das demais por uma política de inserção de temáticas abrangentes possibilitando a *diversidade das subáreas da Educação Física e Esportes* (Texto acessado no endereço eletrônico da revista em 24/novembro/2016, grifo da editora).

Os exemplares que constituem o acervo da pesquisa são os que seguem: Vol. 4, nº 01, ano 1993; Vol. 6, nº 01, ano 1995; Vol. 7, nº 01, ano 1996; Vol. 8, nº 01, ano 1997; Vol. 9, nº 01, ano 1998; Vol. 10, nº 01, ano 1999; Vol. 12, nº 01, ano 2001; Vol. 13, nº 01, ano 2002; Vol. 19, nº 01, ano 2008; Vol. 19, nº 04, ano 2008; Vol. 21, nº 04, ano 2010; Vol. 23, nº 03, ano 2012; Vol. 25, nº 03, ano 2014.

Revista Movimento

A RM é uma publicação científica da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A revista conta com avaliação *peer-review* e permite acesso livre. Fundada em 1994, e publicada trimestralmente desde 2009, aborda temas relacionados ao campo da Educação Física em interface com as Ciências Humanas e Sociais, mais especificamente em seus aspectos

pedagógicos, históricos, políticos e culturais (Texto acessado no endereço eletrônico da revista em 24/novembro/2016).

Os exemplares que compõem o acervo da pesquisa são: Vol. 2, nº 2, ano 1995; Vol. 3, nº 4, 1996; Vol. 3, nº 5, 1996; Vol. 4, nº 6, 1997; Vol. 5, nº 11, 1999; Vol. 7, nº 15, 2001; Vol. 9, nº 1, 2003; Vol. 9, nº 3, 2003; Vol. 10, nº 2, 2004; Vol. 10, nº 3, 2004; Vol. 11, nº 1, 2005; Vol. 11, nº 2, 2005; Vol. 11, nº 3, 2005; Vol. 12, nº 1, 2006; Vol. 12, nº 3, 2006; Vol. 13, nº 1, 2007; Vol. 13, nº 3, 2007; Vol. 14, nº 1, 2008; Vol. 14, nº 3, 2008; Vol. 15, nº 3, 2009; Vol. 16, nº 1, 2010; Vol. 16, nº 2, 2010; Vol. 16, nº 3, 2010; Vol. 17, nº 1, 2011; Vol. 17, nº 2, 2011; Vol. 17, nº 3, 2011; Vol. 17, nº 4, 2011; Vol. 18, nº 2, 2012; Vol. 18, nº 3, 2012; Vol. 20, nº 2, 2014; Vol. 20, nº 3, 2014; Vol. 20, nº 4, 2014; Vol. 20, Edição Especial, 2014; Vol. 21, nº 2, 2015; Vol. 21, nº 3, 2015; Vol. 21, nº 4, 2015.

Motriz: Revista de Educação Física

É um periódico científico lançado no ano de 1995, publicado pelo Departamento de Educação Física, Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista de Rio Claro, Estado de São Paulo.

Projetada para disseminar o conhecimento da ciência do exercício que é relevante para todos os pesquisadores e profissionais, implicando a utilização de pesquisas básica ou aplicada. Motriz incentiva submissões de artigos de campo diferente em ciência do exercício, incluindo a formação de esportes, esportes adaptados, psicologia esportiva, biomecânica e controle neural do movimento, atividade física e saúde, treinamento desportivo, e esportes de aventura e lazer. Motriz utiliza a política de "Open Access", permitindo o acesso livre de encargos e irrestrito ao seu conteúdo. [...]

Revista científica trimestral, publicada desde 2007 (Texto acessado no endereço eletrônico da revista em 24/novembro/2016).

Exemplares que compõem o acervo da pesquisa: Vol. 1, nº 1, 1995; Vol. 1, nº 2, 1995; Vol. 2, nº 2, 1996; Vol. 5, nº 1, 1999; Vol. 6, nº 2, 2000; Vol. 7, nº 1, 2001; Vol. 7, nº 1 (Suplemento), 2001; Vol. 8 nº 1, 2002; Vol. 8 nº 3, 2002; Vol. 9, nº 1, 2003; Vol. 9, nº 3, 2003; Vol. 10, nº 2, p.97-109, 2004; Vol. 11, nº 2, 2005; Vol. 14, nº 1, 2008; Vol. 14, nº 2, 2008; Vol. 14, nº 3, 2008; Vol. 14, nº 4, 2008; Vol. 15, nº 1, 2009; Vol. 15, nº 2,

2009; Vol. 15, nº 3, 2009; Vol. 16, nº 3, 2010; Vol. 17, nº 3, 2011; Vol. 17, nº 4, 2011; Vol. 18, nº 2, 2012; Vol. 18, nº 4, 2012; Vol. 19, nº 3, 2013.

1.3 – Artigos que compõem o *corpus*

Dos 382 exemplares analisados, 126 continham artigos com as palavras *corpo* e/ou *corporeidade* em seu título. A partir desses 126 exemplares foram selecionados os 170 artigos que compõem o *corpus* desta pesquisa. Os referidos artigos foram numerados conforme a ordem de publicação e o periódico do qual fazem parte. Desse modo, os artigos de periódicos diferentes que foram publicados no mesmo ano, obedeceram a ordem determinada pela sequência de surgimento dos periódicos, ou seja, do periódico de publicação mais antiga para o periódico de publicação mais recente, conforme sistematização apresentada no Apêndice – A.

Uma vez constituído o *corpus*, uma das primeiras dificuldades encontradas no desenvolvimento do trabalho com os exemplares das revistas foi definir a forma de identificar o que estava sendo considerado ou apresentado acerca da temática do *corpo* pelos autores dos artigos. Definimos, então, buscar nos artigos alguns tópicos ou unidades de registro que posteriormente poderiam constituir as unidades de análise, tais como, título, autor, objetivo, natureza do objeto (escolar/não escolar), sujeitos investigados e a que tipo de *corpo* o artigo se referia ou discutia.

Na mesma perspectiva de buscar as características que emergiam na análise dos artigos selecionados, incluímos o que, mediante a leitura, identificamos como os principais temas dos artigos analisados. Ressaltamos, porém, que nem sempre esses temas estiveram evidenciados. A forma de desvendar a temática foi estruturada e pensada como unidade de análise a fim de agrupar os artigos conforme o foco principal de investigação. Para essa construção a indagação junto aos artigos que versam acerca do *corpo* foi a seguinte: o que os autores discutem sobre a temática do *corpo*?

Para responder a essa indagação, inicialmente, procedemos a leitura de todos os resumos dos artigos, e, em muitos casos, a leitura do artigo completo, pois, só a leitura do resumo não era suficiente para desvendar a problemática acerca do *corpo* apresentada pelos autores. Há, também, o caso dos artigos que não apresentam resumos e que a leitura completa dos mesmos foi necessária. Os resumos nem sempre estiveram presentes na

estrutura dos artigos. Em uma pesquisa com um acervo de cerca de 30 anos o pesquisador, invariavelmente, se deparará com uma situação como essa, pois, o formato dos artigos não era o mesmo que se apresenta atualmente; ele foi se transformando com o transcorrer do tempo em função das regulamentações relativas às publicações científicas.

A partir dessa leitura concluímos que a discussão sobre o corpo apontava para algumas temáticas que eram recorrentes nos artigos. Na sequência, uma leitura criteriosa possibilitou a identificação de temáticas recorrentes e de algumas tendências que se constituíram como unidades temáticas ou unidades de análise. Mas, ao nos dedicarmos mais detidamente a essas temáticas foi possível perceber que algumas delas apresentavam similaridades entre si, levando-as a serem agrupadas em uma mesma unidade temática. E, depois de muitas idas e vindas aos artigos, novas reflexões, interpretações e reagrupamentos, chegamos à conclusão de que os 170 artigos pesquisados poderiam ser agrupados em cinco unidades temáticas. E estas unidades temáticas, a partir de análises e problematizações, constituíram as categorias de análise da pesquisa.

Desse modo, foram constituídas, de forma indutiva, cinco categorias de análise, ou seja, com base nos dados contidos no *corpus*, e, por meio da análise das unidades temáticas, sendo, portanto, consideradas categorias emergentes. Assim, o referencial teórico foi definido e construído junto com os dados.

É importante ressaltar que a forma como constituímos essas cinco categorias representa apenas uma das possibilidades de construção das mesmas, pois como afirma Moraes (2003), “Da mesma forma que há muitos sentidos em um texto, sempre é possível construir vários conjuntos de categorias de uma amostra de informações” (p. 200). Apresentamos a seguir, o Quadro 2 como a possibilidade de construção desenvolvida nesta pesquisa.

Quadro 2 – Categorias de análise

	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1	Corpo subjetivo	Descobertas/revelações no/do próprio corpo
		Exploração/criação de movimentos
		Reflexão sobre as práticas
2	Corpo cultuado	Forma/apresentação do corpo
		Redefinição da identidade
		Estratégia de distinção social
3	Corpo dominado	Dominação dos corpos
		Representações de gênero
		Representações de envelhecimento
4	Corpo disciplinado	Representações de raça
		Corpo fisicamente/moralmente educado
		Corpo como meio de aquisição de saúde
5	Corpo biológico	Corpo eugênico
		Rendimento
		Experimentação técnica

Fonte: Autora, 2016

Concluída a etapa da categorização, em que os elementos das discussões semelhantes de corpo foram agrupados, iniciamos a produção de um metatexto, pois, conforme Moraes (2003), é a partir das categorias “que se produzirão as descrições e interpretações que comporão o exercício de expressar as novas compreensões possibilitadas pela análise” (p.197). Assim, o processo de categorização culminou com a produção de um texto argumentativo acerca dos significados construídos a partir dos artigos que compõem o *corpus* de pesquisa. Isso, com o intuito de alcançar a compreensão do fenômeno em pauta, expressando o nosso olhar de pesquisadora sobre o que foi percebido nos artigos.

Por fim, é importante destacar que a produção de um metatexto é um processo repetitivo de reconstrução. A partir dessa construção várias versões poderão ser produzidas por outros pesquisadores, sendo cada uma delas submetida a outros leitores críticos para o seu aperfeiçoamento (MORAES, 2003).

CAPÍTULO II

AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Este capítulo tem como objetivo analisar a discussão acerca do corpo nos periódicos da área da Educação Física. Para tanto, foi realizada uma revisão da literatura a fim de levantar as concepções e abordagens da temática em foco, por meio das palavras corpo e corporeidade.

Assim, a construção deste capítulo tem por base uma pesquisa bibliográfica realizada em cinco periódicos da área da Educação Física, com recorte temporal do ano de 1979 ao ano de 2015. A investigação privilegiou cinco periódicos disponíveis em formato eletrônico e classificados com conceito A e B1 pela Capes: RBCE, RBEFE, EFM, RM e MREF.

Ao realizar o levantamento bibliográfico a respeito do corpo, observamos que as discussões sobre o tema apresentam diversas temáticas, que conforme explicitado no Capítulo I, constituíram as cinco categorias de análise, a saber: corpo subjetivo, corpo cultuado, corpo dominado, corpo disciplinado e corpo biológico.

A predominância da produção incide sobre as temáticas do corpo subjetivo e do corpo cultuado e tem como referência alguns autores franceses, entre eles: Bourdieu (1983), o qual, compreende o corpo socializado não como um objeto, mas com total centralidade na capacidade gerativa e criativa de se socializar por meio de disposições incorporadas e transformadas em posturas corporais; Foucault (2011), para quem o corpo aparece como um campo de forças que se encontram em constante combate, portanto, corpo como alvo do poder, que pode ser moldado e treinado para se tornar útil e sujeitado; Le Breton (2003), que entende o corpo como o primeiro e mais natural instrumento do homem, o seu meio técnico, ou seja, o homem produz as qualidades do corpo na interação com os outros e na imersão no campo simbólico; Mauss (2003), que percebe o corpo como uma construção simbólica e cultural e que o homem faz uso de seu corpo como um produto de suas técnicas e representações; e, Merleau-Ponty (1999), para quem o corpo é um lugar de apropriação do sentido do mundo.

Outra contribuição marcante é a de autores brasileiros, entre os mais citados se encontram as autoras: Soares (1994), a qual tem como tema central de pesquisa a história e memória das práticas corporais em seus aspectos estéticos, higiênicos e de saúde;

Sant'Anna (2001), que tece reflexões acerca da valorização do corpo humano e sua intensa exploração comercial, bem como, os limites do imperativo da beleza e da saúde e a implementação de inúmeras alterações corporais; Goellner (2008), que compreende o corpo como uma construção sobre a qual são impressas diferentes marcas em tempos diferentes, sendo assim, provisório e suscetível a inúmeras intervenções e representações que se cria sobre ele; e, Goldenberg (2002), que entende o corpo como capital físico e simbólico, no qual determinado modelo de corpo se torna a riqueza mais desejada pelos indivíduos que percebem seu corpo como veículo de ascensão social e importante capital no mercado de trabalho, de casamento e sexual.

Este capítulo foi construído com o objetivo de apreender e analisar as temáticas relacionadas ao corpo discutidas nas publicações da área da Educação Física desde as suas primeiras publicações. Propomos inicialmente uma breve digressão a fim de contextualizar o momento de crise do paradigma da Educação Física pautada nas ciências naturais e humanas de cunho positivista, direcionado à aptidão física, à saúde e ao esporte. A digressão se faz necessária, pois foi a partir desse momento de crise que ocorreu a efervescência das discussões na área, culminando com o surgimento dos primeiros periódicos e de vários estudos referentes à temática do corpo que passou a ocupar um espaço significativo nas discussões acadêmicas. Muitos desses estudos foram publicados e tornaram-se referência nos cursos de formação de professores de Educação Física, grupos de estudo, e ainda, fundamentaram os documentos oficiais e as diretrizes pedagógicas no país.

2.1 – Crise da Educação Física a partir do ano de 1980

Tendo como objetivo desta seção a sucinta digressão ao momento de crise da Educação Física, partimos da década de 1980, momento em que, como já mencionamos anteriormente, os efeitos do modelo de Educação Física com ênfase na aptidão física, tendo o esporte como o principal conteúdo das aulas, começaram a serem sentidos e contestados. Momento em que o Brasil, contrariando as expectativas, não se transformou na nação olímpica almejada e a competição esportiva não aumentou significativamente o número de praticantes de exercícios físicos. Iniciou-se uma crise de identidade da Educação Física e seus conteúdos de modelo técnico esportivo e militarista passaram por

um processo de crítica. Essa situação refletiu um contexto econômico e histórico em que a produção capitalista foi questionada, concretizando-se na produção teórica e na luta política de um significativo segmento de profissionais da Educação Física.

Tal situação afetou o sistema social e político, e, também, a educação e, por consequência, a Educação Física e as pedagogias. As críticas e discussões sobre a escola como instrumento da sociedade capitalista permitiram o surgimento de uma corrente revolucionária na Educação Física com o propósito de um projeto que apontasse para a superação do seu paradigma direcionado à aptidão física, à saúde e ao esporte.

Os diversos temas da Educação Física, fundamentada em várias correntes teóricas, foram discutidos e, o corpo, ocupou um considerável espaço em meio a esses debates, aumentando as publicações científicas do período, tanto no que se refere aos periódicos nacionais, quanto ao que se refere à publicação de livros. No que diz respeito aos periódicos selecionados para a investigação, as primeiras publicações coincidem com esse momento de efervescência das referidas discussões. Com relação à publicação de livros na área, citamos as obras que se tornaram referência, tais como, os livros de João Paulo Subirá Medina: *A educação física cuida do corpo... e "mente"*, publicado em 1983, e ainda, *O brasileiro e seu corpo*, publicado em 1987. Na década de 1990, Jocimar Daolio publica o livro *Da cultura do corpo* (1995) e Carmen Lúcia Soares publica os livros: *Educação Física: raízes europeias e Brasil* (1994), e *Imagens da Educação no Corpo* (1998).

2.2 – Corpo e Educação Física a partir do ano de 1980

Para avançar a discussão relacionada a apreensão dos sentidos atribuídos ao corpo/corporeidade nas publicações da área da Educação Física, faz-se necessário elucidar as concepções de corpo presentes nas produções científicas, citadas anteriormente, que se tornaram referência na época.

Como início, apresentamos Medina (1983), que centrado no plano das percepções e da subjetividade publica o livro: *A educação física cuida do corpo... e "mente"*. Nessa publicação, o autor ressalta que a Educação Física necessita superar a superficialidade que historicamente tem caracterizado grande parte da produção sobre

cultura corporal em nosso país e afirma a necessidade de encontrar um sentido mais humano para a cultura física. Para Medina (1983), é importante que se entenda:

[...] nós *não temos* um corpo; antes, nós *somos* o nosso corpo, e é dentro de todas as suas dimensões energéticas, portanto de forma global, que devemos buscar razões para justificar uma expressão legítima do homem, através das manifestações do seu *pensamento*, do seu *sentimento* e do seu *movimento* (p. 12, grifo do autor).

Com essa afirmação o autor traz a perspectiva de um entendimento de relação global entre as dimensões que envolvem o homem e, também, aponta para uma crítica à visão predominante do sentido do corpo. Entre estes três aspectos ainda têm prevalecido a ênfase sobre o pensamento.

Nesse sentido, o autor considera o que ele mesmo denomina de hipertrofia das manifestações intelectuais, isto é, a ênfase no pensamento em detrimento do sentimento e do movimento como uma das razões pela qual a cultura corporal vem sendo colocada em segundo plano, e, aponta a necessidade de uma revolução verdadeira que exija:

[...] uma participação crítica de toda uma coletividade interessada em melhorar o padrão cultural de todos os seus membros. Uma revolução cultural do corpo igualmente exige uma participação crítica, que busque a promoção efetiva do homem brasileiro em todos os seus aspectos (Ibid., p. 13).

Esse seria o papel da Educação, de maneira geral e, por conseguinte, da Educação Física. Essa “revolução cultural” seria “[...] um projeto a ser abraçado por todos aqueles que começam a perceber a necessidade de se recuperar o sentido humano do corpo” (Ibid., p. 13).

A crítica e a busca de Medina (1983) por um “sentido mais humano” para a cultura corporal têm como centro o debate filosófico entre o positivismo e a fenomenologia. Ele busca a sensibilização:

[...] quanto à necessidade de se buscar alguns fundamentos metodológicos de uma pedagogia tanto lúcida quanto avançada, preocupada com um processo de aprendizagem que nos leve a desenvolver a nossa animalidade racional de forma mais humanizante (Ibid., p. 14).

Medina (1983) afirma que o que diferencia os seres humanos dos outros seres vivos conhecidos é a sua consciência. Sendo a consciência do homem entendida “[...] como o estado pelo qual o corpo percebe a própria existência e tudo o mais que existe” (p. 23). Parafrazeando o filósofo Maurice Merleau-Ponty, Medina (1983) afirma que “[...] a consciência é percepção e percepção é consciência” (p. 23). Assim, para Medina (1983), a consciência é um fenômeno que se aproxima mais do “corpo orgânico concreto” do que das abstrações. Qualquer aspecto do homem é manifestado, e dessa forma, requer que seja entendido por meio da unidade de seu corpo, caso almejamos dar a ele uma dimensão humana.

O autor ainda tece uma crítica à Educação Física. Para ele, a disciplina tem vivido ao sabor da moda, condicionada por uma estrutura maior, cujos profissionais não tem um projeto autônomo e, em outra perspectiva, deveria se colocar à serviço do coletivo, “[...] valorizando o corpo na totalidade de suas relações consigo mesmo, com os outros e com a natureza” (Ibid., p. 91).

Em reflexões posteriores, com a publicação do livro *O Brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo*, no ano de 1987, Medina retoma a questão do dualismo corpo-alma que impregnou a divisão em nossa civilização. Esse dualismo possibilitou a instrumentalidade do corpo o qual prevaleceu no pensamento dos filósofos antigos e medievais até a divisão cartesiana entre matéria e mente e, que teve enorme repercussão sobre o pensamento ocidental, no qual atribuímos ao trabalho mental um valor superior ao trabalho manual.

Na referida obra, Medina (1987) chama atenção para o fato de que o corpo dos brasileiros é um corpo que perdeu o ritmo natural, perdeu o equilíbrio e ainda não conseguiu alcançar o estado de bem-estar físico, mental e social. Para o autor, o corpo dos brasileiros é um corpo violado pelas condições histórico-culturais e concretas. Um novo entendimento do corpo, partindo de uma visão global deve buscar “[...] a todo o momento a humanização do próprio corpo, este pedaço de mundo tão carente de humanidade” (MEDINA, 1987, p. 109).

Seguindo a incursão relativa às concepções de corpo, apresentamos Daolio (1995), que, a partir de um olhar antropológico, oferece uma contribuição importante sobre a temática do corpo em seu livro, *Da cultura do corpo*. Para ele, a espécie humana foi constituída pela concorrência simultânea de fatores culturais e biológicos. O autor

recorre a Geertz (1989), para afirmar que “[...] nós somos animais incompletos e inacabados que nos acabamos através da cultura – não através da cultura em geral, mas através de formas altamente particulares de cultura” (p.33). E, também, que é difícil traçar uma linha entre o que é natural, universal e constante no homem e, o que é convencional, local e variável.

Seguindo a linha de pensamento de Geertz (1989), na qual “[...] ser homem não é ser qualquer homem, mas uma espécie particular de homem” (p. 36), Daolio (1995) discute o corpo como uma construção cultural, pois, cada sociedade se expressa de forma diferente por meio de corpos diferentes. E, ainda afirma que, mesmo inconsciente desse processo de construção cultural, todo homem é portador de especificidades culturais no seu corpo.

O autor prossegue enfatizando que todas as regras, normas e valores de uma determinada sociedade estão inscritas no corpo, pois, ele (o corpo), é o primeiro meio de contato da criança com o ambiente. Sendo assim, conforme Daolio,

O homem, por meio do seu corpo vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração (a palavra é significativa). Diz-se correntemente que um indivíduo incorpora algum novo comportamento ao conjunto de seus atos, ou uma nova palavra, ao seu vocabulário ou, ainda, um novo conhecimento ao seu repertório cognitivo. Mais do que uma aprendizagem intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões (p. 39-40).

Inferimos que na concepção de Daolio (1995) o corpo é construído culturalmente, o que permite a expressão de elementos específicos da sociedade da qual faz parte. Cada gesto ou costume é específico de uma determinada cultura que não pode ser considerada melhor ou pior que qualquer outra.

Por fim, Soares (1994) apresenta a perspectiva de uma concepção de “corpo” histórico, e, socialmente construído, contribuindo com uma produção científica relevante para a área. No livro *Educação Física: raízes europeias e Brasil*, ela evidencia uma sociedade com o modelo de conhecimento de abordagem positivista, pautado na biologia e na história natural e que discute as desigualdades sociais pelo viés das desigualdades biológicas. O homem passa a ser explicado pela biologia e, naquele momento, os

profissionais, com o conhecimento de corpo biológico e das práticas que, por meio do corpo, poderiam intervir na sociedade, ganharam espaço (SOARES, 1994).

Nesse sentido, a medicina incorpora certo poder por apresentar os conhecimentos necessários na busca de um corpo saudável e robusto organicamente, em detrimento do corpo doentio e fraco. Segundo Soares (1994), o discurso da época veiculava a ideia que:

[...] as classes populares vivem mal por estarem impregnadas de vícios, de imoralidade, por viverem sem regras. O discurso das classes no poder será aquele que afirmará a necessidade de garantir às classes mais pobres não somente a saúde, mas também uma educação higiênica e, através dela, a formação de hábitos morais. É este discurso que incorpora a Educação Física e a percebe como um dos instrumentos capazes de promover uma assepsia social, de viabilizar esta educação higiênica e de moralizar os hábitos (p. 11).

A educação higiênica mencionada acima foi a concepção dominante da Educação Física no início da sua história. Vale ressaltar que tal concepção era calcada na perspectiva que muitos autores chamaram de higienismo² e foi posta em prática devido ao fato de o Estado moderno, sob a égide do desenvolvimento industrial, necessitar de um controle demográfico e político da família, evitando o seu enfraquecimento físico e moral, bem como o surgimento de lutas e conflitos que ameaçavam o Estado.

Na perspectiva de Soares (1994), a Educação Física, no referido período, foi utilizada pela classe dominante como uma prática capaz de alterar a saúde e os hábitos dos indivíduos, tornando-se necessária para neutralizar os conflitos sociais e deixar os corpos em condições de saúde e higiene a fim de suportar as longas jornadas de trabalho. O que possibilita inferir que a Educação Física esteve ligada à higiene, regenerando a sociedade e esforçando em disciplinar os corpos que eram utilizados como força de trabalho.

Da mesma forma que ocorreu no Brasil, na obra *Imagens da Educação no Corpo*, Soares (1998) constatou, ao percorrer o caminho histórico da ginástica na Europa do

² O higienismo tinha como preocupação central os hábitos de higiene e saúde, valorizando o desenvolvimento do físico e da moral, a partir dos exercícios físicos (DARIDO e RANGEL, 2005).

século XIX, a utilização da Educação Física, pela burguesia, como ferramenta para educar o corpo do homem necessário à sociedade moderna que se firmava naquele momento.

Ao sintetizarmos a discussão de cada autor sobre a temática acima, inferimos que, para Medina (1987) o corpo dos brasileiros é violado pelas condições histórico-culturais e concretas, ou seja, perdeu seu ritmo natural e seu equilíbrio e não conseguiu alcançar um estado de bem-estar físico, mental e social. Para Daolio (1995), o corpo é uma construção cultural, pois, cada sociedade escreve significados nos corpos dos seus membros no decorrer do tempo, o que leva o corpo a ser controlado pela cultura. Conforme o entendimento de Soares (1994), o corpo é histórico e submetido ao controle social. Para obter esse controle utilizam-se instrumentos como a Educação Física, uma vez que esta pode ser útil na função de treinar e educar moralmente o corpo.

A compreensão destas concepções construídas por esses autores a respeito do corpo, a partir da crise da Educação Física, é fundamental, pois, elas vêm subsidiando as discussões acadêmicas e científicas, seja nos Congressos, nos cursos de formação de professores ou nas publicações dos periódicos nacionais da área de Educação Física desde as décadas de 1980 e 1990.

2.3 – As categorias de análise

Partindo das reflexões referentes às concepções de corpo, que vêm permeando as discussões acadêmicas e científicas da área da Educação Física e dos artigos que compõem o *corpus* desta pesquisa, empreendemos a análise das discussões acerca do corpo nas publicações dos periódicos investigados.

As questões discutidas pelos autores, conforme explicitado no Capítulo I, possibilitaram a criação das seguintes categorias de análise: a) corpo subjetivo; b) corpo cultuado; c) corpo dominado; d) corpo disciplinado; e, e) corpo biológico. Essas categorias buscam sintetizar uma relação de aspectos que envolvem a temática do corpo. Por isso, conforme Bardin (1977), elas cumprem o papel de reunir “[...] um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos” (p. 117). Ou seja, buscam trazer à tona novas disposições das discussões quanto ao corpo. Nesse

sentido, objetivamos desvendar o que os pesquisadores da área da Educação Física vêm nos apresentando nas últimas décadas sobre a temática do corpo.

Para a discussão de cada uma das categorias definidas, é necessário discorrer, mesmo que preliminarmente, sobre as relações de poder que estabelecem como o corpo é significado e representado, visto que a discussão a respeito do poder permeará a reflexão sobre a construção das discriminações e os mecanismos que conformam o corpo, tais como, limitações, proibições e obrigações que estão presentes nas categorias de análise. Sabemos que um sistema de representações atribui significado de identidade e valor a indivíduos dentro da sociedade. Desse modo, o poder se expressa nas diversas relações sociais e o corpo se constitui como um instrumento de poder e dominação, sempre se adequando às necessidades inerentes à sociedade.

Para tanto, optamos pela obra de Pierre Bourdieu e Michel Foucault, uma vez que os dois autores elaboraram uma ampla discussão em relação ao tema. Embora Pierre Bourdieu relacione o poder simbólico ao poder político e econômico e, Michel Foucault, entenda o poder do ponto de vista da luta, da relação de forças, da estratégia com o objetivo de acumular vantagens, sem associá-lo necessariamente aos referidos poderes, os dois autores, neste texto, se apresentam como complementares, pois, no desenvolvimento das discussões das categorias, ora serão necessárias as contribuições teóricas de um, ora as contribuições do outro.

A aproximação da discussão sobre o poder com as questões relacionadas ao corpo como instrumento de poder, constitui o foco dos próximos parágrafos. Para isso, antes de qualquer coisa, se faz necessário compreender o sentido etimológico da palavra poder. A palavra vem do latim vulgar *potere*. No latim clássico, mediante a contração *potis esse*, tem-se *posse*, que significa “ser capaz”, “autoridade”, representando força, controle, persuasão etc. Já no dicionário da filosofia, o poder de um indivíduo ou instituição exprime “a capacidade de este conseguir algo, quer seja por direito, por controle ou influência”, “a capacidade de se mobilizar forças econômicas, sociais ou políticas para obter um certo resultado”, e “pode ser exercido na ignorância de sua existência ou efeitos, embora, claro, seja frequentemente exercido de forma deliberada” (BLACKBURN, 1997, p. 301). Em um dicionário comum de língua portuguesa, a palavra poder apresenta 29 significados, valendo destacar: “ter a faculdade”, “ter possibilidade

ou autorização”, “ter o direito”, “dispor de força ou autoridade”, “direito de deliberar, agir e mandar” e “domínio” (FERREIRA, 1999, p. 1591).

Iniciando a discussão relativa ao corpo como instrumento de poder, temos em Mauss (2003), que “o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem” (p. 407). Disso depreende que, sendo o corpo a primeira forma de identificação dos indivíduos, nele se inscrevem os elementos culturais que permeiam as experiências que os indivíduos vivem no decorrer da vida, portanto, o corpo é o local privilegiado do exercício do poder. Poder que pode construir ou moldar opiniões que levam às discriminações sociais.

Ao apropriarmos do referencial teórico de Pierre Bourdieu, temos que o autor, ao discorrer sobre a “construção social dos corpos” tanto de homens quanto de mulheres, entende o *habitus* como um “corpo socializado” (BOURDIEU, 2002). Assim, surge um espaço propício para uma reflexão sobre os mecanismos de construção social das discriminações de toda sorte, tais como, de gênero, de idade, raça, entre outras. De acordo com o autor, uma reflexão desse tipo faz parte da análise de poder e dos mecanismos da dominação.

Wacquant (2007), colaborador norte-americano de Pierre Bourdieu, ao esclarecer sobre o *habitus*, afirma que se trata de uma noção mediadora que ajuda romper com a dualidade entre indivíduo e sociedade ao distinguir “a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade”, ou melhor,

[...] o modo como a sociedade torna-se depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam em suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações de seu meio social existente (p. 65).

Conforme Wacquant (2002), o indivíduo interioriza várias disposições ao longo da vida. Assim, a socialização adequada do indivíduo está relacionada a habituação dos gestos e comportamentos. Para o autor, o “*habitus*” surge de uma ordem prática que, “[...] incrustada no fundo do corpo, escapa à lógica da escolha individual” (p.118). As escolhas são orientadas pelo sentido prático que são sistematizadas mesmo não sendo deliberadas pelo indivíduo.

O *habitus* resume, então, uma aptidão social que varia com o tempo, o lugar e, principalmente, com as distribuições de poder. E ainda, é transferível a vários domínios de prática, que pode ser verificado na coerência entre vários domínios de consumo e outras escolhas no interior de uma mesma classe social e entre indivíduos pertencentes a ela, fundamentando os estilos de vida (Bourdieu, 2007b).

Pensando nessas classes sociais, Bourdieu (1989) tenta esclarecer as relações de poder presentes entre elas. O autor revela as formas tácitas de dominação das classes sociais, segundo a qual, as classes dominantes não dominam completamente as classes dominadas e nem exercem força no sentido de seus dominados conformarem com a dominação. O autor sustenta a ideia da existência do poder simbólico, no qual, as classes dominantes se beneficiam de um capital simbólico, reproduzido por meio de instituições e práticas sociais, que permitem o exercício do poder. Os símbolos³ tornam possível a obtenção do consenso referente ao mundo social contribuindo de forma eficaz para a reprodução da ordem social dominante.

Para Bourdieu (1989), “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou que lhe exercem” (p. 7-8). Assim, para que o exercício do poder tenha efeito é necessária a legitimação do poder pelo outro. E, para o autor,

Poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário. [...] se define numa relação determinada - e por meio desta - entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a *crença* (grifo do autor) (p.14 -15).

Tem-se assim, uma forma transformada e legitimada das outras formas de poder. O poder simbólico é fruto de uma dissimulação que garante uma verdadeira transformação das relações de força que ignora a violência que elas encerram e, que, são capazes de produzir efeitos sem dispêndio de energia.

³ Os símbolos são os instrumentos por excelência da “integração social”: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social (BOURDIEU, 2002, p. 11).

O poder também pode ser analisado sob outro aspecto. Nesse caso, é entendido como um conjunto de práticas sociais e discursos produzidos historicamente, que disciplinam o corpo e a mente dos indivíduos e grupos, como na perspectiva defendida por Michel Foucault.

Para esse autor, o poder se situa entre o direito e a verdade. Ele se preocupa com o modo pelo qual o poder é exercido, ou seja, busca a compreensão dos mecanismos de poder destacados, de um lado pelos limites impostos pelo direito, com suas regras institucionalizadas, e, por outro lado, pela verdade, cujos efeitos conduzem ao poder. Estabelecendo, dessa forma, a relação entre poder, direito e verdade.

Para Foucault (1984), os indivíduos estão submetidos à verdade, no sentido em que ela é lei e produz o discurso verdadeiro que decide e reproduz os efeitos de poder. A verdade torna-se dependente do poder. Os indivíduos são julgados, condenados, obrigados a desempenhar tarefas, e ainda, destinados a uma determinada maneira de viver e morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de relações de poder. Desse modo, a verdade constitui um conjunto de procedimentos regulados para o funcionamento dos discursos e está ligada a sistemas de poder que a produzem. A verdade passa a ser a norma e os discursos considerados verdadeiros são as referências para os processos de classificação, julgamento, condenação, coação, entre outros, dos indivíduos.

As relações de poder passam por transformações e, a mais importante, segundo Foucault (2011), é que o poder soberano foi substituído pelo poder disciplinar e, as monarquias se transformaram gradativamente em sociedades disciplinares. Isso devido ao aumento de instituições como escolas, prisões, fábricas etc., que se constituem como altamente disciplinadoras.

Diferente do poder soberano que se materializa na figura do rei e se apropria dos bens dos súditos, o poder disciplinar se materializa nos corpos dos sujeitos com o intuito de adestrá-los. Conforme afirma Foucault (2011), “o poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e retirar tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor” (p. 164). Tudo por meio das técnicas disciplinares que desenvolvem as habilidades e as aptidões dos indivíduos tornando-os mais úteis e, conseqüentemente, aumentando os rendimentos e lucros.

Além da mudança na materialização do poder, ocorre também uma mudança na centralidade do poder. O poder se desloca do soberano, no centro das relações de poder, para a periferia, sendo distribuído por toda parte. É a existência de uma rede de micro poderes articulada que atravessa toda a estrutura social. Portanto, as pessoas que governam e a prática de governo são práticas múltiplas, pois muitas pessoas podem governar: o pai de família, o superior de um convento, o professor em relação ao aluno etc. Qualquer pessoa pode exercer relações de poder, dependendo da sua capacidade de produzir conhecimento e utilizá-lo em seu benefício, pois, a medida que se produz saber, acumula informações e as utiliza como conhecimento, os efeitos do poder são produzidos.

Neste contexto, o poder passa a ser analisado a partir da periferia, ou seja, a partir dos micros poderes que perpassam a estrutura social, ao invés de partir do centro das relações de poder. Trata-se, segundo Foucault (1984),

[...] de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações, lá onde ele se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violento (p. 182).

O poder passa a funcionar como uma rede de mecanismos que atravessa toda a extensão da sociedade. Com isso houve uma disseminação das disciplinas que, para Foucault (2011), nada mais são que: “[...] métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (p. 133). Elas comportam um conjunto de instrumentos, técnicas e procedimentos que têm como objetivos organizar o espaço físico, controlar o tempo e promover a vigilância, tanto nas prisões, hospitais e quartéis, quanto nas escolas, desempenhando assim um tipo de relação de poder que se exerce continuamente por meio dessa ação cerceadora.

Por meio das disciplinas, o exercício do poder fica menos dispendioso econômica e politicamente, os efeitos do poder são intensificados ao máximo possível, a docilidade e utilidade dos indivíduos são ampliadas (FOUCAULT, 2011). Para esse intento, a existência das técnicas disciplinares e das instituições que assumem como tarefa o controle é imprescindível. Nesse sentido, ao se referir ao trabalho penal, Foucault

(2011) discorre, "A utilidade do trabalho penal? Não é um lucro, nem mesmo a formação de uma habilidade útil, mas a constituição de uma relação de poder, de uma forma econômica vazia, de um esquema de submissão individual e de seu ajustamento a um aparelho de produção" (p. 230). A figura arquitetural do Panóptico de Jeremy Bentham ilustra essa composição:

O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro uma torre; esta é vazada por largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então na torre central instalar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. (...). É visto, mas não vê; (...) Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder (p. 190-191).

Desse modo, o louco, o operário, o condenado, o escolar, o doente, entre outros, que se encontra em um campo de visibilidade ou vigilância, assumem, por conta própria, as limitações impostas pela relação de poder, tornando-se o princípio da sua própria sujeição. Esse tipo de poder prescinde da força para se alcançar a sua eficácia, e ainda, esse poder, como capacidade de agir sobre a ação do sujeito, impede qualquer possibilidade de resistência.

Partindo das reflexões acerca das relações de poder que estabelecem como o corpo é significado e representado na obra de Pierre Bourdieu e Michel Foucault, empreendemos a discussão sobre cada uma das categorias constituídas nesta pesquisa, valendo mais uma vez relembra-las: corpo subjetivo, corpo cultuado, corpo dominado, corpo disciplinado e corpo biológico.

2.3.1 – Corpo subjetivo

O corpo exprime-se como um fenômeno e, devido a essa característica, está sujeito a vários entendimentos a partir de diferentes tipos de olhares. Nesta seção temos como objetivo refletir as relações de subjetividade com o corpo. Em meio a essa reflexão,

o corpo do sujeito aparece como o seu próprio modo de ser no mundo. Isso leva a necessidade de repensar a subjetividade na corporeidade, partindo da ideia de que não se tem um corpo, o corpo não é morada do sujeito e nem é algo de que se possa desvencilhar, o sujeito é seu corpo. Segundo Medina (1883),

[...] nós *não temos* um corpo; antes, nós *somos* o nosso corpo, e é dentro de todas as suas dimensões energéticas, portanto de forma global, que devemos buscar razões para justificar uma expressão legítima do homem, através das manifestações do seu *pensamento*, do seu *sentimento* e do seu *movimento* (p. 12, grifo do autor).

Medina (1883), ao mesmo tempo em que estabelece esse entendimento, tece uma crítica à visão, ainda presente em relação ao corpo, que privilegia a ênfase no pensamento. Essa ênfase foi fundada nas bases para a ciência moderna, lançadas por Descartes. Tais bases, tendo como pressuposto a máxima “penso, logo existo”, impregnada da visão dicotômica da existência que divide a realidade matéria (corpo) e substância pensante (alma), considerando o corpo como suporte do sujeito, cede lugar a outro modo de conceber o corpo. Nesse outro modo, de acordo com Merleau-Ponty (1999), o corpo antes de ser um objeto é o próprio jeito de ser no mundo, “o corpo é nosso meio geral de ter um mundo” (p. 303).

Com esse pensamento em mente, Merleau-Ponty (1999) critica a tradição cartesiana que,

[...] habituou-nos a desprender-nos do objeto: a atitude reflexiva purifica simultaneamente a noção comum do corpo e a da alma, definindo o corpo como uma soma de partes sem interior, e a alma como um ser inteiramente presente a si mesmo, sem distância. Essas definições correlativas estabelecem a clareza em nós e fora de nós: transparência de um objeto sem dobras, transparência de um sujeito que é apenas aquilo que pensa ser. O objeto é objeto do começo ao fim, e a consciência é consciência do começo ao fim. Há dois sentidos e apenas dois sentidos da palavra existir: existe-se como coisa ou existe-se como consciência (p. 268).

Para Merleau-Ponty (1999), o corpo está em primeiro plano e se revela como o modo pelo qual o homem percebe a si e o mundo. No entanto, tradicionalmente, a percepção era considerada, em alguns momentos, como oriunda da consciência do sujeito e, em outros momentos, como oriunda do objeto. Mas de acordo com a reflexão

fenomenológica do autor, o sentido emerge na relação entre o sujeito e o objeto e esta relação é mediada pelo corpo, ou seja, o sujeito tem consciência do mundo por meio de seu corpo. Assim, a consciência emerge da reflexão a partir da percepção do corpo.

Fundamentado em Merleau-Ponty, Medina (1983) afirma que consciência é percepção e percepção é consciência, ressaltando a ideia de que “a consciência é um fenômeno que se aproxima muito mais do *corpo orgânico concreto* que das abstrações – enquanto considerações isoladas – de espírito, mente ou alma” (p. 23, grifo do autor).

O deslocamento da consciência da interioridade para a relação do corpo com o mundo traz implicações para a corporeidade, entendida por Merleau-Ponty (1999) como corpo-vivido, ou seja, a experiência do corpo ou o corpo em realidade. O corpo não como objeto do mundo, mas como meio de comunicação com ele; um mundo não como soma de objetos, mas como horizonte de experiências do homem.

Transpondo essa experiência para a Educação Física, temos que esta (a Educação Física), em meio a discussões, buscou um movimento que concebesse o homem integralmente, apontando para a importância da compreensão do movimento como experiência corpórea. Vários autores desenvolveram estudos nessa perspectiva, tais como, Betti (2010), Kunz (2000), Moreira (1995), Sérgio (1996), Santin (2003), entre outros.

Estabelecendo relação entre a Educação Física e a corporeidade, Santin (2003) enfatiza que “o homem é corporeidade e, como tal, é movimento, é gesto, é expressividade, é presença” (p. 35). O autor prossegue afirmando que, “o homem é movimento, o movimento que se torna gesto, o gesto que fala, que instaura a presença expressiva, comunicativa e criadora” (id. *ibid*). Assim, o homem instaura sua presença como corporeidade. Nesse sentido, a Educação Física encontra espaço no gesto que se faz e fala. Não no gesto mecânico e vazio de significado, mas no movimento que se repete, se refaz, se inventa, se cria e expressa sentimento, sendo sempre movimento novo, diferente e original. Movimento que segundo Santin (2003) é arte.

Para Santin (2003), toda ação humana é intencional. Pautando-se nesse princípio o autor conclui que

[...] os movimentos humanos estão sempre envolvidos pelo mundo das significações. Em outros termos, nenhum movimento humano está no mesmo nível do movimento animal e das máquinas. O homem se

posiciona e se move sempre intencionalmente, ou seja, significativamente (p. 46).

Segundo o autor, torna-se possível articular a organização dos movimentos do homem que a Educação Física põe em prática, propondo outras intencionalidades que não a do movimento mecânico e desprovido de significado.

Nessa mesma perspectiva, apresentamos a teoria da motricidade humana, defendida por Sergio (1996) como uma possibilidade, pois, concebe o corpo como uma construção física, cultural e social que possibilita o entendimento do mundo e das coisas, abrindo as portas da sensibilidade e da percepção, por meio do corpo, pois, sem ele (o corpo), de acordo com o autor, deixa-se de viver quem realmente se é.

Buscando a totalidade humana por meio da corporeidade, Sergio (1996) enfatiza a possibilidade do desenvolvimento humano por meio da motricidade, considerando o corpo e suas manifestações na interação dos processos biológicos com os processos socioculturais. Conforme o autor, “o ser humano é corporeidade e, por isso, é movimento, expressividade e presença” (p. 22). O ser humano se completa nas relações consigo mesmo e com o que se encontra em sua volta, ele necessita de seu corpo para estabelecer esta interação.

Disso depreende que por meio do movimento, o corpo situa o sujeito no mundo posicionando-o em relação às coisas, seja movimentando-se ou dirigindo-se a alguma coisa, ou apenas voltando-se o olhar. O movimento revela, também, a capacidade expressiva do corpo. A forma de caminhar, os gestos, a postura, o tom de voz, todas essas ações dizem muito sobre o jeito de ser do sujeito. Em algumas circunstâncias, o modo de agir revela mais sobre o sujeito do que suas próprias palavras. Partindo dessa ideia, os movimentos técnicos e repetitivos, tradicionalmente utilizados nas aulas de Educação Física, por exemplo, seriam abolidos.

Assim, a motricidade é entendida como uma prática corporal em conformidade com a dimensão simbólica do corpo. As práticas corporais nos comunicam algo, são modos de dizer do corpo, modos e formas de uso do próprio corpo. Um modo de ser com possibilidades de expressão múltiplas. A motricidade apresenta relação com a expressão da corporeidade porque longe de posturas mecanicistas, o que importa, é a experiência do próprio corpo que realiza o movimento.

Os movimentos e os gestos são carregados de significação. O corpo, tanto na expressão de um olhar quanto em uma atividade elaborada como a dança, por exemplo, expressa significados. A capacidade expressiva, que se constitui como o foco desta seção, sustenta a subjetividade presente em cada movimento realizado pelo corpo. O corpo exprime a própria significação, seja por gestos ou por palavras. Situação ilustrada por Merleau-Ponty (1999) ao afirmar, “[...] eu não percebo a cólera ou a ameaça como um fato psíquico escondido atrás do gesto, leio a cólera no gesto, o gesto não *me faz pensar* na cólera, ele é a própria cólera” (p. 251, grifo do autor).

Assim, o gesto é expressão da corporeidade que se lê a partir do próprio corpo. Os sentidos do gesto são imanentes da própria expressão. O sentido não é algo dado e nem constituído previamente, e, sim, algo que se produz em um determinado contexto, sempre resultante da relação do sujeito com o mundo.

É importante ressaltar também que os gestos são compreendidos mediante uma situação em que os sujeitos estejam envolvidos em uma relação de troca. Conforme Merleau-Ponty (1999),

Obtém-se a comunicação ou a compreensão dos gestos pela reciprocidade entre minhas intenções e os gestos do outro, entre meus gestos e intenções legíveis na conduta do outro. Tudo se passa como se a intenção do outro habitasse meu corpo ou como se minhas intenções habitassem o seu (p. 251).

Ao se expressar, o corpo exprime algo para alguém, transcendendo os gestos puramente físicos. O corpo é, ao mesmo tempo, a expressão de um gesto e o criador de um sentido para o gesto no corpo do outro.

O movimento corporal não pode ser entendido como um simples deslocamento físico no espaço ou simples movimentação de músculos e ossos. É necessário assumir uma postura crítica frente à concepção de movimento mecanicista e fisiologista. As práticas corporais estão relacionadas com a experiência vivida pelo sujeito, ou seja, o movimento pressupõe uma disposição, uma vontade. Em qualquer forma de movimentar-se é possível perceber a emoção expressa, a manifestação de sentido que revelam uma estreita relação com o contexto do sujeito. O que o corpo diz em gestos, deslocamentos e posturas é carregado de particularidades que só se fazem compreensíveis em seu próprio contexto. Por meio do movimento corporal o sujeito manifesta o seu modo de ser.

Nesse entendimento, os movimentos corporais que trazem prazer, sensibilidade e, produzem sentido, são privilegiados em detrimento dos movimentos técnicos e padronizados pautados em uma determinada funcionalidade. O corpo ao mesmo tempo em que se move, também pensa, cria, sente e imagina, movendo ideias e emoções. Por isso, a experiência que faz sentido é a mais importante, e, não a experiência de movimento dirigido a uma finalidade que implica um movimento corporal previamente definido e repetitivo. A experiência do corpo é fundamental para que o sujeito perceba, seja percebido e se reconheça mediante a sociedade na qual convive.

Em síntese, de acordo com Merleau-Ponty (1999), o corpo não é um objeto, e sim, um conjunto de significações vividas. O mundo vivido e a subjetividade devem ser resgatados como experiência corporal mediada pelo movimento, pois, “ser uma consciência, ou, antes, *ser uma experiência*, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles” (p. 142, grifo do autor).

2.3.2 – Corpo cultuado

O corpo e os assuntos relacionados a ele despertam interesse desde a antiguidade, sendo objeto de destaque e sempre relacionado aos interesses e necessidades de cada momento histórico. As práticas e as representações relacionadas ao corpo demonstram a sua adequação às necessidades inerentes à sociedade. Isso fica evidenciado em Mauss (2003), ao esclarecer que a sociedade sempre desenvolveu modos eficazes e particulares de lidar com o corpo em decorrência das necessidades sociais. Conforme suas palavras, as técnicas do corpo “[...] variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam, sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios” (p. 404).

O corpo contemporâneo difere substancialmente do corpo de qualquer outro período histórico vivenciado. Em nenhum outro momento presenciou-se uma preocupação com a busca da beleza e da juventude como atualmente. Assistimos a uma exaltação do corpo, com ênfase na sua exposição e exibição pública jamais presenciada anteriormente. A aparência se tornou uma das dimensões mais valorizadas no corpo. De

acordo com Goldenberg e Ramos (2002), vivemos a época da civilização das formas, na qual o corpo belo, jovem e magro tornou-se objeto de consumo, excessivamente exaltado.

Abrindo um parêntese à sequência de raciocínio acerca da exaltação do corpo para uma pequena digressão, observamos que historicamente o corpo foi escondido e aparentemente controlado. Na Idade Média, sob a influência da Igreja Católica, o corpo foi concebido como pecaminoso e desvalorizado. A dicotomia corpo/mente se transformou na dicotomia corpo/alma, sendo a alma a parte digna e o corpo ora era visto como templo da alma, ora como oficina do pecado. Vale ressaltar que a concepção de pecado justificava a sua eliminação pela fogueira da inquisição como forma de “derrotar o demônio” que poderia se apoderar do corpo. Percebemos que, naquele momento, havia certa contradição da Igreja em relação ao corpo, o qual poderia ser entendido tanto como meio de pecado quanto meio de salvação das pessoas.

Avançando para o período da Renascença, notamos que com os novos estudos da anatomia e fisiologia estabeleceu-se uma outra compreensão de corpo. O corpo passou a ser concebido como belo e o nu passou a ser destacado nas artes, afastando-se cada vez mais da visão religiosa e aproximando-se de uma visão funcional.

Voltando à sequência de raciocínio relacionado à exaltação do corpo, em período mais recente, sob a égide da industrialização, novas tecnologias com base na informação e na ciência surgiram e transformaram o modo de pensar, consumir e comunicar. Percebemos a mudança na relação das pessoas com o seu próprio corpo e na transformação dele em decorrência de novos valores que vêm sendo estabelecidos e substituídos. O conceito de beleza sofreu mudanças em relação aos conceitos de períodos anteriores e a busca pelo corpo belo e em forma passou a ser entendida como uma meta individual a ser alcançada com esforço e força de vontade.

Neste contexto, em que o corpo se tornou alvo de preocupação e investimento, o culto ao corpo vem sendo objeto de reflexão de vários pesquisadores brasileiros, entre eles, Goldenberg (2002), Malysse (2002), Sabino (2002), Dantas (2011) e Amaral (2011), os quais entendem-no a partir de uma cultura de atitudes que envolve tanto o consumo de uma série de produtos e serviços disponíveis, como o sentido de adoração mediante as possibilidades de construção da aparência.

De acordo com Goldenberg (2002), o culto ao corpo foi altamente difundido com a generalização das normas de cuidados com o corpo da mulher, e em menor grau, com

o corpo do homem. Embora o culto ao corpo apresente eficiência no movimento de individualização, responsabilizando cada indivíduo pela construção e/ou manutenção do seu corpo conforme os padrões de beleza e saúde vigentes, é possível perceber, no argumento da autora, movimentos que apresentam um sentido contraditório, pois,

Quanto mais se impõe o ideal de autonomia individual, mais aumenta a exigência de conformidade aos modelos sociais do corpo. Se é bem verdade que o corpo se emancipou de muitas de suas antigas prisões sexuais, procriadoras ou indumentárias, atualmente encontra-se submetido a coerções estéticas mais imperativas e geradoras de ansiedade do que antigamente (p. 9).

As “coerções estéticas” e a “ansiedade” em alcançar a forma física que mais se aproxima ao padrão de beleza estabelecido e aceito socialmente, não leva o indivíduo apenas a busca de academias ou a prática de atividades físicas, mas, leva, também, a busca de diversas práticas de consumo, tais como, dietas, suplementos, cosméticos, vestuário e, até mesmo, intervenções médicas. Leva ainda, a indicadores que conforme Silva (2001), levantam preocupações referentes à expectativa de corpo que vem se tornando hegemônica. Segundo a autora, “a radicalização do modelo técnico tem levado a iniciativas de alteração do código genético e do sistema endócrino, da criogenia, buscando a “saúde perfeita” e a eternização da juventude” (p. 3).

Sabemos que essa preocupação está presente entre as diferentes faixas-etárias, grupos sociais, e, também, entre homens e mulheres. Embora alguns produtos e serviços tenham um custo alto, sendo privilégio das classes mais favorecidas economicamente, percebemos que o culto ao corpo está presente, também, nas classes sociais menos favorecidas economicamente. A disseminação da ideia de que é possível o aperfeiçoamento corporal por meio de exercícios físicos, planos alimentares, cosméticos, procedimentos médicos etc., e ainda, de que o aperfeiçoamento corporal é necessário para alcançar o sucesso, leva os indivíduos a admirar e buscar alcançar essa construção da aparência.

A preocupação com a construção da aparência se torna importante da mesma forma que a preocupação com a construção da identidade torna-se tarefa dos indivíduos. Conforme Giddens (2003), a identidade social de um indivíduo, em uma sociedade tradicional, é limitada pela tradição, parentesco e localidade. Em uma sociedade moderna,

impõe-se ao indivíduo a tarefa crucial de definir sua própria identidade em um mundo com diversidade de possibilidades e escolhas. Assim, o indivíduo se torna responsável por si mesmo, tendo que redefinir sua identidade frequentemente.

Ainda de acordo com Giddens (2003), o constante processo de redefinição da identidade implica na construção de um estilo de vida em que o corpo assume centralidade mediante a pluralidade de escolhas sobre dietas, modalidades de atividades físicas, cirurgias estéticas etc. Isso possibilita ao indivíduo a construção de um estilo em que ele ao mesmo tempo possa ser único e identificar-se com os outros.

Continuando com a compreensão do corpo ocupando posição central na vida social moderna, em Bourdieu (2007a), temos que o corpo, sendo um local de significados simbólicos, a adequação do sujeito às necessidades imanentes da sociedade, neste caso específico a questão da beleza e saúde, está relacionada a um dispositivo que atua no sentido de determinar gostos, práticas e estilos de vida associados a uma classe social por meio do *habitus*, que se constitui como

[...] um sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes (p. 191).

Desse modo, a representação do corpo ocupa um lugar central na sociedade, fazendo do corpo algo manipulável na tentativa de alcançar uma imagem corporal que seja aceita por si e pela sociedade em geral. Muito próximo do entendimento do *habitus* de Pierre Bourdieu, está o entendimento de hábito de Marcel Mauss. A partir da discussão a respeito dos “usos do corpo” de Marcel Mauss, Pierre Bourdieu ampliou o conceito (de hábito) tornando-o conhecido. Assim, Mauss (2003), ao discutir as “técnicas corporais” chama a atenção para a importância da “imitação prestigiosa”, que consiste na imitação e aprendizado de gestos de pessoas que alcançaram um determinado sucesso. No contexto atual é possível enumerar várias situações que servem de parâmetro de sucesso no sentido proposto por Mauss (2003), mas, também, como modelos a serem buscados por indivíduos que querem alcançar padrões pré-determinados de beleza, por exemplo.

Retomando a discussão do corpo como algo manipulável ou inacabado, temos em Le Breton (2003), que o corpo deixa de ser visto em sua inteireza e passa a ser compreendido como se fosse composto por partes sempre passíveis de melhoras,

modificações, trocas, ou seja, algo que se modifica de acordo com os anseios do indivíduo e a moda. A insatisfação e sensação de incompletude com o próprio corpo levam ao entendimento de que “não é mais o caso de contentar-se com o corpo que se tem, mas de modificar suas bases para completá-lo ou torná-lo conforme a ideia que dele se faz” (p. 22).

A ideia de complementação ou transformação promove um distanciamento do indivíduo em relação ao próprio corpo e dos próprios desejos em função da busca de uma imagem corporal difundida e imposta por interesses financeiros. Na lógica desses interesses, as necessidades do sujeito são manipuladas fazendo surgir falsas necessidades de consumo de modo que o indivíduo consuma cada vez mais. Em meio a essa necessidade de consumo, a conquista da imagem corporal, conforme o modelo vigente, é desejada como qualquer outra mercadoria, transformando o corpo em mercadoria vendável. Na busca desenfreada pelo consumo, de acordo com Baudrillard (1995), o mais belo e precioso de todos os objetos é o corpo, se constituindo “como Capital e como Feitiço” (p.137). Ainda, conforme o autor, não só o corpo, mas a sexualidade também vive o “imperativo da moda”, desencadeando um consumo pelo erotismo, pois

Importa que o indivíduo se tome a si mesmo como objecto, como o mais belo dos objectos e como o material de troca mais precioso, para que, ao nível do corpo desconstruído, da sexualidade desconstruída, venha a instituir-se um processo económico de rendibilidade (p. 143).

De acordo com Baudrillard (1995) o veículo privilegiado da beleza e da sexualidade está relacionado ao corpo feminino. Embora os homens também estejam recorrendo a tratamentos estéticos e intervenções em busca da imagem corporal que atenda ao padrão de beleza vigente, é o corpo feminino que se reduz ao valor erótico. Isso devido ao fato da mulher e seu corpo terem sido historicamente associados à sexualidade, sendo destinados à servidão e à rejeição social. Sendo “Mito Estético/Erótico” ao mesmo tempo em que o corpo da mulher se apresenta como objeto, ele se faz vender. A mulher necessita de um corpo sensual e a publicidade reforça essa situação, pois, nela presencia-se sempre a exibição do corpo feminino e a sua erotização. A publicidade sempre traz a oferta de algo para ser consumido, nas palavras de Baudrillard (1995), com “vibração sexual”, associando à sociedade do consumo a “sexualização automática dos objectos de primeira necessidade” (p. 152).

Retomando o corpo, tanto do homem quanto da mulher, vale destacar que o culto ao corpo se reveste de uma certa contradição, pois, ora se apresenta o discurso de preservação e manutenção de um corpo saudável, tendo como perspectiva a saúde, ora se apresenta pelo discurso da beleza na perspectiva de manutenção do corpo jovem. Com relação à preocupação com a saúde, as consequências positivas advindas da atividade física não impedem o uso de anabolizantes por uma parcela de indivíduos que cultuam o corpo, conforme apresentado nas pesquisas de Iriart e Andrade (2002), Sabino (2002), Silva e Moreau (2003), Silva *et. al.* (2007), Araújo; Andreolo e Silva (2001). Contribui para esta situação a representação de que manter o corpo em forma é equivalente a ter um corpo saudável. Nesse sentido, aparência corporal revela o estado de saúde do indivíduo, sendo um indicador importante de boa saúde, mesmo que isso implique o uso de anabolizantes.

Os usuários de anabolizantes constroem a ideia de que o uso dessas drogas associadas a exercícios físicos de grande intensidade é uma conduta saudável, pois, o resultado aparente é conseqüentemente um corpo com musculatura desenvolvida e sem gordura localizada. Um corpo sem gordura e com musculatura rígida, na sociedade do culto ao corpo, é um corpo saudável.

Em qualquer uma das perspectivas, tanto a da saúde quanto a da beleza, tem-se o entendimento de que são os cuidados com o corpo que revelam a essência do sujeito. A apresentação corporal é importante no estabelecimento das distinções sociais, pois o corpo se comunica por meio da linguagem/gestualidade e da forma. Mais uma vez recorremos a Bourdieu (2007b) o qual entende as práticas corporais como marcadores de distinção social. O consumo alimentar, cultural e a forma de apresentação, que inclui consumo de produtos de beleza, vestuário, cuidados e manipulação do corpo, são as três maneiras de se distinguir socialmente. Assim,

[...] o corpo é a objetivação mais irrecusável do gosto de classe, manifestado sob várias maneiras. Em primeiro lugar, no que tem de mais natural, na aparência, ou seja, nas dimensões (volume, tamanho, peso, etc.) e nas formas (redondas ou quadradas, rígidas ou flexíveis, retas ou encurvadas, etc.) de sua conformação visível em que se exprime de inúmeros modos uma verdadeira relação com a corpo, ou seja, a maneira de tratá-lo, cuidar dele, alimentá-lo, sustentá-lo, que é reveladora das disposições mais profundas do *habitus* (p. 179).

Cada classe social tem um *habitus* diferente. O corpo social é o corpo portador do *habitus*. O corpo passa a ser portador do *habitus* quando ele é moldado a partir das condições culturais. O processo de socialização produz um indivíduo por meio das relações sociais forjadas. Dessa forma, o *habitus* articula o individual e o coletivo

Relacionando o culto ao corpo aos critérios de distinção social de Bourdieu (2007b), temos que as práticas corporais são apresentadas como distinção de classe. Resguardadas as diferenças entre as práticas corporais nas classes sociais distintas, como por exemplo, o tipo de alimentos consumidos (*light, diet*), o esporte a que tem acesso, o padrão da academia frequentada etc., a imposição do modelo corporal vigente é o mesmo para todos. Por isso, um número cada vez maior de indivíduos busca se adequar aos padrões de beleza vigentes, com vistas à construção de um corpo praticamente inatingível.

Embora a imposição do modelo corporal seja o mesmo para todos, observamos indivíduos que se entregam aos exercícios físicos como seres subjugados ao culto do corpo belo. Eles dedicam grande parte do seu tempo em academias devido ao comportamento compulsivo pela modelagem corporal. Nesse caso, o bem-estar não resulta apenas do condicionamento físico alcançado, mas da construção da imagem corporal que atenda ao padrão vigente.

A mudança em relação à motivação para a prática de exercícios físicos, associados ao exagerado culto ao corpo, pode transformar-se em patologia. A obsessão com a aparência corporal que se manifesta sob a forma de compulsão pela construção do corpo em academias está relacionada ao que vem sendo denominado corpolatria. A palavra corpolatria foi utilizada por Codo e Senne (1985) para caracterizar o processo de alienação típico da sociedade capitalista. A corpolatria é caracterizada pela preocupação e cuidados extremos com o corpo no sentido do narcisismo⁴. Os autores constataam que o culto ao corpo tem todas as características de uma religião, pois, “uma religião carece de *milagres*, a Corpolatria tem milhares a oferecer...” (p. 12, grifo do autor). Na religião para alcançar uma graça são necessárias penitências e na corpolatria para alcançar a graça pretendida é necessário se submeter ao sacrifício. O indivíduo influenciado pela

⁴ Narcisismo é um conceito que na psicologia ou psicanálise define o estado em que a libido é dirigida ao próprio ego; amor excessivo a si mesmo. O termo é derivado de Narciso, da mitologia grega, personagem famosa pela admiração à própria beleza (FERREIRA, 1999, p. 1391).

corpolatria tende a dedicar horas seguidas aos exercícios físicos, consumir em exagero determinados alimentos, fármacos e cosméticos, tornando o próprio corpo uma mercadoria de consumo.

Em pesquisa acerca da cultura carioca, Malysse (2002) analisou a corpolatria como incorporação de diversos valores da aparência física que são os fundamentos da coletividade. Ao abordar as imagens de corpo veiculadas pela mídia, o pesquisador demonstra como circulam as normas do consenso e o ideal corporal da corpolatria. Para ele,

O corpo “virtual” apresentado pela mídia é um corpo de mentira, medido, calculado e artificialmente preparado antes de ser traduzido em imagens e de tornar-se uma poderosa mensagem de corpolatria. Essas imagens-normas se destinam a todos aqueles que as veem e, por meio de um diálogo incessante entre o que veem e o que são, os indivíduos insatisfeitos com sua aparência (particularmente as mulheres) são cordialmente convidados a considerar seu corpo defeituoso (p. 93).

Isso leva o indivíduo, mesmo em estado de saúde perfeita, a uma insatisfação com a imagem do seu corpo, a entender que seu corpo não é perfeito e que pode e deve ser aperfeiçoado. Entre as inúmeras possibilidades de rituais de autotransformação, guiados pelos conselhos veiculados pela mídia, se encontram o exagero nas cirurgias plásticas, nos exercícios físicos, nos tratamentos estéticos e no uso de anabolizantes, entre outros. Assim, práticas de treinamento em academias, dos adeptos da corpolatria, constituem um “estereótipo ideal de aparência física” ao banalizar a transformação corporal como manutenção do corpo. Em vez disso, tem-se a máxima: “Mude seu corpo, mude sua vida” ou “Você pode ter o corpo que quiser” (MALYSSE, 2002, p. 94).

Em síntese, compreendemos que cultivar o corpo implica estar dentro dos padrões de beleza pré-estabelecidos e ter acesso ao consumo de produtos que estão associados à manutenção da beleza e da juventude. O corpo representa um território de constituição de identidades e estabelecimento de formas de distinção social, configurando-se como um dos aspectos que determinam os estilos de vida.

2.3.3 – Corpo dominado

Retomando o entendimento de poder em Pierre Bourdieu, explicitado no início da seção das categorias de análise, e considerando a pretensão central desta seção, qual seja, o poder como possibilidade de construção de opiniões que levam às discriminações sociais que são objeto deste texto, iniciamos a discussão das discriminações de gênero, raça e etária.

Discriminação de gênero

Considerando as diferenças, hierarquias e violências que configuram as representações de gênero no contexto social, temos em Pierre Bourdieu que o ser humano está imerso em um universo social fora de seu controle. Por meio do *habitus*, o ser humano interioriza e incorpora o social na sua própria personalidade. Em meio a sociedade, o corpo se apresenta como suporte da construção de identidade, a partir da “interiorização da exterioridade” (WACQUANT, 2007), na qual o ser humano não é inteiramente sujeito.

Nesse sentido, o corpo é a primeira forma de identificação entre homens e mulheres, e, conseqüentemente, o *locus* do exercício do poder. Ao nascer, com base nas diferenças anatômicas, as crianças são identificadas a um determinado sexo. A criança é identificada como homem ou mulher, e, a partir disso, as desigualdades e hierarquias são evidenciadas em função das construções culturais provenientes da diferença anatômica.

As desigualdades e hierarquias se fundam em esquemas classificatórios que opõem masculino e feminino, reservando ao masculino o privilégio do que é considerado como superior. Segundo Bourdieu (2002),

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas [...] em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (p. 16).

Assim, entendemos que as relações de gênero estão presentes em toda a ordem social, relegando a posição das mulheres à subordinação e inferioridade. No mundo social, as diferenças biológicas desencadeiam as justificativas que indicam a suposta inferioridade feminina determinada pelo corpo frágil e menor número de neurônios. E ainda, devido a sua capacidade reprodutora, seu espaço fica limitado ao cuidado dos filhos e da casa, o que lhe confere uma posição inferior em relação ao homem considerado provedor.

A condição de inferioridade ocorre em função da manifestação do poder simbólico que se revela por meio dos sistemas simbólicos, a saber, arte, língua e religião, construindo a realidade conforme uma ordem denominada por Bourdieu (1989) de ordem gnoseológica, a qual dita os sentidos do mundo a partir desse conhecimento que possibilita a concordância entre os indivíduos. Os símbolos, entendidos por Bourdieu (2002) como “os instrumentos por excelência da ‘integração social’; enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social” (p. 10), também são considerados como um meio para que o poder simbólico funcione.

Os sistemas simbólicos funcionam como instrumentos de dominação, cumprindo sua função social a partir das suas produções materiais ou simbólicas. E de acordo com Bourdieu (1989),

[...] os “sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a “domesticação dos dominados” (p. 11).

As diferentes classes e segmentos de classes sociais estão em constante luta a fim de imporem a definição do mundo social de acordo com os seus próprios interesses, além de imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo o campo das posições sociais. No que se refere às relações de gênero não é diferente. A legitimação da dominação aponta para a divisão entre os sexos delimitando comportamentos e

condutas. Em Bourdieu (2002), essa divisão é normal e natural, a ponto de ser inevitável, pois parece estar “na ordem das coisas”,

[...] ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado das coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (p. 17).

Mediante essa divisão dos sexos, a força da ordem masculina se torna evidente no fato de que ela dispensa justificção. Para Bourdieu (2002), a visão androcêntrica é imposta como neutra e não há necessidade de discursos para legitimá-la. A ordem social funciona como uma máquina simbólica com tendência a ratificação da dominação masculina sobre a qual se alicerça. Situação que pode ser ilustrada com a divisão social do trabalho que conforme Bourdieu (2002) é uma:

[...] distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o local de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais (p. 18).

A ordem masculina tem conseguido se impor e inculcar a exclusão das mulheres dos espaços e das atividades consideradas nobres. A dominação masculina está instituída tanto nas coisas, conforme as divisões de espaços e instrumentos mencionados na citação anterior, quanto na estrutura mental. Isso leva, segundo Bourdieu (2002), a uma relação circular

[...] que encerra o pensamento na evidência de relações de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade, sob forma de divisões objetivas, e na subjetividade, sob forma de esquemas cognitivos que, organizados segundo essas divisões, organizam as percepções das organizações objetivas (p. 20).

Pautando-nos na subjetividade e nos esquemas cognitivos, cumpre ressaltar, que em meio a estas relações de gênero vigentes na ordem social, não são só as mulheres que se encontram na posição de subordinação. A sexualidade também se encontra permeada

pelas relações de poder. Conforme Bourdieu (2002), “o ato sexual é em si concebido pelos homens como uma forma de dominação, de apropriação, de ‘posse’” (p. 29-30). Se o ato sexual se apresenta como uma relação social de dominação, ela (a relação social) está construída com base no princípio de divisão entre os sexos, sendo o masculino ativo e o feminino passivo. Esse princípio pressupõe o desejo masculino como desejo de posse e dominação erotizada e o desejo feminino como desejo da dominação masculina e subordinação erotizada.

Ainda conforme Bourdieu (2002), no caso das relações homossexuais os laços entre a sexualidade e o poder também se revelam, pois, as posições e os papéis assumidos no ato sexual, ativo ou passivo, se encontram indissociáveis das relações entre as condições sociais que determinam sua possibilidade e significação. Assim, “a penetração, sobretudo quando se exerce sobre um homem, é uma das afirmações da libido *dominandi*, que jamais está de todo ausente na libido masculina” (p. 31, grifo do autor). Lembrando que como observa Bourdieu (2002), a heterossexualidade é construída socialmente como o padrão de toda prática sexual, enquanto a homossexualidade, principalmente a masculina, é uma subversão à norma, ocupando, nesse caso, uma posição inferior, ou seja, dominada. No caso da homossexualidade feminina, ocorre a subversão da posição de subordinada, ou seja, negação do papel de subordinação sexual atribuído à mulher.

Em função dessa subversão da ordem, os homossexuais passam a ser estigmatizados no contexto social. Conforme Goffman (1988), o estigma se refere a uma situação em que o estranho apresenta evidências de que tem um atributo que o torna diferente dos outros, levando-o a ser considerado incomum e reduzido a uma pessoa depreciada e diminuída socialmente. Isso implica na incorporação da dominação simbólica, indicando a aceitação de uma prática sexual correta em detrimento de outras experiências consideradas envergonhadas (Bourdieu, 2002).

Assim, a dominação masculina encontra todas as condições de seu exercício pleno. De acordo com Bourdieu (2002),

A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os *habitus* moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e ações de todos os membros

da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais (p. 45).

Nesse contexto, as mulheres aplicam a toda a realidade os esquemas de pensamento produzidos na incorporação dessas relações de poder que se expressam nas oposições da ordem simbólica. Seus atos de conhecimento são, por isso, atos de reconhecimento prático que afirmam a violência simbólica que elas sofrem.

Discriminação de raça

Ao iniciarmos a discussão do poder em relação a raça, entendemos que os mecanismos sociais de construção da discriminação racial são os mesmos utilizados nas relações de gênero. Na “construção social dos corpos”, tanto de homens quanto de mulheres, tendo o *habitus* como um “corpo socializado” (BOURDIEU, 2002), surge o espaço propício para uma reflexão acerca dos mecanismos de construção social das discriminações de toda sorte e, entre elas, a discriminação de raça. Uma reflexão desse tipo faz parte da análise de poder e dos mecanismos da dominação, neste caso, de raça.

Desse modo, a divisão entre os sexos, que para Bourdieu (2002) parece estar “na ordem das coisas”, reservando ao mundo masculino o privilégio do que é considerado superior, encontra-se presente na divisão entre brancos e negros, sendo os primeiros considerados superiores. Divisão incorporada nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de percepção, pensamento e ação.

Em meio a essas divisões e oposições entre homens e mulheres, brancos e negros, heterossexual e homossexual, entre outras, é que se pode perceber como funcionam os mecanismos de dominação. Mediante princípios arbitrários as pessoas e atividades sociais são divididas, e, com isso, o racismo tem sido mantido na sociedade brasileira. Segundo Ianni (2005),

[...] grande parte da questão racial no Brasil diz respeito ao negro, como etnia e categoria social, como a mais numerosa “raça”, no sentido de categoria criada socialmente, na trama das relações sociais desiguais, no jogo das forças sociais, com as quais se reiteram e desenvolvem hierarquias, desigualdades e alienações (p. 10).

Com relação às divisões, ainda conforme Ianni (2005), nos séculos de escravização no Brasil, desenvolveram-se as “castas”, dividindo e hierarquizando senhores e escravos. Assim, tinha-se a “casta” de senhores brancos – proprietários, e a “casta” de escravos – trabalhadores sem voz, sujeitados física e socialmente às condições de trabalho do engenho e da casa grande. As relações sociais desiguais permaneceram no decorrer da história da sociedade brasileira, que sempre destinou à população negra lugares vulneráveis e sem visibilidade no contexto social, político e econômico.

A discussão de Bourdieu (2002) sobre a dominação masculina também se aplica à população negra e corrobora com o pensamento de Ianni (2005). Presenciamos no mercado de trabalho uma realidade em que o homem branco é o patrão e o negro é o empregado. Nas empresas, geralmente são os brancos que ocupam os cargos mais altos enquanto os negros ocupam os cargos mais baixos, com menor remuneração. Nos espaços políticos também ocorre a prevalência dos brancos e quase ausência dos negros.

Assim, de acordo com Bourdieu (2002), as classes dominantes inscrevem no mundo social, por meio de esquemas de pensamento, as diferenças corporais, sociais e, pode-se acrescentar, também, as diferenças raciais, e, ao mesmo tempo, esforçam-se para naturalizá-las. E,

Esses esquemas de pensamento, de aplicação universal, registram como que diferenças de natureza, inscritas na objetividade, das variações e dos traços distintivos (por exemplo em matéria corporal) que eles contribuem para fazer existir, ao mesmo tempo que as “naturalizam”, inscrevendo-as em um sistema de diferenças, todas igualmente naturais em aparência (p. 17).

Isso impede a conscientização da relação social de dominação que está em sua base, que por uma inversão de causas e efeitos, surge como aplicação de um sistema de relações de sentidos independente das relações de força.

Nesse sentido, as instituições e seus agentes sociais desempenham um papel importante operando como sistemas simbólicos que legitimam as posições sociais e reforçam a existência de categorias de distinção. Da mesma forma, como ocorre nos ritos realizados pelas instituições, se estabelecem as discriminações em relação aos negros. Os ritos, de acordo com Bourdieu (2008), tratam as divisões sociais como divisões pré-estabelecidas e consagram a ordem reconhecida, ou seja, os ritos operam a divisão nos

conjuntos de forma legítima e natural. Assim, os ritos podem ser compreendidos como uma forma de projetar maneiras de se identificar e se estranhar em meio a uma comunidade, separando, segundo Bourdieu (2008), aqueles que se identificam daqueles que se estranham, pois, “[...] o principal efeito do rito é o que passa completamente despercebido: ao tratar diferentemente os homens e as mulheres, o rito consagra a diferença” (p. 98).

Enfim, amparados em Bourdieu (2003), afirmamos que “o princípio da visão dominante não é uma representação mental, uma fantasia (“ideias na cabeça”), uma “ideologia”, e sim um sistema de estruturas duradouramente inscritas nas coisas e nos corpos” (p. 53-54). Dessa forma, a violência simbólica reside “[...] nas disposições modeladas pelas estruturas de dominação que as produzem” (p. 54) e só é possível romper essa relação de cumplicidade que as vítimas da dominação simbólica têm com os dominantes, por meio de uma transformação das condições sociais de produção das tendências que levam os dominados a adotar, sobre os dominantes e sobre si mesmos, o próprio ponto de vista dos dominantes.

A violência simbólica se processa por meio de um ato de conhecimento e de desconhecimento prático que se efetiva independente da consciência e da vontade e que confere um poder “hipnótico” a todas as situações. Mas vale ressaltar que uma relação de dominação que só funciona por meio dessa cumplicidade, para se perpetuar ou se transformar, depende da perpetuação ou transformação das estruturas de que tais disposições são resultantes, especialmente da estrutura de um mercado de bens simbólicos em que os negros são tratados como objetos que circulam de baixo para cima.

Discriminação etária

Ao abordarmos as discriminações etárias, partimos do pressuposto que a temática envolve os aspectos culturais, políticos e econômicos relativos a preconceitos e sistemas simbólicos presentes na sociedade. Os fatores socioculturais definem o olhar e as relações que a sociedade estabelece com as pessoas de idade avançada. Buscando entender o envelhecimento, de acordo com os referenciais de enfermagem e de gerontologia:

O processo de envelhecimento provoca no organismo modificações biológicas, psicológicas e sociais [...]. As modificações biológicas são as morfológicas, reveladas por aparecimento de rugas, cabelos brancos e outras; as fisiológicas, relacionadas às alterações das funções orgânicas; as bioquímicas, que estão diretamente ligadas às transformações das reações químicas que se processam no organismo. As modificações psicológicas ocorrem quando, ao envelhecer, o ser humano precisa adaptar-se a cada situação nova do seu cotidiano. Já as modificações sociais são verificadas quando as relações sociais tornam-se alteradas em função da diminuição da produtividade e, principalmente, do poder físico e econômico, sendo a alteração social mais evidente em países de economia capitalista (SANTOS, 2010, p.1036).

Disso depreende que, sob essa análise, os aspectos biológicos e as suas consequências prevalecem no entendimento do processo de envelhecimento, mas é importante ressaltar que por ser biológico e cultural, o envelhecimento deve ser observado em uma perspectiva histórica e social.

Neste sentido, o envelhecimento é vivido de forma diferente entre os diversos indivíduos, entre as gerações e entre as sociedades. De um modo geral, de acordo com Debert (2004), a partir da metade do século XIX, o envelhecimento passou a ser entendido como “uma etapa de decadência física e ausência de papéis sociais” (p.14).

Bourdieu (2003) entende que o tratamento e a compreensão da velhice estão relacionados à cultura de cada sociedade, mas assevera que: “de facto, a fronteira entre juventude e velhice é em todas as sociedades uma parada em jogo de luta” (p. 151). O autor utiliza, para ilustrar a afirmação, um relato das relações entre jovens e velhos em Florença, no século XVI, no qual os velhos propunham à juventude uma ideologia da “virilidade, da *virtú*, e da violência”, o que era uma forma de reservarem a si mesmos a sabedoria, ou seja, o poder.

Porém, nas sociedades capitalistas, os julgamentos das pessoas costumam se basear na faixa etária, e a discriminação por idade e os estereótipos são uma questão atual que a sociedade tem enfrentado. No Brasil, essa discriminação está presente nas famílias, nas escolas, no mercado de trabalho, entre outros. É a mesma estrutura encontrada nas relações de gênero e raça, por exemplo, na qual a divisão entre jovens e velhos reside no poder, ou seja, na divisão de poderes. Assim, as classificações por idade, e, também, por gênero ou raça, equivalem a imposição de limites e a produção de uma ordem à qual cada um deve se ater, e ainda, manter-se no seu lugar apropriado.

Para Bourdieu (2003), a classificação jovem/velho é tomada como relação vazia, pois “é-se sempre velho ou jovem para alguém” (p. 152). Os cortes em classes de idade ou em classes de gerações são muito variáveis e fazem parte de um jogo de manipulações. A juventude e a velhice não são dadas e, sim, construídas socialmente nas lutas entre os jovens e os velhos. E mais ainda, as relações entre idade cronológica e idade biológica são complexas. Bourdieu (2003), ao comparar os jovens das diferentes frações da classe dominante que entram na *École Normale*, no mesmo ano, salienta que os jovens têm tanto mais os atributos do adulto, do velho e do nobre quanto mais próximos estão do polo do poder. Quando se passa dos intelectuais aos presidentes dos conselhos de administração, tudo o que faz efeito jovem, cabelos compridos, calça jeans etc., desaparece. Na opinião do autor, isso faz ver que a idade é um dado biológico socialmente manipulado.

Assim, partindo do conceito de discriminação social, inferimos que o envelhecimento está susceptível à maioria das formas de preconceito. O culto à juventude, já detalhado na seção “corpo cultuado” deste texto, geralmente faz com que o envelhecimento seja compreendido como uma situação de vergonha, desgosto ou incapacidade. No mercado de trabalho isso não é diferente. A discriminação por idade no mercado de trabalho é mal conhecida em termos de pesquisa, mas pode-se perceber claramente a sua presença. Nesse caso, também se aplica a violência simbólica postulada por Bourdieu (2003), e no que se refere à discriminação etária, podemos afirmar a presença do princípio da visão dominante como um sistema de estruturas duradouramente inscritas nas coisas e nos corpos.

A divisão social jovens/velhos, conforme os estereótipos associados a uma e a outra categoria, revela uma posição positiva para os jovens colocando-os em situação de dominação no mercado de trabalho. Os estereótipos que colocam os jovens em posição de dominação conferem aos velhos uma imagem estigmatizada relacionada à incapacidade para o trabalho, ou melhor, ao fim das atividades laborais e, conseqüentemente, à aposentadoria.

O estudo “Envelhecimento e perspectivas de luta contra as barreiras da idade no emprego”, coordenado por Centeno (2007), destaca o etarismo como uma situação de discriminação contra os trabalhadores mais velhos. O estudo evidencia que os salários são diferentes em função do nível de estudos, para qualquer etapa da vida, mas tendem a decrescer à medida que a idade avança. Daí a importância da (re) qualificação para o

posicionamento dos mais velhos no mercado de trabalho, pois, só a atualização e o aumento das competências poderão diminuir a perda salarial associada à idade, garantindo melhores níveis de participação econômica entre os mais velhos.

Ainda, segundo Centeno (2007), a posição fragilizada dos mais velhos nos postos de trabalho decorre do baixo nível de formação, pois estes não tiveram as mesmas oportunidades de acesso à qualificação que os jovens. Contraditoriamente, de acordo com o estudo, os trabalhadores mais velhos são os que mais resistem à qualificação profissional. Por fim, outro problema que atinge os mais velhos é a menor oferta de emprego. Os trabalhadores jovens têm disponíveis maiores oportunidades de postos de trabalho. Os estereótipos negativos do envelhecimento podem estar na origem da exclusão no mercado de trabalho ou impedir o acesso dos trabalhadores mais velhos à (re) qualificação ou à promoção dentro das empresas.

No caso específico do envelhecimento do professor de Educação Física, por exemplo, que não é objeto deste texto, mas que apresenta uma relação estreita com as discussões relacionadas ao corpo, sabemos que dependendo do ambiente em que ele atua, a situação de envelhecimento pode representar uma discriminação etária maior ainda. Segundo Lüdorf (2009), mesmo que o professor de Educação Física esteja preparado para lidar criticamente com as demandas corporais vigentes, ele não deixa de ser influenciado pela imposição social dos atributos relacionados à juventude. No âmbito das academias a competência e o prestígio profissional estão atrelados às características do corpo jovem. Dessa forma, conforme Debert (2004), a estigmatização do envelhecimento do professor é entendida como um estado depreciativo na sociedade contemporânea.

Em síntese, para Debert (1997), no contexto atual não há lugar para a velhice que apresenta uma tendência a ser vista como consequência de descuido pessoal, da falta de envolvimento em atividades motivadoras, da adoção de estilos de vida e formas de consumo inadequado. A concepção é, ressaltada pela autora, como de responsabilidade do discurso gerontológico que se ocupa mais com o desenvolvimento de técnicas para evitar o envelhecimento do que com as condições de vida dos idosos.

2.3.4 – Corpo disciplinado

O corpo, em qualquer sociedade, é resultado de diversos mecanismos imperiosos e urgentes que o conformam. Por ser marcado culturalmente adquire sentidos diferentes

no interior de poderes que lhe impõem limitações, proibições e obrigações. Assim, conforme Foucault (2011), cada momento histórico estrutura sua própria “retórica corporal”, demarcando fronteiras no corpo em todos os sentidos.

O momento do corpo disciplinado corresponde ao momento em que a disciplina e a correção dos corpos sucedem os suplícios corporais. As práticas punitivas dão lugar a outro instrumento indispensável, o olhar vigilante, pois, para Foucault (2011), “[...] dos olhares que devem ver sem ser vistos; uma arte obscura da luz e do visível preparou em surdina um saber novo sobre o homem, através de técnicas para sujeitá-lo e processos para utilizá-lo” (p. 165).

Os espaços que possibilitam os “olhares que devem ver sem ser vistos” são planejados de forma que o exercício do poder disciplinar alcance a disciplina, a correção e a padronização do corpo. O controle, segundo Foucault (2011), implica em uma coerção ininterrupta que vela sobre os processos de atividade e se exerce conforme uma codificação que esquadrinha o tempo, o espaço e os movimentos. Os métodos que permitem “[...] o controle minucioso das operações do corpo, que realiza a sujeição constante das suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’” (p. 133). Diferente das outras formas de dominação, as disciplinas têm como objetivo principal o aumento do domínio de cada um sobre o próprio corpo.

Ainda conforme Foucault (2011),

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente (p. 133).

Dessa forma, cria-se uma política de coerção sobre o corpo, ou seja, uma manipulação calculada dos seus elementos, gestos e comportamentos. A disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, e de acordo com Foucault (2011), “corpos dóceis”, aumentando a força do corpo, no que se refere à utilidade, e diminuindo a mesma força em termos políticos e de obediência. Isso significa o aumento das forças do corpo com vistas a uma maior produtividade econômica e, ineficácia dessa força, em termos de resistência ao exercício do poder, ocasionando uma completa sujeição.

A discussão de Michel Foucault acerca da disciplina esteve relacionada às instituições militares, prisionais, hospitalares, escolares, entre outras. O próprio autor descreve que nestes locais:

A minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo darão em breve, no quadro da escola, do quartel, do hospital ou da oficina, um conteúdo laicizado, uma racionalidade econômica ou técnica a esse cálculo místico do ínfimo e do infinito (FOUCAULT, 2011, p. 136).

O autor segue afirmando, “a disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço” (Ibid., p. 137). Assim, no caso da instituição escolar, por exemplo, o espaço se desdobra, a classe se torna homogênea e os estudantes se colocam um ao lado do outro sob um olhar vigilante do professor. O carrasco de outrora, que ditava a ordem e os suplícios impingidos ao corpo, foi substituído pelos educadores, no caso da instituição escolar.

Atualmente, a constituição dos corpos dóceis nas instituições escolares por meio da disciplina e adestramento, dispensa os castigos aplicados ao corpo como a utilização da palmatória, por exemplo, em detrimento da proibição da expressão do pensamento e exigência de uma boa conduta. Para o alcance desse poder disciplinar torna-se imprescindível investimentos imperiosos ao corpo e, nesse processo, é fundamental ter em mente os recursos necessários para que ele funcione e traga os resultados esperados.

Logo, conforme Foucault (2011), o poder disciplinar tem como função “adestrar” as “[...] multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais” (p. 164). A disciplina “fabrica” indivíduos obedientes, tomando os indivíduos “ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (Ibid.). O sucesso desse poder disciplinar depende do uso de alguns instrumentos, a saber, “[...] o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame” (Ibid.).

Analisando os três instrumentos de poder disciplinar, têm-se no “olhar hierárquico” a criação de uma arquitetura que não é feita para ser vista como os palácios dos nobres ou para vigiar o espaço externo como as fortalezas, mas para tornar visíveis os indivíduos que nela se encontram. Nas palavras de Foucault (2011), “[...] uma arquitetura que seria um operador para a transformação dos indivíduos: agir sobre aquele

que abriga dar domínio sobre seu comportamento, reconduzir até eles os efeitos do poder, oferecê-los a um conhecimento, modificá-los” (p. 166). O poder da vigilância hierarquizada exerce um domínio sobre o corpo segundo as leis da ótica e o jogo dos espaços, sem a utilização do recurso da força e da violência. “Poder que é em aparência ainda menos ‘corporal’ por ser mais sabiamente ‘físico’” (Ibid., p. 171). Transpondo esse poder de vigilância para escola, tem-se o exemplo dos “observadores”, escolhidos entre os melhores alunos de toda uma série para ajudarem o professor. Os “observadores” ficam atentos e fazem anotações sobre todo comportamento inadequado dos demais colegas de série.

Com relação à “sanção normalizadora”, tem-se que, na essência dos sistemas disciplinares existe um pequeno mecanismo penal que qualifica e reprime alguns comportamentos, tais como: atrasos, ausências, interrupções de tarefas, negligência, tagarelice, atitudes “incorretas”, imodéstia, “indecência”, entre outros. Ao mesmo tempo utilizam alguns processos sutis de punição que vão “[...] do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações” (FOUCAULT, 2011, p. 174), tudo com o intuito de reduzir os “desvios”, devendo, portanto, ser corretivo. O efeito que se espera dessa punição é a expiação e o arrependimento que é obtido pela mecânica de um castigo. Na escola, esses castigos devem ser aplicados àqueles que não escreveram tudo que deveriam escrever, ou então, que não se esforçaram para realizar uma tarefa bem-feita, por exemplo.

É importante ressaltar que a punição é um sistema duplo envolvendo a gratificação e a sanção, mas é mais adequado privilegiar as recompensas em detrimento das penas, pois conforme Foucault (2011), a qualificação dos comportamentos e dos desempenhos a partir de valores como o bem e o mal levam a uma classificação entre positivo e negativo, boas e más notas, bons e maus pontos. Isso permite comparar os indivíduos medindo “desvios”, determinando níveis e fixando desigualdades para que o poder da norma funcione.

Com relação ao exame, ele combina as técnicas da vigilância e as da sanção normalizadora, permitindo qualificar, classificar e punir. Segundo Foucault (2011), nele se reúne “[...] a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade. [...] nos processos de disciplina, ele manifesta a sujeição dos que são percebidos como objetos e a objetivação dos que se sujeitam” (p. 177). No exame, a superposição das relações de poder e de saber assume todo o seu “brilho visível”.

O exame apresenta três particularidades importantes: na primeira, ele inverte a visibilidade do poder; ele se constitui em uma técnica pela qual o poder, ao invés de mostrar seu poderio e impor sua marca aos indivíduos, capta-os em um mecanismo de objetivação; assim, por meio do exame o indivíduo se mostra como objeto. No caso da escola, o exame ininterrupto acompanha toda a operação de ensino, permitindo ao professor ao mesmo tempo em que ensina, conhecer os estudantes. Conforme a segunda particularidade, o exame faz a identidade entrar em um campo documentário por meio de uma série de anotações escritas, que na escola, caracteriza as aptidões dos estudantes, detectam suas capacidades e indicam a eventual utilização dos mesmos. Essas anotações escritas possibilitam a constituição do indivíduo como um objeto que pode ser descrito e analisado e a constituição de um sistema de comparação que permite descrever os grupos e verificar os “desvios”. Na terceira particularidade, o exame faz de cada indivíduo um “caso” que constitui um objeto para o conhecimento e a tomada para o poder. O “caso” não é um conjunto de circunstâncias que qualificam um ato, mas sim um indivíduo tal como pode ser descrito, mensurado e comparado a outros, para que possa ser treinado, classificado, normalizado, ou, até mesmo excluído (FOUCAULT, 2011).

Enfim, a análise da imposição da disciplina sobre o corpo em meio às instituições, especialmente em meio à escola, traz a reflexão dos sistemas instituídos no interior delas. Sistemas que têm como objetivo instaurar a ordem e a eficiência, levando os indivíduos a sujeição de obediência e à aceitação das regras e normas, e impedindo a possibilidade de reflexão em relação à situação.

2.3.5 – Corpo biológico

No atual contexto, podemos observar uma força do discurso científico em algumas instituições de ensino atuando no sentido de uma dominação da cultura conforme os padrões do modelo de ciência que tem como perspectiva a objetivação do corpo retirando-lhe a sua dimensão subjetiva. Em meio a essas instituições prevalece a lógica das ciências biomédicas considerando o movimento em termos de exercício ou atividade física e, desconsiderando as demais dimensões do corpo e do movimento humano. Nesse sentido, percebemos a redução na conduta com o corpo e o movimento às dimensões biológicas ou naturais em detrimento à dimensão subjetiva. Vale ressaltar que ao enfatizar

a presença e preocupação com a compreensão de corpo biológico, em algumas instituições, os autores dos artigos apontam a perspectiva de compreensão do corpo pautada na subjetividade. Dessa forma, a categoria corpo subjetivo, já explicitada no início deste capítulo, e a categoria corpo biológico, são complementares.

Retomando a discussão acerca da redução da conduta com o corpo às dimensões biológicas, enfatizamos que Descartes foi destaque na mudança no modo de pensar o mundo e na redução do corpo às dimensões naturais. Em meio ao seu pensamento, de acordo com Silva (2001),

[...]o corpo humano é do domínio da natureza; o corpo é puramente corpo, assim como a alma é puramente alma, princípio que autoriza a razão, e a ciência, como instituição a conhecer e dominar o corpo humano tarefa as quais serão exacerbadas na atualidade (p. 14).

O pensamento de Descartes desencadeou um movimento de mudança que culminou com a dessacralização do corpo e com a fragmentação dos campos de conhecimento, criando as bases para o entendimento de que os objetos e fenômenos só poderiam ser compreendidos a partir da fragmentação de suas partes. Isso refletiu consideravelmente no modo de ver e compreender o corpo humano que passou a ser analisado pela anatomia, pois, ao perder o caráter sagrado não seria mais proibido manipulá-lo.

Essa lógica surge na Idade Moderna, em meio ao empenho dos cientistas em descobrir os mecanismos de funcionamento das máquinas, o qual culminou com o surgimento do entendimento do corpo humano também como uma máquina de funcionamento complexo. Nesse contexto, o corpo humano tornou-se um importante objeto de experimentos, sendo estudado, dissecado e considerado um conjunto de sistemas, tais como, sistema ósseo, sistema articular, sistema cardíaco, que em harmonia, concorrem para a perfeição do corpo humano.

Nessa perspectiva, a anatomia dissecou e esquarterou o corpo humano em um conjunto de órgãos (peças) que passa a ser pensado como máquina, e ao mesmo tempo surge a biologia, a fisiologia e a medicina, capazes de explicar o corpo humano como soma das partes. Tudo isso caracterizando certa organicidade, ou melhor, um modo de funcionamento sistêmico do corpo que se refere a um entrecruzamento de sistemas diferenciados, em interação, porém, mantendo autonomia e interdependência entre si.

Assim, na Modernidade os corpos são entendidos em uma perspectiva biológica, anatomofisiológica e orgânica.

O entendimento de homem que passa a ser explicado e definido nos limites biológicos herdado desse período, conforme Soares (1994), é o do

[...] homem biológico e não o homem antropológico o centro da nova sociedade. E é o homem biológico que se torna o ponto de referência: tudo o que o envolve, tudo o que se altera, será entendido como domínio seu sobre o mundo. Não existem mais milagres divinos para explicar o curso dos acontecimentos, existem leis próprias a que o mundo físico e humano deve obedecer e que a ciência deve descobrir (p. 7).

O modelo de homem biológico vem exercendo influência no âmbito econômico e no âmbito educacional. No âmbito econômico a ordem capitalista, em seu pleno desenvolvimento, percebeu a importância que o corpo desse homem apresentava para o capital. A apropriação desse modelo pelo capital vem tomando os corpos biológicos como alvo de investimento. O corpo tem que ser forte, útil e submisso para resistir fisicamente ao trabalho de oito a doze horas diariamente. Para tanto, segundo Foucault (1984), foi no biológico que a sociedade capitalista investiu. Para o autor,

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política (p. 80).

Assim, o capitalismo socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção e força de trabalho.

No âmbito da Educação Física, ao pensar o modelo de corpo biológico ou biomédico, temos em Soares (1994) afirma que a mesma sempre esteve vinculada à saúde, protagonizando um projeto de higienização da sociedade. Para a autora, o viés científico em relação à Educação Física sempre foi sustentado pela vertente médica em detrimento da vertente pedagógica. Os professores de Educação Física se constituíam como assistentes da classe médica. Foi esse caráter científico, estabelecido pelos médicos e fisiologistas que culminou com a biologização da Educação Física dentro e fora da escola. Soares (1994) ainda assevera que a

[...] “busca de *status* científico” para a Educação Física não pode ser tratada como via de mão única e positiva, em si, porque científica. Se, de um lado, esta busca contribuiu para conferir credibilidade e aceitação para a Educação Física, seja no âmbito escolar, seja fora dele, de um outro lançou as bases para a elaboração de uma concepção biológica e médica de Educação Física, tendo, portanto, como objeto de trabalho, um corpo biológico destituído de historicidade (p. 126-127).

Assim, a Educação Física se difundiu no Brasil como um eficaz instrumento de regeneração e revigoramento do corpo do povo brasileiro exercendo uma ação higiênica e educativa. E ainda, ocupando-se do corpo anatomofisiológico e referenciando seu desenvolvimento como prática social. Dessa forma, a Educação Física vem mantendo sua tradição de corpo e movimento pautados especialmente em uma dimensão biológica. Isso se revela na ênfase dada à execução de gestos padronizados, geralmente exaustivos e repetitivos, pautados no desenvolvimento das habilidades motoras e de aptidão física totalmente destituída de sentido para os estudantes. De acordo com Surdi e Kunz (2009), “[...] a concepção científica do mundo que privilegia a técnica mostra que a principal importância do movimento humano é obedecer a uma ordem externa, baseada em leis, com intenção de desempenho” (p. 189).

Os autores mencionam as características do corpo-objeto que se limita a receber ordens e imitar padrões de movimento pré-estabelecidos em que a importância maior é dada ao movimento a ser copiado em detrimento do ser humano que realiza o movimento. O predomínio do esporte como conteúdo das aulas de Educação Física, com objetivo de seleção e formação de atletas, faz do movimento a matéria prima das modalidades esportivas. Nesse sentido, o corpo produz movimentos mecânicos e automatizados em busca da perfeição dos gestos.

Ao abordar o esporte, Santin (2003) também critica o movimento humano reduzido à dimensão mecânica. Para o autor, esse movimento assume uma característica de treinamento e adestramento do movimento corporal, tendo como valores fundamentais o rendimento e o desempenho conforme as exigências da modalidade esportiva praticada. Em meio a essa cultura científicizada, o corpo é reduzido a objeto de uso, utensílio ou ferramenta a ser usada conforme interesses políticos ou econômicos de outros grupos.

A biologização do corpo em decorrência do cientificismo da modernidade contribui para a eliminação da subjetividade do sujeito, uma vez que ela não pode ser controlada pelos padrões científicos. Nas palavras de Silva (2001), “o corpo reduzido,

naturalizado, quantificado e homogeneizado, que é objeto das ciências biomédicas, vai auxiliar e referendar o uso do corpo” (p. 61). No âmbito da Educação Física ainda encontramos com frequência o sujeito sendo reduzido ao que pode ser observado, medido e quantificado, desconsiderando as suas dimensões cultural e social.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS DADOS

Mediante a consulta ao Portal de Periódicos da Capes que possibilitou selecionar os periódicos da área de Educação Física com avaliação Qualis A e Qualis B1 na área, iniciamos a pesquisa aos periódicos escolhidos com o intuito de selecionar os artigos que versavam sobre a temática da investigação. Para tanto, foram selecionados aqueles que apresentavam a palavra corpo e/ou corporeidade em seu título.

Adotando esse critério, foram selecionados 170 artigos nos cinco periódicos para constituir o *corpus* da pesquisa. Sendo 62 artigos da RBCE, 12 artigos da RBEFE, 17 artigos da EFM, 20 artigos da RM e 29 artigos da MREF. A ordem em que as revistas foram elencadas corresponde a ordem do início de suas publicações.

A lista dos 170 artigos

1986

1. Ginástica para a alma, música para o corpo (RBCE)

1988

2. Estigma, corpo e deficiência (RBCE)

1989

3. O conhecimento das partes do corpo na estruturação do esquema corporal em pré-escolares de três a seis anos de idade (RBCE)

1990

4. Aspectos filosóficos da corporeidade (RBCE)

1992

5. O culto do corpo prazer, o fenômeno lazer e o lúdico (RBCE)
6. Artimanhas do corpo diante do espelho (RBCE)

1993

7. A corporeidade na escola (EFM)
8. Do corpo sem retoques (EFM)

1994

9. A representação do trabalho do professor de educação física na escola: do corpo matéria prima ao corpo cidadão (RBCE)
10. Corpo e movimento: hábito ou memória? (RBCE)
11. Educação Física: Escola de formação do corpo feminino (RBCE)

1995

12. Corporeidade no esporte: a busca de uma perfeição (EFM)
13. O sábio corpo idoso (EFM)
14. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física (RM)
15. A brincadeira de corpo e alma numa escola sem fim: reflexões sobre o belo e o lúdico no ato de aprender (MREF)
16. O conceito de corpo (MREF)

1996

17. Sociologia das atividades corporais: perspectivas a partir da vida e obra de Simone Weil (RBCE)
18. Das práticas corporais ou porque “Narciso” se exercita (RBCE)
19. Corpo e construção do conhecimento: uma reflexão para a educação infantil (RPEF)
20. A expressão dos corpos pela dança: vivência e reflexão em meio escolar (EFM)
21. O corpo-imagem jovem e o fenômeno do consumo (RM)
22. Corpo, sexualidade e deficiência (RM)
23. Cabeça de ferro, peito de aço, perna de pau: a construção do corpo esportista brincante (MREF)

1997

24. A atividade física e a construção da corporeidade na Grécia Antiga (EFM)
25. Diferentes visões do mundo e do corpo (EFM)
26. A evolução do homem e das mentalidades: uma perspectiva através do corpo (RM)

1998

27. Da força física à estética corporal: as mudanças nas relações sociais retratadas no corpo (EFM)

1999

28. História do corpo enquanto vergonha nossa de cada dia. (EFM)
29. As aventuras do corpo humano (EFM)
30. Olhar para o corpo que dança - Um sentido para a pessoa portadora de deficiência visual (RM)
31. Corpo civilizado, corpo reencantado: o moderno e o alternativo nas representações do corpo (MREF)

2000

32. Sociedade, corpo e interdições: contribuições sobre o estudo de Marcel Mauss sobre as técnicas do corpo (RBCE)
33. O corpo enquanto objeto de consumo (RBCE)
34. Educação Física, corpo e saúde: uma reflexão sobre outros “modos de olhar” (RBCE)
35. Criança, corpo e educação: fragmentos da obra de Wilhelm Reich (RBCE)
36. Corporeidade e terceira idade: A marginalização do corpo idoso (RBCE)
37. A Transformação da Visão de Corpo na Sociedade Ocidental (MREF)

2001

38. Corpo e diversidade cultural (RBCE)
39. Os novos velhos/aposentados do novo século: educação social e memória corporal (EFM)
40. O corpo simplesmente corpo (RM)

41. As Invenções do Corpo: Modernidade e Contra modernidade (MREF)
42. O Corpo Construído e a Importância do Gesto Pessoal (MREF)

2002

43. Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à educação infantil e à Educação Física (RBCE)
44. Corpo, biologia e Educação física (RBCE)
45. O corpo em busca da liberdade (EFM)
46. Espelho, espelho meu ... Existe alguém mais perfeita do que eu? (MREF)
47. O corpo fala? (MREF)
48. Da educação física escolar: intelecto, emoção e corpo (MREF)

2003

49. Educação do corpo, conhecimento, fronteiras (RBCE)
50. A invenção da ginástica no século XIX: movimentos novos, corpos novos (RBCE)
51. Georges Hébert e o método natural: nova sensibilidade, nova educação do corpo (RBCE)
52. O Rio de Janeiro e o corpo do homem fluminense: o “não-lugar” da ginástica sueca (RBCE)
53. Educación física y dictadura: el cuerpo militarizado (RBCE)
54. Saúde e beleza do corpo feminino - algumas representações no Brasil do século XX (RM)
55. Antinoüs e Sandwina: encontros e desencontros na educação dos corpos brasileiro (RM)
56. Do corpo, da Educação Física e das muitas histórias (RM)
57. Experiencing the Body in Order to Enrich the Spirit (MREF)
58. Do corpo trabalhado ao corpo do trabalho: considerações sobre o corpo do trabalhador braçal (MREF)

2004

59. Corporeidade e ação profissional na reabilitação: (des)encontros (RBCE)

60. Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação (RBCE)
61. Pensando a corporeidade na prática pedagógica em educação física à luz do pensamento complexo (RBEFE)
62. A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos (RM)
63. Da ortopedia à eficiência dos corpos: a gymnastica e as exigências da “vida moderna” (Minas Gerais, 1906-1930) (RM)
64. Atividade física e corpo sensível (MREF)

2005

65. A promoção do estilo atlético na revista Capricho e a produção de uma representação de corpo adolescente feminino contemporâneo (RBCE)
66. Imagens da infância: a educação e o corpo em 1930 e 1940 no Brasil (RBCE)
67. Doping, esporte, performance: notas sobre os “limites” do corpo (RBCE)
68. Prevalência do uso de substâncias químicas entre adolescentes, com finalidade de modelagem corporal (RBCE)
69. Riscos da beleza e desejos de um corpo arquitetado (RBCE)
70. A obsessão masculina pelo corpo: malhado, forte e sarado (RBCE)
71. Educação do corpo e seus limites: possibilidades para a Educação Física na classe hospitalar (RM)
72. Educação física, linguagem e arte: possibilidades de um diálogo poético do corpo (RM)
73. Memórias de corpos esportivizados: a natação feminina e o futebol infame (RM)
74. Horizontes do corpo na escola: uma investigação sobre o Programa Escola Plural em Belo Horizonte (RM)
75. O corpo desconstruído: argumentos para uma abordagem desconstrucionista da corporeidade (MREF)
76. Educação somática: o corpo enquanto experiência (MREF)

2006

77. O jogo da identidade Boe: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicos culturais (RBCE)
78. Corpos, cultura, paradoxos: observações sobre o jogo de capoeira (RBCE)
79. El cuerpo preso de la vida saludable la construcción de una ética médico-deportiva de sujeción (RBCE)
80. Corporeidade e formação do profissional na área da saúde (RBCE)
81. O corpo como marcador social de saúde, beleza e valoração de cuidados corporais de jovens mulheres (RBCE)
82. Corpo e saúde: a religião dos saberes (RBCE)
83. Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades (RM)
84. “Sarados” e “gostasas” entre alguns outros: aspectos da educação de corpos masculinos e femininos em academias de ginástica e musculação (RM)
85. Tecendo cultura com mediações que unem corpo, saúde e lazer (RM)

2007

86. A capoeira do Mercado Modelo de Salvador: gestualidades performáticas de corpos em exibição (RBEFE)
87. O cuidado com o corpo como estratégia de sujeitos generificados (RM)
88. O sentido ético-estético do corpo na cultura popular e a estruturação do campo gestual (RM)

2008

89. O corpo na contemporaneidade: a educação física escolar pode ressignificá-lo? (EFM)
90. Representação do corpo feminino na Revista Claudia no ano de 2006: retrato de uma produção restrita (EFM)
91. O corpo e as técnicas para o embelezamento feminino: esquemas da indústria cultural na Revista Boa Forma (RM)
92. Mulheres da Rocinha: relações entre corpo, identidade e trabalho (RM)

93. Proselitismo Televisivo e Corporeidades em uma Expressão do Catolicismo (MREF)
94. Concepções da educação do corpo em instituições de educação infantil em Campinas (MREF)
95. Corpo e movimento na educação infantil (MREF)
96. Educação física e práticas corporais alternativas: o trabalho com o corpo em questão (MREF)

2009

97. Modernismo, raça e corpo: Fernando de Azevedo e a questão da saúde no Brasil (1920-1930) (RBCE)
98. Do corpo-motor ao corpo-informação: corporeidade e trabalho no capitalismo (RBCE)
99. Del “cuerpo saludable” que se (des) constituye (RBCE)
100. Creencias pedagógicas, desubjetivación del cuerpo y dominación cultural en la educación física escolar (RBCE)
101. Antropologia de uma academia de musculação: um olhar sobre o corpo e um espaço de representação social (RBEFE)
102. A Visão De Corpo na Perspectiva de Graduandos em Educação Física: Fragmentada ou Integrada? (RM)
103. Formação acadêmica em Educação Física: “Corpos” (Docente e Discente) de conhecimentos fragmentados... (MREF)
104. Ciência e o conceito de corpo e saúde na Educação Física (MREF)
105. Fazer Kendo e pensar a educação do corpo (MREF)
106. A palavra é gesto: reflexões estéticas sobre o corpo (MREF)

2010

107. As práticas corporais e a educação do corpo indígena: a contribuição do esporte nos jogos dos povos indígenas (RBCE)
108. O padrão de beleza corporal sobre o corpo feminino mediante o IMC (RBEFE)
109. Envelhecendo como professor de Educação Física: um olhar sobre o corpo e a profissão (EFM)

110. Culto ao corpo e exposição de produtos na mídia especializada em estética e saúde (RM)
111. Jogando pela honra: corpo e masculinidade através do esporte (RM)
112. “A força da juventude garante o futuro de um povo”. A educação do corpo no Sport Clube Germânia (1899-1938) (RM)
113. Corpo, dança e criação: conceitos em movimento (RM)
114. Narrativas do corpo e da gestualidade no jogo da capoeira (MREF)

2011

115. El papel de la escuela y la educación física en la construcción de la corporeidad infantil. Un estudio desde la perspectiva narrativa (RBCE)
116. Equidade: apontamentos para a educação do corpo (RBCE)
117. Educação da mente e do corpo, professor pesquisador reflexivo e a ciência do concreto (RBCE)
118. Agente, subjetivación y educación corporal: reflexiones metodológicas (RBCE)
119. Conquista, confirmación y construcción del cuerpo: una propuesta para el estudio de las prácticas corporales a partir de la epistemología de Pierre Bourdieu (RBCE)
120. As práticas corporais nas academias de ginástica: um olhar do professor sobre o corpo fluminense (RBCE)
121. “Do outside”: corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano (RBEFE)
122. Educação do corpo feminino: um estudo na Revista Brasileira de Educação Física (1944-1950) (RBEFE)
123. Corporeidade e sexualidade em dançarinos de rua: axé e hip hop (RBEFE)
124. *Habitus* e corpo social: reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Bourdieu (RM)
125. Formação em Educação Física: análise comparativa de concepções de corpo de graduandos (RM)
126. Identidades “raciais” e identidades nacionais: as representações do corpo negro na construção do “estilo brasileiro de jogar futebol (RM)

127. Aula se Educação Física não é lugar de estudar o corpo!?! (RM)
128. Corpos femininos volumosos e estética: discursos contra hegemônicos sobre beleza em blogs na internet (RM)
129. O corpo e as práticas de si: a construção bioidentitária de um lutador de *wrestling* profissional em tela (RM)
130. O corpo negro e os preconceitos impregnados na cultura: uma análise dos estereótipos raciais presentes na sociedade brasileira a partir do futebol (RM)
131. Corpo, festa e ludicidade: a cultura maringense retratada em telas (MREF)
132. O corpo, o desenvolvimento humano e as tecnologias (MREF)

2012

133. Avaliação da imagem corporal em professores de Educação Física atuantes no fitness na cidade do Rio de Janeiro (RBCE)
134. Belos, sadios e normais: as representações sociais dos corpos infantis na revista *Pais & Filhos* (1968-1977) (RBCE)
135. Capoeira dialogia: o corpo e o jogo de significados (RBCE)
136. Como se fabricam os anjos? Uma arqueologia do corpo nos manuais escolares de moral e de higiene na França, 1880-1974 (RBCE)
137. Las prácticas corporales en la educación corporal (RBCE)
138. Educação Física e esportes na Ação Integralista Brasileira: Hollanda Loyola e a educação do corpo (RBEFE)
139. Representações sociais do corpo: um estudo sobre as construções simbólicas em adolescentes (RBEFE)
140. Corpos belos nos ambientes visuais: estudo por meio da sociologia visual (EFM)
141. Possíveis relações entre corpo, saúde e o envelhecimento do professor de Educação Física (RM)
142. O corpo e o movimento como matrizes de criação e conhecimento: paralelos entre a poiésis grega e o vitalismo schopenhauriano (RM)
143. Voga esportiva e artimanhas do corpo (RM)
144. Corpos, dores, subjetivações: notas de pesquisa no esporte, na luta, no balé (RM)

145. A educação do corpo para o “soldado integral”, “forte de físico, culto de cérebro e grande de alma” (MREF)
146. A concepção de corpo dos estudantes de graduação em Educação Física (MREF)

2013

147. Los cuerpos y sus marcas socio-étnicas: futbol, identidades e historia en los valles orientales de jujuy (Argentina) (RBCE)
148. Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino (RBCE)
149. Carteira rosa: a tecnofabricação dos corpos sexuados nos testes de feminilidade na olimpíada de 1968 (RBCE)
150. Na dança tanto seu objeto quanto seu instrumento profissional é o corpo (RBCE)
151. A produção do conhecimento que trata do corpo e da beleza: implicações para a Educação Física (RBCE)
152. Representações sobre corpo e educação da mulher na expansão do escotismo e do bandeirantismo durante nas primeiras décadas do século XX (RBCE)
153. “A saúde da mulher: Viver bem ou parecer bonita. Um breve panorama sobre a imagem corporal das mulheres”. (MREF)

2014

154. Los cuerpos de Foucault: una genealogía de los estudios foucaultianos en el campo de académico de la Educación Física en Brasil y en la Argentina (RBEFE)
155. As práticas corporais e a educação do corpo em uma instituição confessional de ensino (EFM)
156. Capoeira: a memória social construída por meio do corpo (RM)
157. Corpos na escola: reflexões sobre educação física e religião (RM)
158. Escárnio de corpos, cyberbullying e corrupção do lúdico (RM)
159. Corpo e natureza em Merleau-Ponty (RM)
160. Fallon Fox: um corpo quer no octógono (RM)
161. O envelhecer na visão do profissional de Educação Física atuante em academia de ginástica: corpo e profissão (RM)

162. Reflexões sobre corpo, saúde e doença em Merleau-Ponty: implicações para práticas inclusivas (RM)
163. Corpo e política no retorno à democracia no Uruguai (1985-1990): integração da sociedade e continuação da violência (RM)

2015

164. Hacia un cuerpo de la experiencia en la educación corporal (RBCE)
165. Saber do corpo, do político e da política: notas sobre indivíduo e sujeito (RBCE)
166. A construção do corpo ideal no balé clássico: uma investigação fenomenológica (RBEFE)
167. Corpo e educação no escotismo a partir da Revista Tico Tico (1921-1933) (RM)
168. A Educação Física no ensino médio: um olhar sobre o corpo (RM)
169. Diálogos entre o corpo e a natureza: as práticas corporais ao ar livre e a Educação Física escolar (RM)
170. Corpo-máquina: diálogos entre discursos científicos e a ginástica (RM)

Definida a lista, retornamos aos artigos procurando construir procedimentos de tomada de dados que atendessem às expectativas levantadas inicialmente e que compartilhassem com as demais leituras realizadas no primeiro momento.

Ao iniciar o levantamento das informações com as quais teríamos que dialogar, partimos do pressuposto que não seria necessário desconstruir os artigos integralmente para compreender a mensagem que eles apresentavam. Definimos que para interpretar e analisar o *corpus*, faríamos o levantamento dos seguintes tópicos apresentados nos artigos:

1. Título
2. Autor
3. Objetivo
4. Natureza do objeto (escolar /não escolar)
5. Sujeitos investigados
6. Categoria/subcategoria

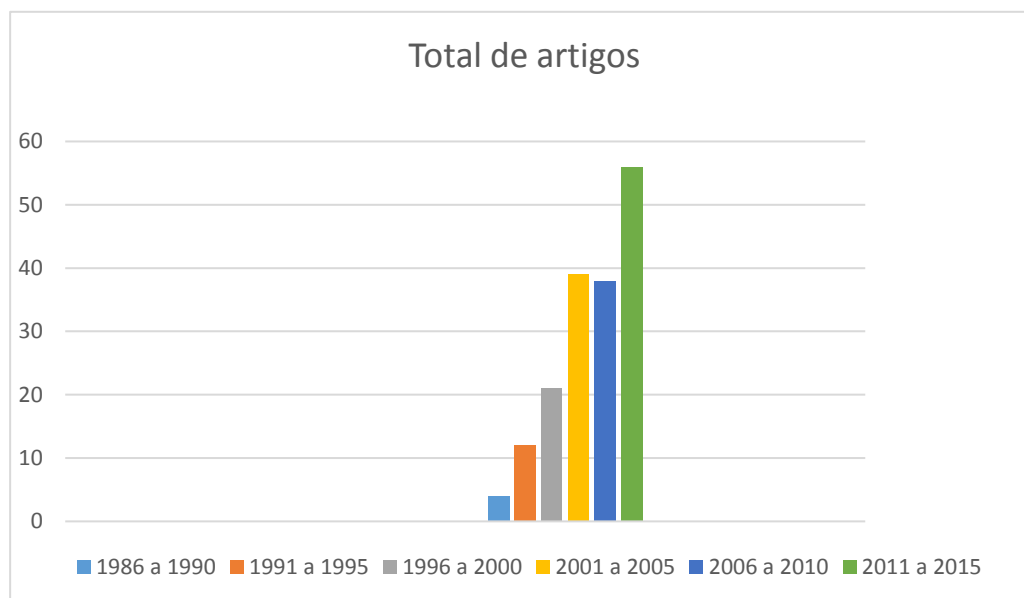
A partir dessa leitura construímos um quadro contendo as informações ou unidades de registro que tínhamos em mente coletar e que posteriormente se constituíram em unidades de pesquisa ou unidades de análise.

No tópico seguinte, por meio dos resultados da coleta de dados e das reflexões, apresentamos a discussão que os pesquisadores vêm travando sobre o corpo no campo da Educação Física.

3.1 – Publicação dos artigos ao longo das décadas

De acordo com a lista dos artigos, apresentada no início deste capítulo, a quantidade de artigos relativos à temática do corpo soma 170 que passam a constituir o *corpus* de pesquisa. De modo geral, percebemos entre as revistas uma variação no número de publicações, não apresentando uma constância tanto em número de publicações, quanto em relação à periodicidade anual, como pode ser observado na Figura 2 a seguir:

Figura 2 – Publicações versando sobre o corpo nos periódicos pesquisados por ano



Fonte: Autora, 2016

As publicações também podem ser visualizadas de forma mais evidente no Quadro 3 a seguir:

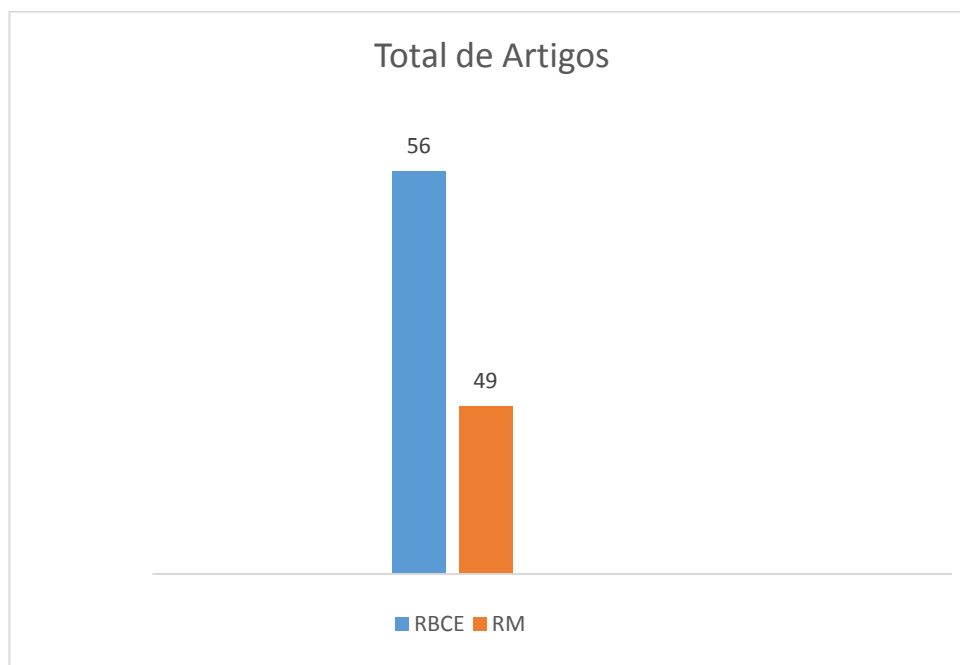
Quadro 3 – Quantidade de artigos das revistas referentes à temática do corpo no período de 1979 a 2015

Periódicos/ Ano	RBCE	RBEFE	EFM	RM	MREF	Total
1979						
1980						
1981						
1982						
1983						
1984						
1985						
1986	1					1
1987						
1988	1					1
1989	1					1
1990	1					1
1991						
1992	2					2
1993			2			2
1994	3					3
1995			2	1	2	5
1996	2	1	1	2	1	7
1997			2	1		3
1998			1			1
1999			2	1	1	4
2000	5				1	6
2001	1		1	1	2	5
2002	2		1		3	6
2003	5			3	2	10
2004	2	1		2	1	6
2005	6			4	2	12
2006	6			3		9
2007		1		2		3
2008			2	2	4	8
2009	4	1		1	4	10
2010	1	1	1	4	1	8
2011	6	3		7	2	18
2012	5	2	1	4	2	14
2013	6				1	7
2014		1	1	8		10
2015	2	1		4		7
Total	62	12	17	50	26	170

Fonte: Autora, 2016.

Mas em que pese toda essa variação, percebemos que dois periódicos, RBCE e RM, apresentam maior ocorrência de artigos acerca da temática em relação aos demais. Embora a RBCE apresente um número maior de artigos versando sobre o corpo, cerca de 36%, e a RM aproximadamente 29% dos artigos sobre a temática, analisando o número de artigos publicados em um mesmo intervalo de tempo, percebemos que não existe variação acentuada entre as duas revistas. Comparando a RM, de publicação mais jovem, ou seja, com publicação iniciada mais recentemente, no período compreendido entre 1994 e 2015, com a RBCE durante o mesmo período, chegamos a um número de publicações equilibrado – 49 artigos da RM e 56 artigos da RBCE. A variação existente entre as revistas se limita à oscilação da frequência dos artigos, ora em maior número em uma revista, ora em maior número em outra, conforme pode ser observado no Figura 3 que segue.

Figura 3 – Publicações versando sobre o corpo na RBCE e revista Movimento no período compreendido entre o ano de 1994 a 2015



Fonte: Autora, 2016

3.2 – Níveis de ensino pesquisados/atingidos pelos artigos

Além da análise da variação nas publicações, os 170 artigos selecionados para a pesquisa foram inicialmente classificados em duas categorias: escolar e não escolar, resultando em 20 artigos na categoria escolar (12%) e 150 artigos na categoria não escolar (88%). Esse resultado pode ser explicado devido à política editorial dos periódicos voltada para a divulgação de conhecimentos de um amplo espectro de subáreas da Educação Física, a saber, pedagógica, sociocultural e biodinâmica.

Em seguida, os artigos classificados na categoria escolar foram subclassificados com base nos níveis de escolarização propostos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996) que estabelece: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, educação superior (Capítulo I - Dos Níveis e das Modalidades de Educação e Ensino - Art. 21º.) e educação de jovens e adultos – EJA (Capítulo 1, Seção V, Art. 37). Os resultados da análise se encontram no Quadro 4, a seguir:

Quadro 4 – Frequência de estudos relacionados aos níveis de ensino da educação infantil, educação fundamental, ensino médio e ensino superior

NÍVEL DE ENSINO	(%)	TOTAL
Educação Infantil	(35%)	7
Ensino Fundamental	(30%)	6
Ensino Médio	(15%)	3
Ensino Superior	(20%)	4
TOTAL GERAL	(100%)	20

Todos os níveis de ensino receberam atenção por parte dos autores dos artigos, mas é possível notar, por meio do Quadro 4, uma tendência maior para a educação infantil. É importante observar a preocupação com o corpo em um nível de ensino que não conta com um profissional da área da Educação Física. Mas vale ressaltar que os artigos, classificados na categoria escolar, não apresentam uma preocupação com o processo ensino-aprendizagem; isso pode ser verificado na caracterização das discussões presentes em cada nível de ensino que será feita na sequência.

As discussões realizadas sobre a educação infantil em meio aos artigos pesquisados apresentam temas variados. Assim, o artigo (Art. 94) visa debater sobre a educação do corpo como conteúdo das instituições de educação infantil voltada para a aquisição de hábitos de higiene e aquisição de habilidades motoras; o artigo (Art. 96) busca entender o significado atribuído ao corpo/movimento durante a rotina das crianças na instituição, dialogando com as diferentes concepções deste agir pedagógico na realidade brasileira; o artigo (Art. 115) pretende destacar a importância das contribuições da Educação Física escolar para a construção da corporeidade infantil; o artigo (Art. 43) tem como objetivo levantar alguns aspectos relacionados à temática do corpo e do movimento e às diferentes formas como o tema é tratado na educação infantil; o artigo (Art. 19) visa compreender a educação do corpo, entendido como instrumento sensível de compreensão do mundo e de construção de vínculo com os outros corpos, com o corpo político, histórico e cultural que possibilitará aos homens a construção da identidade pessoal, coletiva e da cidadania; e por último, o artigo (Art. 35), objetiva destacar as contribuições de Wilhelm Reich para a educação infantil e educação do corpo.

Com relação ao ensino fundamental, os artigos discutem tanto questões pontuais como, por exemplo: o artigo (Art. 71) que visa discutir as possibilidades da Educação Física em uma classe hospitalar, buscando alternativas social e pedagogicamente relevantes para o ensino, quanto questões abrangentes como o caso do artigo (Art. 7) que busca investigar de que forma a escola tem construído uma corporeidade para a submissão dos estudantes ao sistema de dominação vigente. Além disso, o artigo (Art. 20) objetiva discutir a expressão do corpo pela dança e a sua vivência e reflexão no meio escolar, com a finalidade de verificar sua contribuição como agente conscientizador do homem e das suas possibilidades de movimento; o artigo (Art. 45) visa discutir a descoberta da corporeidade expressa nas brincadeiras e jogos das crianças, e, também, o corpo em busca

de liberdade que pode ser observado nas resistências dos estudantes às normas da escola; o artigo (Art. 9) tem como propósito analisar o trabalho de professores de Educação Física buscando compreender, no plano simbólico da cultura, a lógica que ordena o sistema de representações que eles possuem sobre o corpo, lógica esta que suporta e rege sua prática profissional; e por fim, o artigo (Art. 74) que busca desvendar as relações entre um projeto político pedagógico considerado inovador e as práticas corporais que acontecem no cotidiano de uma escola de ensino fundamental.

No ensino médio a discussão se pauta em assuntos variados, tais como o artigo (Art. 127) que busca entender a compreensão dos estudantes sobre as relações entre estudar o corpo e a Educação Física escolar; o artigo (Art. 157) que visa desvelar a compreensão do modo como as meninas evangélicas relacionam aquilo que a igreja ensina com outras formas de gerir o corpo, que aprendem fora do âmbito religioso, e ainda, em que medida a Educação Física exerce um papel de tensão nessa relação; e por último, o artigo (Art. 168) que tem como objetivo investigar quais aspectos relacionados ao corpo, na contemporaneidade, são destacados pelos professores, assim como verificar de que maneira seriam, eventualmente, abordados nas aulas de Educação Física do ensino médio de escolas do Rio de Janeiro.

No ensino superior, a discussão presente nos artigos se limita a identificar como graduandos e professores conceituam o corpo atualmente, tendo como referência o currículo em Educação Física (Art. 103) e, a identificar as concepções de corpo dos graduandos e de que forma eles relacionam o corpo à prática profissional (Art. 102, Art. 125 e Art. 146).

Mediante a análise dos níveis de ensino atingidos pela pesquisa, inferimos que na educação infantil, a discussão com relação ao entendimento de corpo apresentado pelos profissionais que atuam junto às crianças, está presente. Os artigos apontam preocupações com relação à educação do corpo voltada para a aquisição de hábitos de higiene e de habilidades motoras, com a exclusão da corporeidade das crianças, e ainda, com o fato dos adultos exercerem um controle e dominação constante sobre o corpo das crianças. Em contraposição a isso, os autores apontam a necessidade de se entender o corpo como um instrumento sensível de compreensão do mundo e de construção de vínculos com outros corpos sensíveis e simbólicos que possibilitará a construção da pertinência ao grupo e da identidade pessoal.

À medida que se avança nos níveis fundamental e médio de ensino é possível perceber uma ampliação das discussões, mas sempre na perspectiva de buscar a conscientização do homem e das suas possibilidades de movimento, e, na tentativa de buscar a construção da corporeidade para superar a submissão dos estudantes, no cenário em que o corpo é entendido e tratado a partir de uma situação de “docilização”, por intermédio de técnicas disciplinares que se traduzem por meio do rendimento e do controle corporal.

No ensino superior a preocupação apresentada nos níveis anteriores ainda se faz presente, pois as pesquisas têm como objetivo principal identificar as concepções de corpo/corporeidade que os estudantes dos cursos de graduação em Educação Física possuem. Os resultados indicam uma predominância da visão técnico-biológica e fragmentada de corpo, nos primeiros períodos do curso, dada a construção histórica da Educação Física. Nos últimos períodos, surgem indícios de modificação ou ampliação dessa concepção, com uma compreensão integrada de corpo.

Desse modo, a análise dos artigos nos permite inferir que não há mudanças significativas na concepção de corpo à medida que se avança nos níveis de ensino. A relação instrumental que a Educação Física vem estabelecendo com o corpo dos estudantes prevalece em todos os níveis de ensino. Embora a compreensão mais integrada de corpo se desenvolva nos últimos anos da graduação, essa ampliação parece não estar refletindo na atuação profissional desses licenciados que concluem os cursos de Educação Física e se ingressam nas escolas, mas as causas disso são objeto para outra análise.

3.3 – Sujeitos investigados/atingidos pelos artigos

Outra caracterização que contribuiu com as interpretações realizadas sobre os dados foi a dos sujeitos investigados. Com o intuito de facilitar a leitura optamos por expor esses dados em um quadro – Quadro 5. Vale ressaltar que nem todos os artigos explicitam os sujeitos investigados e há, ainda, os artigos de natureza teórica em que não há sujeitos envolvidos na pesquisa.

Quadro 5 – Sobre os sujeitos investigados

AGRUPAMENTOS	SUJEITOS INVESTIGADOS
Público escolar	<ul style="list-style-type: none"> · Crianças de uma turma do primeiro ano do ensino fundamental (Art. 7); · Vinte professores do ensino fundamental da rede pública do estado de São Paulo (Art. 9); · Vinte e oito sujeitos, estudantes de nível superior dos cursos de Biologia, Ecologia e Educação Física, da Universidade Estadual Paulista - Rio Claro (Art. 16); · Estudantes da 8ª série do Centro de Aplicação Pedagógica da Universidade Estadual de Maringá (Art. 20); · Acadêmicos/as e profissionais da Pedagogia e da Educação Física na Universidade Federal de Santa Catarina (art. 43); · Estudantes da Escola Estadual de 1º Grau – Tancredo Neves em Santa Maria/RS (Art. 45); · Profissionais e estudantes de uma instituição escolar da Rede Municipal de Belo Horizonte que apresenta forte nível de adesão às diretrizes da Escola Plural (Art. 74); · Dezoito jovens de 13 a 15 anos, estudantes de uma escola pública no RS (Art. 81); · Estudantes de uma escola pública no RS (Art. 87); · Vinte e três crianças de 3,5 a 6 anos de idade de um Centro Municipal de Educação Infantil localizado na cidade de Campinas/SP (Art. 95); · Cento e três estudantes de um curso de graduação em Educação Física (Art. 102); · Vinte e oito estudantes ingressantes, 33 estudantes concluintes e 11 professores universitários de um curso de Licenciatura em Educação Física de uma instituição pública, do interior do Estado de São Paulo (Art. 103); · Cento e cinquenta e um sujeitos, entre os quais estudantes dos cursos de licenciatura, bacharelado e pós-graduação em Educação Física da Universidade de Pernambuco (Art. 108); · Onze professores (quatro professores universitários e sete professores da educação básica) (Art. 109); · Crianças de escola de educação primária de um centro educativo de Barcelona (Art. 115); · Graduandos de Educação Física de primeiro e últimos períodos de duas universidades (Art. 125); · Grupo de 30 meninas do ensino médio (Art. 127); · Duzentos e cinquenta e cinco professores de Educação Física, sendo 179 (70,2%) do sexo masculino e 76 (29,8%) do feminino (Art. 133);

	<ul style="list-style-type: none"> · Dez adolescentes (cinco meninas e cinco meninos) do terceiro ciclo da educação básica, mais concretamente do 9º ano de escolaridade (Art. 139); · Quinze estudantes, sendo 10% de cada turma, do curso de Educação Física (Art. 146); · Vinte e um professores de diferentes instituições de ensino médio do Rio de Janeiro (Art. 168).
Profissionais de diversas áreas	<ul style="list-style-type: none"> · Quatro terapeutas ocupacionais, quatro fonoaudiólogos, três fisioterapeutas e três psicólogos que trabalham junto a pessoas com deficiência (Art. 59); · Doze professores de Educação Física de cinco academias de pequeno porte (Art. 120); · Treinadores das categorias de base e treinador da equipe principal do Cruzeiro Esporte Clube, de Belo Horizonte/MG (Art. 126); · Trinta e dois profissionais localizados por meio de uma comunidade virtual específica, com mestrado concluído, e 19 com doutorado em andamento (18 homens e 14 mulheres), atuantes em diversas áreas da Educação Física (Art. 132); · Trinta e dois professores (as) de Educação Física atuantes em escolas e/ou em academias de ginástica, na faixa etária de 40 a 60 anos (Art. 141); · Doze profissionais que trabalham em uma ou mais academias de ginástica (Art. 161).
Pessoas em geral	<ul style="list-style-type: none"> · Moças e rapazes, na faixa etária de 14 a 21 anos, que apresentam cegueira e/ou visão subnormal (Art. 22); · Cento e cinquenta idosos (Art. 36); · Pessoas idosas, com 60 anos ou mais, em uma cidade de porte médio do Brasil (Art. 39); · Homem fluminense (Art. 52); · Adolescentes de 14 a 18 anos (Art. 68); · Crianças e jovens de uma classe hospitalar (Art. 71); · Índios da Aldeia Bororo (Art. 77); · Grupo de Teatro Estandarte (Art. 106); · Adolescentes em situação de rua (Art. 111); · Artista plástica Lilia Lobo e a sua obra (Art. 131); · Vinte e oito pessoas em oito diferentes ambientes virtuais (Art. 140); · Povo dos vales leste da província de Jujuy (Argentina) (Art. 147); · Cinco adolescentes da Assembleia de Deus, com idade entre 11 e 17 anos (Art. 148);

	<ul style="list-style-type: none"> · Cinco meninas evangélicas (Art. 157).
Público das práticas corporais	<ul style="list-style-type: none"> · Dario José dos Santos (ex. jogador de futebol) (Art. 23); · Treze sujeitos que experimentam a vivência da dança (Art. 30); · Frequentadores de duas academias de ginástica e musculação (Art. 60); · Homens com idade entre 18 e 30 anos, frequentadores de academias (Art. 70); · Cinco pessoas do futebol e quatro pessoas da natação (Art. 73); · Frequentadores e professores de academia de ginástica (Art. 84); · Capoeiristas do Mercado Modelo (Art. 86); · Comunidade de Maracatu (Art. 88); · Dezesete mulheres de 16 a 34 anos, em academia de musculação (Art. 92); · Oito pessoas com histórias de vida relacionadas às Práticas Corporais Alternativas, como praticantes, profissionais ou pesquisadores (Art. 96); · Noventa e um frequentadores, com idade entre 15 e 72 anos, de uma academia de musculação na Ilha do Governador (Art. 101); · Protagonistas dos Jogos dos Povos Indígenas (Art. 107); · Três coreógrafos da atualidade: Mathilde Monnier, Phillippe Decouflé e Julyen Hamilton (Art. 113); · Grupo de capoeira na cidade de Natal/ RN (Art. 114); · Cinco surfistas recreacionais (Art. 121); · Trinta e cinco dançarinos e 49 dançarinas, além do grupo controle de 40 expectadores e apreciadores da dança (21 homens e 19 mulheres) (Art. 123); · Praticantes de balé, caratê e atletismo (Art. 144); · Seis bailarinas clássicas (Art. 166).

Fonte: Autora, 2016

Ao observar os dados do Quadro 5, percebemos que os artigos atingem desde crianças da educação infantil até estudantes do ensino superior no que se refere aos sujeitos investigados, com evidência para os estudantes do ensino superior, sobretudo, acadêmicos dos cursos de Educação Física. Com relação aos professores, houve evidência de professores em todos os níveis, com exceção da educação infantil.

Observamos, também, a diversidade de sujeitos investigados que vai desde praticantes de diversos tipos de exercícios físicos – dança, teatro, surfe, capoeira, lutas, atletismo, futebol, natação, Práticas Corporais Alternativas, até sujeitos que constituem minorias sociais, tais como, povos indígenas, povos dos vales da província de Jujuy, pessoas com deficiência e estudantes de classes hospitalares. Foram investigados ainda, profissionais de diversas áreas, professores e frequentadores de academias de ginástica, adolescentes, idosos, treinadores de futebol, artista plástica e até mesmo uma comunidade Maracatu. Tudo isso nos leva a concluir que a discussão acerca da temática do corpo, apresentada nos periódicos, é abrangente no que se refere aos sujeitos investigados.

Embora ocorra uma diversidade de sujeitos investigados, as discussões referentes ao corpo, apresentadas pelos autores dos artigos, indicam uma compreensão de corpo que tende a considerá-lo no seu sentido complexo e sistêmico, em interação com outros corpos. Independente de qual seja o segmento de sujeitos investigados, por exemplo, atletas, estudantes, índios, coreógrafos, artista plástica, a compreensão de corpo empreendida pelos autores é a mesma. Ela está sempre vinculada às críticas da tradição cartesiana de corpo biológico, manipulável e utilitarista.

Entre os sujeitos que fazem parte do contexto escolar, isso também pode ser observado desde as discussões que envolvem as crianças da educação infantil, passando pelo ensino fundamental e chegando ao ensino médio. Nos referidos níveis de ensino os artigos evidenciam preocupações com a educação do corpo voltada para a aquisição de hábitos de higiene e de habilidades motoras, com a exclusão da corporeidade na escola, e ainda, com o fato dos adultos exercerem um controle e dominação constante sobre o corpo dos estudantes. No ensino superior, a preocupação se faz presente com relação às dimensões conceituais do corpo, e em alguns artigos busca-se uma comparação entre a concepção de corpo dos universitários nos anos iniciais e nos últimos anos da graduação em Educação Física.

Quando se trata de adolescentes ou adultos, no âmbito das academias, as preocupações dos autores dos artigos relacionam-se à exaltação do corpo com ênfase na sua exposição e exibição pública, e ainda, à aparência como uma das dimensões mais valorizadas no corpo e do entendimento do corpo como algo manipulável ou inacabado. Corpo que, no entendimento destes autores, deixa de ser visto em sua inteireza e passa a ser compreendido como se fosse composto por partes sempre passíveis de melhoras,

modificações, trocas, ou seja, algo que se modifica de acordo com os anseios do indivíduo e a moda.

Com relação aos demais sujeitos investigados, a compreensão de corpo, discutida pelos autores dos artigos, segue a mesma tendência. No caso dos índios, por exemplo, discute-se a relevância da corporalidade para a compreensão da cultura desses povos e, no caso dos jogos dos povos indígenas, a preocupação dos autores encontra-se na conotação de espetáculo, no qual as práticas corporais assumem características de esporte de rendimento, modificando consideravelmente a relação do índio com o uso do próprio corpo. No caso do grupo de teatro, discute-se a compreensão da relação corpo e linguagem por meio da construção das cenas teatrais. A preocupação com os grupos de capoeira refere-se às representações e significados que os capoeiristas dão à sua experiência cotidiana, e ainda, a intencionalidade da experiência do corpo entre os capoeiristas. Assim, cada experiência enriquece a corporeidade do indivíduo que assimila significados particulares dela, fazendo surgir um corpo que não se fecha em si, mas que se completa e se expressa intencionalmente.

Na comunidade Maracatu discute-se a necessidade de repensar o trato pedagógico do campo gestual popular, transcendendo a abordagem meramente técnica do movimento, de forma a tratar a cultura popular no sistema escolar em uma dimensão totalizante. Com os coreógrafos a discussão busca encontrar outros sentidos para a performance como engajamento do corpo na ação e seus aspectos ontológicos e estéticos e a transgressão necessária ao processo de criação. Com relação aos atletas as discussões dos autores dos artigos apontam para a preocupação com a existência de uma pedagogia da dor e do sofrimento, na medida em que estas situações são representadas como algo comum, corriqueiro, necessário, edificante e, também, prazeroso. Os discursos e práticas acerca do esporte vão se configurando como reprodutores de uma dinâmica que valoriza o sacrifício, a renúncia e, em certo limite, a crueldade. Condição que se situa na contramão do esporte, entendido como atividade historicamente criada e socialmente desenvolvida em torno de uma expressão de subjetividade, e do jogo lúdico, que não visa resultados materiais.

3.4 – Principais temas presentes nos artigos

Nesta mesma perspectiva de buscar as características que emergem na análise dos artigos selecionados, incluímos neste momento o que mediante uma leitura criteriosa identificamos como os principais temas dos artigos analisados, que conforme explicitado no Capítulo I, foram agrupados em unidades temáticas. Estas unidades temáticas, a partir de análises e problematizações, constituíram as categorias de análise da pesquisa. Para essa construção a indagação junto aos artigos selecionados foi a seguinte: o que os autores dos artigos discutiram sobre a temática do corpo?

Ao desenvolver esta análise, cuja ênfase investigativa era a compreensão do que os autores discutiram nos artigos que constituíram o *corpus* de pesquisa, foram identificadas cinco categorias e 15 subcategorias, conforme o Quadro 6 que apresentamos a seguir:

Quadro 6 – Categorias e subcategorias

	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1	Corpo subjetivo	Descobertas/revelações no/do próprio corpo
		Exploração/criação de movimentos
		Reflexão sobre as práticas
2	Corpo cultuado	Forma/apresentação do corpo
		Redefinição da identidade
		Estratégia de distinção social
3	Corpo dominado	Dominação dos corpos
		Representações de gênero
		Representações de envelhecimento
4	Corpo disciplinado	Representações de raça
		Corpo fisicamente/moralmente educado
		Corpo como meio de aquisição de saúde
5	Corpo biológico	Corpo eugênico
		Rendimento
		Experimentação técnica

A seguir, apresentamos a relação e uma rápida descrição dos artigos elencados em cada categoria. O número que aparece entre parênteses indica a referência do artigo que se encontra na lista dos 170 artigos apresentada no início deste capítulo. Por exemplo, a referência (**Art. 1**) representa o artigo: **Ginástica para a alma, música para o corpo**, da RBCE, publicado no ano de 1986.

3.4.1 – Corpo subjetivo

3.4.1.1 – Descobertas/revelações no/do próprio corpo

Dos 49 artigos relacionados na categoria do “corpo subjetivo”, 29 foram elencados nesta subcategoria, sendo oito deles relacionados às questões que envolvem o corpo e a Educação Física, quatro artigos relacionados à saúde, três artigos relacionados ao corpo com deficiência, quatro artigos relacionados à evolução de concepções, visões e mentalidades do corpo no decorrer do tempo e os outros 11 artigos versando sobre questões diversas acerca do corpo e corporeidade.

Entre os que se relacionam com a Educação Física temos: o artigo (Art. 4) que revê os quadros conceituais e o suporte teórico que definem a prática pedagógica da Educação Física e a sua atuação na ordem social, tendo os aspectos filosóficos da corporeidade como ponto de partida para a compreensão do corpo humano. E ainda, reitera que construir a corporeidade significa viver, ou melhor, aprender a viver por meio das próprias opções ou decisões, ou seja, a partir da própria capacidade de criar e inventar. O artigo (Art. 20) caracteriza a expressão dos corpos pela dança e a sua relação com a Educação Física escolar, a fim de verificar a sua contribuição como agente conscientizador do homem e das suas possibilidades de movimento. O artigo (Art. 44) discute as mudanças que vêm ocorrendo na biologia e que contribuem para problematizar a visão mecanicista de mundo e de homem, relacionando-as com a concepção de corpo e suas implicações para a Educação Física, e ainda, ressalta o entendimento de que o corpo vai sendo construído e desconstruído de acordo com as relações complementares entre o cultural e o orgânico; corpo que ao criar práticas de movimento é ao mesmo tempo o espaço de expressão de vida. Corpo que se comunica por meio de seus gestos e que é ao mesmo tempo orgânico, cultural e social.

Ainda relacionado à Educação Física, o artigo (Art. 72) apresenta algumas discussões que apontam para a historicidade da relação entre Educação Física, linguagem e arte, tomando por base os estudos de Noverre, Delsarte e Dalcroze. Apresenta ainda, que a Educação Física, como educação poética do corpo, pode configurar uma resistência contra o esvaziamento de sentido das práticas corporais e contra o desejo, sempre perigoso, dos pensamentos únicos que desfiguram a experiência subjetiva e sensível. O artigo (Art. 74) discute as relações entre um projeto político pedagógico considerado inovador – o Programa Escola Plural implantado na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte – e as práticas corporais que acontecem no cotidiano de uma escola de ensino fundamental, buscando encontrar no seio das políticas pedagógicas consideradas inovadoras, indícios de mudança na relação instrumental que a escola tem estabelecido, ao longo dos séculos, com a corporeidade de seus alunos.

E ainda, o artigo (Art. 89) que apresenta uma reflexão sobre o papel da Educação Física Escolar na ressignificação do corpo em face do estereótipo construído na contemporaneidade. Aborda-se, também, reflexivamente, a questão do corpo no “fazer” da Educação Física, no qual o professor e os alunos reúnem possibilidades de ressignificação do corpo pela conscientização, superando a fragmentação e propondo a interdisciplinaridade na sua constituição. O artigo (Art. 117) ressignifica as contribuições da corrente de formação docente denominada de Professor Pesquisador Reflexivo a partir das contribuições de Hugo Rodolfo Lovisolo na obra “Educação Física: a arte da mediação”, que usa a imagem do *bricoleur* de Lévi-Strauss para pensar a prática docente. E ainda, questiona se Stenhouse forma parte dos sonhadores de uma educação em que o desafio e a aventura, aliadas do prazer do processo, caminham juntos com outras propostas que enfatizam os mesmos valores e que parecem, reiteradamente, serem derrotadas por uma realidade que demanda protocolos de ensino e de aprendizagem padronizados a partir de uma redução técnica. O artigo (Art. 137) aborda a motricidade a partir de práticas corporais, como dançar, jogar e caminhar, assim como o gesto e as sensações sinestésicas no horizonte da educação corporal, mostrando a motricidade como essa experiência que nós mesmos fazemos do corpo (*leiblich*) para estabelecer uma relação com a educação.

Quatro artigos (Art. 80, Art. 82, Art. 85 e Art. 162) elencados nessa subcategoria estão relacionados à saúde. O artigo (Art. 80) traz reflexões que permitem pensar as

questões implicadas no tema corporeidade e suas correlações, enfrentando, no plano das ideias, os desafios que o plano das intervenções interdisciplinares no campo da saúde tem suscitado. E ainda, aponta que o desafio da formação passa pela sensibilização e capacitação dos futuros profissionais, habilitando-os para ler o mundo nos corpos e os corpos no mundo, pressupondo uma relação sujeito-sujeito. O artigo (Art. 82) apresenta uma leitura, ao longo do tempo, da relação corpo e saúde mediada pela hegemonia do saber mutilador e mutilante de corpo no pensamento ocidental e no conceito hegemônico de ciência, procurando apontar para a necessidade de uma redefinição desse saber, o que será possível, por exemplo, através da efetivação de teorias como a da complexidade, enunciada por Edgar Morin.

Continuando na mesma subcategoria, o artigo (Art. 85) desvela os corpos e suas compreensões de saúde e lazer, não raras vezes ocultados por um sistema que traça discursos normativos sobre saúde, ignorando, ou melhor, desejando homogeneizar a pluralidade de construções de sentido dos corpos na cultura. E ainda, traz o lazer experimentado como um fio possível de alinhar e costurar relações, tanto pelo potencial de ser uma expressão da cultura na qual o corpo pode experimentar a transgressão, quanto pela possibilidade de não sucumbir à expropriação promovida pela economia de mercado. O artigo (Art. 162) discute sobre corpo, saúde e doença em obras de Maurice Merleau-Ponty, buscando implicações para práticas inclusivas, ressaltando que os profissionais de Educação Física, ao olharem para cada corpo humano, como forma de existência, em vez de se focarem sobre a doença ou lesão, podem colaborar com a construção de ações inclusivas, capazes de despertar potencialidades e a superar estigmas e preconceitos que estão tão enraizados na sociedade.

Três artigos (Art. 22, Art. 30 e Art. 59) dizem respeito ao corpo com deficiência. O primeiro relata o desenvolvimento de um trabalho sobre sexualidade, junto a um grupo de adolescentes com deficiência visual, destacando que é preciso criar um lugar onde possa existir a fantasia, a criação e a abertura para o mundo interior e exterior, ou seja, criar condições para produzir um novo tipo de subjetividade que possa libertar o ser humano e garantir-lhe significados de vida. O segundo artigo compreende o significado da dança para pessoas com deficiência visual, na perspectiva de uma abordagem fenomenológica, aproximando-se daquilo que se acredita pensar e sentir na dança atualmente, a partir das vozes próprias dos sujeitos e do que é significativo para eles. E o

terceiro artigo identifica o conceito de corpo que está presente no discurso de profissionais voltados à reabilitação de pessoas com deficiência, confrontando-o com a produção bibliográfica que trata do tema corpo/corporeidade. E ainda, revela o momento de transição em que se encontram os profissionais que exercem sua ação profissional na reabilitação de corpos, demonstrada em contradições conceituais que ora avançam para propostas recentes que consideram o corpo nos seus sentidos complexo e sistêmico, demarcando a íntima relação entre corpo do sujeito com outros corpos de outros sujeitos e com o meio ambiente, e ora retomam a tradição cartesiana de corpo desprovido de anima, de coisa manipulável visando a um desempenho utilitário.

Quatro artigos elencados nesta subcategoria estão relacionados a evolução de concepções, visões e mentalidades do corpo no decorrer do tempo. Desse modo, o artigo (Art. 26) lê no corpo a sociedade, ou seja, compreende a evolução do homem e das mentalidades na perspectiva do corpo, desvelando que cada “eu” constrói e modela o seu próprio corpo. O corpo não é mais algo exterior à existência, mas a sede dessa existência. O artigo (Art. 29) descreve a evolução das diferentes concepções do corpo humano segundo os modelos de máquina, autômato, motor, robô e *cyborg*, abordando o desafio de reconstruir um universo simbólico e relacional ao redor do corpo humano, que em vez de ser dominado, reprimido ou clonizado possa despertar a consciência de uma nova realidade social.

E ainda, o artigo (Art. 37) reflete acerca da visão que o homem ocidental moderno tem de corpo e sua transformação ao longo do tempo, abordando criticamente a transição da dualidade legada a nós desde Platão para um novo paradigma que fala da unidade, da inter-relação e da interdependência entre tudo e todos. O artigo (Art. 64) contribui para a abertura do pensamento e ação na direção de novos horizontes, caminhando pela obscuridade do corpo sensível, com o interesse em localizar sintomas – marcas ou malhas – que revelem a memória do corpo que surge no terceiro milênio, desvelando-se como história e ideologia. Nesse sentido, a tese sustentada está baseada na compreensão de que o corpo que pratica exercícios físicos regulares entra em contato com algo que proporciona um bem-estar fugidio, um estado de consciência que precisa ser constantemente reencontrado, reelaborado.

Os outros dez artigos apresentam discussões variadas. O artigo (Art. 19) compreende a educação do corpo, instrumento sensível de compreensão do mundo, de

construção de vínculo com outros corpos sensíveis e simbólicos e com o corpo político, histórico e cultural que possibilitará aos homens a construção da pertinência do grupo, da identidade pessoal e coletiva e da cidadania. O artigo (Art. 31) apresenta o argumento de que a cultura alternativa confere ao indivíduo a competência e a autonomia no enfrentamento dos problemas deste mundo que lhe foram usurpadas pela modernidade. Esse quadro indica um homem competente na gestão do seu corpo e de sua mente, já que ele sabe e conhece as forças internas e externas do seu mundo. São forças incalculáveis, mas que não lhe foram retiradas e das quais ele não foi excluído. O artigo (Art. 41) contrasta as noções de corpo modernas, seculares e científicas, com as contra modernas, expressas pela cultura alternativa dos anos 1980-1990, e ainda, ressalta na atualidade, a proliferação de híbridos de ciência, religião, técnica, mitologia, tradição... que combinados, reinventam o corpo e mostram a trama que tece o mundo porque os homens não são apenas modernos.

O artigo (Art. 47) demonstra que o corpo se exprime, sinaliza intenções, mostra emoções, assume atitudes, faz mil gestos e mil caras e que o corpo não faria nada disso se fazê-las não tivesse algum significado. Comprova ainda, que a linguagem corporal é um meio de comunicação significativo entre os seres humanos, sendo, portanto, o fundamento e o complemento da comunicação verbal. O artigo (Art. 75) reflete sobre as possibilidades de uma abordagem da corporeidade a partir do que é postulado não pela fenomenologia, mas, sim, pelo pós-estruturalismo e, nesse contexto, pela desconstrução derridiana. O intuito é colocar em questão o discurso daquelas áreas dos estudos da corporeidade que identificam algum tipo de essência e dela se utilizam para conferir um sentido último que justifique as suas atividades. O artigo (Art. 76) elabora uma definição do campo da educação somática tomando como referência o conceito de corpo enquanto experiência, conceito central da pedagogia empregada pelos professores dessa educação somática. Para os profissionais da área de educação somática, não é o corpo da pessoa que é abordado, mas a sua experiência através do corpo. Para tanto, o professor de educação somática utiliza como estratégias pedagógicas, a sensibilização da pele, o aprendizado pela vivência e a flexibilidade da percepção.

E ainda, o artigo (Art. 77) que compreende como se estabelecem as relações entre diferentes maneiras de ser a partir das práticas corporais. As diversas formas de o futebol se apresentar como prática social aponta para as complexas relações que o jogo

potencializa em espaços de fronteiras étnicas e culturais. Seu caráter polissêmico e intercultural possibilita visualizar as dimensões complexas e contraditórias em que se dão a educação do corpo “boe” e a relevância que a corporalidade assume para a compreensão de uma cultura indígena específica. O artigo (Art. 118) apresenta algumas consequências metodológicas resultantes da adoção de uma postura epistemológica foucaultiana para pesquisar o sujeito, o corpo e suas possíveis relações com a educação corporal. Para tanto, apresenta a concepção de agente proposta por Bourdieu e com a noção de modo de subjetivação, apresentada por Foucault, indicando diferenças de concepção e sentido entre elas, vinculando essas diferenças com as duas maneiras básicas de compreensão do corpo: como meio de individuação e instância de objetivação do sujeito, como modo de subjetivação e singularização. O artigo (Art.131) apresenta como as categorias corpo, festa e ludicidade aparecem em obras da artista plástica Lilia Lobo, especificamente, as que têm por tema a festa. Na iconografia da artista, o corpo dança, brinca, canta, diverte-se, trabalha, come e compra, ingressando em um tempo-espaço que o retira de seu cotidiano, por vezes, rotineiro e desestimulante, para inseri-lo num tempo-espaço diferenciado, em que novas regras de ordem sociocultural podem ser estabelecidas.

O artigo (Art. 159) apresenta os cursos que Merleau-Ponty ministrou entre os anos de 1956 e 1960 sobre a natureza, com destaque para os deslocamentos da fenomenologia em seu pensamento para uma ontologia que encontra na natureza algo que resiste e escapa à própria fenomenologia, particularmente, na ultrapassagem de uma descrição da experiência do ponto de vista do sujeito e mesmo de uma consciência perceptiva. E ainda, ao recusar a noção do corpo como substância e a prerrogativa de uma filosofia do sujeito centrada na percepção e no corpo-próprio, Merleau-Ponty irá abrir novos horizontes em sua filosofia, realçando a experiência do corpo no mundo, na relação com o outro, com a historicidade e com a cultura. E por último, o artigo (Art. 164) que esboça a ideia de um corpo de experiência no âmbito da educação corporal, iniciando com a revisão de algumas das principais tensões conceituais realizadas sobre o corpo e sua experiência na modernidade para, posteriormente, aproximar esta noção ao pensamento da educação corporal. E ainda, vai além do corpo dissecado e categorizado para dirigir-se a um corpo da experiência, quer dizer, a uma subjetividade em processo, mediante práticas objetivas, sensíveis e de saber.

3.4.1.2 – Exploração e criação de movimentos

Nesta subcategoria, foram elencados dez artigos. Os artigos (Art. 15 e Art. 48) discutem a questão da educação global do estudante. Para tanto, o primeiro artigo faz uma análise filosófica sobre a Educação Física, com o propósito de formular relações interdisciplinares na educação global da criança, reportando às questões estéticas no que se refere à intencionalidade da criança na busca da beleza, da ludicidade, e da sua expressão corporal enquanto brinca. E o segundo artigo, argumenta contra aqueles que programam a Educação Física escolar sem levar em consideração a proposta pedagógica da escola, que deve se orientar pela formação intelectual, emotiva e corporal, e ainda, contra os que confundem os valores da formação com específicos grupos de disciplina. A partir dessa argumentação, mostra como a Educação Física pode fazer parte de um trabalho integrado que não abandone, entretanto, seus objetivos específicos no campo do desenvolvimento e expressão do movimento corporal dentro da proposta da escola.

Os artigos (Art. 106 e Art. 114) discutem a intencionalidade da experiência do corpo, sendo que o primeiro experimenta e compreende a relação entre corpo e linguagem por meio da construção de cenas teatrais na interface entre a dança e o teatro. Considerando a leitura dos textos de Merleau-Ponty, o autor enfatiza que a experimentação busca transformar a anatomia, liberar-se das condições normais oferecidas pelo corpo, dos hábitos cotidianos e experimentar uma nova atitude corporal, criar uma nova linguagem. Já o segundo artigo, tem como objetivo evidenciar nuances de uma racionalidade tatuada no corpo e no gesto, a partir do jogo da capoeira, apresentando argumentos da intencionalidade que diz do humano, da sociedade e da cultura, na medida em que o sentido da gestualidade e do corpo são tecidos nas ações mútuas, estabelecidas e reconhecidas pelos sujeitos.

No que diz respeito aos outros cinco artigos, o artigo (Art. 40) encontra o corpo antes de todas as histórias, escutando a mensagem proveniente do próprio corpo, antes de passar pelas representações de qualquer ordem. O corpo fala, e sua narrativa é feita de toda uma linguagem que não usa abstrações, mas se traduz nas vivências de cada momento de sua existência. O artigo (Art.96) mapeia o campo de atuação da Educação Física em relação as “Práticas Corporais Alternativas”, no sentido de identificar as interações ocupacionais existentes entre estas duas áreas, e evidenciar seus pontos em

comum no que diz respeito a possibilidade de atuação no campo da Educação Física. O artigo (Art. 113) encontra outros sentidos para o desempenho como engajamento do corpo na ação e seus aspectos ontológicos e estéticos e a transgressão necessária ao processo de criação. As noções elaboradas permitem refletir sobre a plasticidade do corpo e sua capacidade de incorporação do mundo por meio da criação de um espaço expressivo no qual se instala a dramaturgia do corpo, do espaço, do tempo, dos mundos imaginários e simbólicos.

O artigo (Art. 142) apresenta uma constituição de saberes sobre o corpo e o movimento humano fundamentada na filosofia aristotélica para, em seguida, abordar o pensamento do filósofo alemão Arthur Schopenhauer. E ainda, propõe uma formulação que, partindo de premissas similares às aristotélicas, possa apresentar uma compreensão na qual esteja presente e valorizado o corpo. Se for somente pelo corpo que se pode apreender o mundo, o corpo precisa experimentar, criar e ser capaz de encontrar sua serenidade. O artigo (Art. 146) identifica as concepções de corpo/corporeidade dos estudantes dos cursos de licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Londrina, e ainda, provoca, no âmbito da formação inicial, a compreensão do humano enquanto unidade e totalidade, suscitando a concepção de homem, traduzida na corporeidade viva e no movimento intencional, carregado de sentido e de significado.

E por último, o artigo (Art. 169) analisa a história das práticas corporais ao ar livre e as relações estabelecidas ao longo do tempo com o universo escolar. Ao apresentar as práticas corporais ao ar livre, conclui-se que elas são passíveis de compor o repertório de conteúdos da Educação Física escolar, uma vez que estiveram atreladas e reunidas sob um mesmo arcabouço histórico e uma mesma dinâmica cultural. Muito embora não tenham adentrado à instituição escolar durante o século XIX, as práticas corporais ao ar livre foram apropriadas pelas colônias de férias, instituições consideradas em seus primórdios como extraescolares, tornando-se componente pedagógico definitivo com o advento das escolas ao ar livre no início do século XX. Representam, assim, um profícuo conteúdo escolar passível de ser explorado por professores e alunos nas aulas de Educação Física.

3.4.1.3 – Reflexão sobre as práticas

Foram relacionados nove artigos nesta subcategoria. Destes, quatro dizem respeito ao professor e a prática pedagógica da Educação Física. Assim, o artigo (Art. 9) analisa o trabalho escolar de professores de Educação Física, buscando compreender, no plano simbólico da cultura, a lógica que ordena o sistema de representações que eles possuem sobre o corpo, lógica esta que suporta e rege sua prática profissional. E ainda, considera os professores de Educação Física como agentes sociais que atuam sobre e através dos corpos de seus alunos. O artigo (Art. 14) alerta que os profissionais de Educação Física, por trabalharem com o homem através do seu corpo, estão trabalhando com a cultura impressa nesse corpo e expressa por ele. Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões.

O artigo (Art. 61) apresenta uma reflexão acerca da corporeidade na prática pedagógica em Educação Física à luz do pensamento complexo ou da epistemologia da complexidade advinda, sobretudo, do pensamento de Edgar Morin. E ainda, a compreensão de que o resgate da corporeidade precisará de ações intencionais de ruptura de padrões comportamentais que gerem conscientemente ações de desequilíbrio, sobretudo para impedir que condicionamentos passem a ser despercebidos e se tornem elementos de bloqueio para novas aprendizagens. O artigo (Art. 88) investiga a construção do sentido ético-estético do corpo, buscando subsídios que viabilizem reflexões sobre as relações dialógicas entre ética e estética para o entendimento da estruturação do campo gestual popular, nesse caso, o Maracatu. As investigações apontam para um processo de normatização coletiva que gera técnicas corporais próprias às comunidades de cultura popular, as quais se colocam como parte de uma teia complexa de relações. É o caso de tratar a cultura popular no sistema escolar, em uma dimensão totalizante, entendendo-a como forma de “resistência” a uma educação que tem no “erudito” o único meio de conhecimento.

Dois artigos (Art. 135 e Art. 156) relacionam-se com a capoeira. O primeiro discute sobre o corpo e suas implicações na Capoeira, trazendo uma visão sobre a mesma para a área da Educação Física, em que cada experiência enriquece a corporeidade do indivíduo que assimila os significados particulares dela, fazendo surgir um corpo que não

se fecha em si, mas que se completa e se expressa intencionalmente. O segundo artigo, compreende, a partir de uma análise de elementos da história da capoeira, alguns mecanismos de busca por legitimação no seu universo, bem como suas diferentes formas de organização e manifestação preservadas na memória e cultura brasileira. E ainda, contribui com a cultura cênica da capoeira, afirmando que o corpo é fonte de amplas significações e que possui atitudes e sentimentos e, que, por meio de gestos, pode defender valores e ideais em uma comunicação não verbal.

Com relação aos outros três artigos (Art. 6, Art. 23 e Art. 57), o primeiro discorre sobre as aculturações do corpo em uma sala de aula de ginástica, bem como da capacidade de revolução por suas ações. O que requer encará-lo, alertar o poético que o provoca, resgatar a sua beleza, enfrentar seus limites e apropriar-se das formas mercantilizadas a ele impostas, gestando respostas criativas. O segundo artigo analisa se um jogador de futebol pode atuar de forma lúdica em sua profissão, e ainda, a história do futebol no contexto sociopolítico brasileiro, evidenciando os aspectos centrais da atuação dos atores sociais nesse meio. Nesse sentido, evidenciou-se que as ações do jogador Dario se fundaram principalmente no prazer de jogar, no respeito aos limites do outro, na forma criativa e crítica de dialogar com a bola e com os outros sujeitos sociais, no desejo da construção coletiva das jogadas, bem como na alegria de fazer os outros sorrirem e festejarem. O terceiro artigo revisa alguns aspectos da percepção do corpo pelo homem no passado e discute o que está ocorrendo atualmente: aborda o corpo como matéria bruta para ser manuseado com cuidado, sendo por definição, complexo e perigoso; mostra como o corpo humano adquire legitimidade subjetiva; observa o estágio mais complexo que ocorre quando o indivíduo obtém domínio exclusivo do seu corpo e parte na busca do significado; e, descreve o possível caminho pelo qual a filosofia do lazer e a cultura corporal propiciam ao indivíduo um processo em direção à harmonia pessoal.

Em meio a análise dos artigos que compõem a categoria do corpo subjetivo, percebemos uma tendência de entendimento dos aspectos da corporeidade como ponto de partida para a compreensão do corpo humano, reiterando a necessidade de construção da corporeidade para viver melhor, no sentido de viver de acordo com as próprias opções ou decisões. Mas os artigos discutem o fato de que o homem ainda não compreende a sua própria corporeidade. Isso aponta para a perspectiva de que é necessário fazer com que os indivíduos compreendam seu próprio corpo e suas formas de expressão. A Educação

Física escolar pode possibilitar essa compreensão de corpo e as formas de expressão aos estudantes. Para isso, é necessário considerar a importância do ensino da Educação Física no resgate da corporeidade, por meio de ações intencionais de ruptura, de forma a ressignificar o conhecimento resultante da própria experiência de vida possibilitando a compreensão de corpo e de movimento a cada estudante.

3.4.2 – Corpo cultuado

3.4.2.1 – Forma/apresentação do corpo

Sob o foco do “corpo cultuado” foram relacionados 38 artigos, sendo 22 deles nesta subcategoria: “forma/apresentação do corpo”. Os artigos foram distribuídos de acordo com o público ao qual se destinam para facilitar a descrição. Os profissionais da área da Educação Física juntamente com o público feminino foram os que mais receberam atenção por parte dos autores, perfazendo o total de seis artigos com atenção voltada aos profissionais e sete artigos voltados ao segmento feminino. Os adolescentes receberam atenção em dois artigos, os atletas em um, e o público em geral foi contemplado em seis artigos.

Com relação aos profissionais da área, o artigo (Art. 33) discute a preocupação de uma parcela considerável da população brasileira com a beleza corporal, e o papel representado por profissionais da Educação Física na manutenção do verdadeiro culto à beleza, alimentado e mantido pela indústria e pelo comércio. O artigo (Art. 120) investiga as concepções dos professores de Educação Física, atuantes em academias de ginástica da Baixada Fluminense, sobre sua prática profissional e o trato com o corpo. O artigo (Art. 132) aborda a percepção dos profissionais sobre os corpos mudados, os corpos transformados, além de indagar sobre possibilidades de trabalho com estes novos velhos corpos. O artigo (Art. 133) identifica a prevalência de distorções de imagem corporal entre os sexos em professores atuantes no mercado Fitness. E, ainda, o artigo (Art. 151) distingue e analisa as concepções de corpo e de beleza na produção acadêmica da Educação Física, em nível de mestrado e, por último, o artigo (Art. 168) discorre sobre quais aspectos relacionados ao corpo na contemporaneidade são destacados pelos

professores e de que maneira seriam abordados nas aulas de Educação Física do ensino médio.

No que diz respeito ao público feminino, dos sete artigos elencados, o artigo (Art. 46) polemiza a escravidão das mulheres que buscam adequar-se a um modelo de corpo preestabelecido. O artigo (Art. 84) investiga como se materializam aspectos da indústria cultural – clássico conceito cunhado por Horkheimer e Adorno (1997) para tentar compreender os processos de transformação capitalista – sobre o corpo e suas expressões, entre eles as configurações de gênero. E ainda, mostra que a corrida ascética pela forma física idealizada envolve a louvação/desprezo de certas regiões corporais, além de fronteiras simbólicas e materiais que influenciam homens e mulheres na escolha de diferentes práticas. O (Art. 108) confirma a existência de um padrão de beleza sobre o corpo feminino e o define mediante um parâmetro de caráter científico, qual seja o Índice de Massa Corporal.

O artigo (Art. 153) argumenta as abordagens: o que é “viver bem”? qual o significado de “parecer bem”? definindo tais termos, ressalta o atual papel da mulher na sociedade e a importância que o corpo assume para as brasileiras. Os artigos (Art. 91 e Art. 110) se relacionam à revista Boa Forma, destinada às mulheres. O primeiro artigo analisa como se configura certo “dever ser” feminino veiculado pela revista, algo que se caracteriza no quadro geral da pergunta sobre aspectos da pedagogia do corpo na sociedade contemporânea. O segundo artigo, examina as estratégias discursivas presentes na revista que relacionam o estilo de vida com a estética corporal e a saúde. Por último, o artigo (Art. 128) analisa os discursos (textos e imagens) sobre corpos femininos volumosos e a estética em *blogs* na Internet.

Os artigos (Art. 68 e Art. 139) se referem aos adolescentes, sendo que o primeiro investiga a prevalência do uso de substâncias químicas com finalidade de modelagem corporal, em especial dos Esteroides Anabólicos Androgênicos. O segundo artigo, compreende as representações do corpo em adolescentes do nono ano de escolaridade em Portugal, tanto do sexo feminino como do sexo masculino. O artigo (Art. 67), relacionado a atletas, analisa a questão do doping e os limites do corpo a partir de três episódios envolvendo os atletas Javier Soto Mayor, Carl Lewis e Maurren Maggi. E ainda, o uso de anabolizantes com fins de um investimento maciço sobre o corpo que confirma, de certa forma, um movimento na busca da performance e do rendimento, seja porque a forma

física aumenta as possibilidades de inserção nos mercados de trabalho e sexual, ou ainda porque há certa esportivização dessas práticas.

Os artigos (Art.16, Art. 28, Art. 60, Art. 69, Art. 99 e Art. 140) relacionam-se ao público em geral. O artigo (Art. 16) analisa e reflete acerca da percepção e conscientização que permeiam as justificativas dos sujeitos, quanto ao nível de identificação imaginária dos próprios conceitos corporais evidenciando as discussões a respeito da temática da estética corporal. O artigo (Art. 28) faz investigação histórica sobre a problemática da vergonha relacionada ao corpo humano no que se refere à estética corporal e as mudanças nas relações sociais retratadas no corpo. O artigo (Art. 60) apresenta resultados de uma pesquisa que se relaciona à presença do treinamento desportivo nas práticas de modelação corporal em academias de ginástica e musculação. O artigo (Art. 69) entende o risco no processo de construção do corpo belo, perfeito e desejado, ressaltando o uso de anabolizantes, esteroides, suplementos alimentares, técnicas cirúrgicas de correção ou extração de gordura, como infinitas formas de arquitetar a beleza. Mas muitas delas, porém, oferecem diversos riscos, desde a possibilidade da não mudança até a morte.

Ainda relacionado ao público em geral, o artigo (Art. 99) aborda criticamente a ambivalência presente nos discursos contemporâneos sobre vida saudável e sedentarismo, argumentando que a racionalidade tecnocientífica fez emergir uma “economia das verdades” que, na perspectiva de conduzir a estilos de vida seguros, tem prescrito um ideário normativo de autodisciplina gerador de angústias e de consumo. Essas estratégias reguladoras, tomadas como dispositivos biopolíticos, interferem nos processos de modulação subjetiva das crenças e têm distanciado de uma noção de saúde socialmente possível. E por último, o artigo (Art. 140) investiga o belo nos ambientes virtuais, representados por avatares no jogo *Second Life*, pois a beleza também é buscada na construção de avatares com atributos físicos almejados pela atual sociedade, no qual, as mulheres buscam explorar a sensualidade e os homens a força física.

3.4.2.2 – Redefinição da identidade

Foram identificados 11 artigos que discutem o culto ao corpo com vistas à redefinição de identidade e eles foram divididos em função dos segmentos a que se

destinam. Assim, foram elencados inicialmente quatro artigos (Art. 11, Art. 54, Art. 65 e Art. 90) os quais analisam ou compreendem o corpo feminino nessa perspectiva.

Sendo assim, o artigo (Art. 11) analisa os aspectos relativos às formas e meios de como o corpo feminino padroniza-se na sociedade de consumo, especificamente na brasileira, por meio da aquisição de modelos hegemonicamente estabelecidos e assumidos, consciente e inconscientemente. O artigo (Art. 54) situa o corpo, principalmente o feminino, como um construto histórico, social e cultural, produzido de múltiplas formas no tempo e no espaço. Os artigos (Art. 65 e Art. 90) discutem a representação do corpo ou imagem feminina em duas revistas direcionadas às mulheres. O primeiro artigo aborda a promoção do estilo atlético como uma forma de produção de uma representação do corpo adolescente feminino contemporâneo em edições publicadas na revista *Capricho*, e o segundo artigo, compreende, mediante a análise do conteúdo das manchetes, como a revista *Claudia* produz a representação da imagem corporal feminina em suas capas.

Dois artigos (Art. 70 e Art. 129) se relacionam com as representações de corpo masculino. O primeiro artigo analisa o discurso sobre as representações de corpos masculinos, frequentadores de academias de ginástica, ressaltando que mais do que nunca, os homens estão lidando com a mesma e intensa pressão que as mulheres enfrentam há séculos para adquirir a forma física considerada “perfeita”. Enquanto o segundo artigo, faz uma análise do filme "O lutador", estrelado por Mickey Rourke no papel de um lutador de pro-wrestling (Randy "The Ram") em final de carreira, descrevendo os mecanismos bioidentitários empregados por Randy em sua forja como lutador de luta livre profissional e analisando algumas de suas consequências para a vida do personagem principal do filme.

Outros dois artigos (Art. 78 e Art. 107) dizem respeito aos negros e aos índios respectivamente. O primeiro artigo reflete sobre os elementos que compõem o jogo de capoeira, buscando sua inserção em alguns dos registros da cultura negra, inclusive nos impasses e paradoxos que esta apresenta. Dedicada, para tanto, especial atenção à estandardização da cultura popular, ao lugar social do corpo negro e às expectativas que a ele são dirigidas: força, virilidade, bestialização. O segundo artigo, relacionado aos povos indígenas, o autor analisa a relação entre o esporte e a educação do corpo indígena no contexto dos Jogos dos Povos Indígenas. Nesse ínterim, a reflexão e a interpretação

mostraram que o evento adquire conotação de espetáculo e que práticas corporais tradicionais assumem características do esporte de alto rendimento, podendo contribuir para o surgimento de outro *habitus* e modificar a relação dos indígenas com a forma que sabem servir-se de seu corpo.

Os artigos (Art. 5 e Art. 21) se referem ao campo do lazer. O primeiro discorre sobre o fenômeno lazer, sua relação com a industrialização e com algumas atividades corporais, tendo o prazer como uma imposição. Em uma linguagem tão forte que impõe timidez ao corpo e o impede de afirmar o sofrimento, de sentir-se esgotado. Enquanto o segundo artigo aponta a estreita ligação da "imagem jovem", comercializada pelo consumo, com a discussão sobre o tema lazer-adolescência, verificando como muitas organizações têm-se valido de elementos comumente experimentados no campo do lazer, por essa faixa etária, para alavancar o consumo na sociedade brasileira atual. O artigo (Art. 18) explora a questão de identidade, de maneira geral, ao levantar alguns indícios sobre o trato com o corpo na história do ocidente, com vistas a possibilitar a compreensão do interesse pelas práticas corporais e a constituição da lógica interna e da forma que esse cultivo do corpo assume na atualidade.

3.4.2.3 – Estratégia de distinção social

Nesta subcategoria foram elencados cinco artigos. Sendo que dois deles, os artigos (Art. 81 e Art. 87) referem-se à mesma pesquisa mas foram publicados em revistas diferentes e com alterações nos títulos. Os dois tratam de alguns dos modos pelos quais jovens mulheres significam, apre(e)ndem e vivenciam, contemporaneamente, o cuidado com o corpo e apresentam como título: “O corpo como marcador social de saúde, beleza e valorização de cuidados corporais de jovens mulheres”, e, “O cuidado com o corpo como estratégia de sujeitos generificados”, respectivamente.

Quanto aos demais, o artigo (Art. 27) retrata as formas de entendimento do corpo em momento histórico de transição, a partir de Locke e Rousseau. Momento em que com o recuo da oferta de emprego e o constante desenvolvimento tecnológico, foi possível perceber que o corpo passou a ocupar um lugar diferente daquele que o caracterizou na ascensão da sociedade burguesa. O artigo (Art. 92) identifica e interpreta as representações e as práticas sociais das mulheres da Favela da Rocinha sobre como se

posicionam e como agem, como trabalham o corpo, dentro e fora da academia, para conquistar espaços sociais e de trabalho e neles se manter. Por último, o artigo (Art. 101) analisa a representação sobre o corpo e os desejos de buscar um modelo idealizado, bem como, as razões que levam os indivíduos a despenderem tanto esforço e tempo nessa atividade.

As reflexões acerca da categoria “corpo cultuado” apontam para uma definição de corpo como algo composto por partes sempre passíveis de melhoras, modificações, trocas e que se modifica de acordo com os anseios do indivíduo e a moda. Partindo desse entendimento, temos que o corpo está sujeito a transformações pela moda, academias de ginástica, produtos cosméticos, intervenções cirúrgicas, suplementos alimentares, dietas, entre outras, os quais muitas vezes o descaracteriza em nome do corpo belo/idealizado.

Isso traz como implicação para o ensino a necessidade de se pensar o corpo como objeto da educação, ou seja, a educação ao reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas, poderá perceber tanto a autonomia do corpo quanto a sua dependência com relação ao meio, à cultura e à sociedade em que vive, tendo em vista que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com os outros (MENDES e NÓBREGA, 2004). Desse modo, é necessário redimensionar as práticas pedagógicas com vistas a uma educação empenhada com a vida, com o próprio corpo e com o corpo do outro, possibilitando novas formas de ser, viver e se movimentar. Disso depreende que o desafio para os professores e, especialmente, para os professores de Educação Física, é romper com o mito acerca do corpo perfeito, oferecendo elementos para se pensar em um corpo com os significados que individualizam o estudante.

3.4.3 – Corpo dominado

3.4.3.1 – Dominação dos corpos

Dos 27 artigos relacionados na categoria do “corpo dominado”, 13 fazem parte desta subcategoria. Para facilitar a descrição apresentamos os artigos em dois grupos: o primeiro grupo é composto por quatro artigos que têm como base as discussões sobre o corpo na disciplina Educação Física, e, o segundo grupo, formado por nove artigos, versam sobre a corporeidade de maneira geral.

Assim, os artigos que compõem o primeiro grupo são (Art. 32, Art. 43, Art. 71 e Art. 157). No artigo (Art. 32), partindo do pressuposto da Educação Física como um espaço adequado para a análise crítica das maneiras como o corpo é utilizado, discute o ensino da Educação Física para além do seu aspecto biológico, levando a investigar a educação do corpo pautada em outros referenciais de análise, mais especificamente, nas indicações dadas por Marcel Mauss em seu artigo sobre as técnicas do corpo. O artigo (Art. 43), a partir da premissa de que os adultos tendem a exercer uma espécie de dominação constante sobre as crianças, desconhecendo-as como sujeito de direitos, levanta alguns aspectos relacionados à temática do corpo e movimento e às diferentes formas como o tema é tratado na escola, especialmente nas séries iniciais e na educação de zero a seis anos de idade. O artigo (Art. 71) busca alternativas social e pedagogicamente relevantes para o ensino de Educação Física em classe hospitalar e trata de questões como as alterações das relações de poder entre professores e alunos, a organização pedagógica das aulas, o significado da condição de estar doente. Por último, o artigo (Art. 157) compreende o modo como as meninas evangélicas relacionam aquilo que a igreja ensina com outras formas de gerir o corpo, que aprendem fora do âmbito religioso, e ainda, em que medida a Educação Física exerce um papel de tensão nessa relação.

Dos nove artigos que formam o segundo grupo, o artigo (Art. 2) sintetiza as discussões acerca das desigualdades sociais e o estigma a que as pessoas com deficiência são submetidas. O artigo (Art. 10) compreende o que está por trás da busca de um corpo saudável e bonito, trabalhando no sentido da desmistificação de certos modelos propostos ideologicamente pela sociedade, partindo do pressuposto que a reflexão sobre o corpo nos remete ao processo histórico que a produz, enquanto fenômeno cultural, bem como as relações de poder e ao confronto de interesse que ocorre na sociedade. O artigo (Art. 38) discute o corpo como elemento da cultura e da natureza, destacando a concepção de corpo das ciências biomédicas e sua tendência a uma mundialização da cultura, a força da economia ante a diversidade cultural e as relações entre corpo, ética e política. Traz ainda, a compreensão do duplo caráter da cultura, com sua contribuição para a manutenção da injustiça social e para aquilo que Adorno (1995) chamava de semiformação, a partir de uma educação danificada. O artigo (Art. 42) discorre sobre a visão que tende a atribuir naturalidade e universalidade às maneiras do homem se portar

corporalmente, criticando a concepção naturalista e universalizante, que tende a uniformizar os padrões de movimentação humana, e a aceitação da visão que articula técnica corporal com matriz cultural. Além disso, fundamenta a concepção que sustenta a importância do gesto pessoal na movimentação humana. O artigo (Art. 116) analisa o desenvolvimento histórico da ideia de igualdade e seus desdobramentos em políticas de equidade e, em que medida, o princípio jurídico da igualdade e o sentido de viabilizar a tão almejada igualdade social se viabilizam, tomando o indivíduo e suas particularidades corporais como eixo central.

Ainda no segundo grupo, o artigo (Art. 124) aborda como as reflexões sobre o corpo estão presentes na teoria sociológica de Pierre Bourdieu, articulando o conceito de *habitus* e a construção do corpo social. Bourdieu reflete sobre o tema associando-o em três eixos, a saber, o corpo como lugar do senso prático, o corpo como manifestação do *habitus* e o corpo como investimento de poder e dominação. O artigo (Art. 147) trata de uma série de processos históricos de longa duração em uma área de estudo particular, para estabelecer as coordenadas estruturais que permitiram configurar as relações entre: noções sócio históricas de corpos, as categorizações sócio étnicas regionais dominantes e as identificações de grupo mais profundas entre os jogadores e simpatizantes do futebol praticado entre os povos Vallistos. O artigo (Art. 148) compreende a forma como a Igreja Evangélica Assembleia de Deus influencia a educação do corpo das meninas que a frequentam, ressaltando que cada religião possui crenças e costumes diversos que, no decorrer do tempo, “marcam” os corpos dos fiéis, tornando visíveis gestos e comportamentos tipicamente religiosos. Por fim, o artigo (Art. 158) analisa os modos pelos quais os membros das comunidades na internet praticam *bullying* por meio do lazer virtual, partindo do pressuposto que o *bullying* é um comportamento cruel, presente nas relações interpessoais, em que a pessoa mais forte converte os mais frágeis em objetos de diversão e prazer.

3.4.3.2 – Representações de gênero

Nesta subcategoria foram listados sete artigos. Destes sete, quatro artigos (Art. 83, Art. 121, Art. 149 e Art. 160) estão relacionados ao esporte. O artigo (Art. 83) discute as possibilidades de o esporte servir como um espaço de transgressão, empoderamento,

e/ou disciplinamento patriarcal das mulheres. O artigo (Art. 121) descreve as dinâmicas do surfe e os significados de sua prática, em especial a relação ser humano/natureza estabelecida por meio do esporte, bem como aborda a questão de gênero no surfe. O artigo (Art. 149) investiga os discursos dos jornais da época da Olimpíada de 1968 sobre as condições políticas que levaram aos testes doping comprovar o gênero das atletas mulheres. O artigo (Art. 160) analisa a inserção de Fallon Fox como atleta profissional do *Mixed Martial Arts*, mais especificamente, a luta contra Allanna Jones nas semifinais do *Championship Fighting Alliance*.

Os outros três artigos (Art. 111, Art. 123 e Art. 152) apresentam discussões variadas, sendo que o primeiro artigo mostra como os “meninos” dialogam e negociam valores através de “corpos sociais informados” (BOURDIEU, 1983). Essa definição permite pensar como as práticas corporais se inscrevem simultaneamente em dimensões objetivas e subjetivas. O segundo artigo descreve e compara alguns aspectos da identidade corporal entre os dançarinos de axé e hip hop, bem como as diferenças em termos de sexo, gênero, corporeidade e sexualidade. O terceiro artigo analisa as representações sobre corpo e educação feminina no interior da expansão do movimento escoteiro, que ocorreu nas primeiras décadas do século XX, e ainda, entende como aqueles que pensaram o Escotismo e o Bandeirantismo conceberam a educação corporal para a formação e “reformatação” dos gêneros naquela época.

3.4.3.3 – Representações de envelhecimento

Nesta subcategoria foram elencados cinco artigos com a temática acerca das relações advindas do processo de envelhecimento humano, sendo dois deles (Art. 36 e Art. 39) relacionados ao envelhecimento, de maneira geral, e os outros três artigos (Art. 109, Art. 141 e Art. 161) relacionados ao envelhecimento do professor de Educação Física. Assim, o artigo (Art. 36) resgata uma reflexão sobre o corpo idoso, pois a invisibilidade da corporeidade dos idosos é mais um dos operadores de exclusão deste segmento social. O artigo (Art. 39) mostra que a aposentadoria, gerando um novo tempo na vida dos idosos, tem sido enfrentada com a dificuldade pela maioria dos aposentados devido ao sentimento de exclusão.

O artigo (Art. 109) discute alguns aspectos sobre o processo de envelhecimento do professor de Educação Física, a eventual particularidade da profissão e os significados atribuídos ao corpo pelos professores. A peculiaridade de atuar na prática, no entanto, remeteu ao significado do corpo como instrumento de trabalho, principalmente quando associado a um estereótipo jovial, ao desgaste e ao desempenho físico. O artigo (Art. 141), ao buscar a compreensão sobre como o envelhecer pode afetar o professor de Educação Física, investiga se a saúde emerge nas relações entre o envelhecimento do professor de Educação Física e seu próprio corpo. O artigo (Art. 161) discute como o profissional de Educação Física, atuante em academia de ginástica, concebe e lida com o seu envelhecimento, além de debater eventuais relações no tocante ao envelhecimento, ao corpo e ao mercado de trabalho das academias de ginástica. Deixar de ser o modelo jovem e saudável, apreciado no âmbito das academias, emerge negativamente a esses profissionais, que buscam no conhecimento adquirido na profissão, encobrir estereótipos associados ao envelhecimento.

3.4.3.4 – Representações da raça negra

Nesta subcategoria foram relacionados dois artigos (Art. 126 e Art. 130). O primeiro artigo analisa as representações socialmente construídas sobre a "raça negra" e a sua contribuição para a elaboração identitária do "estilo brasileiro de jogar futebol". O mesmo ressalta que no plano do simbólico da cultura brasileira as representações sobre o "negro" são construídas à luz de uma "corporalidade" específica. Ele tem "força", mas também "ginga". Isso seria o diferencial da "raça negra" em relação ao "branco europeu" cuja virtude seria agir racionalmente, em função dos objetivos em campo, ou seja, mesmo servindo a uma construção positiva, o negro é discriminado. O segundo artigo analisa os significados dos estereótipos que têm surgido sobre a "raça negra" por meio do futebol. E ainda, indica uma das formas de identificação da "raça negra", que diferentemente do homo sapiens, categoria pensada para a "raça branca", as representações hegemônicas sobre a "raça negra" sugerem que os últimos seriam desprovidos da "racionalidade", enquanto os primeiros dotados de inteligência. O lugar social que as representações destinam aos negros é distinto daqueles considerados "superiores" ou "intelectuais", como a ciência, a política ou os negócios, enfim, os cargos diretivos ou de prestígio.

Os artigos na categoria “corpo dominado” apontam para uma preocupação com as relações de poder, partindo da premissa de que em meio às instituições escolares encontra-se presente uma espécie de dominação sobre determinados indivíduos que compõem a diversidade cultural, desconhecendo-os como sujeito de direitos. Nesse sentido, é necessária uma formação de professores de Educação Física pautada em uma perspectiva de diálogo sobre as diferenças, afastando-se do modelo homogeneizador, tendo em vista a diversidade social, cultural e étnica existente na sociedade. Diversidade que vem sendo desconsiderada na educação, de maneira geral e, especialmente, na Educação Física quando esta se pauta nas influências biológicas e técnicas.

Desse modo, é imprescindível considerar a educação inclusiva no currículo de formação de professores de Educação Física de modo que os futuros professores saibam lidar com as situações de deficiência, com as diferenças de gênero, sexuais, étnicas e religiosas, com os povos dos vales, com os indígenas, entre tantos outros que compõem a diversidade humana e que não foram mencionados nos artigos. Isso pressupõe uma formação na/para diversidade, pois não se trata apenas de formar os acadêmicos para atuarem com a diversidade em ações profissionais no futuro, trata-se também de considerar os acadêmicos como seres singulares durante sua formação. O acadêmico só poderá entender e saber lidar com a diversidade se a sua formação for voltada às suas próprias singularidades. A formação docente deve considerar a diversidade existente entre os futuros professores.

Vale ressaltar que, conforme Figueiredo (2002), o professor não tem obrigação de estar preparado para suprir todas as necessidades dos estudantes. Isso pode ser aplicado à diversidade no sentido de que o professor, processualmente, a partir do preparo atitudinal, crítico e investigativo recebido na formação, saberá lidar com as situações à medida que elas forem surgindo. Para tanto, além de considerar a educação inclusiva no currículo de formação dos professores de Educação Física, é necessário desenvolver competências para investigar. O que implica preparo para investigar sobre e para a ação educativa, e ainda, para partilhar resultados e processos com os demais profissionais da educação. Conforme o pensamento de Stenhouse (2003), isso não se dá por mero desejo, mas pelo aperfeiçoamento bem refletido da competência de ensinar que se atinge por meio da eliminação gradativa dos aspectos negativos a partir do estudo sistemático da própria atividade docente.

No que se refere à diversidade humana fora do âmbito escolar, faz-se necessário destacar as discussões que permeiam os artigos elencados na subcategoria “representações da raça negra”, acerca das relações de poder e discriminação racial as quais os negros são submetidos. As referidas discussões chamam a atenção para os preconceitos em relação ao corpo negro impregnados na cultura, denunciando que o comportamento racista continua firmemente enraizado no pensamento social brasileiro. Isso foi constatado nos dois artigos analisados. No primeiro artigo, as representações simbólicas sobre negro no plano da cultura são construídas tendo em vista uma corporalidade que apresenta força e ginga. De acordo com o autor do artigo, estas características seriam o diferencial da raça negra que possibilita o sucesso do futebol em relação ao branco cuja virtude seria agir racionalmente conforme os objetivos em campo. Ainda conforme o autor, até mesmo quando a representação da raça negra parece ter servido para uma construção positiva da identidade nacional do futebol, em termos de qualidade em relação aos outros, o negro teria emprestado a “representação dionisíaca do uso do corpo” para a construção da identidade brasileira.

O segundo artigo, ao relatar a situação em que um grupo tem o “poder” de nomear os negros por “macacos”, chama a atenção para a falácia do mito identitário da “democracia racial”. As discussões buscam desnudar a existência de um racismo inscrito na memória coletiva do povo brasileiro que se revela nas situações de disputa, neste caso as partidas de futebol, sob a forma de um comportamento peculiar que relembra as diferenças daqueles que se encontram em um país igualitário. A memória coletiva proporciona o entendimento das representações sobre as identidades raciais que se encontram internalizadas no plano simbólico da cultura brasileira. Assim, as consciências coletivas e as consciências individuais, com base em formas primárias de julgamento acerca dos brancos e dos negros, continuam se realimentando mutuamente, de modo que a consciência coletiva seja incorporada nas consciências individuais.

Ainda em relação à diversidade humana fora do âmbito escolar, outro aspecto importante a ser ressaltado é a invisibilidade da corporeidade dos idosos. Dos cinco artigos relacionados à velhice, que compõem o *corpus* da pesquisa, três dizem respeito à relação entre o envelhecimento do professor de Educação Física e o seu próprio corpo. Apenas dois artigos estão relacionados às dificuldades enfrentadas pelos idosos em meio a sociedade em que vivem. Essa lacuna existente nas pesquisas envolvendo o corpo dos

idosos corrobora com as condições de vida desse segmento reforçando a invisibilidade e desconsideração com relação às demandas dessa população. A lacuna existente denuncia a necessidade de estudos envolvendo a corporeidade dos idosos.

3.4.4 – Corpo disciplinado

3.4.4.1 – Corpo fisicamente/moralmente educado

Abrangendo a temática do “corpo disciplinado”, foram elencados 27 artigos. Destes, 18 artigos fazem parte desta subcategoria: “corpo fisicamente/moralmente disciplinado”. Sendo cinco deles relacionados ao desenvolvimento de uma educação corporal que privilegia a formação de corpos fisicamente e moralmente educados por meio de instituições e movimentos, tais como, a ginástica sueca no Rio de Janeiro, o Sport Club Germânia em São Paulo, a Ação Integralista Brasileira, a Milícia Integralista e o Escotismo.

Assim, o artigo (Art. 52) busca elementos para compreender a gramática corporal do corpo masculino fluminense, permitindo entender, no plano do sensível, por que a ginástica sueca não fluiu nesse corpo. Ao olhar para o corpo do homem fluminense encontrou-se ali uma “alma” incompatível com os preceitos de uma ginástica racional, que idealizava e esquadrihava os corpos. O artigo (Art. 112) compreende as práticas corporais desenvolvidas no Sport Club Germânia e observa suas possíveis relações com a ginástica desenvolvida largamente na Alemanha ao longo do século XIX. O Sport Club Germânia constituiu-se, ao longo de sua existência, como importante ponto de reunião da colônia alemã de São Paulo. Em sua busca para tornar-se um “lar” com hábitos alemães, não só para os membros da colônia, mas também para os jovens da nova pátria, usava as publicações próprias e os jornais da colônia para difundir a importância da prática regular de exercícios físicos como forma de construir um ser humano completo, tanto física quanto moralmente.

Ainda em continuidade aos artigos relacionados à formação de corpos fisicamente e moralmente educados por meio de instituições e movimentos, o artigo (Art. 138) possibilita um maior entendimento sobre o papel atribuído à Educação Física e aos esportes pelo movimento da Ação Integralista Brasileira. A Ação Integralista Brasileira

buscou formar - inspirada no fascismo italiano, nos discursos médicos eugênicos e de fundamentação cristã do período - seus “soldados” para a defesa da Nação do ponto de vista “moral, intelectual e físico”. O artigo (Art. 145) analisa o treinamento paramilitar realizado pela Milícia Integralista entre os anos 1932 e 1938, mais especificamente, no que diz respeito à formação do “soldado integral”, “forte de físico, culto de cérebro e grande de alma”. O artigo (Art. 167) analisa a importância das atividades do corpo na formação moral e cívica da infância e da juventude, bem como, o valor do escotismo nas primeiras décadas do século XX, evidenciando práticas corporais incorretas ou a ausência de práticas vistas como naturais, formativas e/ou endossadas pela ciência.

Quatro artigos (Art. 7, Art. 53, Art. 95 e Art. 115) têm como foco central a submissão dos estudantes. Assim, o primeiro artigo investiga como a escola tem construído uma corporeidade para a submissão dos estudantes ao sistema de dominação vigente. O segundo artigo apresenta alguns elementos que permitem a leitura dos mecanismos de disciplinamento próprios à Educação Física na ditadura militar uruguaia (1973-1985). O terceiro artigo entende o significado atribuído ao corpo/movimento das crianças durante a rotina das instituições de educação infantil, na qual, as brincadeiras dirigidas, na maioria das vezes, são utilizadas para controlar o corpo das crianças. O quarto artigo, compreende a contribuição da Educação Física escolar na construção da corporeidade infantil, no contexto europeu, indicando que a Educação Física escolar promove a exclusão de corporeidades e, que, a prática pedagógica corporal não reconhece os projetos alternativos que os sujeitos constroem à margem dos discursos e práticas escolares dominantes.

Além desses, dois outros artigos discutem a educação corporal pautados em movimentos religiosos. O (Art. 93) aborda as programações televisivo-religiosas com a veiculação de mensagens sobre aspectos relevantes para o projeto de desenvolvimento da corporeidade religiosa e indica que elas constituem novos caminhos para a difusão de modelos específicos do viver religioso, de forte impacto para a construção de corporeidades. Trata-se, pois, de fenômeno complexo e diversificado de proselitismo religioso com consequências para normatização dos corpos. O (Art. 155) analisa os preceitos da Pedagogia Adventista para a educação do corpo, mais especificamente, aquilo que produz e reproduz sobre as práticas corporais e esportivas. Da análise do material empírico, foi possível identificar a valorização do corpo saudável, útil e recreado,

cuja produção se dá pelo incentivo à prática de algumas atividades, sobretudo esportivas, e pelo repúdio a outras como as lutas e as danças.

Em dois artigos os autores se reportam a documentos e manuais para desenvolverem a discussão relacionada ao corpo fisicamente e moralmente educado. Assim, o artigo (Art. 25) mostra as diferentes formas de conceber o corpo que predominaram nos fins do século XV, bem como, a importância do documento “O Martelo das Feiticeiras”, como instrumento de controle e tentativa de estabilizar um sistema que, durante alguns séculos, mostra-se em crise progressiva. O artigo (Art. 136) analisa como se constitui um biopoder ou um micropoder, no âmbito do discurso escolar, a partir de um acervo constituído por 342 manuais escolares de moral e de higiene na França de fins do século XIX até os anos de 1970.

Dois artigos (Art. 45 e Art. 163) discutem a educação corporal de forma bem específica. O primeiro analisa o ritual da realização do pré-conselho de classe de um bimestre do ano de 2000, e observa as resistências dos alunos às normas da escola. Uma vez que esta, embora apresente uma proposta de ensino libertadora, voltada para a linha de Paulo Freire, ainda insiste em nomear os alunos de disciplinados e indisciplinados. O segundo artigo, analisa as relações entre política e governo do corpo no retorno à democracia no Uruguai, após a última ditadura cívico-militar (1973-1985). O artigo revela que diversas propostas para o desenvolvimento da Educação Física, esporte e recreação surgiram com pretensão inovadora, mudando formas e procurando integrar uma sociedade politicamente fragmentada. Porém, a tentativa de aplacar os efeitos políticos das propostas corporais revela sinais de continuidade com a ditadura, evidenciando semelhanças no governo do corpo entre os regimes.

Os três últimos artigos apresentam discussões variadas, o artigo (Art. 35) faz uma incursão na obra de Wilhelm Reich com o intuito de abominar das práticas educativas os “erros educativos” e as frustrações “desnecessárias” impingidas na educação do corpo. Reich descreve quais as implicâncias e consequências explícitas na educação infantil que, mediante a ação dos educadores, interferem no equilíbrio energético e emocional da criança. O artigo (Art. 100) aborda algumas das crenças que pairam sobre a Educação Física escolar e os seus efeitos na produção do discurso didático. Discurso que expressa a relação entre meios e fins pedagógicos, oferece uma imagem de neutralidade e assepsia ideológica que as representações sociais hegemônicas sobre o

corpo parecem corroborar. O dispositivo ideológico mais visível é a desubjetivação do corpo, o que leva a situações pedagógicas paradoxais, talvez inadmissíveis em outras disciplinas e contextos. Por último, o artigo (Art. 154) analisa as investigações desenvolvidas no campo acadêmico da Educação Física na Argentina e no Brasil baseadas na obra de Michel Foucault, indicando que os trabalhos referenciados por Foucault são importantes para a denúncia das condições de disciplinarização dos corpos e o controle biopolítico da população.

3.4.4.2 – Corpo como meio de aquisição de saúde

A preocupação com a saúde do povo brasileiro e o entendimento do corpo como meio de aquisição de saúde está presente em sete artigos. A discussão proposta pelos autores vai de questões específicas como o corpo feminino ou o corpo na educação infantil a questões que abrangem toda a população brasileira.

Assim, os artigos (Art. 34, Art. 66, Art. 94 e Art. 122) referem-se a questões específicas. O primeiro discute o papel da Educação Física voltada para saúde, a partir de reflexões sobre o cenário social em que se encontra o mundo contemporâneo, suas repercussões sobre o corpo e práticas de intervenção; os conceitos de saúde; e, o modelo de investigação científica hegemônico. O segundo artigo reflete sobre a ideia de infância aliada à proposta de Educação Física escolar nos anos de 1930 e 1940 no Brasil. Época em que os parâmetros de educação das crianças estavam pautados em discursos vinculados a área médica. O terceiro artigo debate sobre a educação do corpo como conteúdo das instituições de educação infantil, dialogando com as diferentes concepções deste agir pedagógico na realidade brasileira e aponta que a preocupação principal da educação infantil do município de Campinas, no que diz respeito à educação do corpo, é a aquisição de hábitos de higiene para o desenvolvimento saudável, a aquisição do esquema corporal, e a aquisição de habilidades motoras básicas para desenvolvimento normal e integral. O quarto artigo, analisa os discursos especializados sobre o corpo feminino, vinculados a um importante periódico da Educação Física brasileira da década de 1940: “A Revista Brasileira de Educação Física”. As práticas corporais e desportivas eram vistas como conquistas para as mulheres, mas ao mesmo tempo podiam colocar em risco o projeto de “ordem” e “progresso” e a própria representação de feminilidade

vigente. Foram colocadas em ação várias retóricas discursivas que apontavam restrições à inserção feminina nesse universo, sendo que a principal justificativa apresentada nas páginas da revista era o fator biológico, baseado principalmente nas diferenças anatômicas e fisiológicas, bem como em um excessivo medo da virilização da mulher.

Com relação aos outros três artigos, mais abrangentes, o artigo (Art. 51) estabelece uma primeira aproximação com a obra de Georges Hébert, oficial da marinha francesa que, na primeira metade do século XX, elaborou um conjunto de procedimentos para exercitar o corpo, o qual denominou “Método Natural”. É possível perceber em sua obra, vestígios de um pensamento que buscou, com precisão, elaborar saberes e práticas voltadas a um projeto de educação do corpo que teve, como princípio norteador, a indicação de um retorno racional à natureza. O artigo (Art. 79) explica como os aspectos de saúde e exercícios físicos esportivo contribuem perversamente para a normalização em elementos coadjuvantes da tendência dominante que, no âmbito da administração política dos corpos, sustentam as sociedades do consumo. Por último, o artigo (Art. 97) compreende o impacto do modernismo, a partir dos anos de 1920 e 1930, na questão da saúde no Brasil. Para tanto, foram analisadas as obras de Fernando de Azevedo, em suas teorias sobre saúde e raça do brasileiro. Esse problema revelou uma nova mentalidade de valorização das raças brasileiras e, sobretudo, de um pensamento de intervenção no campo da saúde e da Educação Física.

3.4.4.3 – Corpo eugênico

Foram relacionados nesta subcategoria dois artigos (Art. 55 e Art. 62) versando sobre a forma específica de educação dos corpos brasileiros, no início do século XX, baseada em um padrão de higidez física e moral que elegia alguns modelos de anatomia em detrimento de outros considerados inadequados ao ideal eugênico proposto pelo Estado e alguns intelectuais da época.

Desse modo, o artigo (Art. 55) analisa, por meio das obras inaugurais de Fernando de Azevedo, os encontros e desencontros de Antinoüs e Sandwina na educação dos corpos brasileiros, mostrando que determinados períodos do passado acabam se constituindo em um lugar seguro para a verdade presente. Como exemplo, o movimento de glorificação dos atributos físicos masculinos percebidos na estátua do grego Antinoüs

e a marginalização, pela ausência de registro ou por intermédio de críticas sutis, de corpos femininos transbordantes como o da musculosa Sandwina, indicando o padrão de higidez física e moral que presumia a nomeação de algumas anatomias modelos e a eliminação de outras consideradas prejudiciais à espécie. O artigo (Art. 62) apresenta como a atividade física, especificamente a natação feminina, tornou-se mola propulsora para se alcançar o ideal eugênico proposto pelo Estado e alguns intelectuais da época, incorporando os conceitos de saúde, beleza e graciosidade, como elementos indissociáveis e necessários às mulheres no início do século XX no Brasil.

Esta categoria do “corpo disciplinado” destaca uma orientação acerca do corpo organizado, trabalhador, saudável, sóbrio, honrado, forte fisicamente e integrado às instituições vigentes, em detrimento do corpo imoral, desorganizado, fraco fisicamente e pouco resistente ao trabalho e às doenças. Destaca ainda, a contribuição da Educação Física para a constituição destes corpos.

Nesse sentido, algumas discussões dos artigos se reportam ao desenvolvimento de uma educação corporal que privilegia a formação de corpos disciplinados por meio de instituições e movimentos, tais como, a ginástica sueca no Rio de Janeiro, o Sport Club Germânia em São Paulo, a Ação Integralista Brasileira, a Milícia Integralista e o Escotismo, que datam do início do século passado. Mas os artigos abordam também algumas das crenças que ainda pairam sobre a Educação Física escolar e os seus efeitos na produção de um discurso didático que expressa a relação entre meios e fins pedagógicos, oferecendo uma ideia de neutralidade e asepsia ideológica que as representações sociais hegemônicas sobre o corpo parecem certificar; qual seja, preparar mão de obra para o trabalho, e ainda, engendrar e incentivar comportamentos sociais eficazes para afastar os vícios que concorriam para corromper a nação.

Vale ressaltar que a abordagem dessas crenças sobre a busca do corpo disciplinado que ainda prevalece na Educação Física escolar, pode contribuir no sentido de problematizar esse tipo de prática desenvolvida por alguns professores, desvelando a que tipo de projeto a constituição desse corpo estava relacionada ao direcionar aos estudantes uma educação moral associada aos exercícios físicos e voltada aos comportamentos sociais harmônicos, à higiene moral do corpo e à saúde social. Isso, para a constituição de corpos preparados fisicamente, disciplinados, organizados e comedidos.

3.4.5 – Corpo biológico

3.4.5.1 – Corpo rendimento

Dos 23 artigos elencados na categoria do “corpo biológico”, 13 foram relacionados nesta subcategoria. Deste total, seis dizem respeito às práticas esportivas e à dança (Art. 73, Art. 86, Art. 143, Art. 144, Art. 150 e Art. 166).

O artigo (Art. 73) analisa e reflete acerca de duas pesquisas sobre as memórias do esporte pelotense – uma referente ao Futebol e outra referente à natação feminina. Nessa memória as cicatrizes corporais testemunham a intensidade da prática esportiva. Experiência moderna que ao longo do século XIX, XX e XXI vêm constituindo uma concepção singular de corpo: o corpo esportivizado. O artigo (Art. 86) analisa a prática da capoeira no Mercado Modelo de Salvador, reconhecido como um importante ponto turístico da Bahia, buscando entender quais as representações e significados que os capoeiristas dão à sua experiência cotidiana. Com a análise, foi possível observar que a capoeira que acontece no interior do Mercado Modelo está muito voltada para sua espetacularização, visto que deve atrair o olhar do turista. Nessa perspectiva, sua gestualidade é performática e objetiva impressionar a assistência para, assim, angariar algum recurso financeiro. O artigo (Art.143) analisa o esporte como modelo universal de organização das práticas corporais contemporâneas e forma específica e especializada de educação do corpo. O artigo discute o skate que pode ser considerado uma prática contemporânea, juvenil e urbana, implicando em certo espírito de aventura em que a criatividade e o risco constante constituem dois de seus mais importantes eixos. E ainda, uma prática de deslizamento em que a leveza, o equilíbrio e, mais amplamente o domínio de si são qualidades físicas buscadas e valorizadas.

Ainda em relação às práticas esportivas e dança, o artigo (Art. 144) investiga o atletismo, o caratê e o balé, com vistas aos dispositivos de subjetivação que se instituem por meio de técnicas, rotinas, rituais, representações e discursos que os sujeitos elaboram, atualizam, repetem, reconstituem, tomando como núcleo as relações com o corpo mediado pelo treinamento. O artigo (Art. 150) analisa os sentidos e significados produzidos nas propostas curriculares dos cursos de formação de professores de Educação Física e Dança. As propostas apontam que um professor de dança deve ser um artista, um profissional que tem experiência acumulada em si e que potencializará, junto aos seus

alunos, os conhecimentos da dança por meio de atividades corporais. Por fim, o artigo (Art. 166) identifica e compreende, pela perspectiva das bailarinas participantes do estudo, o ideal de corpo demandado pela prática do balé. O corpo desejado e ideal para o balé clássico pode ser tanto inato à pessoa, quanto construído e transformado com muito esforço e dedicação pela bailarina.

Cinco artigos (Art. 17, Art. 24, Art. 58, Art. 98 e Art. 170) estão relacionados ao rendimento no trabalho. O primeiro artigo aborda ideias a partir da sociologia das atividades corporais, tomando como base os escritos e a prática de vida da pensadora francesa Simone Weil em relação ao corpo operário. O segundo artigo (Art. 24) discute questões ligadas à forma como foi construída a corporeidade na Antiga Grécia, tomando como referência os trabalhos de dois poetas do período (Homero e Hesíodo), nos quais fica explicitado o modo de existência e as influências que os mesmos exerceram sobre as atividades da época e o corpo dos indivíduos. A relação entre as atividades necessárias à manutenção da sobrevivência e o tipo ideal de homem era uma constante para o grego e, de fato, isso tinha um fator determinante sobre o padrão corporal. O terceiro artigo (Art. 58) contribui para a reflexão das possibilidades de estudos na Educação Física sobre a construção do corpo do trabalhador braçal, configurado pela aspereza da necessidade. E ainda, reflete sobre as práticas de intervenção que atuam nos corpos que querem se fazer objetos de intervenção, como nas academias ou nos centros esportivos, em paralelo com o corpo do trabalhador braçal que se faz na própria atuação do labor.

Ainda relacionado ao rendimento no trabalho, o quarto artigo (Art. 98) busca um entendimento mais amplo da temática, direcionando o foco analítico para as relações entre a corporeidade e as mudanças no mundo do trabalho. Como resultado, verificou-se que há a passagem do corpo visto como motor e/ou energia para o corpo concebido como informação e/ou inteligência. Nesse trajeto a dicotomia entre corpo e inteligência acaba por ser questionada por alguns teóricos que veem no corpo trabalhador a base para os processos decisórios requisitados em montagens microeletrônicas. O quinto artigo (Art. 170) descreve os discursos científicos e práticas modernas sobre o corpo em um recorte temporal delimitado pelo século XIX e virada do século XX, identificando a consolidação da representação de corpo-máquina como fonte de inspiração para outras práticas, como a literatura, a fotografia e, principalmente, a ginástica, no contexto da produção cultural europeia. A construção da mentalidade do corpo-máquina teve suas representações em

discursos e práticas científicas. Ao longo daquele tempo observou-se a permanência da metáfora do corpo como instrumento, como matéria, sem subjetividade, como *res extensa*.

O artigo (Art. 63) se relaciona à escola e investiga a inserção da ginástica (Educação Física) nos programas de ensino primário em Minas Gerais, nas três primeiras décadas do século XX, discutindo as representações que conformaram seu ensino. Naquele período, teria ocorrido uma reconfiguração no seu primado orientador: se inicialmente a ginástica foi orientada como prática ortopédica de correção dos corpos de crianças, a década de 1920 parece trazer novas exigências para ela, articuladas às necessidades de organização do trabalho.

3.4.5.2 – Experimentação técnica

Foram elencados nesta subcategoria dez artigos. Entre os dez apenas três não dizem respeito ao contexto escolar. Trata-se dos artigos (Art. 1, Art. 134 e Art. 105), sendo que o primeiro remete aos pensadores que alicerçaram a filosofia grega e que de certa forma perpetuaram valores até os dias atuais. Reconhece o rico testemunho do passado da Ginástica e confirma, nas obras de Platão, a ideia exclusiva de um dualismo corpo-mente insuperável que repercute e influencia a Educação Física até os dias atuais. O segundo artigo, analisa a educação dos corpos infantis na revista Pais & Filhos, buscando compreender qual ideal de infância é legitimado pela mesma. As representações dos corpos infantis presentes na revista são construídas a partir de um referencial predominantemente biológico. A partir dele, o corpo é entendido como um conjunto de órgãos, arranjados em sistemas e portadores de funções específicas. O corpo infantil, sujeito às leis do desenvolvimento, é visto como um pequeno organismo, ainda imaturo. Se por um lado, é limitado por sua condição biológica, por outro pode ser beneficiado por práticas esportivas e alimentação adequada. O terceiro artigo analisa as relações entre o “fazer Kendo” e a educação do corpo, investigando como ponto central a questão de como é possível ensinar a alguém o movimento corporal humano. O Kendo constitui-se numa prática corporal que aplica específicos golpes com o Shinai, o qual representa o uso da espada (Ken). Para tanto, o praticante do Kendo (Kenshi) se disponibiliza à realização de

treinos sistemáticos que se apresenta como um caminho (Do) para o aperfeiçoamento da técnica.

Entre os outros sete artigos, três dizem respeito ao ensino superior. Sendo que o artigo (Art. 102) conhece, analisa e compara a visão de corpo dos graduandos em Educação Física do primeiro e últimos períodos de uma universidade pública e investiga de que forma esses relacionam o corpo à prática profissional. Os resultados revelaram a predominância de uma visão técnico-biológica e fragmentada de corpo no primeiro período e, nos últimos, uma compreensão mais integrada de corpo. O artigo (Art. 103) averigua como graduandos e professores universitários conceituam corpo no tempo presente, tendo como referência o currículo em Educação Física. Como resultado, o corpo foi relatado como sinônimo de movimento e, portanto, experimentação técnica, constatando uma visão reducionista de corpo e movimento. O artigo (Art. 125) compara a visão de corpo de graduandos de Educação Física do primeiro e últimos períodos de duas universidades e investiga de que forma relacionam o corpo à futura profissão. Os resultados indicaram uma predominância de visão técnico-biológica e fragmentada de corpo no primeiro período e, nos últimos, uma compreensão mais integrada de corpo. A forma de atuação profissional estaria ligada principalmente à orientação para uma perspectiva técnica com fins físico-esportivos, para promoção de saúde ou para estética.

Dentre os outros quatro artigos, o artigo (Art. 3) refere-se à educação infantil e verifica a influência da etapa do conhecimento das partes do corpo na estruturação do esquema corporal em pré-escolares. Indica que é na vivência de situações, movimentando o corpo e fazendo experiências, que a criança percebe as partes do corpo e estrutura seu esquema corporal, ocasionando, conseqüentemente, resultados positivos para a aprendizagem e o seu desenvolvimento. O artigo (Art. 50) tem como foco os Ginásios da Europa e analisa a profunda ruptura da tradição surgida no continente entre os anos de 1810 e 1820, uma ruptura marcante, profunda, que inicia práticas ainda pouco difundidas e sugere uma renovação completa da visão dos exercícios físicos, assim como uma renovação total da visão do corpo, isto é, o trabalho físico totalmente inédito proposto em alguns ginásios inaugurados em Londres, Paris, Berna ou Berlim em que as ações são objetos dos efeitos mensuráveis e calculados, produtores de forças previsíveis e contabilizadas. O artigo (Art. 104) abrange a Educação Física em todos os níveis e demonstra um fragmento da discussão epistemológica sobre a mesma e seus reflexos para

dois conceitos fundamentais da área: corpo e saúde. A intervenção profissional da Educação Física na área da saúde é marcada de maneira hegemônica pelo viés biológico, pautado na racionalidade médica, e de cunho privado e individual. E finalmente, o artigo (Art. 127) discute a compreensão de estudantes de ensino médio acerca das relações entre estudar o corpo e a Educação Física escolar. Apesar do reconhecimento de que o corpo é tema da Educação Física, a realidade mostra que o debate sobre o corpo ainda é um tema incomum na Educação Física escolar. A problematização do corpo, todavia não foi reconhecida como algo visceral para as aulas de Educação Física. Assim, ensinar apenas os esportes e os jogos é, frequentemente, o limite do seu papel.

Em meio a essa categoria do “corpo biológico”, prevalece a ideia de corpo instrumento, desprovido de subjetividade. Discute-se o esforço e o aperfeiçoamento das técnicas, ora para o rendimento esportivo, ora para o rendimento no trabalho. O corpo aparece como algo que embora, às vezes, limitado pelas condições biológicas, pode ser beneficiado por práticas tais como, alimentação adequada e treinamento esportivo. Nesse sentido, a forma de atuação profissional aparece ligada à orientação na perspectiva da saúde, da estética e da técnica, fazendo com que o movimento se restrinja à experimentação técnica, o que nos possibilita inferir a presença de uma visão reducionista de corpo e do movimento.

3.5 – Variação das temáticas ao longo do período de publicações

A partir da discussão feita sobre a compreensão do que os autores abordaram nos artigos que constituíram o *corpus* de pesquisa, na qual foram identificadas as cinco categorias acerca das temáticas que eram recorrentes, a saber, corpo subjetivo, corpo cultuado, corpo dominado, corpo disciplinado e corpo biológico, buscamos desvendar se as temáticas a respeito do corpo têm se modificado ao longo desse período de publicações.

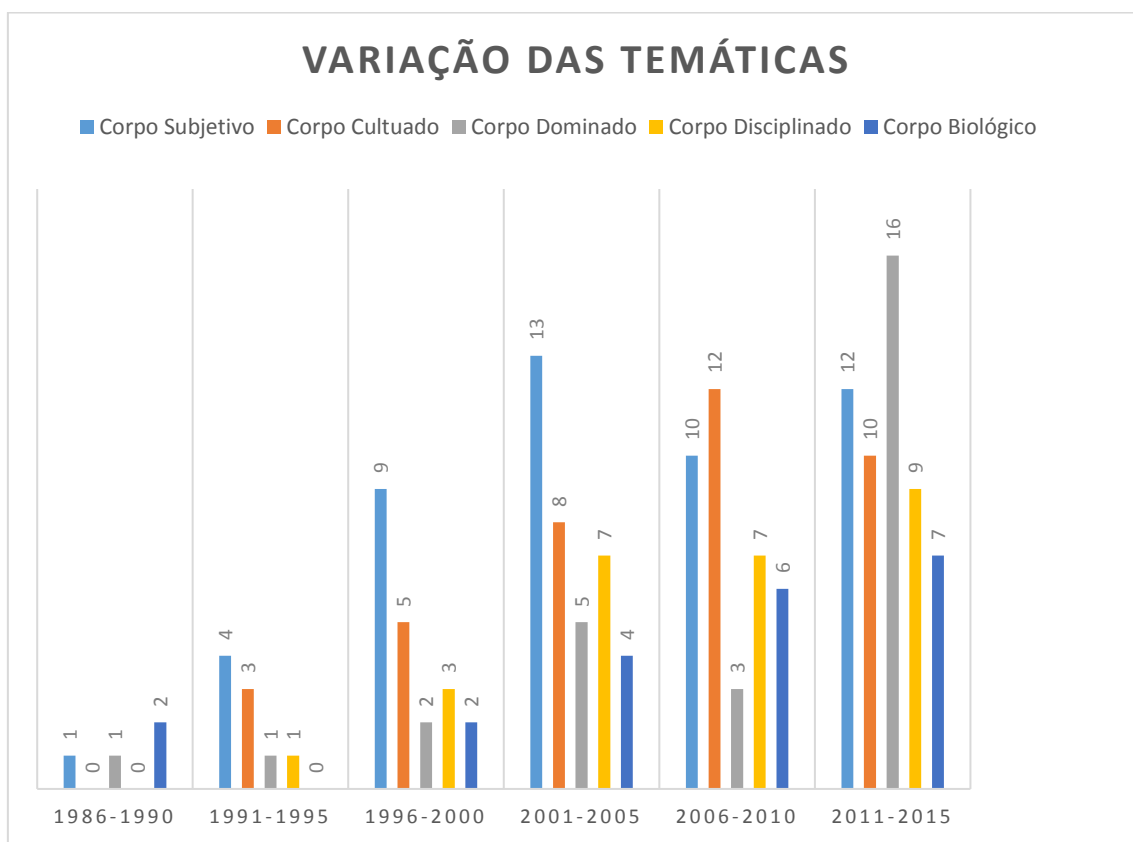
Ao analisar essa variação ao longo do período de publicações verificamos a atualidade da discussão sobre o corpo já que há poucos artigos publicados nas décadas de 1980 e 1990, havendo maior número de publicações a partir da década de 2000, tendência que segue em crescimento nos primeiros cinco anos da presente década. Os dados demonstrados na Figura 4, que apresentamos a seguir, ilustram o que foi dito em relação à atualidade da discussão sobre o corpo, principalmente ao considerar que as publicações

analisadas na metade desta nova década superam em 43% as publicações analisadas na última metade da década anterior. É importante evidenciar que o aumento do número de publicações versando sobre o corpo não se deve ao surgimento de novos periódicos na área na Educação Física, pois o periódico de publicação mais recente que compôs a pesquisa iniciou suas publicações no ano de 1995.

Entendemos que o aumento do número de publicações se deve ao fato de que na atualidade o corpo vem despertando um maior interesse da sociedade. Vale ressaltar, com base nas ideias de Michel Foucault, já explicitadas em vários momentos desta tese, que o corpo foi submetido ao controle e ao silêncio em várias esferas da sociedade, inclusive na escola, no decorrer do processo civilizatório. Mas atualmente esse mesmo corpo vem assumindo valores simbólicos relevantes, podendo ser abordado no sentido da cultura de consumo, necessitando ser transformado e reconstruído conforme os valores simbólicos a ele atribuídos, como já foram discutidos no Capítulo 2 desta tese, ou ainda, sendo entendido como local privilegiado de relação com o mundo e com os outros, ou seja, como local da existência humana, passando a ser veículo de comunicação e percepção do mundo.

No que se refere à variação das temáticas relacionadas ao corpo ao longo do período de publicações, a análise também aponta que essa tendência de aumento no número de artigos publicados é acompanhada por uma pequena oscilação entre as temáticas, ora para mais, ora para menos, com exceção da temática “corpo disciplinado” que apresentou aumento crescente no número de publicações. Além disso, percebemos uma mudança em relação ao foco das publicações que tem o corpo como foco. As mais recentes, que constam na primeira metade da década de 2010, indicam que os artigos atuais se voltam para o tema “corpo dominado” apresentando uma discrepância considerável em relação aos artigos que versam sobre os demais, conforme podemos observar na Figura 4 que segue.

Figura 4 – Variação das temáticas ao longo do período de publicações



Fonte: Autora, 2016

A partir da análise dos dados apresentados na Figura 4, percebemos que a temática “corpo dominado” conta com apenas uma publicação no período 1986-1990, uma outra publicação no período 1991-1995, duas publicações no período 1996-2000, cinco publicações no período 2001-2005, três publicações no período 2006-2010 e dezesseis publicações no período 2011-2015. Ou seja, as discussões acerca dessa temática apresentaram um aumento considerável na primeira metade da década de 2010, que coincide com o período de aumento das mobilizações e movimentos sociais que viabilizaram formas da população se organizar e expressar suas demandas no país. Sabemos que apesar do consistente quadro de mobilizações no Brasil, a partir do final da década de 1970, a produção teórica se desenvolveu lentamente até os primeiros anos da década de 2010. Dessa forma, nos últimos anos, vêm aumentando as ações e discussões coletivas de resistência à exclusão e à discriminação de grupos sociais, criando

identidades e sentimento de pertencimento social, e ainda, construindo representações simbólicas afirmativas.

3.6 – Para além dos dados da pesquisa

A partir das questões de pesquisa indicadas nos artigos que compõem o *corpus* é possível perceber que esse debate intenso sobre a Educação Física desde a década de 1980, concorreu para a diminuição da influência das concepções militar e médica, bem como, para o surgimento de novas propostas e proposições pedagógicas que buscavam o rompimento com a valorização do desempenho esportivo como objetivo único das aulas. Entretanto, concluímos que a Educação Física ainda segue pautada na busca da apreensão das habilidades motoras e no desenvolvimento das capacidades físicas.

Isso nos causa inquietações e suscita a necessidade de compreendermos as concepções que orientam a prática docente, entre elas, a organização curricular instituída por meio das políticas educacionais que possibilitam tanto a elaboração dos programas curriculares nas esferas nacional, estadual e municipal quanto na formação inicial e continuada dos profissionais da educação básica.

Para tanto, procedemos a busca da compreensão da organização curricular instituída no ano de 1996, com a promulgação da LDBEN - 9394/96, em que ocorre uma ressignificação da concepção de componente curricular e a Educação Física passa a ser entendida como disciplina curricular. Com o propósito de subsidiar essa implementação curricular, foram elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) referentes a área da Educação Física. Assim, no ano de 1997, foram publicados os documentos relacionados ao primeiro ciclo (1ª e 2ª séries) e segundo ciclo (3ª e 4ª séries) do ensino fundamental. Em 1998, foram publicados os documentos relacionados ao terceiro ciclo (5ª e 6ª series) e quarto ciclo (7ª e 8ª séries), também do ensino fundamental. Por último, no ano de 1999, foram publicados os PCN referentes ao ensino médio.

Vale ressaltar que o primeiro documento publicado explicita que os PCN da área de Educação Física,

[...] trazem uma proposta que procura democratizar, humanizar e diversificar a prática pedagógica da área, buscando ampliar, de uma visão apenas biológica, para um trabalho que incorpore as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais dos alunos. Incorpora, de forma

organizada, as principais questões que o professor deve considerar no desenvolvimento de seu trabalho, subsidiando as discussões, os planejamentos e as avaliações da prática de Educação Física nas escolas (BRASIL, 1997, p. 15).

Visando incorporar essas dimensões, a construção desse referencial foi pensada tendo como ponto de partida as diversas concepções e abordagens da Educação Física, tais como, a desenvolvimentista, a psicomotricidade, construtivista e crítica, resultantes do processo de embates e debates que tentou romper com as concepções teóricas da Educação Física na década de 1980, buscando uma Educação Física que articulasse as múltiplas dimensões do ser humano.

Assim, inferimos que os PCN se fundamentam na proposição das teorias críticas da educação com vistas a possibilitar a elaboração de um currículo pautado na construção de conhecimentos que integrem o estudante na cultura corporal de movimento e favoreçam a transformação da sociedade em que vivem. O documento se refere à Educação Física como

[...] uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida (BRASIL, 1998a, p. 29).

Desse modo, os PCN da área da Educação Física, especialmente no 1º e 2º ciclos do ensino fundamental, consideram a cultura corporal de movimento, e ainda, apontam como conteúdos a serem desenvolvidos durante as aulas, o jogo, o esporte, a ginástica, a dança e a luta. Percebemos avanço com relação ao fortalecimento do campo educacional e a tentativa de oportunizar uma proposta de estruturação curricular que considere a diversidade dos conteúdos da área da Educação Física.

Os PCN relacionados ao 3º e 4º ciclos do ensino fundamental também indicam várias abordagens pedagógicas para a construção do currículo, tais como: desenvolvimentista, psicomotora, construtivista e crítica, e buscam ampliar as discussões da área da Educação Física reiterando a abordagem crítica e ressaltando a possibilidade de construção de um currículo que considere as várias dimensões do ser humano, conforme trecho que segue:

[...] é necessário superar a ênfase na aptidão física para o rendimento padronizado, decorrente deste referencial conceitual, e caracterizar a Educação Física de forma mais abrangente, incluindo todas as dimensões do ser humano envolvidas em cada prática corporal. Atualmente, a análise crítica e a busca de superação dessa concepção apontam a necessidade de que se considerem também as dimensões cultural, social, política e afetiva, presentes no corpo vivo, isto é, no corpo das pessoas, que interagem e se movimentam como sujeitos sociais e como cidadãos (BRASIL, 1998, p. 29).

Conforme os PCN, a cultura corporal assume uma dimensão significativa na escola ao permitir que o estudante se aproprie dela criticamente. Inferimos também que exercer uma concepção crítica de educação, e especialmente, de Educação Física, não é uma tarefa fácil, pois exige mudanças no que vêm se constituindo na área. Nesse sentido, a formação de professores assume um papel importante na ressignificação das práticas escolares que atendam o contexto crítico de educação.

Mas antes de discutirmos sobre a formação dos profissionais da área de Educação Física que atuam na educação básica, faz-se necessário compreendermos as reformas decorrentes da implantação dessas diretrizes e parâmetros que objetivaram definir os rumos da educação no Brasil. Trata-se das reformas dos sistemas de ensino dos estados e municípios brasileiros que implantaram uma série de mudanças organizativas e curriculares.

Desse modo, no que se refere às mudanças curriculares no estado de Goiás, constatamos que o governo empreendeu um processo de reforma, denominado Reorientação Curricular do Ensino Fundamental, no período compreendido entre os anos de 2004 e 2010. Em meio a esse processo de reforma a disciplina Educação Física foi contemplada na proposta curricular elaborada pela Secretaria Estadual de Educação de Goiás. De posse de alguns documentos elaborados nesse trabalho de reorientação curricular, tais como, o Caderno 3 – Currículo e Práticas Culturais (GOIÁS. 2009a), que contém as concepções das áreas do conhecimento, o Caderno 5 – Matrizes curriculares (GOIÁS. 2009b), que contém as matrizes curriculares das disciplinas do ensino fundamental da rede estadual de Goiás, e, o Caderno 6.4 – Currículo em Debate/Sequências Didáticas (GOIÁS. 2009c), que apresenta as sequências didáticas do 6º e 7º ano, percebemos que a Educação Física é assumida como um componente curricular da educação básica com finalidade própria e especificidades de conhecimento, cabendo-lhe o desenvolvimento pedagógico dos conhecimentos relacionados à cultura

corporal, tais como a ginástica, a dança, as lutas e o esporte, entre outros. Conforme o documento,

Aprender os saberes da cultura corporal é importante para a formação humana das crianças e jovens da educação básica uma vez que a Educação Física, como disciplina do currículo escolar, pode contribuir com a compreensão teórica e prática da realidade vivida. Faz parte dessa realidade o universo do esporte, da ginástica, da dança, dos jogos, das lutas e das práticas corporais diversas como obras culturais criadas pelo ser humano (GOIÁS, 2009c, p.19).

São essas obras culturais que atestam a essência e o sentido da presença do homem no mundo. Nesse sentido, a compreensão dessas obras culturais está relacionada à compreensão do próprio mundo.

O documento explicita que os elementos da cultura corporal devem possibilitar o desenvolvimento e ampliação das potencialidades corporais, intelectuais, afetivas, éticas, políticas, entre outras, e ainda, afirma a necessidade de superação da visão que prevalece na escola, qual seja, “o ensino da Educação Física em uma perspectiva esportivista, técnica ou ainda espontaneísta” (GOIÁS, 2009c, p. 19). A proposta assevera que é importante os professores possibilitarem aos estudantes a construção de uma leitura de mundo própria, tendo a cultura corporal como referência. Tudo isso com a finalidade de levá-los à superação dos saberes primários e fragmentados no que se refere ao esporte, dança, lutas, jogos, entre outros, em busca de um pensamento crítico acerca da origem e do sentido da cultura corporal no decorrer da história e no seu cotidiano.

O documento convida os professores a “realizarem um giro no olhar”, ou seja, a “apresentarem uma nova postura pedagógica”, propondo como método de ensino “o método dialético do conhecimento, em que o saber humano é originado no processo de questionamento da realidade e na ação do homem em sua existência social”, no qual, “o conhecimento é um resultado do trabalho do pensar e do agir humano no processo da história” (GOIÁS, 2009c, p. 19 e 20). A essência desse método de ensino é entendida como:

O movimento que vai da síntese (“a visão caótica do todo”) à síntese (“uma rica totalidade de determinações e relações numerosas”), pela mediação da análise (“as abstrações e determinações mais simples”) constitui uma orientação segura tanto para o processo de descoberta de

novos conhecimentos (o método científico) como o processo de transmissão assimilação de conhecimento (o método de ensino) (SAVIANI, citado em GOIÁS, 2009c, p. 20).

Nesse sentido, cabe aos professores de Educação Física a realização da reflexão sobre o fazer ao redimensionar suas ações de modo a assegurar aos estudantes a apropriação dos conhecimentos específicos do corpo, as diferentes manifestações da cultura corporal e a efetivação de uma ação interdisciplinar que envolva os diversos componentes curriculares da escola.

A preocupação pedagógica, conforme prescrito no documento “Currículo e Práticas Culturais”,

[...] busca assegurar que os saberes da corporalidade humana tenham correspondência nas necessidades da vida cotidiana (trabalho, saúde, esporte, expressão, prazer, movimentos, jogos, estética...) do aluno, mas também que abarquem horizontes de conhecimentos culturais, científicos e sociais, gerando avanços significativos no modo de pensar e de existir dos alunos na escola e na sociedade. Diante de tais preocupações e exigências, cabe à Educação Corporal a responsabilidade de elevar o nível de conhecimento dos alunos, visando aprimorar as habilidades corporais, as capacidades físicas e técnicas nas diversas situações e também de contribuir com a formação da consciência acerca do corpo, refletir sobre as técnicas e valores nele inscritos e sobre as relações com outros corpos presentes na cultura e na sociedade (GOIÁS, 2009a, p.72).

Desse modo, é possível perceber, em meio aos documentos de reorientação curricular, uma concepção de Educação Física pautada nos aspectos conceituais, nas habilidades técnicas, nas questões sociais e históricas dos conteúdos, na contribuição para com a formação da consciência do corpo, e ainda, no processo de reflexão da prática pedagógica dos professores.

Com esse eixo orientador, a elaboração da matriz curricular e das sequências didáticas foram fundamentadas na orientação do Coletivo de Autores (1992) que propõem como forma de instituir uma reflexão pedagógica ampliada os seguintes eixos curriculares: constatação, compreensão, interpretação e explicação do conhecimento da cultura corporal. A transição de um ciclo para outro ocorre por meio dos saltos qualitativos da aprendizagem e da ampliação do pensamento e experiências corporais e culturais do estudante.

Com relação aos conteúdos, a matriz curricular proposta no Caderno 5 (GOIÁS, 2009b) privilegia para o ensino da Educação Física os jogos, a ginástica, a dança, o esporte, as lutas e os conhecimentos sobre o corpo humano. Conforme o documento, a escolha dos conteúdos e expectativas de aprendizagem não devem estar atreladas aos anos de escolaridade. São várias as possibilidades apresentadas ao professor para cada ano de escolaridade, de forma que ele selecione os temas tendo em vista as condições da escola e dos estudantes. Cabe aos professores a eleição dos conteúdos mais adequados à cada realidade educacional, de forma que,

[...] ao longo dos nove anos de escolaridade, o estudante tenha a oportunidade de enriquecer sua formação no campo da cultura corporal. A referência para o grau de aprofundamento no trato com os saberes da Educação Física deve ser o nível de conhecimento e experiências dos estudantes com relação aos elementos da cultura corporal (GOIÁS, 2009b, p. 103).

Conforme o referido documento, essa formação no campo da cultura corporal deve possibilitar ao estudante a compreensão dos diferentes sentidos e as finalidades de um determinado conteúdo, ou seja, compreender que os jogos e brincadeiras populares, por exemplo, estão permeados de intenções e significados diferentes, de acordo com sua origem sociocultural.

Com base na reorientação curricular para a área da Educação Física, concluímos que não é só a capacidade e aptidão para realizar e desenvolver aspectos técnicos, gestos motores e atividades físicas que devem ser desenvolvidas, mas, também, a capacidade de identificar, compreender, explicar, ou seja, de pensar, questionar, comparar, estabelecer diferenças e semelhanças, relacionar, generalizar, refletir. Enfim, a proposta curricular analisada evidencia que a Educação Física deve “[...] buscar articular a dimensão prática à compreensão do sentido e da intencionalidade pessoal e cultural das ações humanas no campo da cultura corporal” (GOIÁS, 2009b, p. 104).

Em que pese a análise dos documentos até aqui empreendida, inferimos que a proposta de Reorientação Curricular, elaborada pela Secretaria Estadual de Educação de Goiás, e os PCN avançam no sentido de oferecer aos professores de Educação Física elementos que favoreçam sua prática pedagógica ao incentivar uma sistematização curricular que se opõe à sistematização pautada nos princípios de rendimento e

desenvolvimento da aptidão física. Ocorre que uma mudança, por parte dos professores, do que até então vinha se constituindo na área, não é uma empreitada fácil. Nesse sentido, a formação docente é fundamental para definir como as práticas pedagógicas dos professores ressignificam e recontextualizam os PCN e a Reorientação Curricular elaborada pela Secretaria Estadual de Educação de Goiás.

Retomando a discussão acerca da formação de professores, empreendemos uma análise da proposta de adequação curricular da licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Goiás/UFG – Câmpus Goiânia, a qual apresenta como finalidade do curso implementar uma proposta progressista na formação dos professores com uma inserção qualitativa na escola e demais práticas educativas, pedagógicas e sociais que envolvem as práticas corporais no contexto da sociedade.

O Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física aponta, ainda, para o compromisso de novos redimensionamentos curriculares tendo em vista a “corporalidade” em meio às práticas educacionais e sociais. E, como justificativa para o alcance desse objetivo, o projeto curricular apresenta algumas inovações na formação de professores de Educação Física. Entre elas citamos:

- a localização da área acadêmica e profissional no interior das Ciências Humanas em detrimento à tradição de situar a formação na área das Ciências Biológicas e/ou Saúde;
- a implementação de um modelo de organização pedagógica fundada em um eixo epistemológico com referência na motricidade humana, o trabalho e a práxis pedagógica como elementos centrais da estrutura curricular.

Conforme explicita o Projeto Pedagógico, o curso de licenciatura em Educação Física, fortalece a prática da Educação Física na escola e oferece oportunidades para a formação direcionada a outros espaços sociais, relacionando a prática das atividades corporais para além do sistema educacional, possibilitando uma ação político-pedagógica nos espaços de trabalho relacionados ao esporte, lazer, saúde e políticas públicas. Segundo o documento, esse posicionamento político-pedagógico estabelece uma nova configuração para o projeto curricular, reforçando o caráter generalista para atuação no campo educacional sem deixar de lado os saberes relacionados à “corporalidade” nos demais campos de atuação profissional. Mediante essas determinações inscritas na

realidade educacional e social, o Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física apresenta as seguintes finalidades:

- contribuir para o processo de formação garantindo, ao futuro professor, as devidas competências para pensar, questionar e intervir para superar as práticas equivocadas, inadequadas e desnecessárias ao desenvolvimento da formação humana. Diante disto, o sentido crítico-reflexivo e autônomo deve embasar a formação com uma formação teórica e interdisciplinar fundamentada no trabalho pedagógico e na produção de conhecimentos (científicos e culturais) enquanto horizontes da capacitação do professor de Educação Física;
- reafirmar os compromissos sociais que objetivem a superação das injustiças sociais, da exclusão, da discriminação, da alienação do homem inscritos na cultura corporal humana;
- fortalecer os conteúdos e os elementos presentes no currículo que garantam a identidade da área no projeto de formação do profissional-docente em Educação Física (UFG, 2013, p. 5).

Assim, inferimos que, conforme o Projeto, o processo de formação de professores deve considerar a totalidade das relações que se estabelecem, delineando um profissional que saiba lidar com a corporeidade humana com o objetivo de promover transformações nos comportamentos e valores políticos das novas gerações. Essa finalidade tem como referência o corpo, a cultura e a sociedade, e, também, os elementos que integram e relacionam teoria e prática para melhor compreender a realidade em sua totalidade. Pensar a formação dessa forma, segundo o documento, significa

[...] olhar de forma original o objeto de formação inicial, com possibilidade de construir novas oportunidades para que sejam compreendidos os significados (processos, relações e produtos materiais) humanos em suas várias dimensões, tendo a expressão e a linguagem da corporalidade do homem nos seus diversos contextos socioculturais (UFG, 2013, p. 16).

O Projeto Pedagógico explicita a sua relevância na transformação da escola e da Educação Física a partir de um redimensionamento curricular da corporeidade no interior das práticas educacionais e sociais. Contudo, mesmo com a proposta de formação profissional da UFG, com a Reorientação Curricular de Goiás e os PCN apresentando avanços no sentido de oferecer aos professores de Educação Física elementos que favoreçam sua prática pedagógica, isso não vem repercutindo na melhoria da prática destes profissionais na escola. Parece haver um distanciamento entre o que preconiza os

cursos de formação e os documentos de orientação e o que realmente acontece no cotidiano das escolas públicas.

Elegendo como referência para nossa análise o Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física da UFG, a orientação curricular da Secretaria Estadual de Educação de Goiás e os PCN, inferimos que não há descompasso entre esses documentos no que se refere à necessidade de superação da visão de Educação Física pautada no esporte, que ainda prevalece na escola, e a possibilidade do desenvolvimento e ampliação das potencialidades corporais, intelectuais, afetivas, éticas e políticas por meio dos elementos da cultura corporal.

Somos levados a inferir que o problema está relacionado aos processos de ensino-aprendizagem, ou seja, nos fundamentos didáticos e pedagógicos da Educação Física. Situação denunciada por Caparroz e Bracht (2007) quando tecem uma reflexão acerca da dificuldade dos professores em organizar/planejar/sistematizar o ensino da Educação Física na escola, bem como, a dificuldade de ensinar esse componente curricular. Situação também constatada por nós em pesquisa realizada anteriormente em escolas consideradas inclusivas no estado de Goiás. Ocasão em que concluímos que a participação efetiva dos estudantes com deficiência, durante as aulas de Educação Física, se dava em decorrência da ação pedagógica dos professores. Isso também era válido para os estudantes que não apresentavam deficiência.

Conforme Caparroz e Bracht (2007), a reflexão sobre os processos de ensino-aprendizagem tem sido negligenciada nos últimos anos. Segundo os autores, até a década de 1980, prevalecia uma hipertrofia da didática em detrimento à discussão pedagógica. Podem ser tomados como indicadores dessa situação a preponderância de manuais com formas de exercitação e indicação de procedimentos de ensino, e pouca preocupação com a discussão relacionada às finalidades sociopolíticas da Educação Física. A partir da década de 1980, o pensamento progressista denunciou o tecnicismo e, conseqüentemente, a didática, como um dos mecanismos de reprodução das relações capitalistas.

Com isso as análises sociológicas da educação foram mobilizadas e a assimilação, por parte da Educação Física, dessas análises pelo pensamento progressista provocou um distanciamento da preocupação com a prática dos professores nas escolas em detrimento do entendimento de uma inserção macrossocial da Educação Física. Ou seja, a prática dos professores passou a ser entendida como consequência dos interesses

macrossociais (econômicos e políticos). A produção acadêmica da Educação Física, a partir da década de 1980, embora expressiva, orientou-se nas questões da sociologia, psicologia, história, entre outras, deixando de lado as discussões de cunho pedagógico (BRACHT, 1999).

3.7 – Artigos sem categoria definida

Ao desenvolver a análise cuja ênfase investigativa era a concepção de corpo apresentada nos artigos que constituíram o *corpus* da pesquisa, na qual foram identificadas cinco categorias, não foi possível determinar a categoria adequada a quatro artigos analisados. Trata-se dos artigos (Art. 49, Art. 56, Art. 119 e Art. 165) que apresentam os objetivos detalhados a seguir.

O artigo (Art. 49) elabora um conjunto de reflexões sobre o conhecimento e sua produção na área de Educação Física/Ciências do Esporte. Os argumentos são construídos em torno de um conceito de fronteira, suas implicações e decorrências para o contemporâneo. Do ponto de vista mais estrito, as fronteiras podem significar o impulso de ultrapassagem, mas, também, a necessidade de se respeitar os limites. Nesse sentido, elaboram-se algumas questões referentes aos limites do conhecimento na área de Educação Física/Ciências do Esporte. Elas dizem respeito às relações que se estabelecem com outras áreas de conhecimento e às dificuldades internas de circunscrição de um possível objeto de conhecimento ou mesmo da problemática teórica própria. Por fim, indica-se a possibilidade de a área constituir-se como interdisciplinar, principalmente, no campo da pesquisa.

O artigo (Art. 56) resgata a memória do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) nos seus primeiros 25 anos de existência. A autora concebe o CBCE como um lugar possível da memória que revela em sua curta existência - 25 anos - a emergência e a visibilidade das muitas histórias da Educação Física/Ciências do Esporte no Brasil a partir da configuração de novos problemas, objetos e abordagens.

O artigo (Art. 119) analisa como o corpo tem sido investigado em Educação Física, de maneira a questionar como ele é compreendido em tais pesquisas, tomando como situação exemplar o caso da Universidade Nacional de La Plata, Argentina. Essa questão, de ordem epistemológica, segue os três momentos que Bourdieu descreve ao

considerar a pesquisa de um fenômeno social: conquista, construção e confirmação. No primeiro encontra-se uma ruptura com o conceito que o senso comum tem sobre o corpo; no segundo, destaca-se o esforço de construção do próprio objeto de estudo para Educação Física; no terceiro, propõe algumas possíveis linhas de investigação da noção de “corpo” que escapem dos diferentes substancialismos.

Por último, o artigo (Art. 165) discute as implicações teórico-metodológicas do uso das noções de indivíduo e sujeito nas ciências humanas e sociais. A partir dessa primeira discussão se introduz uma segunda, envolvida desde o início, sobre o saber do corpo e as suas relações com a política. Por fim, o desenvolvimento das reflexões leva a tocar na tensão entre o universal e o particular, nessa instância que se pode chamar cultura judaico-cristã. A questão se coloca por sua relevância e contemporaneidade e observa-se que o corpo está no centro da discussão política. Essa discussão sempre supõe, de um modo ou de outro, que um saber do corpo se coloca em jogo e que tal saber está articulado com a política, em sua dimensão institucional ou no que diz respeito aos seres falantes como tais, ou seja, os corpos falantes.

Além dos quatro artigos com categorias não identificadas, três outros artigos que compõem o *corpus* da pesquisa não foram analisados. Trata-se dos artigos (Art. 8, Art. 12 e Art. 13), da revista EFM, cujos arquivos não se encontram disponíveis no formato eletrônico da revista. Ao solicitá-los diretamente aos seus autores, via e-mail, apenas o autor de um artigo respondeu a solicitação se dispondo a enviá-lo, contudo, não o fez.

CONCLUSÕES

Neste estudo, delineamos um panorama acerca das publicações em periódicos da área de Educação Física no que se refere à temática do corpo, identificando o que os autores vêm discutindo nos artigos.

Para alcançar o nosso objetivo, a principal estratégia a orientar a pesquisa foi a leitura dos resumos e/ou dos artigos completos que possibilitou a definição das unidades temáticas constituindo as categorias de análise. Desse processo, concluímos que as principais temáticas de discussão sobre o corpo nesses 36 anos de publicação nos periódicos nacionais analisados são: corpo subjetivo, corpo cultuado, corpo dominado, corpo disciplinado e corpo biológico.

Além da identificação do que os autores vêm refletindo ainda analisamos: se as temáticas a respeito do corpo discutidas nos artigos têm se modificado ao longo do período de publicações; e, os significados acerca do corpo evidenciados nos trabalhos publicados.

Em relação à modificação das temáticas ao longo do período de publicações, verificamos a atualidade da discussão sobre o corpo, já que há poucos artigos publicados nas primeiras décadas, e um aumento do número de publicações a partir da década de 2000. Tendência que segue em crescimento nos primeiros anos do presente decênio, superando em 43% as editorações analisadas na última metade da década anterior. Verificamos que a tendência de aumento no número de publicações é acompanhada por uma pequena oscilação entre as temáticas, com exceção de “corpo disciplinado” e “corpo dominado”. O primeiro foi constante o número de publicações. O segundo, inicialmente apresentou uma variação, contudo, a partir da primeira metade da presente década, constata-se o crescimento do número de publicações. Esse aumento foi superior em comparação às demais temáticas, demonstrando uma discrepância considerável em relação aos artigos que versam sobre os outros temas.

Essa tendência sobre as temáticas “corpo disciplinado” e “corpo dominado” coincide com um momento em que diferentes documentos (LDB e PCN etc.) conferem um outro papel à Educação Física, qual seja, a sua relevância na promoção do desenvolvimento de diferentes capacidades cognitivas, afetivas, físicas, ética, de relação interpessoal etc. No que diz respeito às temáticas do corpo dominado e disciplinado, o

papel até pouco tempo atribuído a área se referia aos mecanismos de imposição de normas, disciplinamento e controle do corpo, bem como, à legitimação de dominação de uns sobre os outros. Nesse contexto dos documentos, a Educação Física apresenta a possibilidade de desenvolver, além das capacidades físico-motoras, outras capacidades, tais como, o reconhecimento do outro, a consciência coletiva e a convivência em grupo, ou seja, uma possibilidade de desenvolvimento do estudante em sua totalidade.

Mediante esse novo papel, os PCN (1997) indicam como um de seus objetivos o conhecimento e a valorização da pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro e o posicionamento contra as discriminações baseadas em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, etnia ou outras características individuais. Vale ressaltar que nesse mesmo sentido, o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFG (2013) apresenta como uma das finalidades elencadas reafirmar os compromissos sociais que busquem a superação das injustiças sociais, da exclusão, da discriminação, inscritos na cultura corporal humana.

Essa inclinação à mudança do papel da Educação Física nos referidos documentos também alcançou eco no processo de reorientação curricular da Secretaria Estadual de Educação de Goiás. Identificamos elementos nos Documentos analisados (elaborados entre os anos de 2004 e 2010) que contemplam esse novo entendimento do papel da Educação Física, qual seja, contribuir com a formação da consciência acerca do corpo e refletir sobre as técnicas e valores nele inscritos.

Em que pese essa proposição de mudança do papel da Educação Física que permeia os Documentos e Diretrizes para o ensino da Educação Física, a mudança não se materializou no currículo da escola. No âmbito escolar ainda prevalece o modelo de aulas pautadas no desenvolvimento das capacidades físicas, desconsiderando o estudante em sua totalidade, conforme já mencionado nesta pesquisa.

Com relação aos significados acerca do corpo evidenciados nos trabalhos publicados, percebemos que o corpo tem sido olhado e representado não mais como força de trabalho a ser disciplinada e preservada em meio ao capitalismo de produção, mas, como um corpo com capacidade de consumir e ser consumido independente das suas reais necessidades. A relação corpo, disciplina e produção cede lugar a uma ênfase no hedonismo, desejo e divertimento em que o corpo se torna um projeto adaptado às vontades e aspirações do indivíduo. O indivíduo investe cada vez mais no corpo, com o

objetivo de obter dele mais prazer, aumentando seu poder de estimulação social e buscando adaptar-se a um determinado grupo social, mesmo que para isso tenha que abrir mão da própria liberdade de agir e de se expressar.

Desse modo, o corpo se apresenta com suas potencialidades diminuídas mediante um poder que atua sobre ele, determinando maneiras específicas de se comportar e de se relacionar com a corporeidade. Mas os significados de corpo identificados nos artigos, evidenciam o entendimento dos aspectos da corporeidade como ponto de partida para a compreensão do corpo humano, reiterando a necessidade de construção da corporeidade para viver melhor, de acordo com as próprias opções e decisões, seja em relação às hierarquias e violências que configuram as representações de gênero, raça e envelhecimento, seja em relação à busca, a qualquer custo, do padrão de beleza pré-estabelecido, ou em relação aos mecanismos que conformam o corpo, impondo-lhe limitações, proibições, reduzindo-o ao que pode ser observado, medido, quantificado e ao movimento corporal entendido como um simples deslocamento físico no espaço.

Para além disso, os autores dos artigos apontam um corpo com capacidade de invenção criativa e de manifestação espontânea de vida, e, também, para uma forma de movimento na qual é possível perceber a emoção expressa e a manifestação de sentido que revelam uma estreita relação com o contexto do sujeito. Sujeito que no espaço escolar consiga resgatar a espontaneidade e liberdade de movimentar-se, ampliando as possibilidades de diálogo com os outros e com o mundo.

Mas em que pese a discussão e análise empreendida, ainda inferimos, com base nas preocupações apontadas pelos autores dos artigos, que aquela prática pedagógica da Educação Física que se encontrava em crise de identidade na década de 1980, explicitada anteriormente e pautada no paradigma da aptidão física, ainda resiste às mudanças, mesmo após o desenvolvimento de um quadro de propostas pedagógicas diversificado que se colocou como alternativas para a área nas últimas décadas, tais como, as abordagens desenvolvimentista, da psicomotricidade, histórico crítica, crítico emancipatória, sistêmica, entre outras.

Ocorre que essas propostas não tiveram impacto na prática pedagógica da Educação Física. Elas se depararam com desafios no que se refere à sua implementação no âmbito escolar. O pensamento crítico ou progressista da área provocou o entendimento

de que o primordial era a preocupação com a inserção macrossocial (economia e política) da Educação Física em detrimento das questões relacionadas à prática pedagógica dos professores, ou seja, a prática dos professores seria consequência dos interesses macrossociais.

A intervenção no âmbito escolar tornou-se a parte menos valorizada das ciências da Educação Física. Sem a intervenção necessária, prevalece a dificuldade em planejar, organizar e sistematizar o ensino da Educação Física em uma perspectiva crítica e reflexiva, capaz de superar a lógica do desenvolvimento da aptidão física e o movimento padronizado.

Sabemos que um novo entendimento do movimento humano depende da mudança do imaginário social sobre o corpo e sobre as atividades corporais. Um imaginário pautado na compreensão de que o corpo mantém uma relação mútua com o mundo e que se modifica e adquire significados por meio das experiências vivenciadas. Assim, o corpo vai construindo sua singularidade; se constrói e é desconstruído em meio às relações entre o biológico e o cultural, cria movimentos e expressa sentimentos e emoções.

A temática do corpo para a área da Educação Física continua pautada em valores que promovem o individualismo, corroborando com a competição desenfreada e a superioridade dos mais aptos fisicamente sobre os menos aptos, do branco sobre o negro, do homem sobre a mulher e do jovem sobre o velho. E ainda, que em meio ao fenômeno do culto ao corpo a Educação Física compactua com a busca pela satisfação corporal e o prazer que fazem do corpo o fim de uma busca individual, ao invés de um meio para as manifestações individuais de cada sujeito; e, como consequência desse estado de coisas, como não poderia ser diferente, a Educação Física continua desconsiderando a subjetividade humana.

Considerar a subjetividade no decorrer das aulas de Educação Física significa ressaltar no estudante o entendimento do seu corpo e da sua corporeidade. Significa proporcionar situações que permitam ao estudante estabelecer interações corpóreas com os demais corpos e objetos no espaço, gerando relações que evidenciem uma função significativa de aprendizado em relação às capacidades e habilidades corporais vivenciadas. Ou seja, proporcionar um entendimento do corpo como fonte de consciência, afetividade e sensibilidade.

A partir da observação das questões de pesquisa, indicadas nos artigos que compõem o *corpus*, é possível perceber que esse debate intenso acerca da Educação Física, desde a década de 1980, concorreu para a diminuição da influência das concepções militar e médica, bem como, para o surgimento de novas propostas e proposições pedagógicas que buscavam o rompimento com a valorização do desempenho esportivo como objetivo único das aulas. Entretanto, somos levados a concluir que a Educação Física ainda segue pautada na busca da apreensão das habilidades motoras e no desenvolvimento das capacidades físicas.

A busca da compreensão das concepções que orientam a prática docente, traduzidas pela organização curricular instituída por meio das políticas educacionais que possibilitam tanto a elaboração dos programas curriculares nas esferas nacional, estadual e municipal, quanto a formação inicial e continuada dos profissionais da educação básica, possibilitou o entendimento de que a proposta de Reorientação Curricular, elaborada pela Secretaria Estadual de Educação de Goiás, os PCN e o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física/UFG, avançam no sentido de oferecer aos professores de Educação Física elementos que favoreçam sua prática pedagógica ao incentivar uma sistematização curricular que se opõe à sistematização pautada nos princípios de rendimento e desenvolvimento da aptidão física.

Sendo assim, inferimos que o problema está relacionado aos processos de ensino-aprendizagem, ou seja, nos fundamentos didáticos e pedagógicos da Educação Física. Existe uma dificuldade dos professores em organizar/planejar/sistematizar o ensino da Educação Física na escola, bem como, uma dificuldade de ensinar esse componente curricular.

Vale ressaltar que, embora esteja presente nos artigos que compõem o *corpus* da pesquisa uma preocupação com a prática docente, a formação do professor de Educação Física é uma tendência pouco explorada pelos autores das publicações analisadas. Mas quando mencionada, enfatiza a necessidade de preparar o futuro professor para ser agente de seu desenvolvimento profissional, defendendo a necessidade de favorecer a sua capacidade investigativa e reflexiva, para que ele entenda a complexidade da prática educacional.

A pesquisa aponta que a prática pedagógica do professor de Educação Física seja reflexiva, dito de outra forma, que o professor seja autor da sua prática reconstruindo-a,

tendo como referência suas ações e experiências, e pautando-se nas reflexões e teorias adequadas de forma autônoma e crítica. Nos referimos a uma teoria da ação didático-pedagógica que abarque elementos que ultrapassem a racionalidade técnica e instrumental que a Educação Física vem apresentando.

É necessário que o professor de Educação Física seja sujeito da sua prática de forma que a teoria seja por ele mediada. Isso nos leva a entender que a relação teoria-prática se apresenta como uma interação entre pensamento, conhecimento e atividade. A reflexividade, então, permite a análise acerca das próprias ações e a geração da consciência sobre a mesma, que se manifesta na forma de lembranças, representações, esquemas cognitivos e crenças que podem ser comunicadas, alimentando a memória sobre as ações passadas, as ações presentes e orientando as ações futuras. Entretanto, a reflexão sobre a prática docente necessita de um certo distanciamento da ação para que se possa pensar como as ações foram realizadas ou como poderiam ser realizadas novamente, iniciando, assim, uma atitude teórica das mesmas. Por meio da reflexão, as ações do sujeito com seu objeto de conhecimento se modificam. E com isso é possível uma reflexão acerca da realidade da educação e os efeitos que os agentes produzem na mesma, podendo, dessa forma, legitimar ou transformar as práticas educativas, pois, a consciência do conhecimento influenciará a atitude do professor diante da prática.

Inferimos que é nessa perspectiva que as mudanças efetivas nas práticas pedagógicas da Educação Física escolar poderão ocorrer. A ênfase na organização e desenvolvimento das práticas de ensino possibilitará estabelecer uma estreita relação do corpo e movimento com o processo ensino aprendizagem. Distanciando, dessa forma, do foco nas aulas pautadas em habilidades esportivas, exclusão e rendimento e aproximando a Educação Física do papel de relevância que lhe é atribuído no contexto escolar por diferentes documentos oficiais no que se refere à promoção do desenvolvimento de diferentes capacidades.

Com base nos resultados obtidos em relação às tendências encontradas na análise dos artigos e as perspectivas que esses resultados apontam, no que se refere à organização e desenvolvimento das práticas de ensino, inferimos que o currículo para a formação do professor de Educação Física, bem como, da educação básica, deve pautar-se em uma compreensão de corpo que não seja instrumento das práticas educativas, uma vez que as realizações do sujeito só são possíveis pelo fato dele ser corpo. Assim, ler, escrever e

jogar são ações do sujeito que é corpo. Devido a isso, é necessário avançar para além da instrumentalidade e da condição do corpo recortado por práticas de saber e poder, instituídas pelos diversos componentes curriculares, além da Educação Física, que impedem a abordagem do corpo em sua totalidade.

As questões relacionadas ao corpo devem ser tematizadas e viabilizadas nos diferentes componentes curriculares, de modo a superar a sua instrumentalidade e compreender a corporeidade como a presença do sujeito no mundo, e ainda, considerá-la como a capacidade de o estudante sentir e apropriar-se do seu corpo como meio de expressão e interação a partir das experiências vivenciadas e na relação com o outro.

Para tanto, salientamos a importância do currículo, mas reconhecemos que ele pode gerar práticas pedagógicas pautadas em diferentes concepções. Historicamente, a trajetória do currículo de formação de professores de Educação Física apresentou características que prejudicaram a formação voltada para o aprender a ensinar devido à valorização dos conhecimentos técnicos e instrumentais.

Para superar a instrumentalidade técnica e alcançar a compreensão da corporeidade mencionada, consideramos a necessidade de um desenho curricular de formação de professores com base humanística e pedagógica. Os conhecimentos humanos e pedagógicos articulados aos conhecimentos técnicos e direcionados ao movimentar-se do estudante contribuirão para a formação de um professor de Educação Física preparado para uma prática reflexiva e consciente. Consideramos, ainda, a necessidade de uma proposta curricular, na qual, teoria e prática devem estar diretamente relacionadas, uma vez que a teoria possibilita suporte e sustentação à prática.

Desse modo, um currículo que considere o equilíbrio entre as disciplinas biológicas e desportivas, com destaque para as disciplinas humanas e pedagógicas, resultará em uma formação com base teórica para a transformação da prática pedagógica focada nas habilidades esportivas e no rendimento. O currículo pensado dessa forma traz a possibilidade de uma ação pedagógica voltada para a valorização da vivência dos diversos conteúdos da cultura corporal (dança, luta, ginástica, esporte, jogo, entre outros), e ainda, o olhar social que considere o estudante como um ser carregado de signos e necessidades.

Esse tipo de formação poderá levar às novas práticas da Educação Física, possibilitando ao professor identificar os conteúdos e a prática pedagógica mais adequada

ao processo de ensino e aprendizagem. Também, poderá levar o professor a considerar as necessidades do estudante e, assim possibilitar experiências que evidenciem significados ao movimento, pois não se trata da aquisição de conhecimentos por meio do corpo, mas de um corpo que encaminha sua corporeidade em busca de conhecimento como sujeito do processo educacional. Nessa perspectiva, ocorrerá uma estreita relação entre as atividades específicas da Educação Física e as singularidades sociais, na qual o estudante deve ser entendido como um ser social que influencia e é influenciado constantemente pelo meio em que vive.

Essa formação poderá preparar o estudante para lidar criticamente com diversas situações a que está exposto constantemente, tais como, as demandas corporais vigentes, no sentido dele não se deixar influenciar pela imposição social dos padrões de beleza pré-estabelecidos e do consumo de produtos associados à manutenção da beleza e da juventude. Também, poderá levá-lo a refletir acerca dos sistemas presentes no interior de algumas instituições que têm como objetivo levar os indivíduos à sujeição de obediência e à aceitação das regras e normas impedindo a possibilidade de reflexão acerca da situação. E ainda, a percepção da construção de mecanismos sociais de poder e dominação que levam às discriminações de raça, gênero e idade, entre outras.

Desse modo, a dimensão subjetiva do estudante será resgatada como experiência corporal mediada pelo movimento e o corpo não será entendido como um objeto, mas como um conjunto de significações vividas. A experiência do corpo é fundamental para que o estudante perceba, seja percebido e se reconheça mediante a sociedade na qual convive, pois, o corpo ao mesmo tempo em que se move, também pensa, cria, sente e imagina, movendo ideias e emoções.

Ao final deste estudo, ressaltamos como contribuição dos artigos pesquisados o destaque para a possibilidade de desenvolvimento de um corpo agente e sujeito de experiências individual e coletiva, produtor de significados e construtor de subjetividade, em detrimento de um corpo compreendido como objeto a ser modelado pelas representações sociais e coletivas. Os trabalhos apontam a perspectiva de desenvolvimento de um corpo autêntico, vivido e expressivo. Embora não tenhamos a pretensão de encerrar as discussões relacionadas à temática, vislumbramos que os resultados apresentados possam despertar inquietações e reflexões acerca dos conflitos inerentes à Educação Física oferecendo subsídios para o desenvolvimento de outras

pesquisas que busquem a elaboração de estratégias para a prática pedagógica da área. Desse modo, esta tese não tem como intuito apontar respostas para a forma de lidar com o corpo na área da Educação Física, e sim, despertar reflexões sobre outras questões relacionadas à corporeidade dos estudantes.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Marcela Carvalho Martins. *Culto ao corpo e estilo de vida entre as mulheres*. 2011. 321 p. Tese (Doutorado) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília.

ARAÚJO, Leandro Rodrigues de; ANDREOLO, Jesuíno; SILVA, Maria Sebastiana. Utilização de suplemento alimentar e anabolizante por praticantes de musculação nas academias de Goiânia-Go. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, vol. 10, n. 3, p. 13-18, jul. 2001.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70 Ltda., 1977.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

BETTI, Mauro. *Educação Física e sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.

_____. *A janela de vidro*. Campinas, Papirus, 2010.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, vol. 1, n. 1, p. 73-81, jan./jun. 2002.

BEZERRA, Fabrício Leomar Lima; MOREIRA, Wagner Wey. Corpo e educação: o estado da arte sobre o corpo no processo de ensino aprendizagem. *Revista Encontro de Pesquisa em Educação*, Uberaba, vol. 1, n. 1, p. 61-75, out. 2013.

BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. (Trad. Desidério Murcho et al.). Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. (Org. Renato Ortiz). São Paulo: Ática, 1983.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. *A dominação masculina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. *Questões de Sociologia*. Sociedade Unipessoal: Lisboa, 2003.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva: 2007a.

_____. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007b.

_____. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 2008.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cadernos Cedes*, Campinas, vol. 19, n. 48, p. 69-88, ago. 1999.

BRACHT, Valter. *Educação física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. Ijuí: Unijuí, 1999.

BRASIL. *Decreto Lei n. 705*, de 25 de julho de 1969.

_____. Ministério da Educação e Cultura. *Portaria n. 1811*, de 28 de dezembro de 1994.

_____. Lei de Diretrizes e Base. *Lei n. 9.394/96*, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Educação Física*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEMTEC, 2000.

BRUHNS, Heloisa Turini; GUTIERREZ, Gustavo Luís (Orgs.). *O corpo e o lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade*. Campinas: Autores Associados, Comissão de pós-graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp, 2000.

CAPARROZ, Francisco Eduardo; BRACHT, Valter. O tempo e o lugar de uma didática da Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, vol. 28, n. 2, p. 21-37, jan. 2007.

CENTENO, Luís Gomes. *Envelhecimento e perspectivas de luta contra as barreiras da idade no emprego* [Coleção Estudos n. 38]. Lisboa: Instituto do Emprego e Formação Profissional, I.P, 2007.

CODO, Wanderley; SENNE, Wilson. *O que é corpo(latria)?* São Paulo: Brasiliense, 1985.

DANTAS, Jurema Barros. Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 3, p. 898-912, 2011.

DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

_____. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 2, n. 2, p. 24-29, jun. 1995.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DEBERT, Guita Grin. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 12, n. 34, p. 39-56, jun. 1997.

_____. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*, 3. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIGUEIREDO, Rita Vieira de. Políticas de inclusão: escola-gestão da aprendizagem na diversidade. In: ROSA, Dalva E. Gonçalves; SOUZA, Vanilton Camilo (orgs.). *Políticas organizativas e curriculares, educação inclusiva e formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 39. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

FREIRE, João Batista. *Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da Educação Física*. São Paulo: Scipione, 2009.

GALLAHUE, David L; OZMUN, John C. *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebê, criança, adolescente e adulto*. 3. ed., São Paulo: Phorte, 2005.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade* (Trad: P. Dentzien). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1988.

GOIÁS. Secretaria de Educação. Reorientação curricular do 6º ao 9º ano – *Currículo e práticas culturais: as áreas de conhecimento*. Goiânia, 2009a.

_____. Secretaria de Educação. Reorientação curricular do 6º ao 9º ano – *Currículo em debate: Matrizes Curriculares*. Goiânia, 2009b.

_____. Secretaria de Educação. Reorientação curricular do 6º ao 9º ano – *Currículo em debate: direito à educação - desafio da qualidade*. Goiânia, 2009c.

GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.19-40.

IANNI, Octavio, et al.. *O negro e o socialismo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

IRIART, Jorge Alberto Bernstein e ANDRADE, Tarcísio Matos de. Musculação, uso de esteroides anabolizantes e percepção de risco entre jovens fisiculturistas de um bairro popular de Salvador, Bahia, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, vol. 18, n. 5, p. 1379-1387, set./out. 2002.

KUNZ, Eleonor. *Educação Física: Ensino & Mudanças*. Ijuí: Unijuí, 1991.

_____. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 2000.

LE BOULCH, Jean. *A educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar*. Tradução: Carlos Eduardo Reis e Bernardina Machado Albuquerque. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas, SP: Papiros, 2003.

LÜDORF, Silvia Maria Agatti. Corpo e formação de professores de educação física. *Interface - Comunicação, Saúde e Educação*, Botucatu, vol. 13, n. 28, p. 99-110, jan./mar. 2009.

MALYSSE, Stéphane Rémy Georges. Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 79-138.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia Trad.:* Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEDINA, João Paulo Subirá. *A educação física cuida do corpo... e "mente": bases para a renovação e transformação da educação física*. Campinas: Papiros, 1983.

_____. *O Brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo*. Campinas, SP: Papiros, 1987.

MELLO, Alexandre Moraes de. *Psicomotricidade, educação física, jogos infantis*, São Paulo: Ibrasa, 1993.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; NÓBREGA, Terezinha Petrucia. Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação. *Revista Brasileira de Educação*, Natal, n. 27, p. 125-137, set./out./nov./dez. 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*, 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Revista Ciências da Educação*, Bauru, vol. 9, n. 2, p. 191-201, 2003.

MOREIRA, Wagner Wey. *Educação física escolar: uma abordagem fenomenológica*. Campinas: Unicamp, 1995.

PASSOS, Marinez Meneghello. *O professor de matemática e sua formação: análise de três décadas da produção bibliográfica em periódicos na área de Educação Matemática no Brasil*. 2009. 328p. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência) – Unesp – Universidade Estadual Paulista, Bauru.

SABINO, César. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 139-188.

SACRISTÁN, Gimeno José. *Poderes instáveis em educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANTIN, Silvino. *Educação física: uma abordagem filosófica da corporeidade*. 2.ed. Ijuí: Unijui, 2003.

SANTOS, Silvana Sidney Costa. Concepções teórico-filosóficas sobre envelhecimento, velhice, idoso e enfermagem gerontogeriatrica. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, vol. 63, n. 6, p. 1035-1039, nov./dez. 2010.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações*. 11. ed. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 2011.

SÉRGIO, Manuel. *Epistemologia da motricidade humana*. Lisboa: Edições Faculdade de Motricidade Humana, 1996.

SILVA, Ana Maria. *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

SILVA, Luciana Silvia Maria Franco e MOREAU, Regina Lúcia de Moraes. Uso de esteroides anabólicos androgênicos por praticantes de musculação de grandes academias da cidade de São Paulo. *Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas*, São Paulo, vol. 39, n. 3, p. 27-33, jul./set. 2003.

SILVA, Paulo Rodrigo Pedroso da, et al. Prevalência do uso de agentes anabólicos em praticantes de musculação de Porto Alegre. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia*, São Paulo, vol. 51, n. 1, p. 104-110, 2007.

SOARES, Carmen Lúcia. *Educação Física: raízes europeias e Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 1994.

_____. *Imagens da Educação no Corpo: estudo a partir da ginástica Francesa no séc. XIX*. Campinas: Autores Associados, 1998.

_____. (Org.). Corpo e educação. *Cadernos Cedes*, Campinas, vol. 19, n. 48, p. 5-108, ago. 1999.

_____. (Org.). *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001.

SOARES, Carmen Lúcia et al.. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

STENHOUSE, Lawrence (Trad.: A. G. Miralles). *Investigacion y desarrollo del curriculum*. Madrid: Ediciones Morata, 2003.

SURDI, Aguinaldo César; KUNZ, Elenor. A fenomenologia como fundamentação para o movimento humano significativo. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 15, n. 2, p. 187-210, abr./jun. 2009.

TANI, Go et al.. *Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS/FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA. *Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física*, Goiânia, 2013.

VAZ, Paulo. Consumo e risco: mídia e experiência do corpo na atualidade. *Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo, vol. 3, n. 6, p. 37-61, mar. 2006.

VIGARELLO, Georges et al. *Revista Pro-Posições*, Campinas, v. 14, n. 2, p. 21-143, maio/ago. 2003.

WACQUANT, Loic. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. Esclarecer o *Habitus*. *Educação & Linguagem*, São Paulo, vol. 10, n. 16, p. 63-71, jul./dez. 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Títulos dos artigos por ano de publicação

ANO	Nº do artigo	TÍTULO
1986	1	Ginástica para a alma, música para o corpo (RBCE)
1988	2	Estigma, corpo e deficiência (RBCE)
1989	3	O conhecimento das partes do corpo na estruturação do esquema corporal em pré-escolares de três a seis anos de idade (RBCE)
1990	4	Aspectos filosóficos da corporeidade (RBCE)
1992	5	O culto do corpo prazer, o fenômeno lazer e o lúdico (RBCE)
	6	Artimanhas do corpo diante do espelho (RBCE)
1993	7	A corporeidade na escola (EFM)
	8	Do corpo sem retoques (EFM)
1994	9	A representação do trabalho do professor de educação física na escola: do corpo matéria prima ao corpo cidadão (RBCE)
	10	Corpo e movimento: hábito ou memória? (RBCE)
	11	Educação Física: Escola de ... formação do corpo feminino (RBCE)
1995	12	Corporeidade no esporte: a busca de uma perfeição (EFM)
	13	O sábio corpo idoso (EFM)
	14	Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física (RM)
	15	A brincadeira de corpo e alma numa escola sem fim: reflexões sobre o belo e o lúdico no ato de aprender (MREF)
	16	O conceito de corpo (MREF)
1996	17	Sociologia das atividades corporais: perspectivas a partir da vida e obra de Simone Weil (RBCE)
	18	Das práticas corporais ou porque “Narciso” se exercita (RBCE)
	19	Corpo e construção do conhecimento: uma reflexão para a educação infantil (RPEF)
	20	A expressão dos corpos pela dança: vivência e reflexão em meio escolar (EFM)
	21	O corpo-imagem jovem e o fenômeno do consumo (RM)
	22	Corpo, sexualidade e deficiência (RM)
	23	Cabeça de ferro, peito de aço, perna de pau: a construção do corpo esportista brincante (MREF)
1997	24	A atividade física e a construção da corporeidade na Grécia Antiga (EFM)
	25	Diferentes visões do mundo e do corpo (EFM)
	26	A evolução do homem e das mentalidades: uma perspectiva através do corpo (RM)
1998	27	Da força física à estética corporal: as mudanças nas relações sociais retratadas no corpo (EFM)
1999	28	História do corpo enquanto vergonha nossa de cada dia (EFM)
	29	As aventuras do corpo humano (EFM)

	30	Olhar para o corpo que dança - Um sentido para a pessoa portadora de deficiência visual (RM)
	31	Corpo civilizado, corpo reencantado: o moderno e o alternativo nas representações do corpo (MREF)
2000	32	Sociedade, corpo e interdições: contribuições sobre o estudo de Marcel Mauss sobre as técnicas do corpo (RBCE)
	33	O corpo enquanto objeto de consumo (RBCE)
	34	Educação Física, corpo e saúde: uma reflexão sobre outros “modos de olhar” (RBCE)
	35	Criança, corpo e educação: fragmentos da obra de Wilhelm Reich (RBCE)
	36	Corporeidade e terceira idade: A marginalização do corpo idoso (RBCE)
	37	A Transformação da Visão de Corpo na Sociedade Ocidental (MREF)
2001	38	Corpo e diversidade cultural (RBCE)
	39	Os novos velhos/aposentados do novo século: educação social e memória corporal (EFM)
	40	O corpo simplesmente corpo (RM)
	41	As Invenções do Corpo: Modernidade e Contramodernidade (MREF)
	42	O Corpo Construído e a Importância do Gesto Pessoal (MREF)
2002	43	Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à educação infantil e à Educação Física (RBCE)
	44	Corpo, biologia e Educação física (RBCE)
	45	O corpo em busca da liberdade (EFM)
	46	Espelho, espelho meu... Existe alguém mais perfeita do que eu? (MREF)
	47	O corpo fala? (MREF)
	48	Da educação física escolar: intelecto, emoção e corpo (MREF)
2003	49	Educação do corpo, conhecimento, fronteiras (RBCE)
	50	A invenção da ginástica no século XIX: movimentos novos, corpos novos (RBCE)
	51	Georges Hébert e o método natural: nova sensibilidade, nova educação do corpo (RBCE)
	52	O Rio de Janeiro e o corpo do homem fluminense: o “não-lugar” da ginástica sueca (RBCE)
	53	Educación física y dictadura: el cuerpo militarizado (RBCE)
	54	Saúde e beleza do corpo feminino - algumas representações no Brasil do século XX (RM)
	55	Antinoüs e Sandwina: encontros e desencontros na educação dos corpos brasileiro (RM)
	56	Do corpo, da Educação Física e das muitas histórias (RM)
	57	Experiencing the Body in Order to Enrich the Spirit (MREF)
	58	Do corpo trabalhado ao corpo do trabalho: considerações sobre o corpo do trabalhador braçal (MREF)
2004	59	Corporeidade e ação profissional na reabilitação: (des)encontros (RBCE)

	60	Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação (RBCE)
	61	Pensando a corporeidade na prática pedagógica em educação física à luz do pensamento complexo (RBEFE)
	62	A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos (RM)
	63	Da ortopedia à eficiência dos corpos: a gymnastica e as exigências da “vida moderna” (Minas Gerais, 1906-1930) (RM)
	64	Atividade física e corpo sensível (MREF)
2005	65	A promoção do estilo atlético na revista Capricho e a produção de uma representação de corpo adolescente feminino contemporâneo (RBCE)
	66	Imagens da infância: a educação e o corpo em 1930 e 1940 no Brasil (RBCE)
	67	Doping, esporte, performance: notas sobre os “limites” do corpo (RBCE)
	68	Prevalência do uso de substâncias químicas entre adolescentes, com finalidade de modelagem corporal (RBCE)
	69	Riscos da beleza e desejos de um corpo arquitetado (RBCE)
	70	A obsessão masculina pelo corpo: malhado, forte e sarado (RBCE)
	71	Educação do corpo e seus limites: possibilidades para a Educação Física na classe hospitalar (RM)
	72	Educação física, linguagem e arte: possibilidades de um diálogo poético do corpo (RM)
	73	Memórias de corpos esportivizados: a natação feminina e o futebol infame (RM)
	74	Horizontes do corpo na escola: uma investigação sobre o Programa Escola Plural em Belo Horizonte (RM)
	75	O corpo desconstruído: argumentos para uma abordagem desconstrucionista da corporeidade (MREF)
	76	Educação somática: o corpo enquanto experiência (MREF)
2006	77	O jogo da identidade Boe: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicas culturais (RBCE)
	78	Corpos, cultura, paradoxos: observações sobre o jogo de capoeira (RBCE)
	79	El cuerpo preso de la vida saludable la construcción de una ética médico-deportiva de sujeción (RBCE)
	80	Corporeidade e formação do profissional na área da saúde (RBCE)
	81	O corpo como marcador social de saúde, beleza e valorização de cuidados corporais de jovens mulheres (RBCE)
	82	Corpo e saúde: a religião dos saberes (RBCE)
	83	Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades (RM)
	84	“Sarados” e “gostasas” entre alguns outros: aspectos da educação de corpos masculinos e femininos em academias de ginástica e musculação (RM)
	85	Tecendo cultura com mediações que unem corpo, saúde e lazer (RM)
2007	86	A capoeira do Mercado Modelo de Salvador: gestualidades performáticas de corpos em exibição (RBEFE)

	87	O cuidado com o corpo como estratégia de sujeitos generificados (RM)
	88	O sentido ético-estético do corpo na cultura popular e a estruturação do campo gestual (RM)
2008	89	O corpo na contemporaneidade: a educação física escolar pode ressignificá-lo? (EFM)
	90	Representação do corpo feminino na Revista Claudia no ano de 2006: retrato de uma produção restrita (EFM)
	91	O corpo e as técnicas para o embelezamento feminino: esquemas da indústria cultural na Revista Boa Forma (RM)
	92	Mulheres da Rocinha: relações entre corpo, identidade e trabalho (RM)
	93	Proselitismo Televisivo e Corporeidades em uma Expressão do Catolicismo (MREF)
	94	Concepções da educação do corpo em instituições de educação infantil em Campinas (MREF)
	95	Corpo e movimento na educação infantil (MREF)
	96	Educação física e práticas corporais alternativas: o trabalho com o corpo em questão (MREF)
	2009	97
98		Do corpo-motor ao corpo-informação: corporeidade e trabalho no capitalismo (RBCE)
99		Del “cuerpo saludable” que se (des) constituye (RBCE)
100		Creencias pedagógicas, desobjetivación del cuerpo y dominación cultural en la educación física escolar (RBCE)
101		Antropologia de uma academia de musculação: um olhar sobre o corpo e um espaço de representação social (RBEFE)
102		A Visão De Corpo na Perspectiva de Graduandos em Educação Física: Fragmentada ou Integrada? (RM)
103		Formação acadêmica em Educação Física: “Corpos” (Docente e Discente) de conhecimentos fragmentados... (MREF)
104		Ciência e o conceito de corpo e saúde na Educação Física (MREF)
105		Fazer Kendo e pensar a educação do corpo (MREF)
106	A palavra é gesto: reflexões estéticas sobre o corpo (MREF)	
2010	107	As práticas corporais e a educação do corpo indígena: a contribuição do esporte nos jogos dos povos indígenas (RBCE)
	108	O padrão de beleza corporal sobre o corpo feminino mediante o IMC (RBEFE)
	109	Envelhecendo como professor de Educação Física: um olhar sobre o corpo e a profissão (EFM)
	110	Culto ao corpo e exposição de produtos na mídia especializada em estética e saúde (RM)
	111	Jogando pela honra: corpo e masculinidade através do esporte (RM)
	112	“A força da juventude garante o futuro de um povo”. A educação do corpo no Sport Clube Germania (1899-1938) (RM)
	113	Corpo, dança e criação: conceitos em movimento (RM)

	114	Narrativas do corpo e da gestualidade no jogo da capoeira (MREF)
2011	115	El papel de la escuela y la educación física en la construcción de la corporeidad infantil. Un estudio desde la perspectiva narrativa (RBCE)
	116	Equidade: apontamentos para a educação do corpo (RBCE)
	117	Educação da mente e do corpo, professor pesquisador reflexivo e a ciência do concreto (RBCE)
	118	Agente, subjetivación y educación corporal: reflexiones metodológicas (RBCE)
	119	Conquista, confirmación y construcción del cuerpo: una propuesta para el estudio de las prácticas corporales a partir de la epistemología de Pierre Bourdieu (RBCE)
	120	As práticas corporais nas academias de ginástica: um olhar do professor sobre o corpo fluminense (RBCE)
	121	“Do outside”: corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano (RBEFE)
	122	Educação do corpo feminino: um estudo na Revista Brasileira de Educação Física (1944-1950) (RBEFE)
	123	Corporeidade e sexualidade em dançarinos de rua: axé e hip hop (RBEFE)
	124	<i>Habitus</i> e corpo social: reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Bourdieu (RM)
	125	Formação em Educação Física: análise comparativa de concepções de corpo de graduandos (RM)
	126	Identities “raciais” e identidades nacionais: as representações do corpo negro na construção do “estilo brasileiro de jogar futebol (RM)
	127	Aula se Educação Física não é lugar de estudar o corpo!?! (RM)
	128	Corpos femininos volumosos e estética: discursos contra-hegemônicos sobre beleza em blogs na internet (RM)
	129	O corpo e as práticas de si: a construção bioidentitária de um lutador de wrestling profissional em tela (RM)
	130	O corpo negro e os preconceitos impregnados na cultura: uma análise dos estereótipos raciais presentes na sociedade brasileira a partir do futebol (RM)
131	Corpo, festa e ludicidade: a cultura maringense retratada em telas (MREF)	
132	O corpo, o desenvolvimento humano e as tecnologias (MREF)	
2012	133	Avaliação da imagem corporal em professores de Educação Física atuantes no fitness na cidade do Rio de Janeiro (RBCE)
	134	Belos, sadios e normais: as representações sociais dos corpos infantis na revista Pais & Filhos (1968-1977) (RBCE)
	135	Capoeira dialogia: o corpo e o jogo de significados (RBCE)
	136	Como se fabricam os anjos? Uma arqueologia do corpo nos manuais escolares de moral e de higiene na França, 1880-1974 (RBCE)
	137	Las prácticas corporales en la educación corporal (RBCE)
	138	Educação Física e esportes na Ação Integralista Brasileira: Hollanda Loyola e a educação do corpo (RBEFE)

	139	Representações sociais do corpo: um estudo sobre as construções simbólicas em adolescentes (RBEFE)
	140	Corpos belos nos ambientes visuais: estudo por meio da sociologia visual (EFM)
	142	Possíveis relações entre corpo, saúde e o envelhecimento do professor de Educação Física (RM)
	143	O corpo e o movimento como matrizes de criação e conhecimento: paralelos entre a poiésis grega e o vitalismo schopenhauriano (RM)
	144	Voga esportiva e artimanhas do corpo (RM)
	145	Corpos, dores, subjetivações: notas de pesquisa no esporte, na luta, no balé (RM)
	146	A educação do corpo para o “soldado integral”, “forte de físico, culto de cérebro e grande de alma” (MREF)
2013	147	Los cuerpos y sus marcas socio-étnicas: fútbol, identidades e historia en los valles orientales de jujuy (Argentina) (RBCE)
	148	Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino (RBCE)
	149	Carteira rosa: a tecnofabricação dos corpos sexuados nos testes de feminilidade na olimpíada de 1968 (RBCE)
	150	Na dança tanto seu objeto quanto seu instrumento profissional é o corpo (RBCE)
	151	A produção do conhecimento que trata do corpo e da beleza: implicações para a Educação Física (RBCE)
	152	Representações sobre corpo e educação da mulher na expansão do escotismo e do bandeirantismo durante nas primeiras décadas do século XX (RBCE)
	153	“A saúde da mulher: Viver bem ou parecer bonita. Um breve panorama sobre a imagem corporal das mulheres”. (MREF)
2014	154	Los cuerpos de Foucault: una genealogía de los estudios foucaultianos en el campo de académico de la Educación Física en Brasil y en la Argentina (RBEFE)
	155	As práticas corporais e a educação do corpo em uma instituição confessional de ensino (EFM)
	156	Capoeira: a memória social construída por meio do corpo (RM)
	157	Corpos na escola: reflexões sobre educação física e religião (RM)
	158	Escárnio de corpos, cyberbullying e corrupção do lúdico (RM)
	159	Corpo e natureza em Merleau-Ponty (RM)
	160	Fallon Fox: um corpo queer no octógono (RM)
	161	O envelhecer na visão do profissional de Educação Física atuante em academia de ginástica: corpo e profissão (RM)
	162	Reflexões sobre corpo, saúde e doença em Merleau-Ponty: implicações para práticas inclusivas (RM)
	163	Corpo e política no retorno à democracia no Uruguai (1985-1990): integração da sociedade e continuação da violência (RM)
2015	164	Hacia un cuerpo de la experiencia en la educación corporal (RBCE)
	165	Saber do corpo, do político e da política: notas sobre indivíduo e sujeito (RBCE)

	166	A construção do corpo ideal no balé clássico: uma investigação fenomenológica (RBEFE)
	167	Corpo e educação no escotismo a partir da Revista Tico Tico (1921-1933) (RM)
	168	A Educação Física no ensino médio: um olhar sobre o corpo (RM)
	169	Diálogos entre o corpo e a natureza: as práticas corporais ao ar livre e a Educação Física escolar (RM)
	170	Corpo-máquina: diálogos entre discursos científicos e a ginástica (RM)

APÊNDICE B – Referências bibliográficas dos artigos que compuseram o *corpus* da pesquisa

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge. O corpo negro e os preconceitos impregnados na cultura: uma análise dos estereótipos raciais presentes na sociedade brasileira a partir do futebol. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 17, n. 4, p. 265-280, out./dez. 2011.

ADELMAN, Miriam. Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 12, n. 1, p. 11-29, jan./abr. 2006.

ALBERTINI, Paulo. O Corpo Construído e a Importância do Gesto Pessoal. *Motriz*, Rio Claro, vol. 7, n.1 (Supl.), p. 107-110, jan./jun. 2001.

ALBINO, Beatriz Stainbach; VAZ, Alexandre Fernandez. O corpo e as técnicas para o embelezamento feminino: esquemas da indústria cultural na Revista Boa Forma. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 14, n. 1, p. 199-223, jan./abr. 2008.

ALBUQUERQUE, Leila Marrach Basto de. Corpo civilizado, corpo reencantado: o moderno e o alternativo nas representações do corpo. *Motriz*, Rio Claro, vol. 5, n. 1, jun. 1999.

ALBUQUERQUE, Leila Marrach Basto de. As Invenções do Corpo: Modernidade e Contramodernidade. *Motriz*, Rio Claro, vol. 7, n.1, p. 33-39, jan./jun. 2001.

ALMEIDA, Arthur José Medeiros de; ALMEIDA, Dulce Maria Filgueira de; GRANDO, Beleni Salete. As práticas corporais e a educação do corpo indígena: a contribuição do esporte nos jogos dos povos indígenas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 32, n. 2-4, p. 59-74, dez. 2010.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo; OLIVEIRA, Samuel Thomazini. O corpo e as práticas de si: a construção bioidentitária de um lutador de wrestling profissional em tela. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 17, n. 3, p. 197-214, jul./set. 2011.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Saúde e beleza do corpo feminino - algumas representações no Brasil do século XX. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 9, n. 1, p. 119-143, jan./abr. 2003.

ANJOS, Kátia Silva Souza dos; OLIVEIRA, Régia Cristina; VELARDE, Marília. A construção do corpo ideal no balé clássico: uma investigação fenomenológica. *Rev Bras Educ Fís Esporte*, São Paulo, vol. 29, n. 3, p.439-452, jul./set. 2015.

ANZAI, Koiti. O corpo enquanto objeto de consumo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 21, n. 2, 3, p. 71-76, jan./maio 2000.

ARANDA, Rafael Assad; PEREIRA, Ana Maria; PALMA, José Augusto; PALMA, Ângela Pereira Teixeira Victoria. A concepção de corpo dos estudantes de graduação em Educação Física. *Motriz*, Rio Claro, vol. 18, n. 4, p. 735-747, out./dez. 2012.

ARAÚJO, Allyson Carvalho; DIAS, Maria Aparecida; MELO, José Pereira de; MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza. Reflexões sobre corpo, saúde e doença em Merleau-Ponty: implicações para práticas inclusivas. *Revista Movimento*, vol. 20, n. 4, p. 1587-1609, out./dez. 2014.

ASSIS, Monique; BAGRICHEYSKY, Marcos; LACERDA, Yara; OLIVEIRA, Alexandre Palma de; SAMPAIO, Karen Santana. Culto ao corpo e exposição de produtos na mídia especializada em estética e saúde. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 16, n. 1, p. 31-51, jan./mar. 2010.

ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza, et al. Belos, sadios e normais: as representações sociais dos corpos infantis na revista Pais & Filhos (1968-1977). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 34, n. 3, p. 571-587, jul./set. 2012.

BAGRICHEVSKY, Marcos. DEL “CUERPO SALUDABLE” QUE SE (DES) CONSTITUYE. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 30, n. 3, p. 191-202, maio 2009.

BANDEIRA, Marília Martins; RUBIO, Katia. “Do outside”: corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, vol.25, n.1, p. 97-110, jan./mar. 2011.

BELTRAME, Dalva Marim; LOPES, Maria Izabel de Souza. Os novos velhos/aposentados do novo século: educação social e memória corporal. *Revista de Educação Física de Maringá*. vol. 12, n. 01, 2001.

BIANCONI, Jessica. Proselitismo Televisivo e Corporeidades em uma Expressão do Catolicismo. *Motriz*, Rio Claro, vol. 14, n. 1, p. 09-20, jan./mar. 2008.

BOLSANELLO, Débora. Educação somática: o corpo enquanto experiência. *Motriz*, Rio Claro, vol.11, n. 2, p. 79-88, maio/ago. 2005.

BORTOLÁS, Silvia. O corpo em busca da liberdade. *Revista de Educação Física de Maringá*. Vol. 13, n. 01, 2002.

BRANDÃO, Leonardo; SOARES, Carmen Lúcia. Voga esportiva e artimanhas do corpo. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 18, n. 3, p. 11-26, jul./set. 2012.

BRASILEIRO, Livia Tenório. Na dança tanto seu objeto quanto seu instrumento profissional é o corpo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 35, n. 2, p. 311-326, abr./jun. 2013.

BRUHNS, Heloisa Turini. O culto do corpo prazer, o fenômeno lazer e o lúdico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 12, n. 1, 2, 3, p. 271-275, 1992.

_____. O sábio corpo idoso. *Revista de Educação Física de Maringá*. vol. 6, n. 01, 1995.

CADAVID, Luzelena Gallo. LAS PRÁCTICAS CORPORALES EN LA EDUCACIÓN CORPORAL. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 34, n. 4, p. 825-843, out./dez. 2012.

CARBINATTO, Michele; MOREIRA, Wagner Wey. Corpo e saúde: a religião dos saberes. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 27, n. 3, p. 185-200, maio 2006.

CARDOSO, Fernando Luiz; et al. Corporeidade e sexualidade em dançarinos de rua: axé e hip hop. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, vol. 25, n. 4, p. 663-672, out./dez. 2011.

CARMO, Apolônio Abadio do. Estigma, corpo e deficiência. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 9, n. 3, p. 5-8, maio 1988.

CARMO Jr, Wilson do. A brincadeira de corpo e alma numa escola sem fim: reflexões sobre o belo e o lúdico no ato de aprender. *Motriz*, Rio Claro, vol. 1, n. 1, p. 15-24, jun. 1995.

CARREIRA FILHO, Daniel; MARTINS FILHO, José. Prevalência do uso de substâncias químicas entre adolescentes, com finalidade de modelagem corporal. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 27, n. 1, p. 93-111, set. 2005.

CASTRO, Antônio Paulo André de; FERREIRA, Maria Elisa Caputo; GOMES, Gisele. A obsessão masculina pelo corpo: malhado, forte e sarado. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 27, n. 1, p. 167-182, set. 2005.

CASTRO, Julia; FARINA, Chintia. Hacia un cuerpo de la experiencia en la educación corporal. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 37, n. 2, p. 179-184, mar. 2015.

CESANA, Juliana; NETO, Samuel de Souza. Educação física e práticas corporais alternativas: o trabalho com o corpo em questão. *Motriz*, Rio Claro, vol. 14, n. 4, p. 462-470, out./dez. 2008.

CHAGAS, Eliene. Educação Física: Escola de ... formação do corpo feminino. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 15, n. 3, p. 253-262, jun. 1994.

CHAGAS, Eva Regina Carrazoni; HOFFMANN, Sônia Berenice. Corpo, sexualidade e deficiência. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 3, n. 5, p. I-VII, jun. 1996.

COELHO FILHO, Carlos Alberto de Andrade, e ANDRADE, Regina Glória Nunes. Atividade física e corpo sensível. *Motriz*, Rio Claro, vol. 10, n. 2, p. 97-109, maio/ago. 2004.

COELHO FILHO, Carlos de Andrade; FREITAS, Diego Costa; LUDORF, Sílvia Maria Agatti; PALMA, Alexandre. O envelhecer na visão do profissional de Educação Física atuante em academia de ginástica: corpo e profissão. *Revista Movimento*, vol. 20, n. 4, p. 1523-1541, out./dez. 2014.

CUNHA, Igor Márcio Corrêa Fernandes da; SAMPAIO, Tânia Mara Vieira; TAVARES, Luiz Carlos Vieira; VIEIRA, Luiz Renato. Capoeira: a memória social construída por meio do corpo. *Revista Movimento*, vol. 20, n. 2, p. 735-755, 2014.

DALBEN, André. Diálogos entre o corpo e a natureza: as práticas corporais ao ar livre e a Educação Física escolar. *Revista Movimento*, vol. 21, n. 4, p. 903-914, out./dez. 2015.

DAMICO, José Geraldo Soares; MEYER, Dagmar Stermann. O corpo como marcador social de saúde, beleza e valoração de cuidados corporais de jovens mulheres. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 27, n. 3, p. 103-118, maio 2006.

DAMICO, José Geraldo Soares. O cuidado com o corpo como estratégia de sujeitos generificados. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 13, n. 1, p. 93-117, jan./abr. 2007.

DANAIOLOF, Kátia. Imagens da infância: a educação e o corpo em 1930 e 1940 no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 26, n. 3, p. 25-40, maio 2005.

DANTAS, Jurema Bastos. Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, vol.11, n.3, p. 898-912, 2011.

DAOLIO, Jocimar. A representação do trabalho do professor de educação física na escola: do corpo matéria prima ao corpo cidadão. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 15, n. 2, p. 181-186, jan. 1994.

_____. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 2, n. 2, p. 24-28, jun. 1995.

DAOLIO, Jocimar; RIGONI, Ana Carolina Capellini. Corpos na escola: reflexões sobre educação física e religião. *Revista Movimento*, vol. 20, n. 3, p. 875-894, jul./set. 2014.

DEVIDE, Fabiano Pries. A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 10, n. 2, p. 125-144, maio/ago. 2004.

DIAS, Maria Célia Moraes. Corpo e construção do conhecimento: uma reflexão para a educação infantil. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, supl.2, p. 13-15, 1996.

ESCUADERO, Maria Carolina. AGENTE, SUBJETIVACIÓN Y EDUCACIÓN CORPORAL: REFLEXIONES METODOLÓGICAS. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 33, n. 3, p. 547-558, jul./set. 2011.

FARIAS, Rodrigo da Costa; GOELLNER, Silvana Vilodre. A capoeira do Mercado Modelo de Salvador: gestualidades performáticas de corpos em exibição. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, vol. 21, n. 2, p. 143-155, abr./jun. 2007.

FEDERICI, Conrado Augusto Gândara; GUZZO, Marina Souza Lobo; ROBLE, Odilon José; TERRA, Vinícius Demarchi Silva. O corpo e o movimento como matrizes de criação e conhecimento: paralelos entre a poiésis grega e o vitalismo schopenhauriano. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 18, n. 2, p. 297-313, abr./jun. 2012.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Corporeidade e formação do profissional na área da saúde. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 27, n. 3, p. 93-102, maio 2006.

FERNÁNDEZ, Frederico. Los cuerpos y sus marcas socio-étnicas: fútbol, identidades e historia en los valles orientales de Jujuy (Argentina). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 35, n. 1, p. 211-225, jan./mar. 2013.

FERREIRA, Alexandre Donizete; SILVA, Lucas Contador Dourado da. Capoeira dialogia: o corpo e o jogo de significados. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 34, n. 3, p. 665-681, jul./set. 2012.

FIGUEIRA, Marcia Luiza Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. A promoção do estilo atlético na revista *Capricho* e a produção de uma representação de corpo adolescente feminino contemporâneo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 26, n. 2, p. 87-99, jan. 2005.

FIGUEIREDO, Márcio Xavier Bonorino. A corporeidade na escola. *Revista de Educação Física/UEM*. vol. 4, n. 01, 1993.

FIGUEIREDO, Michele Braun; PARDO, Eliane Ribeiro; RIGO, Luiz Carlos; RODRIGUES, Aline; SILVEIRA, Viviane Teixeira. Memórias de corpos esportivizados: a natação feminina e o futebol infame. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 11, n. 2, p. 131-146, maio/ago. 2005.

FIGUEIREDO, Valéria M.C. de; TAVARES, Maria da Consolação G.C.F. e VENÂNCIO, Silvana. Olhar para o corpo que dança - Um sentido para a pessoa portadora de deficiência visual. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 5, n. 11, p. 65-73, jun./1999.

FREITAS, Clara Maria Silveira Monteiro de; et al. O padrão de beleza corporal sobre o corpo feminino mediante o IMC. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, vol. 24, n. 3, p. 389-404, jul./set. 2010.

FREITAS, Diego Costa, et al. As práticas corporais nas academias de ginástica: um olhar do professor sobre o corpo fluminense. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 33, n. 4, p. 959-974, out./dez. 2011.

GAIARSA, José Ângelo. O corpo fala? *Motriz*, Rio Claro, vol. 8, n. 3, p. 85-90, set./dez. 2002.

GALAK, Eduardo Lautaro; GAMBAROTTA, Emiliano Matías. Conquista, confirmación y construcción del cuerpo: una propuesta para el estudio de las prácticas corporales a partir de la epistemología de Pierre Bourdieu. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 33, n. 4, p. 923-938, out./dez. 2011.

GARCIA, Rui Proença. A evolução do homem e das mentalidades: uma perspectiva através do corpo. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 4, n. 6, p. 61-71, jan. 1997.

GEWERC, Elie Cohen. Vivenciando o Corpo para Enriquecer o Espírito. *Motriz*, Rio Claro, vol. 9, n.1, p. 07-13, jan./abr. 2003.

GIMÉNEZ, Raumar Rodrigues. Educação Física y dictadura: el cuerpo militarizado. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 25, n. 1, p. 101-113, set. 2003.

GLEYSE, Jacques; SOARES, Carmen Lúcia. Como se fabricam os anjos? Uma arqueologia do corpo nos manuais escolares de moral e de higiene na França, 1880-1974. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 34, n. 4, p. 805-824, out./dez. 2012.

GODOI, Marcos Roberto. Corpos femininos volumosos e estética: discursos contra hegemônicos sobre beleza em blogs na internet. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 17, n. 3, p. 153-173, jul./set. 2011.

GOELLNER, Silvana Vilodre; FRAGA, Alex Branco. Antinoüs e Sandwina: encontros e desencontros na educação dos corpos brasileiros. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 9, n. 3, p. 59-82, set./dez. 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre; GRESPAN, Carla Lisboa. Fallon Fox: um corpo queer no octógono. *Revista Movimento*, vol. 20, n. 4, p. 1265-1282, out./dez. 2014.

GÓIS JR, Edivaldo. Modernismo, raça e corpo: Fernando de Azevedo e a questão da saúde no Brasil (1920-1930). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 30, n. 2, p. 39-56, jan. 2009.

GÓIS JR, Edivaldo; SOARES, Carmen Lúcia; TERRA, Vinícius Demarchi Silva. Corpo-máquina: diálogos entre discursos científicos e a ginástica. *Revista Movimento*, vol. 21, n. 4, p. 903-914, out./dez. 2015.

GONÇALVES, Andréia Santos; AZEVEDO, Aldo Antonio de. O corpo na contemporaneidade: a educação física escolar pode ressignificá-lo? *Revista de Educação Física de Maringá*. vol. 19, n. 01, 2008.

GONÇALES, Cynara; PEREIRA, Beatriz; PIMENTEL, Giuliano Gomes. Escárnio de corpos, cyberbullying e corrupção do lúdico. *Revista Movimento*, vol. 20, n. 3, p. 965-988, jul./set. 2014.

GONÇALVES, Michelle Carreirão; VAZ, Alexandre Fernandez; VIEIRA, Carmen Lúcia Nunes. Educação do corpo e seus limites: possibilidades para a Educação Física na classe hospitalar. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 11, n. 1, p. 71-87, jan./abr. 2005.

GONÇALVES, Michelle Carreirão; TURELLI, Fabiana Cristina; VAZ, Alexandre Fernandez. Corpos, dores, subjetivações: notas de pesquisa no esporte, na luta, no balé. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 18, n. 3, p. 141-158, jul./set. 2012.

GRANDO, Beleni Saléte. O jogo da identidade Boe: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicos culturais. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 27, n. 2, p. 27-43, jan. 2006.

GUZZO, Marina. Riscos da beleza e desejos de um corpo arquitetado. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 27, n. 1, p. 139-152, set. 2005.

HANSEN, Roger; VAZ, Alexandre Fernandez. Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 26, n. 1, p. 135-162, set. 2004.

HANSEN Roger; VAZ, Alexandre Fernandez. “Sarados” e “gostosas” entre alguns outros: aspectos da educação de corpos masculinos e femininos em academias de ginástica e musculação. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 12, n. 1, p. 133-152, jan./abr. 2006.

HEROLD JR, Carlos. Do corpo-motor ao corpo-informação: corporeidade e trabalho no capitalismo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 30, n. 2, p. 107-122, jan. 2009.

HEROLD JR, Carlos; VAZ, Alexandre Fernandez. Representações sobre corpo e educação da mulher na expansão do escotismo e do bandeirantismo durante nas primeiras décadas do século XX. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 35, n. 4, p. 913-927, out./dez. 2013.

HEROLD JÚNIOR, Carlos. Corpo e educação no escotismo a partir da Revista Tico Tico (1921-1933). *Revista Movimento*, vol. 21, n. 2, p. 303-316, abr./jun. 2015.

HUNGER, Dagmar Aparecida Cynthia França; NETO, Samuel de Souza; PEREIRA, Juliana Martins; FRANCO, Flávia Carneiro; ROSSI, Fernanda. Formação acadêmica em Educação Física: “Corpos” (Docente e Discente) de conhecimentos fragmentados... *Motriz*, Rio Claro, vol. 15, n. 1, p. 79-91, jan./mar. 2009.

ISSE, Silvane Fensterseifer. Aula de Educação Física não é lugar de estudar o corpo!?. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 17, n. 2, p. 225-237, abr./jun. 2011.

JOÃO, Renato Bastos; BRITO, Marcelo de. Pensando a corporeidade na prática pedagógica em educação física à luz do pensamento complexo. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v.18, n. 3, p.263-172, jul./set. 2004.

KAKESHITA, Idalina Shiraishi; LAUS, Maria Fernanda; ALMEIDA, Sebastião Sousa. “A saúde da mulher: Viver bem ou parecer bonita. Um breve panorama sobre a imagem corporal das mulheres.” *Motriz*, Rio Claro, vol. 19, n. 3, p. 558-564 jul./set. 2013.

KAWANISHI, Marina Mitie; AMARAL, Silvia Cristina Franco Amaral. Concepções da educação do corpo em instituições de educação infantil em Campinas. *Motriz*, Rio Claro, vol. 14, n. 2, p. 135-147, abr./jun. 2008.

LACERDA, Yara; VIGNE, Joana Angélica; VOTRE, Sebastião Josué. Mulheres da Rocinha: relações entre corpo, identidade e trabalho. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 14, n. 3, p. 53-69, set./dez. 2008.

LACINCE, Nelly; NÓBREGA, Terezinha Petrucia. Corpo, dança e criação: conceitos em movimento. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 16, n. 3, p. 239-256, jul./set. 2010.

LARA, Larissa Michelle; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bassoli de. A expressão dos corpos pela dança: vivência e reflexão em meio escolar. *Revista de Educação Física de Maringá*. vol. 7, n. 01, 1996.

LARA, Larissa Michelle. O sentido ético-estético do corpo na cultura popular e a estruturação do campo gestual *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 13, n. 3, p. 111-129, set./dez. 2007.

LEAL, Eduardo Martinelli. Jogando pela honra: corpo e masculinidade através do esporte. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 16, n. 2, p. 229-247, abr./jun. 2010.

LESSA, Patrícia; VOTRE, Sebastião Josué. Carteira rosa: a tecnofabricação dos corpos sexuados nos testes de feminilidade na olimpíada de 1968. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, vol. 35, n. 2, p. 263-279, abr./jun. 2013.

LOPES, Maria Izabel de Souza. Do corpo sem retoques. *Revista de Educação Física de Maringá*. vol. 4, n. 01, 1993.

LOVISOLO, Hugo. Da educação física escolar: intelecto, emoção e corpo. *Motriz*, Rio Claro, vol. 8, n. 3, p. 99-103, set./dez. 2002.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo; SILVA, Tania Mara Tavares. Educação da mente e do corpo, professor pesquisador reflexivo e a ciência do concreto. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 33, n. 3, p. 605-621, jul./set. 2011.

LUDORF, Sílvia M. Agatti; PALMA, Alexandre; SILVA, Alan Camargo; SILVA, Fernanda Azevedo Gomes da. A Visão De Corpo na Perspectiva de Graduandos em Educação Física: Fragmentada ou Integrada? *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 15, n. 3, p. 109-126, jul./set. 2009.

LUDORF, Sílvia Maria Agatti; SILVA, Alan Camargo; SILVA, Fernanda Azevedo Gomes da. Formação em Educação Física: análise comparativa de concepções de corpo de graduandos. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 17, n. 2, p. 57-74, abr./jun. 2011.

LUDORF, Sílvia Maria Agatti; SILVA, Alan Camargo. Possíveis relações entre corpo, saúde e o envelhecimento do professor de Educação Física. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 18, n. 2, p. 187-204, abr./jun. 2012.

LUDORF, Silvia Maria Agatti; SILVA, Fernanda Azevedo Gomes da; SILVA, Luis Aureliano Imbiriba e. A Educação Física no ensino médio: um olhar sobre o corpo. *Revista Movimento*, vol. 21, n. 3, p. 673-685, jul./set. 2015.

MACHADO, Afonso Antônio; ZANETTI, Marcelo Callegari; MOIOLI, Altair. O corpo, o desenvolvimento humano e as tecnologias. *Motriz*, Rio Claro, vol. 17, n. 4, p. 728-737, out./dez. 2011.

MADUREIRA, José Rafael; SOARES, Carmen Lúcia. Educação física, linguagem e arte: possibilidades de um diálogo poético do corpo. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 11, n. 2, p. 75-88, maio/ago. 2005.

MATA, Vilson Aparecido da. Da força física à estética corporal: as mudanças nas relações sociais retratadas no corpo. *Revista de Educação Física de Maringá*. vol. 9, n. 01, 1998.

MATTHIESEN, Sara Quenzer. Criança, corpo e educação: fragmentos da obra de Wilhelm Reich. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 22, n. 2, p. 133-141, jan. 2000.

MATTHIESEN, Sara Quenzer. Espelho, espelho meu ... Existe alguém mais perfeita do que eu? *Motriz*, Rio Claro, vol. 8 n.1, p.31-32, jan./abr. 2002.

MAZO, Giovana Zarpellon; RIFIÓTIS, Theóphilos; SANTOS, Silvia Maria Azevedo dos. Corporeidade e terceira idade: A marginalização do corpo idoso. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 22, n. 2, p. 167-172, jan. 2000.

MAZONI, Anna Rachel Gontijo. Horizontes do corpo na escola: uma investigação sobre o Programa Escola Plural em Belo Horizonte. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 11, n. 3, p. 107-126, set./dez. 2005.

MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de. Habitus e corpo social: reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Bourdieu *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 17, n. 1, p. 281-300, jan./mar. 2011.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza. Corpo, biologia e Educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 24, n. 1, p. 9-22, set. 2002.

MORAES E SILVA, Marcelo; FONTOURA, Mariana Purcote. Educação do corpo feminino: um estudo na Revista Brasileira de Educação Física (1944-1950). *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, vol. 25, n. 2, p. 263-275, abr./jun. 2011.

MOREIRA, Wagner Wey; PORTO, Eline; SIMÕES, Regina. Corporeidade e ação profissional na reabilitação: (des)encontros. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 25, n. 3, p. 101-116, maio 2004.

MORENO, Andrea. O Rio de Janeiro e o corpo do homem fluminense: o “não-lugar” da ginástica sueca. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 25, n. 1, p. 55-68, set./2003.

MWEWA, Muleka; VAZ, Alexandre Fernandez. Corpos, cultura, paradoxos: observações sobre o jogo de capoeira. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 27, n. 2, p. 45-58, jan. 2006.

NETO, Sissilia Vilarinho. Equidade: apontamentos para a educação do corpo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 33, n. 1, p. 135-148, jan./mar. 2011.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da; MEDEIROS, Rosie Marie Nascimento de. A palavra é gesto: reflexões estéticas sobre o corpo. *Motriz*, Rio Claro, vol. 15, n. 3, p. 648-656, jul./set. 2009.

NÓBREGA, Terezinha Petrúcia da. Corpo e natureza em Merleau Ponty. *Revista Movimento*, vol. 20, n. 3, p. 1175-1196, jul./set. 2014.

NOVAES, Caio Rotta Bradbury. Ciência e o conceito de corpo e saúde na Educação Física. *Motriz*, Rio Claro, vol. 15, n. 2, p. 383-395, abr./jun. 2009.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Sociologia das atividades corporais: perspectivas a partir da vida e obra de Simone Weil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 17, n. 2, p. 172-175, jan. 1996.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. Ginástica para a alma, música para o corpo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 8, n. 1, p. 118-123, set. 1986.

PALMA, Alexandre. Educação Física, corpo e saúde: uma reflexão sobre outros “modos de olhar”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 22, n. 2, ano 2000.

PAULA, Heber Eustáquio de. Cabeça de ferro, peito de aço, perna de pau: a construção do corpo esportista brincante. *Motriz*, Rio Claro, vol. 2, n. 2, dez. 1996.

PEDRAZ, Miguel Vicente. El cuerpo preso de la vida saludable la construcción de una ética médico-deportiva de sujeción. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 27, n. 3, p. 23-37, maio 2006.

PEDRAZ, Miguel Vicente. Creencias pedagógicas, desubjetivación del cuerpo y dominación cultural en la educación física escolar. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 31, n. 1, p. 109-129, set. 2009.

PICH, Santiago; RODRIGUEZ, Norma Beatriz. Los cuerpos de Foucault: una genealogía de los estudios foucaultianos en el campo de académico de la Educación Física en Brasil y en la Argentina. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, vol. 28, n. 3, p. 453-467, jul./set. 2014.

PINTO, Júlia Paula Motta de Souza; JESUS, Adilson Nascimento de. A Transformação da Visão de Corpo na Sociedade Ocidental. *Motriz*, Rio Claro, vol. 6, n. 2, p. 89-96, jul./dez. 2000.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Artimanhas do corpo diante do espelho. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 12, nº 1, 2, 3, p. 294-296, 1992.

QUITZAU, Evelise Amgarten; SOARES, Carmen Lúcia. “A força da juventude garante o futuro de um povo”. A educação do corpo no Sport Clube Germânia (1899-1938). *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 16, n. 3, p. 87-106, jul./set. 2010.

RHODEN, Terezinha Hilda. O conhecimento das partes do corpo na estruturação do esquema corporal em pré-escolares de três a seis anos de idade. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 10, n. 3, p. 38-45, maio 1989.

RIGONI, Ana Carolina Capellini; PRODÓCIMO, Elaine. Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 35, n. 1, p. 227-243, jan./mar. 2013.

RODRIGUEZ, Raumar; VAZ, Alexadre Fernandez. Saber do corpo, do político e da política: notas sobre indivíduo e sujeito. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 37, n. 4, p. 307-313, out. 2015.

RODRIGUES, Rogério. Sociedade, corpo e interdições: contribuições sobre o estudo de Marcel Mauss sobre as técnicas do corpo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 21, n. 2, 3, p. 65-70, jan./maio 2000.

RODRIGUES, Rogério. Fazer Kendo e pensar a educação do corpo. *Motriz*, Rio Claro, vol. 15, n. 3, p. 648-656, jul./set. 2009.

ROSIN, Sheila Maria. Diferentes visões do mundo e do corpo. *Revista de Educação Física de Maringá*. vol. 8, n. 01, 1997.

RUIZ, Mariel Alejandra. El papel de la escuela y la Educación Física en la construcción de la corporeidad infantil. Un estudio desde la perspectiva narrativa. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 33, n. 1, p. 37-50, jan./mar. 2011.

SALVINI, Leila; MISKYW, Mauro. Representação do corpo feminino na Revista Claudia no ano de 2006: retrato de uma produção restrita. *Revista de Educação Física de Maringá*, vol. 19, n. 04, 2008.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Tecendo cultura com mediações que unem corpo, saúde e lazer. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 12, n. 3, p. 73-96, set./dez. 2006.

SANTIAGO, Leonéa Vitória; et al. Representações sociais do corpo: um estudo sobre as construções simbólicas em adolescentes. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, vol. 26, n. 4, p. 627-643, out./dez. 2012.

SANTIN, Silvino. Aspectos filosóficos da corporeidade. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 11, n. 2, p. 136-145, jan. 1990.

SANTIN, Silvino. O corpo simplesmente corpo. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 7, n. 15, p. 57-73, jun. 2001.

SANTOS, Luiz César Teixeira dos. A atividade física e a construção da corporeidade na Grécia Antiga. *Revista de Educação Física de Maringá*. vol. 8, n. 01, 1997.

SANTOS, Luiz Roberto dos; GOELNER, Silvana Vilodre. As práticas corporais e a educação do corpo em uma instituição confessional de ensino. *Revista de Educação Física de Maringá*. vol. 25, n. 03, 2014.

SANTOS, Sandra Ferreira dos; SALLES, Adilson Dias. Antropologia de uma academia de musculação: um olhar sobre o corpo e um espaço de representação social. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, vol. 23, n. 2, p. 87-102, abr./jun. 2009.

SAYÃO, Déborah Thomé. Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à educação infantil e à Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 23, n. 2, p. 55-67, jan. 2002.

SERÉ, Cecília; VAZ, Alexandre Fernandez. Corpo e política no retorno à democracia no Uruguai (1985-1990): integração da sociedade e continuação da violência. *Revista Movimento*, vol. 20, Edição Especial, p. 151-162, 2014.

SIEBERT, Raquel Stela de Sá. Corpo e movimento: hábito ou memória? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 15, n. 2, p. 187-193, jan. 1994.

SILVA, Alan Camargo; LUDORF, Sílvia Maria Agatti. Envelhecendo como professor de Educação Física: um olhar sobre o corpo e a profissão. *Revista de Educação Física de Maringá*. vol. 21, n. 04, 2010.

SILVA, Ana Cristina Teodoro da. História do corpo enquanto vergonha nossa de cada dia. *Revista de Educação Física de Maringá*. vol. 10, n. 01, 1999.

SILVA, Ana Marcia. Das práticas corporais ou porque “Narciso” se exercita. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, vol. 17, n. 3, p. 244-251, maio 1996.

SILVA, Ana Márcia. Corpo e diversidade cultural. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 23, n. 1, p. 87-98, set. 2001.

SILVA, Monique Filgueiras da; PORPINO, Karenine de Oliveira. A produção do conhecimento que trata do corpo e da beleza: implicações para a Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 35, n. 2, p. 327-340, abr./jun. 2013.

SIMÕES, Renata Duarte; GOELLNER, Silvana Vilodre. Educação Física e esportes na Ação Integralista Brasileira: Hollanda Loyola e a educação do corpo. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, vol. 26, n. 2, p. 263-272, abr./jun. 2012.

SIMÕES, Renata Duarte; GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação do corpo para o “soldado integral”, “forte de físico, culto de cérebro e grande de alma”. *Motriz*, Rio Claro, vol. 18, n. 2, p. 327-337, abr./jun. 2012.

SIQUEIRA, Adilson. O corpo desconstruído: argumentos para uma abordagem desconstrucionista da corporeidade. *Motriz*, Rio Claro, vol. 11, n. 2, p. 79-88, maio/ago. 2005.

SOARES, Carmen Lúcia. Georges Hébert e o método natural: nova sensibilidade, nova educação do corpo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 25, n. 1, p. 21-39, set. 2003.

SOARES, Carmem Lúcia. Do corpo, da Educação Física e das muitas histórias. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 9, n. 3, p. 125-147, set./dez. 2003.

SOUZA, João Carlos Neves de; DIAS, Nunes. Narrativas do corpo e da gestualidade no jogo da capoeira. *Motriz*, Rio Claro, vol. 16, n. 3, p. 620-628, jul./set. 2010.

TEIXEIRA, Dourivaldo; TEIXEIRA, Roseli Terezinha Selicani; MOREIRA, Wagner Wey. Corporeidade no esporte: a busca de uma perfeição. *Revista de Educação Física de Maringá*. vol. 6, n. 01, 1995.

TEIXEIRA, Fabiane Castilho; LARA, Larissa Michelle; RINALD, Ieda Parra Barbosa. Corpo, festa e ludicidade: a cultura maringaense retratada em telas. *Motriz*, Rio Claro, vol. 17, n. 3, p. 406-415, jul./set. 2011.

UCHÔGA, Liane Aparecida Roveran; PRODÓCIMO, Elaine. Corpo e movimento na educação infantil. *Motriz*, Rio Claro, vol. 14, n. 3, p. 222-232, jul./set. 2008.

UVINHA, Ricardo Ricci. O corpo-imagem jovem e o fenômeno do consumo. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 3, n. 4, p. 49-51, jan. 1996.

VAGO, Tarcísio Mauro. Da ortopedia à eficiência dos corpos: a gymnastica e as exigências da “vida moderna” (Minas Gerais, 1906-1930). *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 10, n. 3, p. 77-97, set./dez. 2004.

VAZ, Alexandre Fernandez. Educação do corpo, conhecimento, fronteiras. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 24, n. 2, p. 161-172, jan. 2003.

VAZ, Alexandre Fernandez. Doping, esporte, performance: notas sobre os “limites” do corpo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 27, n. 1, p. 23-36, set. 2005.

VIGARELLO, Georges. A invenção da ginástica no século XIX: movimentos novos, corpos novos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 25, n. 1, p. 9-20, set. 2003.

VILANOU, Conrad. As aventuras do corpo humano. *Revista de Educação Física de Maringá*. vol. 10, n. 01, 1999.

VILHENA, Lígia Martins, et al. Avaliação da imagem corporal em professores de Educação Física atuantes no fitness na cidade do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, vol. 34, n. 2, p. 449-464, abr./jun. 2012.

VOLP, Catia Mary; SHWARTZ, Gisele Maria; e DEUTSCH, Silvia. O conceito de corpo. *Motriz*, Rio Claro, vol. 1, n. 2, p. 107-110, dez. 1995.

ZANCHA, Daniel. Do corpo trabalhado ao corpo do trabalho: considerações sobre o corpo do trabalhador braçal. *Motriz*, Rio Claro, vol. 9, n.3, p.181-184, set./dez. 2003.

ZANETI, Marcelo Callegari; MOIOLI, Altair; SCHIAVON, Mauro Klebis; REBUSTINI, Flávio; MACHADO, Afonso Antonio. Corpos belos nos ambientes visuais: estudo por meio da sociologia visual. *Revista de Educação Física de Maringá*. vol. 23, n. 03, 2012.

APÊNDICE C

Relatório: Revista Brasileira de Ciências do Esporte

ARTIGO: OBJETIVO	NATUREZA DO OBJETO (escolar/não escolar)	SUJEITOS INVESTIGADOS	SUBCATEGORIA
<p>OLIVEIRA, Vitor Marinho de. Ginástica para a alma, música para o corpo. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 8, nº 1, p. 118-123, set. 1986. (Art. 1)</p> <p>Nos remeter aos pensadores que alicerçaram a filosofia grega e que de certa forma perpetuaram valores até os dias atuais. Reconhecendo o rico testemunho do passado da Ginástica, confirmando nas obras de Platão a ideia exclusiva de um dualismo corpo-mente insuperável que repercutiu e influenciou na Educação Física até os dias atuais.</p>	Não escolar	Não há	Corpo biológico Experimentação técnica
<p>ARTIGO:</p> <p>CARMO, Apolônio Abadio do. Estigma, corpo e deficiência. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 9, nº 3, p. 5-8, maio/1988. (Art. 2)</p> <p>Sintetizar discussões essenciais para quem trabalha ou vai trabalhar com pessoas que apresentam deficiências.</p>	Não escolar	Não há	Corpo dominado Dominação dos corpos
<p>ARTIGO:</p> <p>RHODEN, Terezinha Hilda. O conhecimento das partes do corpo na estruturação do esquema corporal em pré-escolares de três a seis anos de idade. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 10, nº 3, p. 38-45, maio/1989. (Art. 3)</p> <p>Vênificar a influência da etapa do conhecimento das partes do corpo na estruturação do esquema corporal em pré-escolares. E ainda, indicar que é na vivência de situações, movimentando o corpo, fazendo experiências, que a criança percebe as partes do corpo e estrutura seu esquema corporal, ocasionando, consequentemente resultados positivos para a aprendizagem e o seu desenvolvimento.</p>	Escolar (educação infantil)	Não há	Corpo biológico Experimentação técnica
<p>ARTIGO:</p> <p>SANTIN, Silvino. Aspectos filosóficos da corporeidade. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 11, nº 2, p. 136-145, jan./1990. (Art. 4)</p> <p>Rever os quadros conceituais e o suporte teórico que definem a prática pedagógica da Educação Física e sua atuação na ordem social, tendo os aspectos filosóficos da corporeidade como ponto de partida para a compreensão do corpo humano. E ainda, reiterar que construir a corporeidade significa viver, ou melhor, aprender viver por meio das próprias opções ou decisões. Ou seja, a partir da própria capacidade de criar e inventar.</p>	Não escolar	Não há	Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo

BRUHNS, Heloisa Turini. O culto do corpo prazer, o fenômeno lazer e o lúdico. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i> , São Paulo, vol. 12, nº 1, 2, 3, p. 271-275, 1992. (Art. 5)			
Discutir o fenômeno lazer, sua relação com a industrialização e com algumas atividades corporais, tendo o prazer como uma imposição. Em uma linguagem tão forte que impõe timidez ao corpo e o impede de afirmar o sofrimento, de sentir-se esgotado.	Não escolar	Não há	Corpo cultuado Redefinição da identidade
ARTIGO:			
PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Artimanhas do corpo diante do espelho. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i> , São Paulo, vol. 12, nº 1, 2, 3, p. 294-296, 1992. (Art. 6)			
Refletir acerca das aculturações do corpo, em uma sala de aula de ginástica, bem como da capacidade de revolução por suas ações. O que requer encarar-lo, alertar o poético que o provoca, resgatar a sua beleza, enfrentar seus limites e apropriar-se das formas mercantilizadas a ele impostas, gestando respostas criativas.	Não escolar	Não há	Corpo subjetivo Reflexão sobre as práticas
ARTIGO:			
DAOLIO, Jocimar. A representação do trabalho do professor de educação física na escola: do corpo matéria prima ao corpo cidadão. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i> , São Paulo, vol. 15, nº 2, p. 181-186, jan./1994. (Art. 9)			
Analisar o trabalho escolar de professores de Educação Física, buscando compreender, no plano simbólico da cultura, a lógica que ordena o sistema de representações que eles possuem sobre o corpo, lógica esta que suporta e rege sua prática profissional, considerando os professores de Educação Física como agentes sociais que atuam sobre e através dos corpos de seus alunos.	Escolar (ensino fundamental)	Vinte professores do ensino estadual de SP, sendo dez do sexo feminino e dez do sexo masculino.	Corpo subjetivo Reflexão sobre a prática
ARTIGO:			
SIEBEKI, Raquel Stela de Sá. Corpo e movimento: hábito ou memória? <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i> , São Paulo, vol. 15, nº 2, p. 187-193, jan./1994. (Art. 10)			
Compreender o que está por trás da busca de um corpo saudável e bonito, trabalhando no sentido da desmistificação de certos modelos propostos ideologicamente pela sociedade.	Não escolar	Não há.	Corpo dominado Dominação dos corpos
ARTIGO:			
CHAGAS, Eliene. Educação Física: Escola de ... formação do corpo feminino. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i> , São Paulo, vol. 15, nº 3, p. 253-262, jun./1994. (Art. 11)			
Analisar os aspectos relativos às formas e meios de como o corpo feminino pa droniza-se na sociedade de consumo, especificamente na brasileira, através da aquisição de modelos hegemonicamente estabelecidos e assumidos, consciente e inconscientemente.	Não escolar	Não há	Corpo cultuado Redefinição da identidade
ARTIGO:			
OLIVEIRA, Paulo de Salles. Sociologia das atividades corporais: perspectivas a partir da vida e obra de Simone Weil. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i> , São Paulo, vol. 17, nº 2, p. 172-175, jan./1996. (Art. 17)			

Discutir ideias a partir da sociologia das atividades corporais, tomando como base os escritos e a prática de vida da pensadora francesa Simone Weil.	Não escolar	Não há	Corpo biológico Rendimento
ARTIGO:			
SILVA, Ana Marcia. Das práticas corporais ou porque “Narciso” se exercita. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, vol. 17, n° 3, p. 244-251, maio/1996. (Art. 18)	Não escolar	Não há	Corpo cultuado Redefinição da identidade
Levantar alguns indícios sobre o trato com o corpo na história do ocidente, com vistas a possibilitar a compreensão do interesse pelas práticas corporais e a constituição da lógica interna e da forma que esse cultivo do corpo assume na atualidade.	Não escolar	Não há	Corpo cultuado Redefinição da identidade
ARTIGO:			
RODRIGUES, Rogério. Sociedade, corpo e interdições: contribuições sobre o estudo de Marcel Mauss sobre as técnicas do corpo. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, vol. 21, n° 2, 3, p. 65-70, jan./maio 2000. (Art. 32)	Não escolar	Não há	Corpo dominado Dominação dos corpos
Partindo do pressuposto da Educação Física como um espaço adequado para a análise crítica das maneiras como o corpo é utilizado, discutir o ensino da Educação Física para além do seu aspecto biológico, levando-nos a investigar a educação do corpo pautados em outros referenciais de análise, mais especificamente, nas indicações dadas por Marcel Mauss em seu artigo sobre as técnicas do corpo.	Não escolar	Não há	Corpo dominado Dominação dos corpos
ARTIGO:			
ANZAI, Koiti. O corpo enquanto objeto de consumo. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, vol. 21, n° 2, 3, p. 71-76, jan./maio 2000. (Art. 33)	Não escolar	Não há	Corpo cultuado Forma/apresentação do corpo
Discutir a preocupação de uma parcela considerável da população brasileira com a beleza corporal, e o papel representado por profissionais da Educação Física na manutenção de um verdadeiro culto à beleza, alimentado e mantido pela indústria e pelo comércio.	Não escolar	Não há	Corpo cultuado Forma/apresentação do corpo
ARTIGO:			
PALMA, Alexandre. Educação Física, corpo e saúde: uma reflexão sobre outros “modos de olhar”. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, vol. 22, n° 2, p. 23-39, jan./2000. (Art. 34)	Não escolar	Não há	Corpo disciplinado Corpo como meio de aquisição de saúde
Discutir o papel da educação física voltada para saúde, a partir de reflexões sobre o cenário social em que se encontra o mundo contemporâneo, suas repercussões sobre o corpo e práticas de intervenção; os conceitos de saúde; e, o modelo de investigação científica hegemônico.	Não escolar	Não há	Corpo disciplinado Corpo como meio de aquisição de saúde
ARTIGO:			
MATTHESEN, Sara Quenzer. Criança, corpo e educação: fragmentos da obra de Wilhelm Reich. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, vol. 22, n° 2, p. 133-141, jan./2000. (Art. 35)	Escolar (educação infantil)	Não há	Corpo disciplinado Corpo
Fazer uma incursão na obra de Wilhelm Reich que, embora não fosse pedagogo de profissão, mas médico e psicanalista, era um eterno preocupado com as	Escolar (educação infantil)	Não há	Corpo disciplinado Corpo

<p>crianças e com a educação, por ele considerada como um caminho – para não dizer, o caminho – a ser seguido rumo à profilaxia das neuroses, quicá, a um futuro melhor, prestando, assim, sua contribuição para a discussão que envolve questões referentes à educação infantil – e, também, do corpo. E ainda, descrever quais as implicações e consequências explícitas na educação infantil que, mediante a ação dos educadores, interferem no equilíbrio energético e emocional da criança.</p>	<p>fisicamente/moralmente educado</p>	
<p>ARTIGO: MAZO, Giovana Zarpellon; RIFIÓTIS, Theóphilos; SANTOS, Silvia Maria <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 22, n° 2, p. 167-172, jan./2000. (Art. 36)</p> <p>Resgatar a reflexão sobre o corpo idoso, pois a invisibilidade da corporeidade dos idosos é mais um dos operadores de exclusão deste segmento social.</p>	<p>Não escolar</p> <p>A população da pesquisa foi composta por 150 idosos de três turmas com 50 alunos em cada, do Programa da Universidade da Terceira Idade, mas a autora só utilizou em sua análise os depoimentos de 34 pessoas (22,6%).</p>	<p>Corpo dominado de Representações envelhecimento</p>
<p>ARTIGO: SILVA, Ana Márcia. <i>Corpo e diversidade cultural. Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 23, n° 1, p. 87-98, set./2001. (Art. 38)</p> <p>Discutir o corpo como elemento da cultura e da natureza, destacando a concepção de corpo das ciências biomédicas e sua tendência a uma mundialização da cultura, a força da economia ante a diversidade cultural e as relações entre corpo, ética e política.</p>	<p>Não escolar</p> <p>Não há</p>	<p>Corpo dominado</p> <p>Dominação dos corpos</p>
<p>ARTIGO: SAYÃO, Débora Thomé. <i>Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à educação infantil e Educação Física. Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 23, n° 2, p. 55-67, jan./2002. (Art. 43)</p> <p>Partindo da premissa de que os adultos tendem a exercer uma espécie de dominação constante sobre as crianças, desconhecendo-as como sujeito de direitos, levantar alguns aspectos relacionados à temática corpo e movimento e às diferentes formas como o tema é tratado na escola, especialmente nas séries iniciais e na educação de 0 a 6 anos.</p>	<p>Escolar (educação infantil)</p> <p>Acadêmicos/as e profissionais dos cursos de Pedagogia e Educação Física na Universidade Federal de Santa Catarina.</p>	<p>Corpo dominado</p> <p>Dominação dos corpos</p>
<p>ARTIGO: MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza. <i>Corpo, biologia e Educação física. Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 24, n° 1, p. 9-22, set./2002. (Art. 44)</p> <p>Discutir as mudanças que vêm ocorrendo na biologia, as quais contribuem para problematizar a visão mecanicista de mundo e de homem, relacionando-as com</p>	<p>Não escolar</p> <p>Não há</p>	<p>Corpo subjetivo</p> <p>Descobertas/revelações no/do</p>

<p>a concepção de corpo e com as implicações para a Educação Física. Partindo do princípio de que a concepção de que o corpo vai sendo construído e desconstruído de acordo com as relações complementares entre o cultural e o orgânico; corpo que, ao criar práticas de movimento, é ao mesmo tempo, o espaço de expressão de vida. Corpo que se comunica através de seus gestos, e que é ao mesmo tempo orgânico, cultural e social.</p>			próprio corpo
<p>ARTIGO: VAZ, Alexandre Fernandez. Educação do corpo, conhecimento, fronteiras. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 24, n° 2, p. 161-172, jan./2003. (Art. 49) Elaborar um conjunto de reflexões sobre o conhecimento e Não escolar sua produção na área de Educação Física/ciências do esporte. Não há</p>			
<p>ARTIGO: VIGARELLO, Georges. A invenção da ginástica no século XIX: movimentos novos, corpos novos. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 25, n° 1, p. 9-20, set./2003. (Art. 50)</p>			
<p>Analisar a profunda ruptura da tradição surgida na Europa entre os anos de 1810 e 1820, uma ruptura marcante, profunda, que inicia práticas ainda pouco difundidas e sugere uma renovação completa da visão dos exercícios físicos, assim como uma renovação total da visão do corpo, isto é: o trabalho físico totalmente inédito proposto em alguns ginásios inaugurados em Londres, Paris, Berna ou Berlim, em que as ações são objetos dos efeitos mensuráveis e calculados, produtores de forças previsíveis e contabilizadas.</p>	Não escolar	Não há	Corpo biológico Experimentação técnica
<p>ARTIGO: SOARES, Carmen Lúcia. Georges Hébert e o método natural: nova sensibilidade, nova educação do corpo. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 25, n° 1, p. 21-39, set./2003. (Art. 51)</p>			
<p>Estabelecer uma primeira aproximação com a obra de Georges Hébert, oficial da marinha francesa que, na primeira metade do século XX, elaborou um conjunto de procedimentos para exercitar o corpo, o qual denominou "Método Natural", mostrando que é possível perceber em sua obra, vestígios de um pensamento que buscou, com precisão, elaborar saberes e práticas voltados a um projeto de educação do corpo que teve, como princípio norteador, a indicação de um retorno racional à natureza.</p>	Não escolar	Não há	Corpo disciplinado Corpo como meio de aquisição de saúde
<p>ARTIGO: MORENO, Andrea. O Rio de Janeiro e o corpo do homem fluminense: o "não-lugar" da ginástica sueca. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 25, n° 1, p. 55-68, set./2003. (Art. 52)</p>			
<p>Buscar elementos para compreender a gramática corporal do corpo masculino fluminense, permitindo entender, no plano do sensível, por que a ginástica sueca não fluiu nesse corpo, uma vez que ao olhar para o corpo do homem fluminense</p>	Não escolar	O homem fluminense.	Corpo disciplinado Corpo fisicamente/moralmente

encontrou-se ali uma "alma" incompatível com os preceitos de uma ginástica racional, que idealiza a e esquadinhava os corpos.		educado
ARTIGO: GIMENEZ, RaumarRodrigues. EDUCACIÓN FÍSICA Y DICTADURA: EL CUERPO MILITARIZADO. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, vol. 25, nº 1, p. 101-113, set./2003. (Art. 53)		
Apresentar alguns elementos que permitam a leitura dos mecanismos de disciplinamento próprios à Educação Física na ditadura militar uruguaia (1973-1985).	Não escolar	Não há
		Corpo disciplinado Corpo fisicamente/moralmente educado
ARTIGO: MOREIRA, Wagner Wey; PORTO, Eline; SIMÕES, Regina. Corporeidade e ação profissional na reabilitação: (des)encontros. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, vol. 25, nº 3, p. 101-116, maio/2004. (Art. 59)		
Buscar identificar o conceito de corpo que está presente no discurso de profissionais voltados à reabilitação de pessoas deficientes, confrontando este com a produção bibliográfica que trata do tema corpo/corporeidade. E ainda, revelar o momento de transição em que se encontram os profissionais que exercem sua ação profissional na reabilitação de corpos, demonstrada em contradições conceituais que ora avançam para propostas recentes que consideram o corpo nos seus sentidos complexo e sistêmico, demarcando a íntima relação entre corpo do sujeito com outros corpos de outros sujeitos e com o meio ambiente, ora retomam a tradição cartesiana de corpo desprovido de alma, de coisa manipulável visando a um desempenho utilitário.	Não escolar	Foram investigados 14 profissionais que exercem suas ações profissionais em instituições que trabalham com a reabilitação de pessoas deficientes. Sendo quatro Terapeutas Ocupacionais, quatro Fonoaudiólogos, três Fisioterapeutas e três Psicólogos.
		Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo
ARTIGO: HANSEN, Roger; VAZ, Alexandre Fernandez. Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, vol. 26, nº 1, p. 135-152, set./2004. (Art. 60)		
Apresentar resultados de uma pesquisa que se relacionam à presença do treinamento desportivo nas práticas de modelação corporal em academias de ginástica e musculação.	Não escolar	Frequentadores de duas academias de ginástica e musculação.
		Corpo cultuado Forma/apresentação do corpo
ARTIGO: FIGUEIRA, Marcia Luiza Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. A promoção do estilo atlético na revista Capricho e a produção de uma representação de corpo adolescente feminino contemporâneo. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, vol. 26, nº 2, p. 87-99, jan./2005. (Art. 65)		
Discutir a promoção do estilo atlético como uma forma de produção de uma representação do corpo adolescente feminino contemporâneo nas edições publicadas em 2001 e 2002 da revista Capricho.	Não escolar	Não há
		Corpo cultuado Redefinição da identidade
ARTIGO: DANALOF, Kátia. Imagens da infância: a educação e o corpo em 1930 e 1940 no Brasil. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, vol. 26, nº 3, p. 25-40,		

maio/2005. (Art. 66)	Propor uma reflexão sobre a ideia de infância aliada à proposta de Educação Física escolar nos anos de 1930 e 1940 no Brasil. Época em que os parâmetros de educação das crianças estavam pautados em discursos vinculados à área médica	Não escolar	Não há	Corpo disciplinado Corpo como meio de aquisição de saúde
ARTIGO:	VAZ, Alexandre Fernandez. Doping, esporte, performance: notas sobre os “limites” do corpo. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i> , São Paulo, vol. 27, nº 1, p. 23-36, set./2005. (Art. 67)	Não escolar	Não há	Corpo cultuado Forma/apresentação do corpo
ARTIGO:	Analisar a questão do doping a partir de três episódios recentes envolvendo os atletas Javier Sotomayor, Carl Lewis e Mauren Maggi. E ainda, o uso de anabolizantes com fins de um investimento maciço sobre o corpo que confirma, de certa forma, um movimento na busca da performance e do rendimento, seja porque a forma física aumenta as possibilidades de inserção nos mercados de trabalho e sexual, ou ainda porque há uma certa <u>esportivização</u> dessas práticas.	Não escolar	Não há	Corpo cultuado Forma/apresentação do corpo
ARTIGO:	CARREIRA FILHO, Daniel; MARTINS FILHO, José. Prevalência do uso de substâncias químicas entre adolescentes, com finalidade de modelagem corporal. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i> , São Paulo, vol. 27, nº 1, p. 93-111, set./2005. (Art. 68)	Não escolar	Adolescentes de 14 a 18 anos.	Corpo cultuado Forma/apresentação do corpo
ARTIGO:	Investigar a prevalência do uso de substâncias químicas com finalidade de modelagem corporal, em especial dos Esteroides Anabólicos Androgênicos.	Não escolar	Adolescentes de 14 a 18 anos.	Corpo cultuado Forma/apresentação do corpo
ARTIGO:	GUZZO, Marina. Riscos da beleza e desejos de um corpo arquitetado. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i> , São Paulo, vol. 27, nº 1, p. 139-152, set./2005. (Art. 69)	Não escolar	Não há	Corpo cultuado Forma/apresentação do corpo
ARTIGO:	Entender o risco no processo de construção do corpo belo, perfeito e desejado, ressaltando o uso de anabolizantes, esteroides, suplementos alimentares, técnicas cirúrgicas de correção ou extração de gordura, como infinitas formas de arquitetar a beleza e que muitas delas, porém, oferecem diversos riscos, desde a possibilidade de não mudança até a morte.	Não escolar	Não há	Corpo cultuado Forma/apresentação do corpo
ARTIGO:	CASTRO, Antônio Paulo André de; FERREIRA, Maria Elisa Caputo; GOMES, Gisele. A obsessão masculina pelo corpo: malhado, forte e sarado. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i> , São Paulo, vol. 27, nº 1, p. 167-182, set./2005. (Art. 70)	Não escolar	Homens com idades entre 18 e 30 anos, frequentadores de academias.	Corpo cultuado Redefinição da identidade
ARTIGO:	Analisar o discurso sobre as representações de corpos masculinos, frequentadores de academias de ginástica, ressaltando que mais do que nunca, os homens estão lidando com a mesma e intensa pressão que as mulheres enfrentam há séculos para adquirir a forma física considerada “perfeita”.	Não escolar	Homens com idades entre 18 e 30 anos, frequentadores de academias.	Corpo cultuado Redefinição da identidade
ARTIGO:	GRANDO, BeleniSaléte. O jogo da identidade Boe: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicas culturais. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i> , São Paulo, vol. 27, nº 2, p. 27-43, jan./2006. (Art. 77)	Não escolar	Índios da Aldeia Bororo.	Corpo subjetivo
ARTIGO:	Compreender como se estabelecem as relações entre diferentes maneiras de ser a	Não escolar	Índios da Aldeia Bororo.	Corpo subjetivo

<p>partir das práticas corporais. As diversas formas de o “futebol” se apresentar como prática social, apontam para as complexas relações que o jogo potencializa em espaços de fronteiras étnicas e culturais. Seu caráter polissêmico e intercultural possibilita visualizar as dimensões complexas e contraditórias em que se dão a educação do corpo boa e a relevância que a corporalidade assume para a compreensão de uma cultura indígena específica.</p>		Exploração/criação de movimentos
ARTIGO:		
MWEWA, Muleka; VAZ, Alexandre Fernandez. Corpos, cultura, paradoxos: observações sobre o jogo de capoeira. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 27, n° 2, p. 45-58, jan./2006. (Art. 78)		
<p>Refletir sobre os elementos que compõem o jogo de capoeira, buscando sua inserção em alguns dos registros da cultura negra, inclusive nos impressos e paradoxos que esta apresenta. Dedicando especial atenção à estandarização da cultura popular, ao lugar social do corpo negro e às expectativas que a ele são dirigidas: força, virilidade, bestialização.</p>	Não escolar	Não há Corpo cultuado Redefinição da identidade
ARTIGO:		
PEDRAZ, Miguel Vicente. EL CUERPO PRESO DE LA VIDA SALUDABLE LA CONSTRUCCIÓN DE UNA ÉTICA MÉDICO-DEPORTIVA DE SUJECIÓN. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 27, n° 3, p. 23-37, maio 2006. (Art. 79)		
<p>Explicar como os aspectos de saúde e exercício físico esportivo contribuem perversamente para a normalização em elementos coadjuvantes da tendência dominadora que, no âmbito da administração política dos corpos, sustentam as sociedades do consumo.</p>	Não escolar	Não há Corpo disciplinado Corpo como meio de aquisição de saúde.
ARTIGO:		
FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Corporeidade e formação do profissional na área da saúde. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 27, n° 3, p. 93-102, maio/2006. (Art. 80)		
<p>Trazer algumas reflexões que nos permitem pensar as questões implicadas no tema corporeidade e suas correlações, enfrentando, no plano das ideias, os desafios que o plano das intervenções interdisciplinares no campo da saúde tem suscitado. Para tanto, o desafio da formação passa pela sensibilização e capacitação dos futuros profissionais das áreas da saúde, habilitando-os para ler o mundo nos corpos e os corpos no mundo, pressupondo uma relação sujeito-sujeito.</p>	Não escolar	Não há Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo
ARTIGO:		
DAMICO, José Geraldo Soares; MEYER, Dagmar Stermann. O corpo como marcador social de saúde, beleza e valoração de cuidados corporais de jovens mulheres. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 27, n° 3, p. 103-118, maio/2006. (Art. 81)		
<p>Discutir alguns dos modos pelos quais jovens mulheres significam, apre(e)ndem e vivenciam, contemporaneamente, o cuidado com o corpo.</p>	Não escolar	Dezoito jovens de 13 a 15 anos, alunas de uma escola pública no Estratègia de distinção social

<p>São Paulo, vol. 31, nº 1, p. 109-129, set./2009.(Art. 100)</p> <p>Abordar algumas das crenças que pairam sobre a Educação Física escolar e seus efeitos na produção do discurso didático. Este, amparado na verossimilhança técnica que expressa a relação entre meios e fins (pedagógicos), oferece uma imagem denuclearizada e aséptica ideológica que as representações sociais hegemônicas sobre o corpo – como estrutura substancialmente anatômica e orgânica – parecem corroborar. O dispositivo ideológico mais visível é a desubjetivação do corpo, o que leva a situações pedagógicas paradoxais, talvez inadmissíveis em outras disciplinas e contextos.</p>	<p>Não há</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Corpo disciplinado</p> <p>Corpo fisicamente/moralmente educado</p>
<p>ARTIGO:</p>			
<p>ALMEIDA, Arthur José Medeiros de; ALMEIDA, Dulce Maria Filgueira de; GRANDO, Belem Salette. As práticas corporais e a educação do corpo indígena: a contribuição do esporte nos jogos dos povos indígenas. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 32, nº 2-4, p. 59-74, dez./2010. (Art. 107)</p>			
<p>Analisar a relação entre o esporte e a educação do corpo indígena no contexto dos Jogos dos Povos Indígenas. Nesse ínterim, a reflexão e a interpretação mostraram que o evento adquire conotação de espetáculo e que práticas corporais tradicionais assumem características do esporte de alto rendimento, podendo contribuir para o surgimento de outro <i>habitus</i> e modificar a relação dos indígenas com o uso de seu corpo.</p>	<p>Não escolar</p> <p>Atores protagonistas dos Jogos dos Povos Indígenas.</p>	<p>Corpo cultuado</p> <p>Redefinição da identidade</p>	<p>Corpo disciplinado</p> <p>Corpo fisicamente/moralmente educado</p>
<p>ARTIGO:</p>			
<p>RUIZ, Mariel Alejandra. EL PAPEL DE LA ESCUELA Y LA EDUCACIÓN FÍSICA EN LA CONSTRUCCIÓN DE LA CORPOREIDAD INFANTIL. UN ESTUDIO DESDE LA PERSPECTIVA NARRATIVA. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 33, nº 1, p. 37-50, jan./mar. 2011. (Art. 115)</p>			
<p>Conhecer a contribuição da Educação Física escolar na construção da corporeidade infantil no contexto europeu e indicar que a Educação Física escolar promove a exclusão de corporeidades e que a prática pedagógica corporal não reconhece os projetos alternativos que os sujeitos constroem a margem dos discursos e práticas escolares dominantes.</p>	<p>Escolar Educação Infantil</p> <p>Crianças de escola de educação primária de centro educativo de Barcelona.</p>	<p>Corpo disciplinado</p> <p>Corpo fisicamente/moralmente educado</p>	<p>Corpo disciplinado</p> <p>Corpo fisicamente/moralmente educado</p>
<p>ARTIGO:</p>			
<p>NETO, Sissilia Vilarinho. Equidade: apontamentos para a educação do corpo. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 33, nº 1, p. 135-148, jan./mar. 2011.(Art. 116)</p>			
<p>Analisar o desenvolvimento histórico da ideia de igualdade e seus desdobramentos em políticas de equidade.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Não há</p>	<p>Corpo dominado</p> <p>Dominância dos corpos</p>
<p>ARTIGO:</p>			
<p>LOVISOLO, Hugo Rodolfo; SILVA, Tania Mara Tavares. Educação da mente e do corpo, professor pesquisador reflexivo e a ciência do concreto. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 33, nº 3 p. 605-621, jul./set. 2011. (Art. 117)</p>			
<p>Ressignificar as contribuições da corrente de formação docente denominada de</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Não há</p>	<p>Corpo subjetivo</p>

<p>Professor Pesquisador Reflexivo a partir das contribuições de Lovisolo (1995), que usa a imagem do Épicolet de Lévi-Strauss para pensar a prática docente. E ainda, questionar se Stenhouse forma parte dos sonhadores de uma educação em que o desafio e a aventura, aliadas do prazer do processo, caminham juntos com outras propostas que enfatizam os mesmos valores e que parecem, reiteradamente, serem derrotadas por uma realidade que demanda protocolos de ensino e de aprendizagem padronizados a partir de uma redução técnica.</p>			<p>Descobertas/revelações no/do próprio corpo</p>
<p>ARTIGO: ESCUDERO, Maria Carolina. AGENTE, SUBJETIVACIÓN Y EDUCACIÓN CORPORAL: REFLEXIONES METODOLÓGICAS. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, vol. 33, nº 3, p. 547-558, jul/set. 2011. (Art. 118)</p>			
<p>Apresentar algumas consequências metodológicas resultantes da adoção de uma postura epistemológica foucaultiana para pesquisar o sujeito, o corpo e suas possíveis relações com a educação corporal, por meio da concepção de agente proposta por Bourdieu e com a noção de modo de subjetivação, apresentada por Foucault, indicando diferenças de concepção e sentido entre elas. E ainda, vincular essas diferenças com as duas maneiras básicas de compreensão do corpo: como meio de individualização e instância de objetivação do sujeito e como modo de subjetivação e singularização.</p>	<p>Não há</p>	<p>Não há</p>	<p>Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo</p>
<p>ARTIGO: GALAK, Eduardo Lautaro; GAMBAROTTA, Emiliano Mañas. CONQUISTA, CONFIRMACIÓN Y CONSTRUCCIÓN DEL CUERPO: UNA PROPUESTA PARA EL ESTUDIO DE LAS PRACTICAS CORPORALES A PARTIR DE LA EPISTEMOLOGIA DE PIERRE BOURDIEU. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, vol. 33, nº 4, p. 923-938, out./dez. 2011. (Art. 119)</p>			
<p>Refletir sobre como o corpo tem sido investigado em Educação Física, de maneira a questionarmos como ele é compreendido em tais pesquisas, tomando como situação exemplar o caso da Universidade Nacional de La Plata, Argentina.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Não há</p>	<p>Não identificada</p>
<p>ARTIGO: FREITAS, Diego Costa, et al. As práticas corporais nas academias de ginástica: um olhar do professor sobre o corpo fluminense. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, vol. 33, nº 4, p. 959-974, out./dez. 2011. (Art. 120)</p>			
<p>Investigar as concepções dos professores de Educação Física, atuantes em academias de ginástica da Baixada Fluminense, sobre sua prática profissional e o trato com o corpo.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Doze professores de Educação Física de cinco academias de pequeno porte.</p>	<p>Corpo cultuado Forma/apresentação do corpo</p>
<p>ARTIGO: VILHENA, Lígia Martins, et al. Avaliação da imagem corporal em professores de Educação Física atuantes no fitness na cidade do Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, vol. 34, nº 2, p. 449-464, abr./jun. 2012. (Art. 133)</p>			
<p>Identificar a prevalência de distorções de imagem corporal (IC) entre os sexos, em professores atuantes no mercado do Fitness da cidade do Rio de Janeiro.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Duzentos e cinquenta e cinco professores de Educação Física,</p>	<p>Corpo cultuado</p>

	sendo 179 (70,2%) do sexo masculino e 76 (29,8%) do feminino.	Forma/apresentação do corpo
<p>ARTIGO: ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza, et al. Belos, sadios e normais: as representações sociais dos corpos infantis na revista Pais & Filhos (1968-1977). Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, vol. 34, n° 3, p. 571-587, jul./set. 2012. (Art. 134)</p> <p>Analisar a educação dos corpos infantis na revista Pais & Filhos, buscando compreender que ideal de infância é legitimado pela mesma, considerando que as representações dos corpos infantis presentes na revista são construídas a partir de um referencial predominantemente biológico. A partir dele, o corpo é entendido como um conjunto de órgãos, arranjados em sistemas e portadores de funções específicas. O corpo infantil, sujeito às leis do desenvolvimento, é visto como um pequeno organismo, ainda imaturo. Por um lado, é limitado por sua condição biológica, mas, por outro, pode ser beneficiado por práticas sociais, como os esportes e a alimentação adequada.</p> <p>ARTIGO: FERREIRA, Alexandre Donizete; SILVA, Lucas Contador Dourado da. Capoeira dialoga: o corpo e o jogo de significados. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, vol. 34, n° 3, p. 665-681, jul./set. 2012. (Art. 135)</p> <p>Fazer discussões sobre o corpo e suas implicações na Capoeira, trazendo uma visão sobre ela para a área da Educação Física, tendo em mente que cada experiência enriquece a corporeidade do indivíduo que assimila significados particulares dela, fazendo surgir um corpo que não se fecha em si, mas que se completa e se expressa intencionalmente.</p> <p>ARTIGO: GLEYSE, Jacques; SOARES, Carmen Lúcia. Como se fabricam os anjos? Uma arqueologia do corpo nos manuais escolares de moral e de higiene na França, 1880-1974. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, vol. 34, n° 4, p. 805- 824, out./dez. 2012. (Art. 136)</p> <p>Analisar como se constitui um corpo, de acordo com o âmbito do discurso escolar a partir de um acervo constituído por 342 manuais escolares de moral e de higiene na França de fins do século XIX até os anos de 1970.</p> <p>ARTIGO: CADAVID, Luz elena Gallo. LAS PRÁCTICAS CORPORALES EN LA EDUCACIÓN CORPORAL. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, vol. 34, n° 4, p. 825-843, out./dez. 2012. (Art. 137)</p> <p>Abordar a motricidade a partir de práticas corporais, como dançar, jogar e caminhar, assim como o gesto e as sensações cinestésicas no horizonte da Educação corporal. Interessa mostrar a Motricidade como essa</p>	<p>Não há</p> <p>Não escolar</p> <p>Não há</p> <p>Não escolar</p> <p>Não há</p> <p>Não escolar</p> <p>Não há</p> <p>Não há</p>	<p>Corpo biológico Experimentação técnica</p> <p>Corpo subjetivo Reflexão sobre a prática</p> <p>Corpo disciplinado Corpo fisicamente/moralmente educado</p> <p>Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo;</p>

experiência quando mesmos fazemos do Corpo (leiblich) para estabelecer uma relação com a Educação.			
ARTIGO:			
FERNÁNDEZ, Federico. LOS CUERPOS Y SUS MARCAS SOCIO-ÉTICAS: FUTBOL, IDENTIDADES E HISTORIA EN LOS VALLES ORIENTALES DE JUJUY (ARGENTINA). <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 35, nº 1, p. 211-225, jan./mar. 2013. (Art. 147)			
Discutir uma série de processos históricos de longa duração em uma área de estudo particular, para estabelecer coordenadas estruturais que permitam configurar as relações entre: noções sócio históricas de corpos, as categorizações socioéticas regionais dominantes e as identificações de grupomais profundas entre os jogadores e simpatizantes do futebol praticado entre os povos Vallístos.	Não escolar	Povo dos vales leste da província de Jujuy (Argentina).	Corpo dominado Dorminação dos corpos
ARTIGO:			
RIGONI, Ana Carolina Capellini; PRODÓCIMO, Elaine. Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 35, nº 1, p. 227-243, jan./mar. 2013. (Art. 148)			
Compreender a forma como a Igreja Evangélica Assembleia de Deus influencia na educação do corpo das meninas que a frequentam, ressaltando que cada religião possui crenças e costumes diversos que, no decorrer do tempo, “marcam” os corpos dos fiéis, tomando visíveis gestos e comportamentos tipicamente religiosos.	Não escolar	Cinco adolescentes da Assembleia de Deus, com idade entre 11 e 17 anos.	Corpo dominado Dorminação dos corpos
ARTIGO:			
LESSA, Patrícia; VOTRE, Sebastião Josué. Carteira rosa: a tecnofabricação dos corpos sexuados nos testes de feminilidade na olimpíada de 1968. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 35, nº 2, p. 263-279, abr./jun. 2013. (Art. 149)			
Investigar os discursos dos jornais da época sobre as condições políticas que levam aos testes doping para o gênero das atletas mulheres.	Não escolar	Não há	Corpo dominado Representações de gênero
ARTIGO:			
BRASILEIRO, Livia Tenório. Na dança tanto seu objeto quanto seu instrumento profissional é o corpo. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 35, nº 2, p. 311-326, abr./jun. 2013. (Art. 150)			
Analisar os sentidos e significados produzidos nas propostas curriculares dos cursos de formação de professores de Educação Física e Dança, sendo que as propostas apontam que um professor de dança deve ser um artista, um profissional que tem experiência acumulada em si, que potencializará junto aos seus alunos os conhecimentos da dança através de atividades corporais.	Não escolar	Não há	Corpo biológico Rendimento
ARTIGO:			
SILVA, Monique Filgueiras da; PORPINO, Karenine de Oliveira. A produção do conhecimento que trata do corpo e da beleza: implicações para a Educação Física. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol. 35, nº 2, p. 327-340, abr./jun. 2013. (Art. 151)			
Identificar e analisar as concepções de corpo e de beleza na produção acadêmica da Educação Física, em nível de mestrado, considerando a frequência dos	Não escolar	Não há	Corpo cultua do Forma/apresentação do corpo

<p>sentidos encontrados; discutir sobre os significados...do corpo e da beleza encontrados nas dissertações defendidas na Educação Física, e a relação que estabelecerem com o pensamento sobre corpo e beleza nessa área de conhecimento.</p>				
<p>ARTIGO: HEROLD JR, Carlos; VAZ, Alexandre Fernandez. Representações sobre corpo e educação da mulher na expansão do escotismo e do bandeirantismo durante nas primeiras décadas do século XX. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol.35, nº 4, p. 913-927, out./dez. 2013. (Art. 152)</p>	<p>Analisar representações sobre corpo e educação feminiano interior da expansão do movimento escoteiro, que ocorreu nas primeiras décadas do século XX.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Não há</p>	<p>Corpo dominado Representações de gênero</p>
<p>ARTIGO: CASTRO, Julia; FARINA, Chintia. Hacia un cuerpo de la experiencia en la educación corporal. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol.37, nº 2, p.179-184, mar./2015. (Art. 164)</p>	<p>Esboçar a ideia de um corpo de experiência no âmbito da educação corporal, iniciando com a revisão de algumas das principais tensões conceituais realizadas sobre o corpo e sua experiência na modernidade para, posteriormente, aproximar esta noção ao pensamento da educação corporal, e ainda, ir além do corpo dissecado e categorizado para dirigir-se a um corpo da experiência, quer dizer, a uma subjetividade em processo, mediante práticas objetivas, sensíveis e de saber.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Não há</p>	<p>Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo</p>
<p>ARTIGO: RODRIGUEZ, Raumar; VAZ, Alexandre Fernandez. Saber do corpo, do político e da política: notas sobre indivíduo e sujeito. <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>, São Paulo, vol.37, nº 4, p. 307-313, out./2015. (Art. 165)</p>	<p>Operar com as implicações teórico-metodológicas do uso das noções de indivíduo e sujeito nas relações entre saber do corpo, o político e a política.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Não há</p>	<p>Não identificada</p>

APÊNDICE D

Relatório: Revista Paulista de Educação Física (1996 a 2003) - Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (2004 a 2016)

OBJETIVO	NATUREZA DO OBJETO (escolar/não escolar)	SUJEITOS INVESTIGADOS	CATEGORIA/SUBCATEGORIA
<p>ARTIGO: DIAS, Maria Célia Moraes. Corpo e construção do conhecimento: uma reflexão para a educação infantil. <i>Rev. paul. Educ. Fis. São Paulo</i>, supl.2, p.13-15, 1996. (Art. 19)</p> <p>Compreender a educação do corpo, instrumento sensível de compreensão do mundo, de construção de vínculo com outros corpos sensíveis e simbólicos e com o corpo político, histórico e cultural que possibilitará aos homens a construção da pertinência do grupo, da identidade pessoal e coletiva e da cidadania.</p>	Escolar (educação infantil)	Não há	Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo
<p>ARTIGO: JOÃO, Renato Bastos; BRITO, Marcelo de. Pensando a corporeidade na prática pedagógica em educação física à luz do pensamento complexo. <i>Rev. bras. Educ. Fis. Esporte</i>, São Paulo, v.18, n.3, p.263-672, jul.-set./2004. (Art. 61)</p> <p>Apresentar uma reflexão acerca da corporeidade na prática pedagógica em educação física à luz do pensamento complexo ou da epistemologia da complexidade de advinda, sobretudo, do pensamento de Edgar MORIN. Tendo em mente que a desordem é um processo natural que acompanha a vida. É fundamental compreendermos que o resgate de nossa corporeidade precisará de ações intencionais de ruptura de padrões comportamentais que gerem conscientemente ações de desequilíbrio, sobretudo para impedir que condicionamentos passem a ser despercebidos e se tomem elementos de bloqueio para novas aprendizagens e também do fluxo vital.</p>	Não escolar	Não há	Corpo subjetivo Reflexão sobre as práticas
<p>ARTIGO: FARIAS, Rodrigo da Costa; GOELLNER, Silvana Vilodre. A capoeira do Mercado Modelo de Salvador: gestualidades performáticas de corpos em exibição. <i>Rev. bras. Educ. Fis. Esporte</i>, São Paulo, v.21, n.2, p.143-155, abr.-jun./2007. (Art. 86)</p> <p>Analisar a prática da capoeira em um local específico: o Mercado Modelo de Salvador, reconhecido como um importante ponto turístico da Bahia.</p> <p>A partir da análise, foi possível observar que a capoeira que acontece no interior do Mercado Modelo está muito voltada para sua espetacularização, visto que deve atrair o olhar do turista. Nessa perspectiva, sua gestualidade é performática e objetiva impressionar a assistência para, assim, angariar algum recurso financeiro.</p>	Não escolar	Capoeiristas do Mercado Modelo.	Corpo biológico Rendimento
<p>ARTIGO: SANTOS, Sandra Ferreira dos; SALLES, Adilson Dias. Antropologia de uma academia de musculação: um olhar sobre o corpo e um espaço de representação social. <i>Rev. bras. Educ. Fis. Esporte</i>, São Paulo, v.21, n.2, p.143-155, abr.-jun./2007. (Art. 86)</p>			

<p><i>Educ. Fis. Esporte</i>, São Paulo, v.23, n.2, p.87-102, abr.-jun./2009. (Art. 101)</p>		
<p>Analisar a representação sobre o corpo e os desejos de buscar um modelo idealizado.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Noventa e um usuários (46 homens e 45 mulheres), com idades entre 15 e 72 anos, de uma academia de musculação na Ilha do Governador.</p>
<p>Corpo cultuado Estratégia de distinção social</p>		
<p>ARTIGO: FREITAS, Clara Maria Silveira Monteiro de; et al. O padrão de beleza corporal sobre o corpo feminino mediante o IMC. <i>Rev. bras. Educ. Fis. Esporte</i>, São Paulo, v.24, n.3, p.389-404, jul.-set./2010. (Art. 108)</p>		
<p>Confirmar a existência de um padrão de beleza sobre o corpo feminino e defini-lo mediante um parâmetro de caráter científico, qual seja o Índice de Massa Corporal, bem como saber como este corpo é representado socialmente.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Cento e cinquenta e um sujeitos, entre os quais alunos dos cursos de licenciatura, bacharelado e pós-graduação em Educação Física da Universidade de Pernambuco.</p>
<p>Corpo cultuado Forma/apresentação do corpo</p>		
<p>ARTIGO: BANDEIRA, Marília Martins; RUBIO, Katia. "Do outside": corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano. <i>Rev. bras. Educ. Fis. Esporte</i>, São Paulo, v.25, n.1, p.97-110, jan.-mar./2011. (Art. 121)</p>		
<p>Ao objetivo primeiro desta pesquisa, descrever as dinâmicas do surfe e os significados de sua prática, em especial a relação ser humano/natureza estabelecida por meio do esporte, somaram-se outros objetivos: problematizar a aproximação do pesquisador de seu campo de investigação, a possibilidade de um pesquisador realizar uma investigação através de seu próprio corpo e discutir a questão de gênero no surfe.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Cinco surfistas recreacionais de pranchinha, que eventualmente participavam de campeonatos amadores, residentes em São Paulo, com idades entre 23 e 27 anos, com sete a 20 anos de prática de surfe.</p>
<p>Corpo dominado Representações de gênero</p>		
<p>ARTIGO: MORAES E SILVA, Marcelo; FONTOURA, Mariana Purçotê. Educação do corpo feminino: um estudo na Revista Brasileira de Educação Física (1944-1950). <i>Rev. bras. Educ. Fis. Esporte</i>, São Paulo, v.25, n.2, p.263-275, abr.-jun./2011. (Art. 122)</p>		
<p>Analisar os discursos especializados sobre o corpo feminino vinculados a um importante periódico da Educação Física brasileira da década de 40: "A Revista Brasileira de Educação Física". As práticas corporais e desportivas eram vistas como conquistas para as mulheres, mas ao mesmo tempo podiam colocar em risco o projeto de "ordem" e "progresso" e a</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Não há</p>
<p>Corpo disciplinado Corpo como meio de aquisição de saúde</p>		

<p>trabalhos referenciados por Foucault são importantes para a denúncia das condições de disciplinarização dos corpos e o controle <u>biopolítico</u> da população.</p>		educado
<p>ARTIGO:</p>		
<p>ANJOS, Kátia Silva Souza dos; OLIVEIRA, Régia Cristina; VELARDE, Marília. A construção do corpo ideal no balé clássico: uma investigação fenomenológica. <i>Rev Bras Educ Fis Esporte</i>, São Paulo, vol. 29, n. 3, p.439-452, jul-set/2015. (Art. 166)</p>		
<p>Identificar e compreender pela perspectiva das bailarinas participantes do estudo o ideal de corpo demandado pela prática do balé. Ressaltando que o corpo desejado e ideal para o balé clássico pode ser tanto inato à pessoa, quanto construído e transformado com muito esforço e dedicação pela bailarina.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Corpo biológico Rendimento</p>
<p>Seis bailarinas clássicas.</p>		

APÊNDICE E

Relatório: Revista de Educação Física de Maringá

OBJETIVO	NATUREZA DO OBJETO (escolar não /escolar)	SUJEITOS INVESTIGADOS	CATEGORIA/ SUBCATEGORIA
<p>ARTIGO: FIGUEIREDO, Márcio Xavier Bonorino. A corporeidade na escola. <i>Revista de Educação Física de Maringá</i>, vol. 4, n. 01, p. 6-9, 1993. (Art.7) (Arquivo não disponível/Só resumo)</p> <p>Investigar como a escola tem construído uma corporeidade para a submissão dos estudantes ao sistema de dominação vigente. Propõe-se, também, a descobrir a corporeidade expressa nas brincadeiras, jogos e desenhos das crianças.</p>	Escolar (ensino fundamental)	Crianças de uma turma do primeiro ano do ensino fundamental.	Corpo disciplina do Corpo fisicamente/moralmente educado
<p>ARTIGO: LOPES, Maria Izabel de Souza. Do corpo sem retoques. <i>Revista de Educação Física de Maringá</i>, vol. 4, n. 01, p. 14-18, 1993. (Art.8) (Arquivo não disponível/Só resumo)</p> <p>Destacar a constituição do corpo humano no contexto das relações sociais no Brasil contemporâneo a partir do modo como ele é tratado no âmbito da educação, da saúde, do trabalho.</p>			
<p>ARTIGO: TEIXEIRA, Dourivaldo; TEIXEIRA, Roseli Terezinha Selicani; MOREIRA, Wagner Wey. Corporeidade no esporte: a busca de uma perfeição. <i>Revista de Educação Física de Maringá</i>, vol. 6, n. 01, p. 62-70, 1995. (Art.12) (Arquivo não disponível/Só resumo)</p> <p>Fazer uma análise da corporeidade no esporte, buscando captar a percepção de corpo dos desportistas que disputaram os Jogos Abertos do Paraná no ano de 1994.</p>			
<p>ARTIGO: BRUHNS, Heloisa Turini. O sábio corpo idoso. <i>Revista de Educação Física de Maringá</i>, vol. 6, n. 01, p. 74-76, 1995. (Art.13) (Arquivo não disponível/Só resumo)</p>			
<p>ARTIGO: LARA, Larissa Michelle; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bassoli de. A expressão dos corpos pela dança: vivência e reflexão em meio escolar. <i>Revista de Educação Física de Maringá</i>, vol. 7, n. 01, p. 3-11, 1996. (Art.20)</p> <p>Caracterizar a expressão dos corpos pela dança e a sua relação com a</p>	Escolar (ensino fundamental)	Alunos da	8ª Corpo subjetivo

Educação Física escolar, a fim de venificar a sua contribuição como agente conscientizador do homem e das suas possibilidades de movimento.		sêne do Centro de Aplicação Pedagógica da Universidade Estadual de Maringá.	Descobertas/revelações no/do próprio corpo
ARTIGO: SANTOS, Luiz César Teixeira dos. A atividade física e a construção da corporeidade na Grécia Antiga. <i>Revista de Educação Física de Maringá</i> , vol. 8, n. 01, p. 73-77, 1997. (Art.24)			
Discutir questões ligadas à forma como foi construída a corporeidade na Antiga Grécia, tomando como referência os trabalhos de dois poetas do período (Homero e Hesíodo), nos quais fica explicitado o modo de existência e as influências que os mesmos exerceram sobre as atividades da época e o corpo dos indivíduos. A relação entre as atividades necessárias à manutenção da sobrevivência e o tipo ideal de homem era uma constante para o grego e, de fato, isto tinha um fator determinante sobre o padrão corporal.	Não escolar	Não há	Corpo biológico Rendimento
ARTIGO: ROSIN, Sheila Maria. Diferentes visões do mundo e do corpo. <i>Revista de Educação Física de Maringá</i> , vol. 8, n. 01, p. 79-83, 1997. (Art. 25)			
Mostrar, através do documento <i>O Martelo das Feticheiras</i> , escrito pelos padres inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger, e através de alguns autores deles contemporâneos, diferentes formas de conceber o corpo que predominaram nos fins do século XV.	Não escolar	Não há	Corpo disciplinado Corpo fisicamente/moralmente educado
ARTIGO: MATA, Wilson Aparecido da. Da força física à estética corporal: as mudanças nas relações sociais retratadas no corpo. <i>Revista de Educação Física de Maringá</i> , Maringá, vol. 9, n. 01, p. 35-43, 1998. (Art. 27)			
Retratar as formas de entendimento do corpo em momento histórico de transição, a partir de Locke e Rousseau. Tendo em vista o recuo da oferta de emprego o constante desenvolvimento tecnológico, percebemos que o corpo passa a ocupar um lugar diferente da quele que o caracterizou na ascensão da sociedade burguesa.	Não escolar	Não há	Corpo cultuado Estratégia de distinção social
ARTIGO: SILVA, Ana Cristina Teodoro da. História do corpo enquanto vergonha nossa de cada dia. <i>Revista de Educação Física de Maringá</i> , Maringá, vol. 10, n. 01, p. 101-109, 1999. (Art. 28)			
Fazer uma investigação histórica sobre a problemática da vergonha relacionada ao corpo humano.	Não escolar	Não há	Corpo cultuado Forma/apresentação do corpo
ARTIGO: VILANOÛ, Conrad. As aventuras do corpo humano. <i>Revista de Educação Física de Maringá</i> , vol. 10, n. 01, p. 47-52, 1999. (Art. 29)			
Descrever a evolução das diferentes concepções do corpo humano	Não escolar	Não há	Corpo subjetivo

segundo os modelos de máquina, autômato, motor, robô e cyborg, abordando o desafio de reconstruir um universo simbólico e relacional ao redor do corpo humano, que, em vez de ser dominado, reprimido ou clonizado, possa despertar a consciência de uma nova realidade social.		Descobertas/revelações no/do próprio corpo
<p>ARTIGO: BELTRAME, Dalva Marim; LOPES, Maria Izabel de Souza. Os novos velhos/apresentados do novo século: educação social e memória corporal. Revista de Educação Física de Maringá, Maringá, vol. 12, n. 01, p. 41-46, jan. a jun./2001. (Art. 39) Mostrar que a aposentadoria, gerando um novo tempo na vida dos idosos, tem sido enfrentada com a dificuldade pela maioria dos aposentados devido ao sentimento de exclusão. E ainda, ressaltar que exercitar o corpo como atividade de tempo livre requer hábitos e atitudes a serem incorporados por processos educativos e culturais.</p>	<p>ARTIGO: BORTOLÁS, Silvia. O corpo em busca da liberdade. Revista de Educação Física de Maringá, Maringá, vol. 13, n. 01, p. 141-148, jan. a jun./2002. (Art. 45) Analisar o ritual da realização do pré-conselho de classe do terceiro bimestre do ano de 2000, bem como observar as resistências dos alunos às normas na Escola Estadual de 1º Grau Tancredo Neves em Santa Maria/RS, uma vez que esta, embora apresente uma proposta de ensino libertadora, voltada para a linha de Paulo Freire, ainda insiste em nomear os alunos de disciplinados e indisciplinados</p>	<p>Corpo dominado Dominação dos corpos</p>
<p>ARTIGO: GONÇALVES, Andréia Santos; AZEVEDO, Aldo Antonio de. O corpo na contemporaneidade: a educação física escolar pode ressignificá-lo? Revista de Educação Física de Maringá, Maringá, vol. 19, n. 01, p. 119-130, jan.-mar./2008. (Art. 89) Apresentar uma reflexão acerca do papel da Educação Física escolar na ressignificação do corpo em face do estereótipo construído na contemporaneidade. Aborda-se, também, reflexivamente, a questão do corpo no "fazer" da Educação Física, no qual professor e os alunos reúnem possibilidades de ressignificação do corpo pela conscientização, superando a fragmentação e propondo a interdisciplinaridade na sua constituição.</p>	<p>ARTIGO: SALVINI, Leila; MISKYW, Mauro. Representação do corpo feminino na Revista Claudia no ano de 2006: retrato de uma produção restrita. Revista de Educação Física de Maringá, Maringá, vol. 19, n. 04, p. 521-428, out.-dez./2008. (Art. 90) Compreender, mediante a análise do conteúdo das manchetes, como a revista Claudia produz a representação da imagem corporal feminina em suas capas.</p>	<p>Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo</p>
	<p>Não há</p>	<p>Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo</p>
	<p>Não há</p>	<p>Corpo cultivado Redefinição de identidade</p>

<p>ARTIGO: SILVA, Alan Camargo; LUDORF, Sílvia Maria Agatti. Envelhecendo como professor de Educação Física: um olhar sobre o corpo e a profissão. <i>Revista de Educação Física de Maringá</i>, Maringá, vol. 21, n. 04, p. 645-654, out-dez./2010. (Art. 109)</p>			
<p>Discutir alguns aspectos sobre o processo de envelhecimento desse professor, a eventual particularidade da profissão e os significados atribuídos ao corpo pelos professores. Peculiaridade de atuação prática, no entanto, remeteu ao significado do corpo como instrumento de trabalho, principalmente quando associado a um estereótipo jovial, ao desgaste e ao desempenho físico.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Onze professores (quatro professores universitários e sete professores de escola).</p>	<p>Corpo dominado Representações do envelhecimento</p>
<p>ARTIGO: ZANELLI, Marcelo Callegari, et al. Corpos belos nos ambientes visuais: estudo por meio da sociologia visual. <i>Revista de Educação Física de Maringá</i>, Maringá, vol. 23, n. 03, p. 421-429, jul.-set./2012. (Art. 140)</p>			
<p>Investigar o belo nestes ambientes, representados por avatares no jogo <i>Second Life</i>, pois a beleza também é busca da na construção de avatares com atributos físicos almejados pela atual sociedade, no qual, as mulheres buscam explorar a sensualidade e os homens a força física.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Vinte e oito pessoas em oito diferentes ambientes virtuais</p>	<p>Corpo cultuado Forma/apresentação do corpo</p>
<p>ARTIGO: SANTOS, Luis Roberto dos; GOELNER, Silvana Vilodre. As práticas corporais e a educação do corpo em uma instituição confessional de ensino. <i>Revista de Educação Física de Maringá</i>, Maringá, vol. 25, n. 03, p. 379-390, jul.-set./2014. (Art. 155)</p>			
<p>Analisar os preceitos da Pedagogia Adventista para a educação do corpo, mais especificamente, aquilo que produz e reproduz sobre as práticas corporais e esportivas. Da análise do material empírico, foi possível identificar a valorização do corpo saudável, útil e recreado, cuja produção se dá pelo incentivo à prática de algumas atividades, sobretudo esportivas e pelo repúdio a outras como as lutas e as danças.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Não há</p>	<p>Corpo disciplinado Corpo fisicamente/moralmente educado</p>

APÊNDICE F

Relatório: Revista Movimento

ARTIGO:	OBJETIVO	NATUREZA DO OBJETO (escolar/não escolar)	SUJEITOS INVESTIGADOS	CATEGORIA/SUBCATEGORIA
DAOLIO, Jocimar. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física. <i>Revista Movimento, Porto Alegre</i>, vol. 2, n. 2, p. 24-28, jun./1995. (Art. 14)		Não escolar	Não há	Corpo subjetivo Reflexão sobre as práticas
Alertar que os profissionais de educação física, por trabalharem com o homem através do seu corpo, estão trabalhando com a cultura impressa nesse corpo e expressa por ele, sendo que mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões.				
ARTIGO:				
UVINHA, Ricardo Ricci. O corpo-imagem jovem e o fenômeno do consumo. <i>Revista Movimento, Porto Alegre</i>, vol. 3, n. 4, p.49-51, jan./1996. (Art. 21)		Não escolar	Não há	Corpo cultuado Redefinição da identidade
Apontar a estreita ligação dessa "imagem jovem", comercializada pelo consumo, com a discussão sobre o tema lazer-a-adolescência, verificando como muitas organizações têm-se valido de elementos comumente experimentados no campo do lazer, por essa faixa etária, para alavancar o consumo na sociedade brasileira atual.				
ARTIGO:				
CHAGAS, Eva Regina Carrazoni; HOFFMANN, Sônia Berenice. Corpo, sexualidade e deficiência. <i>Revista Movimento, Porto Alegre</i>, vol. 3, n. 5, p. I-VII, jun./1996. (Art. 22)		Não escolar		
Desenvolver um trabalho sobre a sexualidade junto a um grupo de adolescentes com deficiência visual.			Moças e rapazes, na faixa etária de 14 a 21 anos, que apresentam cegueira e/ou visão subnormal, oriundos de escola estadual de ensino médio.	Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo
ARTIGO:				
GARCIA, Rui Proença. A evolução do homem e das mentalidades: uma perspectiva através do corpo. <i>Revista Movimento, Porto Alegre</i>, vol. 4, n. 6, p.61-71, jan./1997. (Art. 26)		Não escolar	Não há	Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo
Buscar ler no corpo a sociedade, ou seja, compreender a evolução do homem e das mentalidades na perspectiva do corpo, desvelando que cada "EU" constrói e modela o seu próprio corpo. O corpo não é mais algo exterior à existência, mas a sede dessa existência.				
ARTIGO:				

<p>FIGUEIREDO, Valéria M.C. de; TAVARES, Maria da Consolação G.C.F. e VENANCIO, Silvana. Olhar para o corpo que dança - Um sentido para a pessoa portadora de deficiência visual. <i>Revista Movimento, Porto Alegre</i>, vol. 5, n. 11, p.65-73, jun./1999. (Art. 30)</p>			<p>Treze sujeitos que experimentam a vivência da dança.</p>	<p>Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo</p>
<p>ARTIGO:</p> <p>SANTIN, Silvino. O corpo simplesmente corpo. <i>Revista Movimento, Porto Alegre</i>, vol. 7, n. 15, p. 57-73, jun./2001. (Art. 40)</p>			<p>Não há</p>	<p>Corpo subjetivo Exploração/criação de movimentos</p>
<p>ARTIGO:</p> <p>ANDRADE, Sandra dos Santos. Saúde e beleza do corpo feminino - algumas representações no Brasil do século XX. <i>Revista Movimento, Porto Alegre</i>, vol. 9, n. 1, p. 119-143, jan.-abr./2003. (Art. 54)</p>			<p>Não escolar</p>	<p>Corpo cultuado Redefinição da identidade</p>
<p>ARTIGO:</p> <p>GOELLNER, Silvana Vilões; FRAGA, Alex Branco Antinoüs e Sandwina: encontros e desencontros na educação dos corpos brasileiros. <i>Revista Movimento, Porto Alegre</i>, vol. 9, n. 3, p. 59-82, set.-dez./2003. (Art. 55)</p>			<p>Não há</p>	<p>Corpo disciplinado Corpo eugênico</p>
<p>ARTIGO:</p> <p>SOARES, Carmem Lúcia. Do corpo, da Educação Física e das muitas histórias. <i>Revista Movimento, Porto Alegre</i>, vol. 9, n. 3, p. 125-147, set.-dez./2003. (Art. 56)</p>			<p>Não escolar</p>	<p>Não identificada</p>
<p>ARTIGO:</p> <p>DEVIDE, Fabiano Pries. A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos. <i>Revista Movimento, Porto Alegre</i>, vol. 10, n. 2, p. 125-144, maio-ago./2004. (Art. 62)</p>			<p>Não escolar</p>	<p>Corpo disciplinado Corpo eugênico</p>

<p>ARTIGO: VAGO, Tarcísio Mauro. Da ortopedia à eficiência dos corpos: a gymnástica e as exigências da “vida moderna” (Minas Gerais, 1906-1930). Revista Movimento, Porto Alegre, vol. 10, n. 3, p. 77-97, set-dez./2004. (Art. 63)</p>		<p>Não escolar</p>	<p>Não há</p>	<p>Corpo biológico Rendimento</p>
<p>Tratar da inserção da ginástica (Educação Física) nos programas de ensino primário em Minas Gerais, nas três primeiras décadas do século XX, discutindo representações que conformaram seu ensino, sendo que neste período, teria ocorrido uma reconfiguração no seu prima do orientador: se inicialmente a ginástica foi orientada como prática ortopédica de correção dos corpos de crianças, a década de 1920 parece trazer novas exigências para ela, articuladas às necessidades de organização do trabalho.</p>				
<p>ARTIGO: GONÇALVES, Michelle Carreirão; VAZ, Alexandre Fernandez; VIEIRA, Carmen Lúcia Nunes. Educação do corpo e seus limites: possibilidades para a Educação Física na classe hospitalar. Revista Movimento, Porto Alegre, vol. 11, n. 1, p. 71-87, jan-abr./2005. (Art. 71)</p>		<p>Escolar (ensino fundamental)</p>	<p>Crianças e jovens de uma classe hospitalar.</p>	<p>Corpo dominado Dominação dos corpos</p>
<p>Buscar alternativas social e pedagogicamente relevantes para o ensino de Educação Física em classe hospitalar, tratando de questões tais como as alterações das relações de poder entre professores e alunos, a organização pedagógica das aulas, o significado da condição de estar doente.</p>				
<p>ARTIGO: MADUREIRA, José Rafael; SOARES, Carmen Lúcia. Educação física, linguagem e arte: possibilidades de um diálogo poético do corpo. Revista Movimento, Porto Alegre, vol. 11, n. 2, p. 75-88, maio-ago./2005. (Art. 72)</p>		<p>Não escolar</p>	<p>Não há</p>	<p>Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo</p>
<p>Apresentar algumas discussões que apontam para a historicidade da relação entre Educação Física, linguagem e arte, tomando por base os estudos de Novare, Delarte e Dalcroze. E ainda, apresentar, a Educação Física como educação poética do corpo pode configurar uma resistência contra o esvaziamento de sentido das práticas corporais e o desejo, sempre penoso, dos pensamentos únicos que desfiguram a experiência subjetiva e sensível.</p>				
<p>ARTIGO: FIGUEIREDO, Michele Braun; PARDO, Eliane Ribeiro; RIGO, Luiz Carlos; RODRIGUES, Aline; SILVEIRA, Viviane Teixeira. Memórias de corpos esportivizados: a natação feminina e o futebol infame. Revista Movimento, Porto Alegre, vol. 11, n. 2, p. 131-146, maio-ago./2005. (Art. 73)</p>		<p>Não escolar</p>	<p>Cinco pessoas que já praticaram o futebol e quatro pessoas que já praticaram a natação.</p>	<p>Corpo biológico Rendimento</p>
<p>Analisar e refletir acerca de duas pesquisas sobre as memórias do esporte pelotense – uma referente ao Futebol Menor da cidade e outra à participação das mulheres na natação local, realizadas pelo grupo de pesquisa Estudos Culturais em Educação Física.</p>				
<p>ARTIGO: MAZONI, Anna Rachel Gontijo. Horizontes do corpo na escola: uma investigação sobre o Programa Escola Plural em Belo Horizonte. Revista Movimento, Porto Alegre, vol.</p>				

<p>11, n. 3, p. 107-126, set.-dez./2005. (Art. 74)</p>	<p>Discutir as relações entre um projeto político pedagógico considerado inovador – o Programa Escola Plural, implantado na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte a partir de 1995 – e as práticas corporais que acontecem no cotidiano de uma escola de ensino fundamental.</p>	<p>Escolar (fundamental)</p>	<p>Profissionais e alunos de um estabelecimento escolar da Rede Municipal de Belo Horizonte que apresenta forte nível de adesão às diretrizes da Escola Plural.</p>	<p>Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo</p>
<p>ARTIGO:</p>				
<p>ADELMAN, Miriam. Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades. Revista Movimento, Porto Alegre, vol. 12, n. 1, p. 11-29, jan.-abr./2006. (Art. 83)</p>				
<p>Discutir as possibilidades de o esporte servir como um espaço de transgressão, empoderamento, e/ou disciplinamento patriarcal das mulheres.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Não há</p>	<p>Corpo dominado Representações de gênero</p>	
<p>ARTIGO:</p>				
<p>HANSEN Roger; VAZ, Alexandre Fernandez. “Sarados” e “gostasas” entre alguns outros: aspectos da educação de corpos masculinos e femininos em academias de ginástica e musculação. Revista Movimento, Porto Alegre, vol. 12, n. 1, p. 133-152, jan.-abr./2006. (Art. 84)</p>				
<p>Entender como se materializam aspectos da indústria cultural – clássico conceito cunhado por Horkheimer e Adorno (1997) para tentar compreender os processos de transformação – sobre o corpo e suas expressões, entre eles as configurações de gênero. E ainda, mostrar que a comida ascética pela forma física idealizada envolve a louvação/desprezo de certas regiões corporais, além de fronteiras simbólicas e materiais que influenciam homens e mulheres na escolha de diferentes práticas.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Alunos e professores de academia de ginástica.</p>	<p>Corpo cultuado Forma/apresentação do corpo</p>	
<p>ARTIGO:</p>				
<p>SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Tecendo cultura com mediações que unem corpo, saúde e lazer. Revista Movimento, Porto Alegre, vol. 12, n. 3, p. 73-96, set.-dez./2006. (Art. 85)</p>				
<p>Desvelar os corpos e suas compreensões de saúde, não raras vezes ocultados por um sistema que traça discursos normativos sobre saúde ignorando (ou melhor, desejando homogeneizar) a pluralidade de construções de sentido dos corpos na cultura. Desvelar ainda, o lazer experimentado como um fio possível de alinhar e costurar relações, tanto pelo potencial de ser uma expressão da cultura na qual o corpo pode experimentar a transgressão, quanto pela de não sucumbir à expropriação promovida pela economia de mercado.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Não há</p>	<p>Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo</p>	
<p>ARTIGO:</p>				
<p>DAMICO, José Geraldo Soares. O cuidado com o corpo como estratégia de sujeitos generificados. Revista Movimento, Porto Alegre, vol. 13, n. 1, p. 93-117, jan.-abr./2007. (Art. 87)</p>				

Discutir alguns dos modos pelos quais jovens mulheres significam, apreendem e vivenciam, contemporaneamente, o cuidado com o corpo.	Escolar fundamental e médio	Dezoito alunas entre 13 e 15 anos de uma escola pública no Rio Grande do Sul.	Corpo cultuado Estratégia de distinção social
ARTIGO: LARA, Larissa Michelle. O sentido ético-estético do corpo na cultura popular e a estruturação do campo gestual <i>Revista Movimento</i> , Porto Alegre, vol. 13, n. 3, p. 111-129, set.-dez./2007. (Art. 88)			
Investigar a construção do sentido ético-estético do corpo, buscando subsídios que viabilizem reflexões acerca das relações dialógicas entre ética e estética para o entendimento da estruturação do campo gestual popular, sendo que as investigações apontam para um processo de normatização coletiva que gera técnicas corporais próprias às comunidades de cultura popular, as quais se colocam como parte de uma teia complexa de relações.	Não escolar	Comunidade de Maracatu.	Corpo subjetivo Reflexão sobre as práticas
ARTIGO: ALBINO, Beatriz Stainbach; VAZ, Alexandre Fernandez. O corpo e as técnicas para o embelezamento feminino: esquemas da indústria cultural na Revista Boa Forma. <i>Revista Movimento</i> , Porto Alegre, vol. 14, n. 1, p. 199-223, jan.-abr./2008. (Art. 91)			
Analisar como se configura um certo "dever ser" feminino veiculado pela revista Boa Forma, algo que se configura no quadro geral da pergunta sobre aspectos da pedagogia do corpo na sociedade contemporânea.	Não escolar	Não há	Corpo cultuado Forma/apresentação do corpo
ARTIGO: LACERDA, Yara; VIGNE, Joana Angélica; VOTRE, Sebastião Josué. Mulheres da Rocinha: relações entre corpo, identidade e trabalho. <i>Revista Movimento</i> , Porto Alegre, vol. 14, n. 3, p. 53-69, set.-dez./2008. (Art. 92)			
Identificar e interpretar as representações e as práticas sociais das mulheres da Rocinha sobre como se posicionam e como agem, como trabalham o corpo, dentro e fora da academia, para conquistar espaços sociais e de trabalho e neles se manter.	Não escolar	Dezessete mulheres de 16 a 34 anos, em academia de musculação.	Corpo cultuado Estratégia de distinção social
ARTIGO: LUDORF, Sílvia M. Agatí; PALMA, Alexandre; SILVA, Alan Camargo; SILVA, Fernanda Azevedo Gomes da. A Visão De Corpo na Perspectiva de Graduandos em Educação Física: Fragmentada ou Integrada? <i>Revista Movimento</i> , Porto Alegre, vol. 15, n. 3, p. 109-126, jul.-set./2009. (Art. 102)			
Conhecer, analisar e comparar a visão de corpo dos graduandos em Educação Física de primeiro e últimos períodos de uma universidade pública e investigar de que forma esses relacionam o corpo à prática profissional, sendo que os resultados revelaram a predominância de uma visão técnico-biológica e fragmentada de corpo no primeiro período e, nos últimos, uma compreensão mais integrada de corpo.	Escolar (ensino superior)	Cento e três alunos de um curso de graduação em Educação Física.	Corpo biológico Experimentação técnica
ARTIGO: ASSIS, Monique; BAGRICHEVSKY, Marcos; LACERDA, Yara; OLIVEIRA, Alexandre Palma de; SAMPAIO, Karen Santana. Culto ao corpo e exposição de produtos na mídia especializada em estética e saúde. <i>Revista Movimento</i> , Porto Alegre, vol. 16, n. 1, p. 31-51, jan.-mar./2010. (Art. 110)			
Examinar as estratégias discursivas presentes na revista Boa Forma que relacionam o	Não escolar	Não há	Corpo cultuado

estilo de vida com a estética corporal e a saúde.		Forma/apresentação do corpo
<p>ARTIGO: LEAL, Eduardo Martinelli. Jogando pela honra: corpo e masculinidade através do esporte. Revista Movimento, Porto Alegre, vol. 16, n. 2, p. 229-247, abr.-jun./2010. (Art. 111)</p>		
Mostrar como os "meninos" dialogam e negociam valores através de "corpos sociais informados" (BOURDIEU, 1983).	Não escolar	Corpo dominado Representações de gênero
<p>ARTIGO: QUITZAU, Evelise Angarten; SOARES, Carmen Lúcia. "A força da juventude garante o futuro de um povo". A educação do corpo no Sport Clube Germânia (1899-1938). Revista Movimento, Porto Alegre, vol. 16, n. 3, p. 87-106, jul.-set./2010. (Art. 112)</p>		
Compreender as práticas corporais no Sport Club Germânia, importante ponto de referência da colônia alemã de São Paulo. Clube que se constituiu, ao longo de sua existência, como importante ponto de reunião da colônia alemã de São Paulo. Em sua busca para tornar-se um "lar" com hábitos alemães, não só para os membros da colônia, mas também para os jovens da nova pátria, usava as publicações próprias e os jornais da colônia para difundir a importância da prática regular de exercícios físicos como forma de construir um ser humano completo, tanto física quanto moralmente.	Não escolar	Corpo disciplinado Corpo fisicamente/moralmente educado
<p>ARTIGO: LACINCE, Nelly; NÓBREGA, Terezinha Petrucia. Corpo, dança e criação: conceitos em movimento. Revista Movimento, Porto Alegre, vol. 16, n. 3, p. 239-256, jul.-set./2010. (Art. 113)</p>		
Encontrar outros sentidos para a performance como engajamento do corpo na ação e seus aspectos ontológicos e estéticos e a transgressão necessária ao processo de criação, sendo que as noções elaboradas permitem refletir sobre a plasticidade do corpo e sua capacidade de incorporação do mundo por meio da criação de um espaço expressivo no qual se instala a dramaturgia do corpo, do espaço, do tempo, dos mundos imaginários e simbólicos.	Não escolar	Três coreógrafos da atualidade, a saber: Mathilde Moynier, Philippe Decouflé e Juyen Hamilton.
<p>ARTIGO: MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de. Habitus e corpo social: reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Bourdieu. Revista Movimento, Porto Alegre, vol. 17, n. 1, p. 281-300, jan.-mar./2011. (Art. 124)</p>		
Discutir como as reflexões sobre o corpo estão presentes na teoria sociológica de Pierre Bourdieu, articulando o conceito de <i>habitus</i> e a construção do corpo social, sendo que Bourdieu reflete sobre o tema articulando-o em três eixos, a saber, o corpo como lugar do senso prático, o corpo como manifestação do <i>habitus</i> e o corpo como investimento de poder e dominação.	Não escolar	Corpo dominado Dominação dos corpos
<p>ARTIGO: LUDORF, Sílvia Maria Agatti; SILVA, Alan Camargo; SILVA, Fernanda Azevedo Gomes da. Formação em Educação Física: análise comparativa de concepções de corpo</p>		

<p>de graduandos. <i>Revista Movimento, Porto Alegre, vol. 17, n. 2, p. 57-74, abr.-jun./2011. (Art. 125)</i></p>		
<p>Comparar a visão de corpo de graduandos de Educação Física de primeiros e últimos períodos de duas universidades, assim como, investigar de que forma relacionam o corpo à futura profissão, sendo que os resultados indicaram uma predominância de visão técnico-biológica e fragmentada de corpo no primeiro período e, nos últimos, uma compreensão mais integrada de corpo. A forma de atuação profissional estava ligada principalmente à orientação para uma perspectiva técnica com fins físico-esportivos, para promoção de saúde ou para estética.</p>	<p>Escolar (ensino superior)</p>	<p>Graduandos de Educação Física de primeiros e últimos períodos de duas universidades.</p>
<p>ARTIGO: ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; PAOLI, Próspero Brum; SOARES, Antonio Jorge. Identidades "raciais" e identidades nacionais: as representações do corpo negro na construção do "estilo brasileiro de jogar futebol. <i>Revista Movimento, Porto Alegre, vol. 17, n. 2, p. 195-210, abr.-jun./2011. (Art. 126)</i></p>		
<p>Analisar as representações socialmente construídas sobre a "raça negra" e a sua contribuição para a elaboração identitária do "estilo brasileiro de jogar futebol", sendo que o fator histórico da miscigenação tem sido o primado da qualidade do povo brasileiro para as questões que dizem respeito ao uso do corpo. E no plano do simbólico da cultura brasileira as representações sobre o "negro" são construídas à luz de uma "corporalidade" específica. Ele tem "força", mas também "ginga". Isso seña o diferencial da "raça negra" em relação ao "branco europeu" cuja virtuosidade seña agr racionalmente, em função dos objetivos em campo.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Treinadores das categorias de base e treinador da equipe principal do Cruzeiro Esporte Clube, de Belo Horizonte/MG.</p>
<p>ARTIGO: ISSE, Silvane Fensterseifer. Aula de Educação Física não é lugar de estudar o corpo? <i>Revista Movimento, Porto Alegre, vol. 17, n. 2, p. 225-237, abr.-jun./2011. (Art. 127)</i></p>		
<p>Discutir a compreensão de estudantes de Ensino Médio acerca das relações entre estudar o corpo e Educação Física escolar, sendo que apesar do reconhecimento de que o corpo é tema da Educação Física, a realidade mostra que o debate sobre o corpo ainda é um tema incomum na Educação Física escolar. A problematização do corpo ainda não foi reconhecida como algo visceral para as aulas de Educação Física. Ensinar apenas esportes e jogos ainda é, frequentemente, o limite do seu papel.</p>	<p>Escolar (ensino médio)</p>	<p>Grupo de trinta meninas.</p>
<p>ARTIGO: GODOI, Marcos Roberto. Corpos femininos volumosos e estética: discursos contra hegemônicos sobre beleza em blogs na internet. <i>Revista Movimento, Porto Alegre, vol. 17, n. 3, p. 153-173, jul.-set./2011. (Art. 128)</i></p>		
<p>Analisar os discursos (textos e imagens) sobre corpos femininos volumosos e estética em blogs na internet.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Não há</p>
<p>ARTIGO: ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo; OLIVEIRA, Samuel Thomazini. O corpo e as práticas de si: a construção bioidentitária de um lutador de wrestling</p>		
		<p>Corpo cultuado Forma/apresentação do corpo</p>

<p>profissional em tela. <i>Revista Movimento, Porto Alegre</i>, vol. 17, n. 3, p. 197-214, jul.-set./2011. (Art. 129)</p>				
<p>Oferecer uma análise do filme "O lutador", estrelado por Mickey Rourke no papel de um lutador de pro-wrestling (Randy "The Ram" - O Carneiro) em final de sua carreira.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Não há</p>	<p>Corpo cultuado</p> <p>Re-definição da identidade</p>	
<p>ARTIGO:</p>				
<p>ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge. O corpo negro e os preconceitos impregnados na cultura: uma análise dos estereótipos raciais presentes na sociedade brasileira a partir do futebol. <i>Revista Movimento, Porto Alegre</i>, vol. 17, n. 4, p. 265-280, out.-dez./2011. (Art. 130)</p>				
<p>Analisar os significados dos estereótipos que têm surgido sobre a "raça negra" através do futebol.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Não há</p>	<p>Corpo dominado</p> <p>Representações de raça</p>	
<p>ARTIGO:</p>				
<p>LUDORF, Sílvia Maria Agatti; SILVA, Alan Camargo. Possíveis relações entre corpo, saúde e o envelhecimento do professor de Educação Física. <i>Revista Movimento, Porto Alegre</i>, vol. 18, n. 2, p. 187-204, abr.-jun./2012. (Art. 141)</p>				
<p>Investigar se a saúde emerge nas relações entre o envelhecimento do professor de Educação Física e seu próprio corpo, buscando a compreensão sobre como o envelhecer pode afetar o professor.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Tinta e dois professores(as) de Educação Física atuantes em escolas e/ou em academias de ginástica, na faixa etária 40 a 60 anos.</p>	<p>Corpo dominado</p> <p>Representações de envelhecimento</p>	
<p>ARTIGO:</p>				
<p>FEDERICI, Conrado Augusto Gândara; GUZZO, Marina Souza Lobo; ROBLE, Odilon José; TERRA, Vinicius Demarchi Silva. O corpo e o movimento como matrizes de criação e conhecimento: paralelos entre a poiesis grega e o vitalismo schopenhaueriano. <i>Revista Movimento, Porto Alegre</i>, vol. 18, n. 2, p. 297-313, abr.-jun./2012. (Art. 142)</p>				
<p>Apresentar uma constituição de saberes sobre o corpo e o movimento humano fundamentada na filosofia aristotélica para, em seguida, abordar o pensamento do filósofo alemão Arthur Schopenhauer.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Não há</p>	<p>Corpo subjetivo</p> <p>Exploração/criação de movimentos</p>	
<p>ARTIGO:</p>				
<p>BRANDÃO, Leonardo; SOARES, Carmen Lúcia. Voga esportiva e artimanhas do corpo. <i>Revista Movimento, Porto Alegre</i>, vol. 18, n. 3, p. 11-26, jul.-set./2012. (Art. 143)</p>				
<p>Analisar o esporte como modelo universal de organização de práticas corporais contemporâneas e forma específica e especializada de educação do corpo. Discute o skate que pode ser considerado uma prática contemporânea, juvenil e urbana, implicando em um certo espírito de aventura em que a criatividade e o risco constante constituem dois de seus mais importantes eixos. E ainda, uma prática de deslizamento em que a leveza, o equilíbrio e, mais amplamente o domínio de si são qualidades físicas buscadas e valorizadas.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Não há</p>	<p>Corpo biológico</p> <p>Rendimento</p>	
<p>ARTIGO:</p>				
<p>GONÇALVES, Michelle Carrirão; TURELLI, Fabiana Cristina; VAZ, Alexandre Fernandez. Corpos, dores, subjetivações: notas de pesquisa no esporte, na luta, no balé. <i>Revista Movimento, Porto Alegre</i>, vol. 18, n. 3, p. 141-158, jul.-set./2012. (Art. 144)</p>				
<p>Investigar o atletismo, o caratê e o balé, interessando-nos pelos dispositivos de subjetivação que se instituem por meio de técnicas, rotinas, rituais, representações e</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Praticantes de balé, caratê e atletismo.</p>	<p>Corpo biológico</p> <p>Rendimento</p>	

discursos que os sujeitos elaboram, atualizam, repetem, reconstituem, tomando como núcleo as relações com o corpo mediadas pelo treinamento.			
ARTIGO:			
CUNHA, Igor Márcio Corrêa Fernandes da; SAMPAIO, Tânia Mara Vieira; TAVARES, Luiz Carlos Vieira; VIEIRA, Luiz Renato. Capoeira: a memória social construída por meio do corpo. <i>Revista Movimento, Porto Alegre, vol. 20, n. 2, p. 735-755, abr.-jun./2014. (Art. 156)</i>			
Compreender, por meio de uma análise de elementos da história da capoeira, alguns mecanismos de busca por legitimação no seu universo, bem como suas diferentes formas de organização e manifestação preservadas na memória e cultura brasileira. A análise visa também, contribuir através da cultura cênica da capoeira, afirmando que o corpo é fonte de amplas significações, possui atitudes e sentimentos e que através de gestos podemos defender valores e ideais por meio de uma comunicação não verbal.	Não escolar	Não há	Corpo subjetivo Reflexão sobre as práticas
ARTIGO:			
DAOLIO, Jocimar; RIGONI, Ana Carolina Capellini. Corpos na escola: reflexões sobre educação física e religião. <i>Revista Movimento, Porto Alegre, vol. 20, n. 3, p. 875-894, jul.-set./2014. (Art. 157)</i>			
Compreender o modo as meninas evangélicas relacionam aquilo que a igreja ensina com outras formas de agir o corpo, que aprendem fora do âmbito religioso, e ainda, em que medida a Educação Física exerce um papel de tensão nessa relação.	Escolar (ensino médio)	Cinco meninas evangélicas de uma escola pública da cidade de Campinas, SP.	Corpo dominado Dominação dos corpos
ARTIGO:			
GONÇALES, Cynara; PEREIRA, Beatriz; PIMENTEL, Giuliano Gomes. Escárnio de corpos, cyberbullying e corrupção do lúdico. <i>Revista Movimento, Porto Alegre, vol. 20, n. 3, p. 965-988, jul.-set./2014. (Art. 158)</i>			
Analisar os modos pelos quais os membros das comunidades na internet praticam bullying por meio do lazer virtual, partindo do pressuposto que o bullying é um comportamento cruel, presente nas relações interpessoais, em que a pessoa mais forte converte os mais frágeis em objetos de diversão e prazer.	Não escolar	Não há	Corpo dominado Dominação dos corpos
ARTIGO:			
NOBREGA, Terezinha Petrucia da. Corpo e natureza em Merleau-Ponty. <i>Revista Movimento, Porto Alegre, vol. 20, n. 3, p. 1175-1196, jul.-set./2014. (Art. 159)</i>			
Apresentar os cursos que Merleau-Ponty ministrou entre os anos de 1956 e 1960 sobre a natureza, com destaques para os deslocamentos da fenomenologia em seu pensamento para uma ontologia que encontra na natureza algo que resiste e escapa à própria fenomenologia, particularmente, na ultrapassagem de uma descrição da experiência do ponto de vista do sujeito e mesmo de uma consciência perceptiva. E ainda, ao recusar a noção do corpo como substância e prerrogativa de uma filosofia do sujeito centrada na percepção e no corpo-próprio, Merleau-Ponty irá abrir novos horizontes em sua filosofia, realçando a experiência do corpo no mundo, na relação com o outro, com a historicidade	Não escolar	Não há	Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo

e com a cultura.			
ARTIGO: GOELLNER, Silvana Vilodre; GRESPAN, Carla Lisboa. Fallon Fox: um corpo queer no octógono. <i>Revista Movimento</i> , Porto Alegre, vol. 20, n. 4, p. 1265-1282, out-dez/2014. (Art. 160)			
Analisar a inserção de Fallon Fox como atleta profissional do <i>Mixed Martial Arts</i> , mais especificamente, a luta contra Allanna Jones nas semifinais do <i>Championship Fighting Alliance</i> .	Não escolar	Não há	Corpo dominado Representações de gênero
ARTIGO: COELHO FILHO, Carlos de Andrade; FREITAS, Diego Costa; LUDORF, Sílvia Maria Agatti; PALMA, Alexandre. O envelhecer na visão do profissional de Educação Física atuante em academia de ginástica: corpo e profissão. <i>Revista Movimento</i> , Porto Alegre, vol. 20, n. 4, p. 1523-1541, out-dez/2014. (Art. 161)	Não escolar	Doze profissionais que trabalhavam em academias de ginástica.	Corpo dominado Representações de envelhecimento
Investigar como o profissional de Educação Física atuante em academia de ginástica concebe e lida com o seu envelhecimento, além de discutir eventuais relações no tocante ao envelhecimento, ao corpo e ao mercado de trabalho das academias de ginástica, pois deixar de ser o modelo jovem e saudável apreciado no âmbito das academias emerge negativamente a esses profissionais, que buscam no conhecimento adquirido na profissão encobrir estereótipos associados ao envelhecimento.			
ARTIGO: ARAUJO, Allyson Carvalho; DIAS, Maria Aparecida; MELO, José Pereira de; MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza. Reflexões sobre corpo, saúde e doença em Merleau-Ponty: implicações para práticas inclusivas. <i>Revista Movimento</i> , Porto Alegre, vol. 20, n. 4, p. 1587-1609, out-dez/2014. (Art. 162)	Não escolar	Não há	Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo
Discutir sobre corpo, saúde e doença em obras de Maurice Merleau-Ponty, buscando implicações para práticas inclusivas ressaltando que os profissionais de Educação Física, ao olharem para cada corpo humano, como forma de existência, em vez de se focarem sobre a doença ou lesão, podem colaborar com a construção de ações inclusivas, capazes de despertar potencialidades e a superar estigmas e preconceitos que estão tão enraizados na sociedade.			
ARTIGO: SERÉ, Cecília; VAZ, Alexandre Fernandez. Corpo e política no retorno à democracia no Uruguai (1985-1990): integração da sociedade e continuação da violência. <i>Revista Movimento</i> , Porto Alegre, vol. 20, Edição Especial, p. 151-162, 2014. (Art. 163)	Não escolar	Não há	Corpo disciplinado Corpo fisicamente/moralmente educado
Analisar as relações entre política e governo do corpo no retorno à democracia no Uruguai, após a última ditadura cívico-militar (1973-1985), sendo que o autor indica que diversas propostas para o desenvolvimento da Educação Física, esporte e recreação surgiram com pretensão inovadora, mudando formas e procurando integrar uma sociedade politicamente fragmentada. Porém, a tentativa de aplacar os efeitos políticos das propostas corporais revela sinais de continuidade com a ditadura, evidenciando semelhanças no governo do corpo entre os regimes.			

<p>ARTIGO: HEROLD JÚNIOR, Carlos. Corpo e educação no escotismo a partir da Revista Tico Tico (1921-1933). Revista Movimento, Porto Alegre, vol. 21, n. 2, p. 303-316, abr-jun./2015. (Art. 167)</p>		<p>Não há</p>	<p>Corpo disciplinado Corpo fisicamente/moralmente educado</p>
<p>ARTIGO: LUDORE, Silvia Maria Agatti; SILVA, Fernanda Azevedo Gomes da; SILVA, Luis Aureliano Imbiriba e. A Educação Física no ensino médio: um olhar sobre o corpo. Revista Movimento, Porto Alegre, vol. 21, n. 3, p. 673-685, jul.-set./2015. (Art. 168)</p>		<p>Não escolar</p>	<p>Corpo fisicamente/moralmente educado</p>
<p>Investigar e discutir quais aspectos relacionados ao corpo na contemporaneidade são destacados pelos professores, assim como verificar de que maneira senam, eventualmente, abordados nas aulas de Educação Física do ensino médio de escolas do Rio de Janeiro.</p>	<p>Escolar (ensino médio)</p>	<p>Vinte e um professores de diferentes instituições de ensino médio do Rio de Janeiro.</p>	<p>Corpo cultivado Forma/apresentação do corpo</p>
<p>ARTIGO: DALBEN, André Diálogos entre o corpo e a natureza: as práticas corporais ao ar livre e a Educação Física escolar. Revista Movimento, Porto Alegre, vol. 21, n. 4, p. 903-914, out.-dez./2015. (Art. 169)</p>		<p>Não escolar</p>	<p>Corpo subjetivo Exploração/criação de movimentos</p>
<p>Analisar a história das práticas corporais ao ar livre e as relações estabelecidas ao longo do tempo com o universo escolar, sendo que ao apresentar as práticas corporais ao ar livre, conclui-se que elas são passíveis de compor o repertório de conteúdos da Educação Física Escolar, uma vez que estiveram atreladas e reunidas sob um mesmo arcabouço histórico e uma mesma dinâmica cultural. Muito embora não tenham adentrado a instituição escolar durante o século XIX, as práticas corporais ao ar livre foram apropriadas pelas colônias de férias, instituições consideradas em seus primórdios como <i>extraescolares</i>, tomando-se componente pedagógico definitivo com o advento das escolas ao ar livre no início do século XX. Representam, assim, um profícuo conteúdo escolar passível de ser explorado por professores e alunos nas aulas de Educação Física.</p>	<p>Não há</p>	<p>Não há</p>	<p>Corpo subjetivo Exploração/criação de movimentos</p>
<p>ARTIGO: GOIS JUNIOR, Edivaldo; SOARES, Carmen Lúcia; TERRA, Vinícius Demarchi Silva. Corpo-máquina: diálogos entre discursos científicos e a ginástica. Revista Movimento, Porto Alegre, vol. 21, n. 4, p. 903-914, out.-dez./2015. (Art. 170)</p>		<p>Não escolar</p>	<p>Corpo biológico Rendimento</p>
<p>Descrever os discursos científicos e práticas modernas sobre o corpo em um recorte temporal delimitado pelo século XIX e virada do século XX, identificando a consolidação da representação de corpo-máquina como fonte de inspiração para outras práticas, como a literatura, a fotografia e, principalmente, a ginástica, no contexto da produção cultural <i>europeia</i>, sendo que a construção da mentalidade do corpo-máquina teve suas representações em discursos e práticas científicas. Na longa duração</p>		<p>Não há</p>	<p>Corpo biológico Rendimento</p>

observamos a permanência da metáfora do corpo como instrumento, como matéria, sem subjetividade, como <i>res extensa</i> .			
--	--	--	--

APÊNDICE G

Relatório: Motriz: Revista de Educação Física

OBJETIVO	NATUREZA DO OBJETO (escolar/não escolar)	SUJEITOS INVESTIGADOS	CATEGORIA/SUBCATEGORIA
ARTIGO: CARMO Jr, Wilson do. A brincadeira de corpo e alma numa escola sem fim: reflexões sobre o belo e o lúdico no ato de aprender. <i>Motriz</i> , Rio Claro, vol. 1, n. 1, p. 15-24, jun./1995. (Art. 15)	Não escolar	Não há	Corpo subjetivo Exploração/criação de movimentos
ARTIGO: Fazer uma análise filosófica sobre a Educação Física, com o propósito de formular relações epistemológicas na educação global da criança. Reporta, pelas vias de alguns sistemas filosóficos contemporâneos, as questões estéticas no que se refere à intencionalidade da criança na busca da beleza, da ludicidade, e da sua expressão corporal enquanto binca.	Não escolar	Não há	Corpo subjetivo Exploração/criação de movimentos
ARTIGO: VOLP, Cátia Mary; SHWARTZ, Gisele Maria; e DEUTSCH, Silvia. O conceito de corpo. <i>Motriz</i> , Rio Claro, vol. 1, n. 2, p. 107-110, dez./1995. (Art. 16)	Escolar (ensino superior)	Vinte e oito sujeitos, estudantes de nível superior dos cursos de Biologia, Ecologia e Educação Física, da UNESP - Rio Claro.	Corpo cultuado Forma/apresentação do corpo
ARTIGO: PAULA, Heber Eustáquio de. Cabeça de ferro, peito de aço, perna de pau: a construção do corpo esportista brincante. <i>Motriz</i> , Rio Claro, vol. 2, n. 2, dez./1996. (Art. 23)	Não escolar	Dano José dos Santos (ex-jogador de futebol).	Corpo subjetivo Reflexão sobre as práticas
ARTIGO: ALBUQUERQUE, Leila Marrach Basto de. Corpo civilizado, corpo reencantado: o moderno e o alternativo nas representações do corpo. <i>Motriz</i> , Rio Claro, vol. 5, n. 1, jun./1999. (Art. 31)	Não escolar	Não há	Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo
ARTIGO: Apresentar o argumento de que a cultura alternativa confere ao indivíduo a competência e a autonomia no enfrentamento dos problemas deste mundo, que lhe foram usurpadas pela modernidade. Esse quadro indica um homem competente na gestão do seu corpo e de sua mente, já que ele sabe e conhece as forças internas e externas do seu mundo. São forças inculcáveis, sim, mas que não lhe foram retiradas e das quais ele não foi excluído.	Não escolar	Não há	Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo



PINTO, Julia Paula Motta de Souza; JESUS, Adilson Nascimento de. A Transformação da Visão de Corpo na Sociedade Ocidental. Motriz, Rio Claro, vol. 6, n. 2, p. 89-96, jul.-dez./2000. (Art. 37)			
Refletir em tomo da visão que o homem ocidental moderno tem de corpo e sua transformação ao longo do tempo, abordando criticamente a transição da dualidade de legada a nós desde Platão para um novo paradigma que fala da unidade, da inter-relação e da interdependência entre tudo e todos.	Não escolar	Não há	Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo
ARTIGO:			
ALBUQUERQUE, Leila Marrach Basto de. As Invenções do Corpo: Modernidade e Contramodernidade. Motriz, Rio Claro, vol. 7, n.1, p. 33-39, jan.-jun./2001. (Art. 41)			
Contrastar as noções de corpo modernas, seculares e científicas, com as contramodernas , expressas pela cultura alternativa dos anos 1980-1990, e ainda, ressaltar no momento atual, a proliferação de híbridos de ciência, religião, técnica, mitologia, tradição que, combinados, reinventam o corpo e mostram a trama que tece o mundo porque não somos apenas modernos	Não escolar	Não há	Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo
ARTIGO:			
ALBERTINI, Paulo. O Corpo Construído e a Importância do Gesto Pessoal. Motriz, Rio Claro, vol. 7, n. 1 (Supl.), p. 107-110, jan.-jun./2001. (Art. 42)			
Discutir a visão que tende a atribuir naturalidade e universalidade às maneiras do homem se portar corporalmente, criticando a concepção naturalista e universalizante , que tende a uniformizar os padrões de movimentação humana, e a aceitação da visão que articula técnica corporal com matriz cultural. Além disso, buscar fundamentar a concepção que sustenta a importância do gesto pessoal na movimentação humana.	Não escolar	Não há	Corpo dominado Dominação dos corpos
ARTIGO:			
MATTHESEN, Sara Quenzer. Espelho, espelho meu... Existe alguém mais perfeita do que eu? Motriz, Rio Claro, vol.8 n. 1, p.31-32, jan.-abr./ 2002. (Art. 46)			
Discutir a escravidão das mulheres que buscam adequar-se a um modelo de corpo preestabelecido.	Não escolar	Não há	Corpo cultuado Formal/apresentação do corpo
ARTIGO:			
GALARSA, José Ângelo. O corpo fala? Motriz, Rio Claro, vol. 8, n. 3, p. 85-90, set.-dez./2002. (Art. 47)			
Demonstrar que o corpo se exprime, sinaliza intenções, mostra emoções, assume atitudes, faz mil gestos e mil caras e que o corpo não fana na da disso se fazê-las não tivesse algum significado. Visa demonstrar ainda, que a linguagem corporal é um dos meios de comunicação significativo entre seres humanos, sendo, portanto, o fundamento e o complemento da comunicação verbal.	Não escolar	Não há	Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo
ARTIGO:			
LOVISOLO, Hugo. Da educação física escolar: intelecto, emoção e corpo. Motriz, Rio Claro, vol.8, n. 3, p. 99-103, set.-dez./2002. (Art. 48)			

Argumentar: a) contra àqueles que programam a educação física escolar sem levar em consideração a proposta pedagógica da escola, que se deve orientar pela formação intelectual, emotiva e corporal e b) contra os que confundem os valores da formação com específicos grupos de disciplina.	Não escolar	Não há	Corpo subjetivo Exploração/criação movimentos
ARTIGO:			
GEWERC, Elie Cohen. Vivenciando o Corpo para Enriquecer o Espírito. <i>Motriz</i> , v. Rio Claro, vol. 9, n. 1, p. 07-13, jan.-abr./2003. (Art. 57)	Não escolar	Não há	Corpo subjetivo Reflexão sobre as práticas
ARTIGO:			
ZANCHI, Daniel. Do corpo trabalhado ao corpo do trabalho: considerações sobre o corpo do trabalhador braçal. <i>Motriz</i> , Rio Claro, vol. 9, n. 3, p. 181-184, set.-dez./2003. (Art. 58)	Não escolar	Não há	Corpo biológico Rendimento
ARTIGO:			
COELHO FILHO, Carlos Alberto de Andrade, e ANDRADE, Regina Glória Nunes. Atividade física e corpo sensível. <i>Motriz</i> , Rio Claro, vol. 10, n. 2, p. 97-109, mai.-ago./2004. (Art. 64)	Não escolar	Não há	Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo
ARTIGO:			
SIQUEIRA, Adilson. O corpo desconstruído: argumentos para uma abordagem desconstrucionista da corporeidade. <i>Motriz</i> , Rio Claro, vol. 11, n. 2, p. 79-88, maio-ago./2005. (Art. 75)	Não escolar	Não há	Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo

suas atividades.			
ARTIGO:			
BOLSANELLO, Débora. Educação somática: o corpo enquanto experiência. <i>Motriz</i>, Rio Claro, vol. 11, n. 2, p.79-88, maio-ago./2005. (Art. 76)			
Elaborar uma definição do campo da educação somática, campo teórico-prático ainda pouco conhecido no Brasil. Tomaremos como referência o conceito de corpo enquanto experiência, conceito central da pedagogia empregada pelos professores de educação somática. Para os profissionais da área de educação somática, não é o corpo da pessoa que é abordado, mas a sua experiência através do corpo. Para tanto, o professor de educação somática utiliza como estratégias pedagógicas, a sensibilização da pele, o aprendizado pela vivência e a flexibilidade da percepção.	Não escolar	Não há	Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo
ARTIGO:			
BIANCONI, Jessica. Proselitismo Televisivo e Corporeidades em uma Expressão do Catolicismo. <i>Motriz</i>, Rio Claro, vol. 14, n.1, p. 09-20, jan-mar./2008. (Art. 93)			
Delinear o perfil das programações televisivo-religiosas estudadas e dos seus fiéis, de modo a perfilar as características dos programas, dos fiéis-atores e das mensagens veiculadas, aspectos relevantes para o entendimento das corporeidades incutidas religiosamente; e identificar as características do projeto proselitista apresentado na programação televisiva. E indica que elas constituem novos caminhos para a difusão de modelos específicos do viver religioso, de forte impacto para a construção de corporeidades. Trata-se, pois, de fenômeno complexo e diversificado de proselitismo religioso com consequências para normatização dos corpos.	Não escolar	Não há	Corpo disciplinado Corpo fisicamente/moralmente educado
ARTIGO:			
KAWANISHI, Marina Miúe; AMARAL, Sílvia Cristina Franco Amaral. Concepções da educação do corpo em instituições de educação infantil em Campinas. <i>Motriz</i>, Rio Claro, vol. 14, n. 2, p.135-147, abr.-jun./2008. (Art. 94)			
Debater sobre a educação do corpo como conteúdo das instituições de Educação Infantil, dialogando com as diferentes concepções deste. O artigo pedagógico na realidade brasileira, e aponta que a preocupação principal da Educação Infantil de Campinas, no que diz respeito à educação do corpo, é a aquisição de hábitos de higiene para o desenvolvimento saudável, a aquisição do esquema corporal, e a aquisição de habilidades motoras básicas para desenvolvimento normal e integral.	Escolar (educação infantil)	Não há	Corpo disciplinado Meio como meio de aquisição de saúde
ARTIGO:			
UCHÔGA, Liane Aparecida Roveran; PRODÓCIMO, Elaine. Corpo e movimento na educação infantil. <i>Motriz</i>, Rio Claro, vol. 14, n.3, p. 222-232, jul.-set./2008. (Art. 95)			
Entender o significado atribuído ao corpo/ movimento das crianças durante a rotina da instituição, na qual, as brincadeiras dirigidas, na maioria das vezes, eram	Escolar (educação infantil)	Vinte e três crianças de 3,5 a 6 anos de idade de um Centro	Corpo disciplinado Corpo

utilizadas para controlar o corpo das crianças.			Municipal de Educação Infantil localizado na cidade de Campinas/SP.	fisicamente/moralmente educado
ARTIGO: CESANA, Juliana; NETO, Samuel de Souza. Educação física e práticas corporais alternativas: o trabalho com o corpo em questão. Motriz, Rio Claro, vol. 14, n.4, p. 462-470, out.-dez./2008. (Art. 96)				
Mapear o campo de atuação da Educação Física em relação as “Práticas Corporais Alternativas” (PCAs), no sentido de identificar as interações ocupacionais existentes entre estas duas áreas, e evidenciando seus pontos em comum no que diz respeito a possibilidade de atuação no campo da Educação Física.	Escolar (ensino superior)	Não escolar	Oito pessoas com histórias de vida relacionada às PCAs, como praticantes, profissionais ou pesquisadores.	Corpo subjetivo Exploração/criação de movimentos
ARTIGO: HUNGER, Dagmar Aparecida Cynthia França; NETO, Samuel de Souza; PEREIRA, Juliana Martins; FRANCO, Flávia Carneiro; ROSSI, Fernanda. Formação acadêmica em Educação Física: “Corpos” (Docente e Discente) de conhecimentos fragmentados... Motriz, Rio Claro, vol. 15, n.1, p. 79-91, jan.-mar./2009. (Art. 103)				
Busca averiguar como graduandos e professores universitários conceituam corpo no tempo presente, tendo como referência o currículo em Educação Física. E como resultado, o corpo foi relatado como sinônimo de movimento e, portanto, experimentação técnica, constatando uma visão reducionista de corpo e movimento.	Escolar (ensino superior)	Não escolar	Vinte e oito alunos ingressantes, 33 alunos concluintes e 11 professores universitários de um curso de Licenciatura em Educação Física de uma Instituição Pública, do interior do Estado de São Paulo.	Corpo biológico Experimentação técnica
ARTIGO: NOVAES, Caio Rotta Bradbury. Ciência e o conceito de corpo e saúde na Educação Física. Motriz, Rio Claro, vol. 15, n.2, p.383-395, abr.-jun./2009. (Art. 104)				
Demonstrar um fragmento da discussão epistemológica na educação física e seus reflexos para dois conceitos fundamentais da área: corpo e saúde. A intervenção profissional da educação física na área da saúde é marcada de maneira hegemônica pelo viés biológico, pautado na racionalidade médica, e de cunho privado e individual.	Não escolar	Não escolar	Não há	Corpo biológico Experimentação técnica
ARTIGO: RODRIGUES, Rogério. Fazer Kendo e pensar a educação do corpo. Motriz, Rio Claro, vol. 15, n.3, p. 648-656, jul.-set./2009. (Art. 105)				
Analisar o fazer Kendo a partir das referências teóricas das ciências humanas, mais propriamente nos apontamentos sobre a questão do corpo, presentes nos artigos intitulados: <i>As técnicas do corpo</i> (Cf. MAUSS, 1974) e <i>Programa para uma sociologia do esporte</i> . (Cf. BOURDIEU, 1990).	Não escolar	Não escolar	Não há	Corpo biológico Experimentação técnica

<p>O Kendo, constitui-se numa prática corporal no sentido de aplicar específicos golpes com o Shinai, o qual representa o uso da espada (Ken). Para tanto, o praticante do Kendo (Kenshi) se disponibiliza para a realização de treinos sistemáticos que se apresenta como um caminho (Do) para o aperfeiçoamento da técnica.</p>			
<p>ARTIGO: NOBREGA, Terezinha Petrucia da; MEDEIROS, Rosie Marie Nascimento de. A palavra é gesto: reflexões estéticas sobre o corpo. Motriz, Rio Claro, vol. 15, n.3, p. 648-656, jul.-set./2009. (Art. 106)</p>			
<p>Experimentar e compreender a relação entre corpo e linguagem por meio da construção de cenas teatrais na interface entre a dança e o teatro. Considerando a leitura dos textos de Merleau-Ponty, a construção do espetáculo A Palavra é gesto configura uma teatralidade cuja experimentação busca transformar a anatomia, liberar-se das condições normais oferecidas pelo corpo, dos hábitos cotidianos e experimentar uma nova atitude corporal, criar uma nova linguagem.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Grupo de Teatro Estandarte.</p>	<p>Corpo subjetivo Exploração/criação de movimentos</p>
<p>ARTIGO: SOUZA, João Carlos Neves de; DIAS, Nunes. Narrativas do corpo e da gestualidade no jogo da capoeira. Motriz, Rio Claro, vol. 16, n.3, p. 620-628, jul.-set./2010. (Art. 114)</p>			
<p>Evidenciar nuances de uma racionalidade tatuada no corpo e no gesto, a partir do jogo da capoeira. São apresentados argumentos a partir da intencionalidade da experiência do corpo na capoeira, que dizem do humano, da sociedade e da cultura, na medida em que o sentido da gestualidade e do corpo são tecidos nas ações mútuas, estabelecidas e reconhecidas pelos sujeitos.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Grupo de capoeira na cidade do Natal/RN.</p>	<p>Corpo subjetivo Exploração/criação de movimentos</p>
<p>ARTIGO: TEIXEIRA, Fabiane Castilho; LARA, Larissa Michelle; RINALD, Ieda Parra Barbosa. Corpo, festa e ludicidade: a cultura maringense retratada em telas. Motriz, Rio Claro, vol. 17, n.3, p. 406-415, jul.-set./2011. (Art. 131)</p>			
<p>Analisar como corpo, festa e ludicidade aparecem na pintura em telas da artista plástica Lilia Lobo e como sua arte traduz a memória cultural da cidade de Maringá PR. Na iconografia da artista, o corpo dança, brinca, canta, diverte-se, trabalha, come e compra, ingressando num tempo-espaco que o retira de seu cotidiano, por vezes, rotineiro e desestimulante, para se inserir num tempo-espaco diferenciado, em que novas regras de ordem sociocultural podem ser estabelecidas.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>A artista plástica Lilia Lobo e a sua obra.</p>	<p>Corpo subjetivo Descobertas/revelações no/do próprio corpo</p>
<p>ARTIGO: MACHADO, Afonso Antônio; ZANETTI, Marcelo Callegari; MOIOLI, Altair. O corpo, o desenvolvimento humano e as tecnologias. Motriz, Rio Claro, vol. 17, n.4, p. 728-737, out.-dez./2011. (Art. 132)</p>			
<p>Investigar a percepção dos profissionais de Educação Física sobre os corpos</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Tinta e dois profissionais</p>	<p>Corpo cultuado</p>

<p>mudados, os corpos transformados, além de indagar sobre possibilidades de trabalho com estes novos velhos corpos.</p>		<p>localizados por meio de uma comunidade virtual específica, todos com mestra do concluídos e 19 com doutorado em andamento (18 homens e 14 mulheres, atuantes na Educação Física).</p>	<p>Forma/apresentação do corpo</p>
<p>ARTIGO: SIMÕES, Renata Duarte; GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação do corpo para o "soldado integral", "forte de físico, culto de cérebro e grande de alma". <i>Motriz</i>, Rio Claro, vol. 18, n.2, p.327-337, abr.-jun./2012. (Art. 145)</p>			
<p>Analisar o treinamento paramilitar realizado pela Milícia Integralista entre os anos 1932 e 1938, mais especificamente, no que diz respeito à formação do "soldado integral". "forte de físico, culto de cérebro e grande de alma".</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Não há.</p>	<p>Corpo disciplinado Corpo fisicamente/moralmente educado</p>
<p>ARTIGO: ARANDA, Rafael Assad; PEREIRA, Ana Maria; PALMA, José Augusto; PALMA, Ângela Pereira Teixeira Victoria. A concepção de corpo dos estudantes de graduação em Educação Física. <i>Motriz</i>, Rio Claro, vol. 18, n.4, p. 735-747, out.-dez./ (Art. 146)</p>			
<p>Identificar quais concepções de corpo/corporeidade têm os estudantes dos cursos de graduação licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Londrina. Deve-se provocar, no âmbito da formação inicial, a compreensão do humano enquanto corpo-alma, sensível-inteligível, ou seja, enquanto unidade e totalidade. Faz-se necessário suscitar a concepção de homem, traduzida na corporeidade viva e no movimento intencional, carregado de sentido e de significado, porque perspectiva um ressignificar da ação, no âmbito da Educação Física, independente da atuação profissional.</p>	<p>Escolar (ensino superior)</p>	<p>Quinze estudantes, sendo 10% de cada turma, do curso de Educação Física.</p>	<p>Corpo subjetivo Exploração/criação de movimentos</p>
<p>ARTIGO: Idalina Shiraiski Kakeshita, Maria Fernanda Leão Sebastião Sousa Almeida "A saúde da mulher: Viver bem ou parecer bonita. Um breve panorama sobre a imagem corporal das mulheres". <i>Motriz</i>, Rio Claro, vol. 19, n. 3, p. 558-564, jul.-set./2013. (Art. 153)</p>			
<p>Discutir as abordagens: o que é "viver bem"? Qual o significado de "parecer bem"? definindo tais termos, ressaltando o atual papel da mulher em nossa sociedade e a importância que o corpo assume para as brasileiras.</p>	<p>Não escolar</p>	<p>Não há</p>	<p>Corpo cultuado Forma/apresentação do corpo</p>